



234667

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
OCTAVIO IANNI

HOMENS E SOCIEDADE

LEITURAS BÁSICAS DE SOCIOLOGIA GERAL

COMPANHIA EDITORA

ACIOMAL

6A
EDICIÓN
UNIVERSITARIA

PICEA CATALOGItiFICA

Cardoso, Fernando Benrique, 1931 — , org.

Hon a sociedade: leituras basicas do sociologia
geral [organizacilo e introduceº do Fernando Boutique
Cardoso c Octavio Tenni] Quints edicSo. silo Paulo,
Editora Nacional [19701

vin, 318p. 21cm. (Biblioteca Universitexia.
Serie 2... Claudio socials, v. 5)

Notas bfbliogreficas de rodape.

301 Tenni, Octavio, 1926 — , org. colab.
Tftulo. Sere.

O

(acco r dspcla Escola de Biblicattanomia da Tufo)
dacio Escola de Sociologia c \ Sid-Paillo)

3
CAR
Hoq

%Z.PGQ
3a9+

HOMEM E SOCIEDADE

BD3LIOTECA UNIVERSITARIA

Serie 2 a — Ciencias Sociais

Volume 5

DR. FLORESTAN FERNANDES

(da Universidade de São Paulo)

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

E

OCTAVIO IANNI

(da Universidade de São Paulo)

HOMEM e SOCIEDADE

leituras básicas de sociologia geral

quinta edição

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SAO PAULO

capa de
FRANCISCO CAYA SOLEBA

Exemplar 4461

Direitos desta edicao reservados a
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos GusmOes, 639 — SRO Paulo 2, SP

1970
Impresso no Brasil

SUMARIO

Introducao 1

PRIMEIRA PARTE

OS SISTEMAS SOCIAIS

<i>Conceit° de sociologia</i> (Florestan FERNANDES)	25
<i>Organizacao social a estrutura social</i> (Raymond FIRTH)	35
<i>O conceit° de sistema social</i> (Talcott PARSONS)	47
<i>Os componentes dos &terms socials</i> (Talcott PARSONS)	56
<i>Socializacao</i> (Marion J. Lan JR.)	60
<i>Pape/ a sistema social</i> (Talcott PARSONS e colaboradores)	63
<i>"Status" social a papal social</i> (Eugene L. HARTLEY e Ruth E. HARTLEY)	69
<i>Caracteristicas do "statue social</i> (E. T. Haan)	75
<i>A nocao de valor cultural</i> (Florian ZNANIECKI)	88'
<i>N_ormac socials: caracteristicas gervis</i> (Ferdinand TONNIES)	92
<i>O individuo, a cultura e a sociedade</i> (Ralph LINTON)	98
<i>O conceito de personalidade basica</i> (Abram KARDINER)	103

SEGUNDA PARTE

A INTERACAO SOCIAL

<i>A interacao social</i> (Talcott PARSONS e Edward A. SIELL)	125
<i>O indivichto e a diade</i> (Georg SIMMEL)	128
<i>O contact° social</i> (Leopold von WIESE e H. BECKER)	136
<i>Isolamento social</i> (Karl MANNEIEZI)	153
<i>Comunicactio a contacto social</i> (Edward SArm)	161
<i>O significado cla comanieaOo para a vida social</i> (Charles H. COOLEY)	168
<i>Os simbolos e o comportamento human°</i> (Leslie A. WLUTE)	180
<i>Os simbolos socials</i> (Georges Guarneri)	193

TERCEIRA PARTE

OS PROCESSOS DE INTERACAO SOCIAL

<i>Processo social</i> (Max LEANER)	205
<i>Os processos de interactio social</i> (Leopold von W/ESE)	212
<i>-Espaco social, distndcia social a posictin social</i> (Pitirim A. Sonoma) ...	223
<i>O tempo soda-cultural — Caracteristicas preliminares do tempo sOcio-cultural</i> (Pitirim A. SOROKIN)	231
<i>Cooperactio, competieão a conflito</i> (William F. °CHURN e Meyer F NIIVIKOFF)	236
<i>Acomodaglio a assimilactio</i> (William F. OCBURN e Meyer F. NINIKOFF)	262
<i>O impacto dos processos sociais na formacao da personalidade</i> (Karl MATummim)	285
<i>A ideologia em geral</i> (Karl Mmuc)	304

Introductio

ESTE Immo ntio e uma antologia no sentido traditional da expres^o. NA^o escolhemos os textos classicos sobre um conjunto de problemas para que fessern traduzidos. E possivel que algumas das leituras selecionadas possuam as qualidades de um texto classic^o, mas nAo foi a excelencia do contend^o ou da forma literkria que nos levou a seleciona-las. Tivemos apenas a intencao de ajudar a preencher uma velha necessidade do ensino de sociologia no nivel introduterio. Por esta raid^o, guiamos nossa escolha tendo em vista um conjunto de problemas essenciais que devem ser esclarecidos ern qualquer curso de iniciacao em nivel superior. As leituras capazes de cumprir esta funcao precisavam ser relativamente simples e claras, sem, entretanto, desfigurar a materia e faltar corn a precisrio necessaria a ciencia. Dai o carater deste livro: nem bem um manual escrito com textos alheios, nem born uma antologia.

Estamos persuadidos da necessidade da radicacAo completa no Brasil do procedimento cientifico no trato dos problemas da sociedade. Para isto a formacdo de pessoal capaz de produzir e consumir a ciencia e primordial. Uma das barreiras centrais, tanto para a preparacAo de professores de sociologia e de especialistas na materia, como para o ensino de sociologia no curso normal e nos cursos superiores que exigem rudimentos desta disciplina, a dificuldade de acesso a bibliografia especializada. Esta dificuldade decorre de que os textos basicos desta disciplina na sua maioria nao foram escritos em portugues, o que impae o conhecimento de outras linguas como condigdo previa para o aprendizado de sociologia. Alem disso, mesmo para os que leem outras linguas (condiotio fundamental para quem deseja real-

mente especializar-se numa disciplina científica), persiste a dificuldade, pois a quantidade de volumes de sociologia já esgotados editados no exterior e existentes no Brasil é pequena. Impe-se, portanto, incrementar as traduções.

Entretanto, estamos convencidos, também, de que esta solução é provisória: o essencial está no incentivo à produção original de trabalhos científicos e de divulgação. Nada justifica, senão o atraso cultural ainda vigente em nosso meio, que a iniciação e o treinamento elementar numa disciplina qualquer tenham que ser feitos através de traduções. É francamente constrangedor ter de utilizar traduções de manuais — às vezes tão incrivelmente lacunosos — como tivemos que fazer. Mas a verdade é que sobre alguns problemas elementares nada existe em português, de tal forma que ainda se impõe a tradução de trechos de manuais para a publicação de livros de leituras de sociologia. Isto dá bem a ideia do quanto ainda precisamos caminhar para obtermos um desenvolvimento apreciável desta disciplina. É esta situação infelizmente não se restringe à sociologia, pois ela não é diversa em outras ciências. Compreende-se, portanto, a necessidade de tomar medidas urgentes que permitam incentivar o ensino da sociologia no Brasil, de tal forma que dentro de alguns anos possamos contar com um conjunto de especialistas em franca produção.

No plano do livro didático, pouca coisa existe que represente uma contribuição para facilitar e incrementar o ensino da sociologia, sem ao mesmo tempo deformar inteiramente a matéria. Certo tipo de "manual" serve apenas a interesses mercantis, e tem como resultado desinteressar e mal informar, para não dizer deformar, o aluno. Excetuam-se os esforços de Fernando de Azevedo, cujo livro (*Princípios de Sociologia*), entretanto, como o próprio nome indica, trata dos problemas sociológicos num nível de complexidade teórica que o situa mais como um trabalho de sociologia geral do que como um manual, o de Donald Pierson (*Teoria e Pesquisa em Sociologia*), de Gilberto Freyre (*Sociologia*) e Delgado de Carvalho (*Sociologia*, entre outros), bem como *Leituras Sociológicas*, de Emilio Weyl e Romano Barreto. Além destes, pouca coisa mais haveria para mencionar, a não ser traduções recentes de manuais americanos, nem sempre

os melhores. No que se refere às antologias, os dois livros do prof. Pierson e o livro de leituras de Weyl e Barreto continuam a prestar bons serviços, porém ninguém mais os imitou até hoje. Quando se pensa nos textos de introdução às técnicas de pesquisa, a situação é pior ainda. Nada há, escrito em português para indicar aos alunos, salvo alguns artigos publicados em revistas especializadas.

Verifica-se, pois, que as gerações mais novas de sociólogos, exatamente aquelas em cujo labor científico o moderno padrão de pesquisa e de reflexão nas ciências sociais está melhor refletido, ainda não contribuíram, neste terreno, para o adiantamento das ciências humanas no Brasil. A Série 2.^a (Ciências Sociais) da "Biblioteca Universitária", dirigida pelo prof. Florestan Fernandes, constitui o primeiro passo para que esta observação perca sentido. Oxalá, este panorama se modifique rapidamente.

Não é fácil, entretanto, organizar livros que tenham alguma utilidade didática e sejam, ao mesmo tempo, cientificamente integros. Para o presente volume tivemos de escolher textos capazes de servir, a um tempo, como ilustração para desenvolvimentos feitos em aula e como guia nos primeiros passos para os que desejam informar-se sobre a sociologia. Ora, nesta matéria, além da dificuldade, digamos assim, didática, existe o velho problema de persistirem orientações contraditórias e conceitos equivocados. Explicar a razão disto e prever as possibilidades de superação relativa desta situação a tarefa até certo ponto fácil para os professores. Para o aluno, e para quem organiza o manual ou um livro de leituras, entretanto, estes problemas tornam-se verdadeiros tormentos. A pesquisa das soluções encontradas noutros países através da análise de manuais e coletâneas de textos à venda. A mera leitura dos índices dos manuais ou das várias coletâneas de textos selecionados, publicados em inglês, francês ou espanhol, mostra logo que, com raras exceções, a "unidade" do livro é assegurada através da sua divisão em partes, pouco relacionadas umas com as outras. Ou então os autores partem de um ponto de vista particular e organizam o texto sem considerar as perspectivas diversas de análise. Esta última solução, apesar de tudo, parece-nos menos má, desde que haja alguma integração teórica a partir da pers-

pectiva adotada, e que os conceitos sejam utilizados de forma unívoca. Resta o problema de que na preparação de texto para iniciação numa disciplina esta maneira de agir é naturalmente limitada e, por vezes, pouco integrada cientificamente.

Dificuldades como as que apontamos acima não podem ser resolvidas por critério arbitrário algum. Não se resolve através de tentativas livrescas de unificação de conceitos ou de seleção de problemas a serem tratados desta ou daquela maneira que se ampara a área de consenso na sociologia. Este vem sendo pouco a pouco obtido em diversos campos de análise através do único método frutífero e legítimo para a superação dos mal-entendidos reinantes, ou para que se evidenciem as áreas do conhecimento sociológico nas quais as explicações existentes são realmente irreduzíveis por causa da orientação geral diversa existente entre os sociólogos em face da realidade humana. Referimo-nos aos esforços de aproveitamento sistemático dos resultados de trabalhos de pesquisa ou de elaboração teórica fundada nos progressos do trabalho de campo.

Pouco menos no que respeita à sociologia sistematizada existe uma grande área de consenso. Por isto, e porque esta é a parte mais geral do conhecimento sociológico, preferimos organizar este livro de leituras (1.º volume)* em torno dos problemas da sociologia sistematizada¹, isto é, daquela parte da sociologia que considera os elementos básicos da estrutura e do funcionamento de qualquer sociedade. Nasci e por outra razão que a maior parte dos manuais se ocupa com problemas deste setor da sociologia, ou discute os conceitos básicos que descrevem as condições e fenômenos essenciais para a vida em sociedade, como a noção de ação social, relação social, normas sociais, sistema social, processo social, grupo social, instituições sociais, socialização etc.

Outras dificuldades tiveram de ser enfrentadas para a seleção das leituras. Acreditamos por isto que seria conveniente reunir

⁽⁰⁾ Além do primeiro volume, *Homem e Sociedade*, estamos preparando um segundo texto de leituras, *Comunidade e Sociedade*, que aparecerá nesta "Biblioteca Universitária".

⁽¹⁾ A sociologia sistematizada procura explicar a ordem existente nas relações dos fenômenos sociais através de condições, fatores e efeitos que operam num campo histórico. A vida social possui certos elementos estruturais e funcionais idênticos, que tendem a combinar-se de modo a produzir efeitos constantes da mesma magnitude. A sociologia sistematizada estuda tais elementos e os padrões assumidos pela combinação deles entre si." Florestan FERNANDES, *Ensaio de sociologia teórica e aplicada*, Livraria Pioneira Editores, São Paulo, 1960, pag. 24.

nesta Introdução) os esclarecimentos e comentários necessários para o entendimento dos textos selecionados e para a melhor utilização do livro no plano didático. Assim, exporemos, a seguir, indicando no subtítulo as partes onde se inserem os textos comentados, algumas considerações de ordem geral sobre a significação dos trabalhos traduzidos, sobre os cuidados requeridos para sua indicação aos alunos de sociologia, e sobre as deficiências que muitos deles apresentam diante do desenvolvimento atual da sociologia.

1. O sistema social

Afirmamos acima que a escolha de textos de sociologia sistematizada para a organização deste livro permitiu resolver mais facilmente o problema das orientações contraditórias no campo da sociologia. Ainda assim, entretanto, haveria possibilidade de optar entre direções diversas na seleção dos textos. Poderíamos considerar a sociologia como uma disciplina que lida com a interação social humana exclusivamente, ou como a disciplina básica da interação social, em qualquer nível de organização da vida, em que há condições suficientes para a caracterização do fenômeno de interação. Escolhemos a primeira alternativa porque, sendo o ponto de vista mais generalizadamente aceito, a maior parte da bibliografia disponível assenta neste pressuposto. Este claro que este não é uma razão teórica, mas uma limitação que se impõe por uma questão de fato. Teoricamente, portanto, a escolha foi arbitrária e pode parecer, ao contrário do que pensamos, que, ao agir assim, endossamos a conotação ideológica subjacente ao ponto de vista dos que consideram a sociologia enquanto ciência do homem, como algo que se opõe às ciências da natureza. Para que tal equívoco não encontre apoio nas suposições dos leitores, e para que o horizonte intelectual dos que utilizarem este livro como instrumento de aprendizado não seja arbitrariamente restringido sem que disto tomem conhecimento, iniciamos as leituras com um texto de Florestan FERNANDES (*O objeto da Sociologia*), onde este autor mostra a possibilidade de orientação contrária. A fundamentação do ponto de vista oposto, isto é, de que a sociologia é uma ciência que limita

os estudos do comportamento social ao comportamento social humano é suficientemente conhecida. Como o presente livro não visa a discutir a sociologia no quadro geral das ciências, cremos que tanto a leitura indicada acima, de Florestan FERNANDES, como a maior parte dos textos de PARSONS, e os de ZNANIECKI e Leslie White, são suficientes para que o leitor tenha uma idéia do porque daqueles que se apegam à noção de que a sociologia estuda a sociedade como um produto da atividade, do engenho e da cultura humanos.

A segunda leitura escolhida tem, como a primeira, um sentido de preparação para os outros textos, sobretudo para os que serão publicados no segundo volume deste trabalho*. Nela, Raymond FIRTH — que alia a autoridade e experiência de pesquisador, clareza de linguagem e precisão teórica — discute os conceitos de estrutura, organização e funções sociais, bem como, com menor extensão de tratamento teórico, o conceito de instituição social. São conceitos básicos na sociologia, aos quais os textos subsequentes se referem constantemente sem, muitas vezes, os tornarem claros. Certo que a distinção apresentada por FIRTH entre organização e estrutura pode ser criticada, se partirmos de outro ponto de vista, como os textos do segundo volume mostrarão. Possui, contudo, uma vantagem apreciável: mostra que se trata de conceitos que implicam *perspectivas complementares de abordagem* da realidade social. Através do conceito de estrutura são focalizadas as relações cruciais que numa dada sociedade os homens mantêm entre si, enfatizando-se os aspectos recorrentes da atividade social, isto é, as formas de relações que tendem a repetir-se e são mais estáveis. Para FIRTH, a noção de padrões estruturais implica a consideração dos aspectos por assim dizer ideais do comportamento humano, as regras que, em tese, orientam o que deve acontecer socialmente. Já a noção de organização social abrangeria a transformação destas normas ideais em comportamento efetivo, através da escolha do caminho a seguir, dentre as alternativas que a estrutura apresenta, tendo em vista os fins individualmente dese-

(*) No segundo volume destas leituras (*Comunidade e sociedade, em preparo*) apresentaremos trabalhos sobre os processos de diferenciação e integração bem como "sobre os principais tipos de sistemas sociais (grupos, comunidades, sociedades etc.), com ênfase nos aspectos estruturais (sociedades de classe, de castas ou estamentais, por exemplo).

jados. Neste sentido, a noção de organização social importa na consideração do fator *tempo*, pois, escolhido um caminho determinado, planeja-se a sequência das etapas necessárias para a consecução do fim almejado. Além disso, percebe-se que o fator tempo interfere quando se consideram os aspectos organizatórios do comportamento social, que são dinâmicos, porque, uma vez realizada a opção individual, se alteram as alternativas que se abrem para a ação, modificando-se, portanto, a composição estrutural da situação. Isto quer dizer que as possibilidades de atuação social existentes num dado grupo diante de uma situação qualquer são diferentes *antes* que os membros do grupo se decidam por alguma das alternativas abertas para a ação e *depois* da realização dos propósitos almejados.

A ordem das leituras subsequentes não é casual. Sua justificativa implica considerações mais circunstanciadas. Iniciamos a primeira parte da série de leituras de sociologia sistemática com alguns textos de Talcott PARSONS, o que, à primeira vista, parece invalidar as afirmações que fizemos sobre o caráter das leituras deste livro, que devem ser simples e introdutórias. PARSONS, como se sabe, possui inegável vezo teorizante, e ninguém desconhece a incontinência de que muitas vezes é possuído diante do gesto pela criação de termos técnicos, de curso limitado entre os próprios cientistas, para designar com novos nomes coisas sabidas há muito. Apesar disto, cremos que seu esboço intelectual apresenta uma indiscutível significação: coloca-se entre os que conseguiram construir esquemas conceituais e de alto nível unívocos e integrados, tendo-se preocupado sempre com a formulação de uma teoria geral da ação social, dentro da qual a abordagem sociológica seria um dos focos teóricos possíveis. Tanto a preocupação com o rigor nos conceitos e nos padrões sociológicos de análise como a consciência clara de que o conhecimento científico não se reduz à acumulação de dados, por mais cuidadosa ou rigorosa que seja, com, ainda, a preocupação com a construção de esquemas teóricos que se orientem no sentido da integração interdisciplinar, parecem-nos virtudes a serem imitadas. Além disso, os textos escolhidos são dos mais gerais e simples escritos por PARSONS, e dizem respeito à *ação social*, ou de seus componentes, tema básico na sua obra.

Chegamos neste ponto a segunda explicação necessária: preferimos apresentar na primeira parte deste livro de leitura textos sobre os sistemas sociais, começando com aqueles mais gerais que se preocupam com a noção de sistema social. Nada impede que os professores indiquem a seus alunos que leiam primeiro os trabalhos que se referem aos vários componentes dos sistemas sociais, começando pelas noções de ação social, relação social, *status* e papéis, normas e valores e assim por diante. Os leitores que tiverem maior dificuldade para captar noções gerais, da mesma maneira, devem ler primeiro os textos sobre os componentes dos sistemas sociais. A experiência dos cursos de introdução à sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, entretanto, aconselha que se inicie pela discussão da ideia de sistema social. Noção complexa, que envolve um grau relativamente grande de abstração, é natural que implique alguma dificuldade de aprendizado. Esta dificuldade, contudo, precisa ser enfrentada, e tem a vantagem de treinar a mente do aluno para a compreensão de conceitos mais altamente abstratos, pois sem esta compreensão ninguém poderá trabalhar com problemas científicos.

Além disso, a apresentação da problemática da sociologia à luz da análise de sistemas sociais mostra desde logo que existem algumas noções que são bem gerais na ciência — qualquer conjunto de elementos padronizados constitui um sistema, seja na química, na física, na psicologia ou na sociologia — e isto evidencia a existência de algo em comum na maneira pela qual as várias disciplinas científicas organizam teoricamente os dados específicos de seu conhecimento. Em outras palavras, evidencia a unidade da ciência enquanto método. Por outro lado, a noção de sistema sugere um conjunto de condições em operação que garantem tanto o caráter ordenado do funcionamento e da estrutura das partes que compõem os sistemas, como a preservação, no tempo, destes padrões de funcionamento e estrutura, à luz da sua reprodução. Isto é, um sistema não é uma congerie; constitui-se de um conjunto de elementos que possuem padrões definidos de inter-relação, e cujas atividades se orientam por normas mais ou menos estáveis, de tal forma que definem, no conjunto, padrões de funcionamento funcional e estrutural. Segue-se,

pois, que, para análise sociológica de um sistema social qualquer, de um grupo familiar como de uma sociedade, é necessário conhecer os padrões de funcionamento e as condições gerais que mantêm a estrutura e o funcionamento do grupo. Isto passa-se imediatamente a investigação do conjunto de condições de cuja operação ordenada, conforme padrões determinados, resulta a manutenção integrada, sob a forma de sistema, do grupo particular focalizado, e de todos que se constituam dentro do mesmo padrão. Dessa maneira, a análise é conduzida de forma a resultar na obtenção de conhecimento de ordem geral. A explicação sociológica, nestes termos, sugere, ao mesmo tempo, o conhecimento das condições que garantem o caráter ordenado, regular e universal das atividades sociais.

Ha, nesta altura, uma dificuldade didática para ressaltar. A introdução à problemática sociológica à luz da análise dos sistemas sociais pode levar os alunos a suposição de que existem condições que garantem definitivamente o caráter de persistência e de constância na vida social. É preciso, pois, adverti-los de que existem também mecanismos definidos de mudança social, e que se há algumas esferas da realidade social onde a regulamentação e a reprodução constituem a norma — as esferas racionalizadas da sociedade, na linguagem de MANNHEIM, — outras existem que estão em processos de formação ou de transformação, as esferas em *fluxo* da vida social. Algumas das leituras deste mesmo volume chamam a atenção exatamente para o que há de instável na interação humana, e no volume seguinte haverá textos específicos sobre os processos de mudança social.

O leitor pode estranhar que não tenhamos apresentado neste livro leituras referentes ao caráter científico do conhecimento sociológico. Entretanto, agimos deliberadamente assim por duas razões principais, que se inter-relacionam: porque esta discussão hoje é acadêmica e porque a própria maneira de equacionar os problemas sociológicos — como na discussão da noção de sistema social — mostra a evidência do caráter científico deste conhecimento. Não apenas a noção de que o conhecimento sociológico sugere um certo grau de generalidade está presente nos textos selecionados, mas também a ideia de que o conhecimento sociológico é passível de verificação empírica, através de técnicas e

processos que garantem a objetividade que se pode alcançar na ciência, este subjacente, quando não expresso, em muitas leituras.

Finalmente, ainda sobre a discussão dos sistemas sociais, acreditamos que, tal como essa discussão se apresenta nos autores interessados na formulação de uma teoria geral da ação, ela possui outra vantagem para os que se estendem: iniciando na socio-

Existe uma velha tradição, já bastante antiquada em termos científicos, de discutir as relações entre indivíduo e sociedade como polos antitéticos, as vezes para mostrar que a sociedade nada mais é do que o conjunto de seus componentes individuais, outras vezes para mostrar que o indivíduo é um mero instrumento da sociedade, cujas normas guiam as opções e a conduta de cada um. É o que Gunkel, freqüentemente tão injusto na avaliação de pessoas, problemas e resultados da ciência, chamou de mais um falso problema da sociologia do século dezenove (falso problema, diríamos, da sociologia do século vinte, quando os pensadores e pesquisadores do século anterior já lançaram as bases para sua solução). Não haveria por isto mesmo, referenda expressa alguma ao "problema" da relação entre indivíduo e sociedade. Os textos escolhidos, contudo, mostram que sociedade, cultura e personalidade são sistemas que supõem focos teóricos diversos e complementares para sua análise

e que não existe, por causa de mecanismo específico que operam tanto no plano da personalidade, como no plano da sociedade, oposição entre uns e outros, pelo menos nas situações socialmente integradas; como se verifica pela síntese que a seguir apresentamos dos pressupostos da teoria da ação.

Temos aqui um tipo particular de organismo de cujas energias é derivada e, neste sentido, a um acontecimento individual que se explica por leis naturais. Os indivíduos desenvolvem, por sua vez, relações com outros indivíduos, isto é, com outros organismos individuais, e com a situação natural, social e cultural que os circunda. Estas relações tendem a repetir-se na medida em que experiências individuais selecionam aquelas que são essenciais e favoreáveis para a sobrevivência e para a produção e a reprodução das condições necessárias à vida, donde a criação de padrões regulares e determinados de ligação dos homens entre si e com as coisas. Tais experiências selecionam, também, formas de

mace em cada organismo individual em face dos outros indivíduos e da situação. A diversidade das condições destas experiências individuais, entretanto, não é ilimitada. Diante de uma dada situação natural e social de vida, há probabilidade de que o conjunto de indivíduos submetidos a ela passe por experiências mais ou menos similares e organize seus padrões de rendimento individual em termos de um âmbito de variação mais ou menos limitado (mesmo que se considerem os efeitos de fatores puramente orgânicos, hereditários, na organização de experiência humana). Chama-se ao conjunto destes padrões de rendimento *sistema de personalidade*². No nível humano de organização da vida as relações que cada indivíduo mantém com os outros indivíduos e com a situação que o envolve (natural e social) efetuam-se através de um conjunto de instrumentos, símbolos e significados, que dão sentido e motivam as ações: ao modificar a natureza, ao produzir as condições para sua vida, o homem torna-se um *ser cultural* — cria instrumentos de trabalho e de comunicação, ao mesmo tempo que produz um conjunto de significados de sentido — e os empresta às coisas e à sua própria ação. Transmite, por outro lado, através dos significados que ele próprio criou, os resultados do milagre humano, das experiências dotadas de sentido, as outras gerações. Acrescenta, pois, a sua realidade, novas níveis: por um lado, os sistemas de personalidade se organizam em termos de experiências dotadas de sentido e dependem de mecanismos motivadores para seu funcionamento, e, por outro lado, a própria cultura organiza-se em termos de padrões de comportamento e de valores, podendo ser analisada como um sistema teoricamente independente. Finalmente, no processo de adaptação (de modificação) a natureza e de interação de indivíduo a indivíduo, no processo de criação incessante das condições para a sua própria vida, os homens desempenham funções e assumem posições que os diferenciam e relacionam uns com os outros de forma regular e determinada. Cria, pois, *sistemas de interação social*.

Personalidade, cultura e sociedade são, portanto, três sistemas básicos através dos quais a atividade humana se organiza.

(2) Tal caracterização é sumária e parca. Discutimo-la assim com intuito meramente didático, para que a leitura dos textos de Pansows seja mais fácil. Da mesma forma com schwa. As noções de sistema cultural e sistema social, que já adiante.

Basicos e complementares, mas nao mutuamente redutíveis. O texto de PARSONS sobre os papas sociais como unidades dos sistemas sociais mostra claramente a diferenca que existe entre os sistemas sociais e os de personalidade, e que esta *nao constitui* o maculo daquele. As posicoes sociais prescrevem, como unidades elementares dos sistemas sociais, as formas de conduta regulares dos *socii*, que sao asseguradas atraves de mecanismos sociais definidos: a socializacao e o controle social, como mostram os textos de PARSONS e LEVY. O desempenho destes papas por organizacoes individuais de personalidade assegura-se, por sua vez, graecas aos mecanismos da motivacao. As formas de desempenho dos papas sociais, entretanto, encontram canais de reekboracao na maneira diversificada pela qual cada organismo individual participa das experiencias e as organiza de forma singular.

Cumpra, a esta altura, abrir urn parentese sobre as implicacoes mais gerais desta maneira de discutir as relacoes entre personalidade, sociedade e cultura. E preciso, por um lado, evitar tanto o realismo ingenuo que supoe que so atraves do organismo individual se pode encontrar explicacoes para o comportamento dos homens, como, numa variante deste mesmo realismo, hipostasiar conceitos e supor que o grupo, a sociedade, possam ser pensados, abstraída a acao do homem, como mecanismos em funcionamento que produzem a agao e as construoas humanas independentemente das condicoes volitivas e intelectuais de cada individuo. Mas e preciso tambem nao reduzir as ambigües da Glenda a uma forma modernizada de nominalismo, apelando-se, ora para os sistemas sociais, ora para os sistemas de personalidade, ora para os sistemas culturais como se fossem formas de abstracao autonomas, de grande valor heurístico em termos operacionais para explicar o comportamento dos homens reais, mas que nao mantem entre si relacoes tambem reais e determinadas, sujeitas a regularidades verificaveis. Os textos de KARDINER e do proprio PARSONS apresentam elementos para que se compreenda como e porque o comportamento social e os ideais culturais podem ser obtidos atraves de respostas individuais, ao mesmo tempo que mostram que a cultura e a sociedade nada mais sáo do que o produto da atividade de homens reais e particulares.

Neste sentido, e para corrigir a tendencia subjacente a obra de PARSONS quanto a sua concepcao de ciencia, convem ler o texto de MARX, embora dificil, que publicamos na terceira parte deste volume. Parece fora de diavida que, coma realidade e como dado bruto para a observacao, a atividade humana na sua multiplicidade que o observador pode captar, sao formas expressas de comportamento social que podem ser observadas. Nao obstante, como discutiremos adiante, a analise teorica distingue formas organizadas de interacao, conjuntos de maneiras de ser socialmente que se padronizam conforme regras determinadas, que, uma vez definidos, interferem nas formas particulares de conduta. A literatura a este respeito e grande. Menos volumosa e mais inconsistente e a bibliografia sobre as relacoes determinadas, que os verbos sistemas discerníveis teoricamente mantem realmente entre si. Deste ponto de vista, os textos disponiveis deixam algo a desejar, refletindo na sua deficiencia o progresso menos acentuado deste campo da analise interdisciplinar. De qualquer maneira, os textos selecionados sao suficientes, no conjunto, para evidenciar as bases sociais estaveis da interacao humana, e os processos que garantem o caráter ordenado e regular da vida social.

Os demais textos desta primeira parte do livro dizem respeito aos componentes dos sistemas sociais: *status*, papas, expectativas de comportamento, normas e valores sociais. Sua discussao e feita pelos varios autores que escolhemos (E. HARTLEY e R. HARTLEY, HILLER, LARROX, PARSONS, ZNAMECKI e TOMCINS), de maneira simples, com excecao do texto de TONNIES. Entretanto, do ponto de vista sociológico este ultimo texto apresenta algumas vantagens diante da multiplicidade de trabalhos existentes sobre as normas sociais. E que a literatura disponivel apresenta o problema mais em termos de padroes culturais que de normas sociais. TONNIES, ao contrario, mostra claramente a significacao que as normas tem do ponto de vista sociológico: são regras *gerais*, nascidas das relacoes entre os homens, as quais se enlaam um sentido valorativo, que as tornam desejaveis pelos que as cumprem.

Como se ve, nem todos os componentes dos sistemas sociais foram selecionados de forma especial para serem discutidos nesta parte do livro. As noçoes de relacao social, de interacao, de

contacto e comunicação (estas duas concebidas como requisitos para a interação), por exemplo, são apresentadas na segunda parte do livro e, a noção de instituição, salvo referências ligeiras, ficou reservada para a última parte do segundo volume. A discussão de alguns componentes dos sistemas noutras partes deste mesmo volume é facilmente compreensível, dado que há sempre um certo artificialismo didático na organização de um livro de textos. Faz a discussão da noção de instituição social no fim do segundo volume precisa ser melhor explicada. Resolvemos apresentar mais pormenorizadamente alguns textos sobre o que chamamos de tipos "nucleares" de sistemas sociais, e de tipos "históricos" principais de sistemas sociais. Assim, entre os primeiros, resolvemos considerar os *grupos* e as *instituições* como formas de sistemas que historicamente se combinam de maneira variável nas sociedades "primitivas", de *castes*, *estamentais* de *classes*. Foi por esta razão, que apesar de tecnicamente fundamentada implica, naturalmente, certo grau de arbitrariedade, que não apresentamos textos especiais sobre as instituições na parte do livro sobre os componentes dos sistemas sociais. Além disso, as instituições, quanto à sua natureza, são normas integradas e organizadas. Ora, os textos sobre as normas e os valores sociais discutem suficientemente, no nível introdutório, os principais problemas relativos à natureza e às funções sociais destes componentes dos sistemas sociais.

2. A interação social

A segunda parte deste volume refere-se à interação social e seus requisitos. A problemática da matéria é clássica. Em primeiro lugar: no que consiste o processo interativo? O texto de PARSONS, SMITZ e colaboradores, apresenta muita bem o aspecto essencial do fenómeno de interação social - no nível humano de organização da vida: a acção social é reciprocamente referida, e desenvolve-se graças à existência de expectativas de comportamento compatíveis e complementares. O mecanismo

(3) WILLEMS conceitua instituições sociais como: "Complexo integrado por padrões de comportamento, relações inter-humanas e, muitas vezes, um equipamento material, organizado em torno de um interesse, socialmente reconhecido", Emilio WILLEMS, *Dicionário de Sociologia*, verbete instituição social.

básica pelo qual se garante a adequação entre as expectativas de comportamento, encontra-se discutido na primeira parte do livro, na problemática sobre a socialização.

Ha, contudo, uma questão() que pode suscitar dúvidas aos especialistas na matéria. Diz respeito às afirmações sobre o carácter de conduta dotada de sentido, que se atribui à acção humana. O sentido que os agentes sociais atribuem à própria acção e à acção dos outros, bem como as conexões de sentido que os sociólogos descobrem na trama das interações humanas, são tomadas como *dados* verificáveis pelos cientistas sociais, e, em nenhum momento, este "sentido" da acção humana é suposto como algo que se possa explicar em termos transcendentais. Afirmamos de que existem fins engendrados pela consciência humana que se relacionam com a (natureza) dos homens em termos de sua motivação e da sua orientação não implica, pois, a existência de *fins em si*, ou de motivações e focos de orientação da conduta humana transcendentais à própria natureza e à atividade humana. Em autores como MARX, a cujas explicações do comportamento social não se atribui nenhum idealismo ou finalismo transcendente de qualquer espécie, existe a mesma concepção da acção humana como uma acção dotada de sentido, que, antes de efetivar-se como comportamento manifesto, pressupõe, na consciência, uma intenção de realizar-se, desta forma daquela maneira, com tal ou qual propósito.

(4) "Aqui pastimes da subordinação do trabalho moldado sob uma forma que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações que se assemelham às manipulações do tecelão, e a construção das colmeias das abelhas poderia envergarse, pela sua perfeição, à mais de um nível de obras. Há algo, entretanto, em que o mestre de obras se avantajaria, imediatamente, a melhor abelha: o que antes de iniciar a construção projeta-a em seu todo. No fim do processo de trabalho surge um resultado" que antes de começar o processo já existia na mente do trabalhador; quer dizer, um resultado que já tinha uma existência ideal. O trabalhador não se limita a transformar a matéria com que a natureza o brinda, pois, ao mesmo tempo, realiza o seu fim, fim que ele sabe que rege como uma lei nas modalidades de sua atuação, e ao qual tem que subordinar necessariamente sua vontade. E este subordinação não constitui um ato isolado. Enquanto permanecer trabalhando, o trabalhador, além de fazer esforços com os órgãos que trabalham, deve sujeitar essa vontade consciente do fim, que chamamos de *intenção*, a atingir o que deverá ser tanto mais concentrada quanto mais atrativo seja o trabalho para quem o realiza, seja por causa de sua natureza, seja pela sua execução. Isto quanto menos desfrutá-lo o trabalhador com um *jargão* de *suas* freguesias físicas e "spirituais." Karl MARX, *O Capital*, *críticas, de la economía política*, Fondo de Cultura Económica, trad. castellana de Weislaup Roca, México, 1946, tomo I, vol. I, pág. 200. Noutros trechos adiante MARX retoma a mesma ideia, citando, entretanto, uma frase de HEGEL, onde reaparece a ideia de que o homem, no trabalho à natureza, nada mais faz do que combinar elementos naturais de tal forma que no processo de atuação de um sobre os outros sejam realizados fins humanos.

Correlatamente existe outro problema que deve merecer a meditação de quantos se preocupam com o fenómeno da interacção humana. Trata-se de que os *fins* e as motivações do comportamento dependem, para sua explicação, por sua vez, do conhecimento de condições e mecanismos que se situam num plano diverso daqueles que operam no nível da motivação e orientação subjetivos do comportamento individual. Noutras palavras, existem condições gerais objetivas (naturais e sociais) que regulam a emergência de formas determinadas de orientação subjetiva das ações humanas. Estas condições incluem, no que diz respeito à sociedade (isto é, além das condições naturais e materiais que interferem no processo humano de vida), as diversas formas pelas quais as interações humanas se configuram em complexos de padrões mais ou menos estáveis de relações sociais. Ou seja, as orientações subjetivas das ações humanas relacionam-se com os aspectos estruturais dos diversos sistemas sociais. A leitura de WEBER e da maioria dos sociólogos que se têm preocupado com a teoria da ação pode levar ao equívoco de supor-se como irrelevantes sociologicamente as condições estruturais que regulam a interação humana. Convém, por esta razão, ressaltar, desde logo, este problema, que será tratado pelos textos do segundo volume, e sobre o qual acrescentaremos mais algumas considerações páginas adiante.

O segundo grupo de questões discutidas pelas leituras desta parte do livro refere-se aos pré-requisitos da interação: o contacto e a comunicação. Para caracterizar a noção de contacto social e a multiplicidade de suas formas escolhemos um texto de WIESE-BECKER. Em seguida há um texto de MANNHEIM sobre as funções sociais do isolamento. cremos que um completa o outro: se é certo que o contacto implica a quebra de uma situação de isolamento, e preciso evitar, contudo, a ideia de que a vida social deva ser concebida como uma multiplicidade *continua* de contactos entre *todos* os agentes sociais através de comunicações face a face, e de que o isolamento, como polo antitético do contacto, supõe a inexistência da vida social. MANNHEIM mostra, pela distinção que faz das formas de isolamento e análise de *suas* funções, que há situações sociais de vida que se mantêm graças a uma espécie de dialética entre contacto e isolamento,

sendo este último realizado socialmente de forma a preencher funções sociais definidas. Tal resultado da análise sociológica encontra-se, também, evidenciado no texto de SIMONE sobre o indivíduo e a diáde.

A discussão sobre os processos de comunicação e suas funções é feita através de leituras extraídas de trabalhos de COOLEY e SARNI. O texto de WIESE-BECKER refere-se também a estes processos, e noutros, da primeira parte do volume, já discutidos os dois planos básicos nos quais pode processar-se a comunicação humana: no nível simbólico e no nível não-simbólico. Nos trabalhos de SAPIR e COOLEY, entretanto, o problema é tratado de forma mais completa. SAPIR reafirma claramente a ideia que em alguns capítulos da primeira parte já havia sido ressaltada: apenas aparentemente a sociedade é uma soma estática de instituições sociais; na realidade ela é constantemente criada e renovada por atos singulares de natureza comunicativa, isto é, pela interação social. Discute, além disso, a natureza e os meios da comunicação humana, sobretudo a linguagem. O texto de COOLEY foi selecionado tendo em vista mostrar como o processo de comunicação nas sociedades modernas ampliou-se, graças aos meios técnicos disponíveis, e quais as consequências disso para a vida social.

Outro tema tratado nesta parte do livro também é corrente na problemática do assunto: refere-se aos símbolos como recursos básicos da comunicação humana. O artigo de LESLIE WHITE chama a atenção para a capacidade simbolizadora como um atributo especificamente humano, graças ao qual é possível transmitir de indivíduo para indivíduo e de geração para geração os resultados alcançados pela atividade contínua de trabalho humano. A capacidade simbolizadora é, pois, o atributo sobre o qual repousa a possibilidade de produção da cultura. CURRIE discute o problema de outro ângulo. Para ele os símbolos representam e exprimem de forma parcial conteúdos significativos, servindo de mediadores entre estes conteúdos e os agentes coletivos ou individuais que os formulam. Apesar das limitações desta perspectiva e da injustiça quase grosseira de DURKHEIM, quando o apresenta como particular da "consciência coletiva transcendente", a análise de CURRIE tem a vantagem de apre-

sentar uma casuística dos símbolos, e de discutir suas diversas funções nos diferentes níveis da realidade social em que podem inserir-se.

Finalmente, convém frisar que nesta segunda parte do livro, como na seguinte, as leituras destacam os aspectos variáveis e instáveis da interação humana, em contraposição às leituras da primeira parte, nas quais se enfatiza o caráter regular e ordenado da vida social. Da teia de contactos que compõem a vida social, muitos são meramente ocasionais, outros tendem a repetir-se, com constância variável, criando padrões definidos de interação: transformam-se em *relações sociais*. O texto de SNAAC, com Oda à beleza que é possível extrair da análise de sutilezas, mostra bem quais as condições desta transformação e que qualidades, no plano das relações menos complexas, as de pessoa a pessoa, ganham os contactos quando se efetuam segundo formas definidas de associação.

3. Os processos e interação social

Na terceira e última parte do volume os textos selecionados apresentam alguns problemas relativos aos *processos de interação social*. A compreensão do que seja processo social ou do quadro de referência básico necessário para a sua discussão, isto é, as noções de espaço, distância e tempo sociais, não apresentam quaisquer dificuldades. Os textos de MAX LISA, SOROKIN e WIESE são claros e suficientes a este respeito. Da mesma maneira, a caracterização dos processos simples e de suas modalidades básicas, os processos de aproximação e os processos de afastamento, apresenta apenas dificuldades terminológicas: o que uns chamam de processos de aproximação e afastamento, outros designam como processos associativos e dissociativos (com a desvantagem, a nosso ver, de sugerir, sem que esta tenha sido a intenção, que os processos dissociativos possam ser concebidos como *ausência de relações*, quando são *formas determinadas de relação*); o que uns chamam de processos sociais, outros designam como processos sociais simples, e outros, ainda, como processos de interação social. De qualquer maneira, há consenso quanto à substância mesma do problema: da interação humana

resultam formas determinadas de relação que, em graus diversos e com conteúdos emocionais diferentes, aumentam ou diminuem a distância no espaço social que separa e liga os indivíduos. No tempo estas posições reciprocas alteram-se continuamente — daí seu caráter de *processo* — sendo típicos estas formas de relação labels e reversíveis. Sobre a labilidade e a reversibilidade destas formas de interação parece não haver discussão possível. Alguns autores, entretanto, apegam-se a uma noção que nos parece errada: discutem os processos sociais como se as relações que típicamente supõem tivessem um encadeamento direto e reversível. Assim, a competição geraria conflitos, estes seriam resolvidos através de processos de acomodação, que resultariam na assimilação, e assim por diante. É um esquema muito simplista para ser aceite, mesmo que por razões didáticas. Existe, ainda, outra maneira de discutir os processos de interação que nos parece falaciosa: em termos de que cada um destes processos opera numa *ordem social* determinada. Por exemplo: a competição existe e resulta na ordem econômica, dizem. Basta pensar nos regimes de produção não competitivos para que se veja o equívoco. Na verdade tais processos são formas de interação que se modificam constantemente, e podem operar em quaisquer segmentos da realidade social, predominando num ou noutro, conforme o *padrão geral de organização do sistema social* em que as relações inter-humanas se inserem. Numa sociedade capitalista organizada em classes sociais, é compreensível que o processo de competição predomine na ordem econômica. Muito diversa será a situação num grupo tribal pouco diferenciado que disponha de tecnologia rudimentar: é provável que numa sociedade deste tipo a ordem econômica seja caracterizada pelo processo de cooperação. E assim por diante, sem que se mencione que o próprio sentido da cooperação e da competição variam conforme o padrão estrutural do grupo em que estejam integrados.

Nos textos de OGROAN e NINIKOFF encontra-se a discussão dos principais problemas sociológicos de caracterização dos processos sociais mais elementares: competição e conflito, dentre os de afastamento; cooperação e assimilação, dentre os de aproximação. A análise feita por estes autores, apesar de superficial

quanta a muitos problemas, tem a vantagem de ser clara e sucinta, permitindo-nos apresentar, em poucas paginas, as caracteristicas dos principais processos sociais. Alem disto, possui a vantagem de per em realce as relaes existentes entre os processos sociais e os tipos de estrutura social nos quais os primeiros se inserem. Os textos permitem ao leitor completar a analise, desde que reflita sobre como podem variar as funcoes sociais que cada um dos processos preenche quando operam sistemas sociais estruturados de forma diferente. Basta comparar os efeitos dos processos de compellido e cooperao no grupo Zufii e Kwakiutl com os efeitos dos mesmos processos nas sociedades ocidentais modernas.

Os problemas mais dificeis da analise dos processos de interagao, entretanto, estao subjacentes as discussoes apresentadas pelas leituras desta parte do livro, e, a rigor, escapam da problematica de qualquer trabalho de meter introdutorio. O texto de Max LraNETt deixa entrever uma das principais questoes:

legitimo conceber a sociedade como um processo, como algo *in flux*, e disto inferir que as analises estruturais nao tem sentido na sociologia? A propria maneira de organizar este livro de leituras, com a enfase, neste primeiro volume, sobre a noao de sistema e, no segundo volume, sobre as formas basicas de estrutura social, mostra que nao partilhamos do ponto de vista dos que consideram que a sociedade "é um vir-a-ser, lido um ser, um processo, nao um produto". Tal oposicao entre processo e produto, entre ser e vir-a-ser, pensados como categorias estanques e isoladas, limita muito pobremente as alternativas de discussao das relacoes entre processos e configuracoes sociais. Se é verdade que a atividade humana, atraves da interacao social, produz e modifica constantemente as configuracoes sociais, e, pois, estas constituem-se de conjuntos de relacoes, nao a menos verdade que estas relacoes e a atividade social humana em geral desenvolvem-se conforme padroes de atuacao que se definem em fund das configuracoes sociais globais, ou melhor, dos tipos de estrutura destas configuracoes globais. Por esta razao acrescentamos no fim deste volume as leituras de MARX e MANNHEIM. Este Ultimo mostra — alem de o tempo todo chamar atencao para as relacoes entre os tipos de personalidades e os processos sociais

— como numa sociedade capitalista e numa sociedade socialista os processos sociais, o mesmo tipo de sendo, produzem efeitos diversos e possuem sentido diverso, que se explicam por *causa da diversidade de padrao estrutural existente* entre estas duas sociedades. A "sociedade capitalista" e a "sociedade socialista" sao, naturalmente, o produto constantemente refeito e renovado da atividade humana e, neste sentido, estao permanentemente *in flux*. Mas a atividade humana numa e noutra conforma-se a padroes que, se resultaram da propria accao dos homens no seu esfereio continuo de adaptacao e ajustamento a condicoes materiais, naturais e sociais, que se modificam, nao deixam de apresentar certa persistencia e regularidade num lapso de tempo considerado na forma de sua organizacao total. E por isto que se podem distinguir entre os resultados da natureza humana formacoes sociais como as sociedades capitalistas e as sociedades socialistas. E nao se trata de meras abstracoes, mas de condicoes sociais existentes que impeem formas de efetivacao para a conduta humana. O texto de MARX mostra exatamente como das relacoes homem-natureza-sociedade se originam configuracoes sociais especificas que passam a interferir e a orientar a atividade humana, de que foram fruto.

Resta-nos indicar dois problemas que serao discutidos mais amplamente nas leituras do proximo volume. O primeiro diz respeito a noao de *processos sociais complexos*. Mesmo autores como WIESE, que consideram, por exempla, que as classes sociais nao explicam as formas de interacao, mas que, ao contrario, estas explicam aquelas, nao deixam de discutir os processos que implicam a criacao e manutencao de formas determinadas e relativamente fixas de distancia entre os homens: os processos de estratificacao social. Pois bem, estes processos de estratificacao social, na multiplicidade de suas formas, como todos os processos que afetam a estrutura dos grupos sociais, e portanto suas posicoes reciprocas, sao designados como *processos sociais complexos*. Eles dizem respeito, portanto, a diferenciacao e a integracao dos segmentos da estrutura social, e a superposicao das camadas sociais. Os aspectos mais gerais das relacoes entre os processos sociais simples, ou forma de interacao social, e os processos sociais complexos, ou processos sociais propriamente

ditos, já foram abordados nesta Introdução; a problemática específica da matéria será comentada na introdução, ao segundo volume de leituras, que contém como dissemos, textos referentes a estes problemas.

A segunda questão refere-se à mudança social. Apresentamos neste volume leituras sobre as bases estáveis e regulares da interação humana (sistemas sociais) e sobre as condições variáveis do comportamento humano (processos sociais). Não discutimos, porém, como, concretamente, se relacionam, na sociedade, as condições de persistência e as condições de mudança do padrão estrutural que define uma dada configuração social. Alguns autores, como o texto de LERNER sugere, aceitam a ponto de vista de que a simples análise da sociedade em termos de processo já explica os fenômenos de mudança, considerando-se que esta é contínua e gradual. Naturalmente que para os que aceitam, como mostramos, que existem condições estruturais que definem as formas de interação, o problema das mudanças sociais precisa ser colocado noutros termos. Entretanto, pela própria razão de acreditarmos que a análise dos processos de mudança precisa considerar as condições estruturais, resolvemos apresentar os textos sobre o problema no segundo volume destas leituras contentando-nos, por ora, com remeter o leitor aos comentários gerais feitos na primeira parte desta introdução sobre os problemas de mudança social.

Queremos, para finalizar, agradecer a boa vontade dos nossos colegas e de antigos alunos, amigos uns e outros, que aceitaram a incumbência de traduzir os textos apresentados neste livro. A Roberto Cardoso de Oliveira e a Francisco Correa Weffort, devemos, ainda, a gentileza de terem lido e apresentado sugestões para esta *Introdução*.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

OcrAno Luen

PRIMEIRA PARTE

Os sistemas sociais

Conceito de sociologia

FLORESTAN FERNANDES

O conceito DA SOCIOLOGIA tem sido delimitado Segundo tres orientações distintas. A principal delas caracteriza-se pela tendência a considerar os fenômenos sociais através de propriedades que parecem peculiares ao comportamento social humano. Ela foi formulada, de varias maneiras, pelos grandes sociólogos do passado (como DURKHEIM, TILLY, SIMMEL, TARDE, WARD, PARETO, COOLEY, ROSS, THOMAS etc.) ou do presente (como WIESE, MACIVER, GURWITCH, SOROKIN, GINSBERG, OGBURN, PARSONS etc.), mas conduz sempre a conceituação restrita de que a sociologia deve estudar os fenômenos sociais como estes se manifestam nas sociedades humanas. Todavia, certas propriedades do comportamento social humano não são específicas e podem ser assinaladas em outras esferas do mundo animal. Isso levou alguns especialistas (como GIDDINGS, DUPREEL, GUNN e GUNN etc.) a incluírem o estudo do comportamento animal no campo da sociologia, embora limitando-o às espécies em que a vida social chega a assumir forma organizada. Por fim, a vida associativa pode ser encarada como uma condição "necessária" e "universal" da existência dos seres vivos. Semelhante presunção deu fundamento à ideia de que a sociologia é uma ciência inclusiva dos fenômenos sociais, cabendo-lhe estudá-los em todos os níveis de manifestação da vida, independentemente do grau de diferenciação e de integração por eles alcançados (conforme ESPINOSA e, de modo atenuado, KRONACKER).

As evidências em favor de definições tão diversas do objeto da sociologia são, naturalmente, heterogêneas e de peso científico variável. É inegável que os fenômenos sociais alcançam o máximo de complexidade, de autonomia e de organização nas 1

sociedades humanas. Em nenhuma outra espécie animal a investigação dos fenômenos sociais poderia ser tão frutífera para o conhecimento e a explicação dos diferentes processos sociais. Os seres humanos vivem em um meio mais ou menos domesticado pelo próprio homem e a inter-relação deles entre si este, mais ou menos livre de muitos influxos inorgânicos ou orgânicos que regulam, direta e extensamente, a associação dos organismos em outros níveis de organização da vida. Dada a estrutura biopsíquica do organismo humano, o condicionamento social possui, para ele, uma importância comparável à do condicionamento biológico para outros animais sociais (como as abelhas ou as formigas). Contudo, o que os sociólogos aprendem ao estudar os fenômenos sociais humanos os auxilia muito pouco na interpretação das bases sociais da vida. A rigor, os resultados da investigação sociológica desses fenômenos valem, apenas, para um dos níveis de organização da vida: o nível sócio-cultural, em que vivem os seres humanos. Tais resultados podem ser úteis ao esclarecimento de certos aspectos da vida social pré-humana. Em particular, eles sugerem pontos de referência explícitos e positivos para as indagações concernentes relativa simplicidade, indiferenciação e rigidez das associações subumanas. Mas, mal auxiliam a sondagem inversa, que tente verificar em que sentido a sociabilidade e várias expressões dinâmicas da vida social humana também se vinculam operando constantemente de fatores orgânicos.

Doutro lado, a acumulação de conhecimentos sobre as formas pré-humanas de vida oferecem novas perspectivas antigas ambíguas de converter a sociologia em "ciências gerais" dos fenômenos sociais. A afirmação, feita em 1877 por SPINOSA, de que "a série ou classificação zoológica não se compõe, na realidade, de tipos individuais, mas de tipos sociais", é aceita por muitos biólogos modernos, que estão tentando estudar os fenômenos ecológicos e genéticos de um ponto de vista que permita considerar a rede total das inter-relações dos organismos vivos com outros organismos e com o meio ambiente. Parece pouco provável que o meio social desempenhe invariavelmente, por si mesmo, as funções adaptativas que SPINOSA lhe atribuía. Além disso, sua descrição da *vide em comum* como "um fato

normal, constante, universal" tem sofrido retificações por parte dos especialistas (Percy, Ardron, Amison etc.). Contudo, as investigações experimentais sobre populações animais e os efeitos da situação grupal demonstram que certas formas de agregação social possuem, realmente, um valor adaptativo definido e que a capacidade de viver em associação repousa em mecanismos sociais elementares. Estes mecanismos chegam a ser descritos pelos biólogos, através de conceitos como "apetite social", "inter-relação", "cooperação inconsciente", "tendência automática para a ajuda mútua", "tolerância à presença de outros", "comportamento consciente", "sociabilidade" etc. Alguns autores sustentam, igualmente, que vários desses mecanismos também operam na inter-relação dos vegetais. As associações de plantas pressupõem certo grau de *sociabilidade*, produzido pela aglutinação de tendências gregárias, compartilhadas pelos organismos individuais, e um padrão social de interdependência ecológica (BRAUN-BRANQUINHA). É verdade que subsiste o problema de como separar, caracterizar e interpretar o que é "social" nas formas pré-humanas da vida. "Embora ninguém tenha demonstrado a existência de animais verdadeiramente sociais, é impossível definir os limites inferiores da vida subsocial. Tudo que se pode perceber é um gradual desenvolvimento de atributos sociais, o qual indica um substrato de tendências sociais em todo o reino animal. Desse substrato social a vida social emerge pela operação de diferentes mecanismos e sob várias formas de expressão, até alcançar o presente clímax nos vertebrados e nos insetos" (MAMM). Mas isso poderá ser resolvido se as investigações continuarem com a mesma intensidade e surgirem oportunidades de cooperação sistemática entre os biólogos, os psicólogos, os sociólogos e os antropólogos.

Portanto, as possibilidades atuais de fundamentar uma concepção inclusiva do objeto da sociologia são mais consistentes. Por isso mesmo, elas se divorciam da pretensão de fazer da sociologia uma réplica simétrica à biologia e conduzem a uma retificação dos resquícios espiritualistas, dominantes na tendência a tratar o homem como se ele fosse um milagre da natureza. Elas aconselham a reformulação literal do objeto e dos problemas da sociologia segundo o modelo fornecido pela segunda orien-

tagdo. Parece dare, atualmente, que as exigencias a que conespndem as rendes ou as atividades sociais dos organismos (o homem inclusive) variam tanto de urn nivel de organizagdo da vida para outro, quanto para dentro de urn mesmo nivel de organizaean da vida (Sansmous, 1951). Isso se explica pela estrutura dos organismos e pela natureza do intercambio que conseguem desenvolver corn o mein em que vivem. A correlagOo variavel de ambas, nas diversas formas de vida, abrange uma imensa variedade de modos de combinagdo entre as necessidades biossociais ou psicossociais dos organismos e os recursos, inatos ou adquiridos, que eles podem mobilizar, normalmente, para satisfaze-las. O que permite afirmar que a internal) social dos seres vivos responde a necessidades que variam de actirdo corn a estrutura dos organismos, as condicoes de erdstencia que eles enfrentam e a capacidade dales de estabelecer, mediante rendes ou atividades apropriadas, urn padrao de equilibrio dinamico entre essas duas esferas. Em algumas situaenes, a interagao social dos organismos se apresenta ao longo de uma cadeia de efeitos recorrentes de fatares inorganicos e organicos, que operam continuamente em uma ordem biatica, come acontece nas associnaes vegetais. Ern outras situndes, ela se insere em uma ordem biossocial, produzida principalmente pelo concurso de fattires organicos estheis (embora se possa presumir a interferencia de fatOres supra-organicos; cf. SCHNEIRLA, 1946), como ocorre corn os insetos sociais. Mas ela tambem pode fazer parte de uma ordem psicossocial, regulada por fatOres psicobiologicos e sociais, come se observa em situnties de vida dos primatas; ou de uma ordem sacio-cultural, determinada pela influencia concomitants dos mUltiplos fatOres biossociais, psicossociais e scio-culturais, subjacentes as situndes de convivancia human. O socidogo precisa estar preparado para reconbecer, descrever e explicar as diferentes formas e funedes assumidas pela interagao social nesses varies niveis de organizagdo da vida.

Isso nao quer dizer que caiba a sociologia estudar Oda e qualquer rnodalidade de aglomeragdo dos seres vivos. E sabido que os seres vivos podem aglomerar-se sem manter entre si nenhuma especie de interagao social. Mas, onde esta se manifesta, ela pode ser identificada: seja pela evidencia de algum

gran positive de tolerancia mUtua e de interdependencia red-proca, que exprimem o tipo de sociabilidade existente entre os organismos; seja pelos caracteres estruturais e funcionais da prapria aglomeragdo, os gnats podem indicar se ela constitui ou nao uma associag^{so}. Como as demais propriedades dos fen6menos sociais, a sociabilidade e a associagOo variam de urn nivel de organizacao da vida para outro. Em cada nivel de organiznao da vida, entretanto, a interagao social constitui uma expressao dinamica das funcOes adaptativas nela preenchidas pela sociabilidade e pela associantio. Dai a importancia destas, como pOlos extremes de referencias, na caracteriznao socio16gica da interagao social. Onde a interagao dos seres vivos lido/alcanear urn minim° de sociabilidade e onde a aglomeragdo &lest prescindir de qualquer padrao, por simples que seja, de com-'posted° do todo e de coordenagdo no todo, ela nao poder£ ser qualificada come *social* nem investigada sociologicamente. Inversamente, onde as duns condign'es ocorrerem, mesmo que a ordem existente na interagao dos seres vivos far produzida por fatOres extra-sociais ou apenas parcialmente por fatOres sociais, ela pode ser qualificada come *social* e investigada sociolngicamente. Mantendo-se presentes estas especificagOes, a pessivel definir a sociologia corn a *eidncia que tern por objeto estudar a interagao wêld^{dt}*, dos Ares vivos nos diferentes niveis de organizagdo da vida.

Sao dois os alvos te6ricos fundamentais da sociologia. Primeiro, descobrir explanagOes que permitam descrever e interpretar os fenomenos sociais em terms da ordem existente nas candle-6es e nos niveis de sua manifestagao. Segundo, par em evidencia as relaenes dinamicas da ordem social ou de fathres sociais corn as formas de vida. O primeiro alvo tem prevalecido de maneira completa nas investigagdes sociolOgicas. As coisas nao se poderiam passar de outro mode, pois o segundo alvo implica problemas cuja solugdo exige o conhecimento empffico previa de urn extensa nUmero de situndes sociais de vida. Isso contribui, porem, para criar um clima de negligencia diante dos problemas que dizem respeito as associagOes pre-humanas e significagao deles para a teoria sociologica.

De acardo com os principios formais que the servem de base, as explanaedes sociolOgicas possuem carter cientifico. Isso

si ca, essencialmente: a) que elas se fundam em dados empíricos, levantados, expurgados e coligidos mediante técnicas de observação ou de análise que podem ser reproduzidas por qualquer investigador; b) e que elas são, dadas as condições em que os fenômenos sociais forem considerados, válidas universalmente. Contudo, desde COV e SPENCER sabe-se que a complexidade dos fenômenos sociais se reflete na própria natureza das explicações sociológicas. Mesmo na interpretação das ocorrências mais simples, o sociólogo tem que lidar com diversas variáveis, que precisam ser vistas em conjunto e que são suscetíveis de combinar-se, em situações similares, segundo esquemas não uniformes. Por isso, poucas são as explicações sociológicas que cabem na categoria de "lei", tal como esta é entendida no campo das ciências exatas. As uniformidades e as regularidades que elas descrevem variam de um sistema social global para outro, ou dependem da maneira pela qual o investigador abstrai e manipula, interpretativamente, certos aspectos dos fenômenos sociais.

Não obstante, todas as explicações sociológicas possuem natureza nomotética (ou generalizadora). As explicações que se baseiam na exploração rigorosa do raciocínio indutivo — e que elaboram, causalmente, as conexões de sentido, de estrutura ou de função, existentes entre os fenômenos sociais — correspondem, de modo evidente e preciso, aos critérios positivos da explicação generalizadora. Mas, mesmo as uniformidades e as regularidades que são caracterizadas empiricamente, por meios analíticos (como os padrões de comportamento, os movimentos vegetativos da população, os padrões de ocupação espacial do meio físico, as interdependências estruturais e funcionais de padrões de comportamento ou de instituições sociais etc.), são freqüentemente formuladas segundo intentos nomotéticos, o que faz com que alguns autores as qualifiquem como "generalizações empíricas". Isto indica que a forma de construir e de fundamentar as explicações não é afetada pela complexidade dos fenômenos sociais. As limitações da explicação sociológica própria, portanto, de outra fonte: ela focaliza os processos sociais em determinados níveis de integração e de diferenciado dos sistemas sociais, o que restringe, naturalmente, seu âmbito de

abstração e de generalização. A complexidade dos fenômenos sociais não altera a natureza lógica da explicação sociológica, como raciocínio indutivo amplificador. Porém, reduz os limites dentro dos quais ela pode ser considerada como empiricamente válida.

O que importa é assinalar que qualquer modalidade de explicação sociológica, da "generalização empírica" à "explicação causal", representa conceitualmente a realidade através de propriedades que são essenciais para a descrição empírica pura da ordem existente na manifestação dos fenômenos sociais. Por isso, ela pode assumir formas abstratas e generalizadoras, como peculiar ao raciocínio científico, e assegurar um tipo de previsão que se funda, objetivamente, no conhecimento da própria natureza dos processos sociais investigados. Esses dois pontos são: deveras relevantes para situar a sociologia como disciplina científica. De um lado, porque sugerem que ela compartilha das possibilidades de explicação da realidade, abertas a todas as ciências pela pesquisa empírica sistemática. De outro, porque demonstram que os resultados a que ela chega, como ocorre nas demais esferas do pensamento científico, são inacessíveis ao conhecimento de senso comum, mesmo nas esferas em que a pressão dos interesses práticos alarga e aprofunda a capacidade cognitiva do homem.

As relações dinâmicas da ordem social ou de fatores sociais, com as formas de vida se têm sido estudadas, sistematicamente, pelos biólogos e pelos psicólogos. Os objetivos teóricos de suas disciplinas os levam a restringir-se, com frequência, às relações que se reduzem ou se explicam, pura e simplesmente, pelas propriedades biológicas ou psicológicas dos organismos. Entretanto, em nenhum nível de organização da vida, em que se manifestem, constituem a sociabilidade e a associação um mero epifenômeno (ou seja: algo acidental e destituído de importância na produção do fenômeno que se considere) daquelas propriedades. Ao contrário, elas se incluem entre os fatores que regulam o equilíbrio e condicionam a evolução das diferentes formas de vida em que se inserem. As abordagens biológicas, apesar de sua enorme importância para a caracterização do que "social" nas relações vitais, tendem a subestimar esse fato. Em

consequência, contribuem para revelar as bases orgânicas e biopsíquicas das reações e atividades sociais dos organismos ou da integração delas em totalidades configuradas socialmente. Mas negligenciam a vinculação inversa, que poderia sugerir até que ponto a interação social pode ser considerada como base dos demais processos da vida. Cabe ao sociólogo explorar teoricamente esta perspectiva, realizando investigações que permitam estabelecer em que sentido as condições sociais de existência tendem a refletir-se, especificamente, nas capacidades adaptativas e nas possibilidades de sobrevivência ou de evolução dos seres vivos.

As investigações sociológicas, que poderiam lançar maior luz sobre problemas dessa natureza, concentram-se sobre comunidades humanas. É óbvio que os seus resultados não podem ser estendidos às comunidades vegetais e animais. Mas, em alguns pontos, eles sugerem pistas que possuem significado geral. Os trabalhos sobre os efeitos destrutivos dos contactos de povos primitivos contemporâneos com povos **por** exemplo, esclarecem o que significa "condições normais" de existência para os seres que chegam a desenvolver uma unidade social de vida. O solapamento e a destruição das bases do equilíbrio do sistema social conduzem a uma situação na qual desaparecem as condições que podem garantir a estabilidade e a continuidade da própria forma de vida a que eles se ajustam. São efeitos frequentes dessa situação: a desorganização dos meios de subsistência, com repercussões na dieta tradicional e no equilíbrio fisiológico que lhe é inerente; a desorganização da vida sexual e o desinteresse pela procriação, com reflexos sobre a composição e o padrão de equilíbrio vegetativo da população; a perda de sentimentos de segurança e do interesse pela vida, o que ameniza e às vezes destrói o padrão dinâmico de equilíbrio psíquico. Além disso, o mesmo exemplo ilustra, de modo dramático, como a ordem social também pode operar como fator negativo na competição entre unidades sociais de vida. Se os sistemas sociais desses povos pudessem ajustar-se, plasticamente, às novas exigências da situação, o sucesso nas relações com o mundo seria outro. Portanto, os fatores sociais que afetam a estabilidade e a continuidade do sistema social alteram, igual-

mente, os processos que concorrem para manter o equilíbrio interno dos organismos individuais e as bases biopsíquicas de sua associação.

Os estudos sobre comunidades animais levam a resultados similares. A coordenação social das reações e das atividades dos "animais sociais" constitui uma expressão do tipo de controle por eles alcançado em face das condições estáveis da biosfera, que se projetam na parte do meio ambiente dentro da qual eles interagem socialmente; e de sua capacidade de lidar, em escala "coletiva", com as emergências (ou problemas criados pelas condições não-estáveis de existência). Assim, tais estudos demonstram que os sistemas sociais, resultantes da integração de reações e atividades sociais dos seres vivos, concorrem regularmente, quaisquer que sejam seus níveis de diferenciação, para assegurar estabilidade e continuidade daquelas reações e atividades, o que se reflete, de modo dinâmico, na perpetuação ou na evolução das formas de vida a que elas se vinculam. Sob este aspecto, parece evidente que as funções biológicas da associação são as mesmas, para todos os seres vivos. As diferenças relevantes dizem respeito à natureza da estrutura social do meio ambiente, a qual pode ser mais ou menos complexa, seja estruturalmente (grau de diferenciação e de integração das reações e das atividades sociais), seja dinamicamente (formas assumidas pelas reações e atividades sociais). Elas não afetam, porém, aquelas funções, que são constantes e definem todas as relações fundamentalmente invariáveis entre as unidades sociais de vida e as necessidades biológicas dos seres vivos.

As relações dinâmicas dos fatores sociais com as formas de vida podem ser vistas de outro ângulo. A importância relativa da sociabilidade e da associação aumenta em função do número de necessidades biológicas e biopsíquicas que precisam ser satisfeitas, regularmente, de modo social. Exemplos fornecidos por comunidades de insetos sociais, de primatas e, especialmente, dos seres humanos revelam que isso se reflete tanto na complicação e na diferenciação da rede permanente de interdependências sociais dos indivíduos, quanto no grau de plasticidade do sistema social. As reações e as atividades sociais chegam a assumir formas mais complexas e eficientes; e várias condições do meio

(inclusive condies nao-esteveis) podem ser submetidas a condies e incorporadas a pored^o social da biosfera. A luz de tais exemplos, os factos sociais aparecem como uma influencia ativa primordial na configuracao das formas de vida. Entre os seres humanos, em particular, a esfera puramente social da vida constitui uma fonte autonoma de condigencias dinamicas, que condicionam extensa e profundamente quase todos os processos biologicos e psicologicos basicos. Dessa perspectiva, a possibilidade de demonstrar que a descricao das formas de vida como meras polarizacoes de propriedades biologicas ou psicologicas dos organismos representa a realidade de maneira parcial e incompleta. E, em segundo lugar, que as condicoes sociais de existencia tao essenciais para o desenvolvimento, a perpetuacao e a evolucao dos organismos que vivem socialmente, quanto os processos organicos ou biopsiquicos normais. Nem poderia ser diferente, pois a sociabilidade e a associacao sao modalidades de ajustamento dos organismos entre si e de adaptacao deles ao meio ambiente. Ainda que nees sempre ocorram na natureza, onde elas se manifestam, independentemente das condicoes variaveis em que isso se processe, elas intervem, direta ou indiretamente, na constituicao do padrao de equilibrio dinamico, que regula as relacoes das necessidades dos seres vivos com suas condicoes de existencia.

Organizacao social e estrutura social*

RAYMOND FIRTH

A DATA DE ESTRUTURA DA SOCIEDADE, para ser considerada em conformidade com o conceito geral de estrutura, deve preencher certos requisitos¹. Considera as relacoes das partes com o todo, o arranjo no qual os elementos da vida social estao ligados. Estas relacoes devem ser vistas como construidas umas sobre as outras, pois sao series de orders diversas de complexidade. Precisam ser de significado nao simplesmente momentaneo, uma vez que factores de constancia ou continuidade devem estar envolvidos nelas. O uso corrente em antropologia da noao de estrutura social este de acordo com isto. Mas o lugar para divergencia de opiniao, quanto a quais especies de relacoes sociais devem ser reputadas fundamentais na descricao de uma estrutura social e qual a continuidade que deve ter para ser incluida. Alguns antropologos tem afirmado que a estrutura social e a rede de todas as relacoes de pessoa-a-pessoa, numa sociedade. Mas tal definicao e muito ampla. Nao estabelece distincao entre os elementos efemeros e os mais persistentes na atividade social, e torna quase impossivel distinguir a noao de estrutura de uma sociedade da totalidade da propria sociedade. No extremo oposto, esta a noao de estrutura social compreendendo, somente, as relacoes entre os grupos principais na sociedade — estes com um alto grau de persistencia. Inclui grupos

⁽⁶⁾ *Elements of Social Organization*, por Raymond Firth, Watts & Co., Londres, 1952, page. 31-41. Trad. de Amadeu Jose Duarte Leona.

(1) Vela, por exemplo, Bertrand RUSSELL, *Human Knowledge, its Scope and Limits*, Londres, 1948, pag. 267 e segs. [Hit traductio brasileira: *O Conhecimento humano, sua Finalidade e Limite*, traductio de Leonidas Contijo de Carvalho, revista por Carlos F. Pr6speri. Companhia Editora Nacional, Sao Paulo, 1959.]

tais como *clãs*, que persistem por muitas gerações, mas exclui outros como a família, que se dissolve de uma geração para outra. Esta definição é limitada demais. Uma noção diferente de estrutura social enfatiza não tanto as relações reais entre pessoas ou grupos, mas as relações esperadas ou mesmo as relações ideais. De acordo com este ponto de vista, o que realmente dá à sociedade sua forma e permite a seus membros exercerem suas atividades são as expectativas ou mesmo as crenças idealizadas do que está feito, ou do que deveria ser feito pelos outros membros. Não há dúvida de que, para uma sociedade funcionar efetivamente e ter o que podemos chamar uma "estrutura coerente", seus membros devem ter uma ideia do que esperar. Sem padrões de expectativas e um esquema de ideias a respeito do que pensamos sobre o que devem fazer as outras pessoas, não seríamos capazes de ordenar nossas vidas. Mas ver uma estrutura social em termos de ideais e expectativas, simplesmente, é insatisfatório. Os padrões de realização, as características gerais de atividades sociais concretas devem, também, estar presentes no conceito de estrutura. Contudo, pensar em estrutura social como contendo, somente, padrões de ideais de comportamento, sugere o ponto de vista implícito de que estes padrões ideais são os únicos de importância fundamental na vida social, e que o comportamento real de indivíduos é, simplesmente, um reflexo de normas socialmente dadas. É igualmente importante enfatizar o modo pelo qual as normas sociais, os padrões ideais, a trama de expectativas, tendem a ser mudados, reconhecidos ou imperceptivelmente, pelos atos dos indivíduos em resposta a outras influências, inclusive desenvolvimentos tecnológicos.

Se tivermos em mente que o único modo pelo qual podemos aprender os ideais e expectativas de uma pessoa é através de seu comportamento — seja do que diga ou do que faça — a distinção entre normas de ação e normas de expectativas, de certo modo, desaparece. O conceito de estrutura social é um recurso analítico que serve para compreender como os homens se comportam socialmente. As relações sociais de importância crucial para o comportamento dos membros da sociedade, consistem na essência do conceito de estrutura, de tal sorte que, se estas relações não operassem, a sociedade não existiria sob essa

forma. Quando o historiador da vida econômica descreve a estrutura social da Inglaterra rural no século XVI (Lida, por exemplo, com as relações dos diferentes grupos sociais entre si, destes com as terras comunais. Estas relações eram fundamentais para a sociedade deste tempo. Como o sistema de terra comum mudou para o de propriedade privada, conseqüentemente estas mudanças afetaram os vários grupos. O pequeno proprietário e o lavrador, por exemplo, emigraram para uma cidade industrial ou tornaram-se trabalhadores jornalheiros. As relações deste novo tipo de trabalhador com seu empregador e com as autoridades locais, privado de terra e de muitos outros direitos de pequenas rendas, tornaram-se muito mais diferentes que antes. A estrutura social do campo alterou-se radicalmente — apesar de muitas pessoas terem ainda ideias como as de antigamente e, mesmo, algumas de suas expectativas subsistirem.

Nos tipos de sociedades comumente estudadas pelos antropólogos, a estrutura social deve incluir as relações cruciais ou básicas emergentes de um sistema de classes baseado nas relações com a terra. Outros aspectos da estrutura social surgem das relações de outros tipos de grupos persistentes como *clãs*, castas, categorias de idade ou sociedades secretas. Outras relações básicas se devem à posição em um sistema de parentesco, "status" em relação a um superior político, ou participação no conhecimento ritual. Em muitas sociedades africanas e da Oceania um elemento estrutural importante é a relação entre o irmão da mãe e o filho da irmã. O mais velho tem obrigação de proteger o mais jovem, dar-lhe presentes, socorrer-lo na doença e no infortúnio. Tão importante é a relação que, quando uma pessoa não tem um verdadeiro irmão da mãe, ele é provido socialmente com um substituto. Este, que será um filho do irmão da mãe morto ou algum parente mais distante, agirá como representante do irmão da mãe, assumindo o termo de parentesco e comportando-se apropriadamente. Tal relação é um elemento fundamental da estrutura social. Se, através de influências externas sobre a sociedade, o papel de irmão da mãe se torna menos marcado, e as obrigações cessam de ser realizadas, então, a estrutura da sociedade se altera. Estruturas sociais diferentes são contrastadas pelas diferenças nessas relações críticas on

basicas. Por exemplo, entre alguns malaioes, nas comunidades matrilineais dos Negri Sembilan, o irmao da mae tem o papel acima descrito. Mas, entre outros malaioes, em outras partes da peninsula malaia, este parente nao tem importancia especial. Por outro lado, de acordo com o costume Muslin, todos os malaioes empyestam grande importancia ao que e chamado "wall". Este e o guardiao de uma jovem para certos propósitos legais, inclusive casamento. O "wall" representa-a no contrato nuptial e de dar seu consentimento a uniao. Usualmente, e o pai da jovem que e seu guardiao. Mas, se ele morre, entao o avô e o irmao ou outro parente mais proximo da jovem, de acordo com as regras escritas nos livros de IS dos Muslin, toma seu lugar. Em algumas circunstancias, as obrigacoes e poderes do guardiao chegam a permitir a um guardiao na linha masculina ascendente o direito de dispor da mao da jovem sem o seu consentimento. A relacao "wall" e um elemento fundamental na estrutura da sociedade Muslin. Comparando as diferentes estruturas sociais dos Malay e dos Muslin, entao, a diferenca entre o papel do irmao da mae e aquele do "wall" a um aspecto estrutural.

Esta discussao da nocao de estrutura social tem-nos levado a questoes com que os antropólogos lidam na tentativa de apreender as bases das relacoes sociais humanas. Permite, tambem, esdacer dois outros conceitos, funcao social e organizacao social, os quais sdo tao importantes como o de estrutura social.

Cada acao social pode ser pensada como tendo uma ou mais funcoes sociais. Funcao social pode ser definida como sendo a relacao entre uma nat social e o sistema do qual a acao faz parte, ou, alternativamente, com o resultado da acao social em termos de um esquema de meios e de fins de ferias as outras acoes por ela afetadas². Para MALINOWSKI a nocao de funcao foi estendida num esquema mais amplo de anlise da realidade social e cultural. A enfase basica neste esquema tem influenciado a moderna antropologia social consideravelmente. Reforca a relacao de qualquer item social ou cultural a outros itens sociais

(2) Veja A. R. RADCLIFFE-BROWN "On the Concept of Function in Social Science", *American Anthropologist*, 1935, vol. 37, page. 394-402; B. Malinowen, *A Scientific Theory of Culture*, Chapel Hill, 1944, pag. 53. Esclarecedor tratamento do tema geral e dado por Takott Oasorts *Essays in Sociological Theory Pure and Applied*, Glencoe, Illinois, 1949, passim.

ou culturais. Nenhuma acao social, nenhum elemento da cultura pode ser adequadamente estudado ou definido isoladamente. Seu significado e dado por sua funcao, pela parte que ele desempenha num sistema de interacoes. Estudando as unidades maiores, os mais abstratos conjuntos de padroes de comportamento conhecidos como instituicoes — tais como um sistema de casamento, um tipo de familia, um tipo de troca cerimonial, um sistema de magia — o esquema diferencia varios componentes associados. A instituicao e o conjunto de valores e principios estabelecidos tradicionalmente. Estes sao vistos pelas pessoas vinculadas a ela como o seu fundamento, podendo mesmo estar consubstanciados numa lenda mitica. As normas sdo as regras que orientam a conduta das pessoas, distinguindo-se das atividades exercidas por estas, pois as pessoas podem divergir das normas conforme as oscilacoes dos interesses individuais. A instituicao e mantida por meio de um aparato material, cuja natureza pode ser entendida sinnente pela consideracao dos usos para os quais se serve, e por um pessoal recrutado em grupos sociais apropriados. Finalmente, he a fungdo ou a trama de funcoes as quais a instituicao como um todo corresponde. Por funcao, neste sentido, MALINOWSKI quer dizer a satisfacao de necessidades, inclusive aquelas desenvolvidas pelo homem como membro de uma sociedade, tanto quanto aquelas mais diretamente baseadas em necessidades biologicas.

Esta imputacao de necessidades ao comportamento social humano levanta algumas questoes dificeis. As necessidades podem ser clan e facilmente definidas como os fins proximos que dao dire* imediata a uma atividade, podendo ser, normalmente, reconhecidos como tais pelos proprios individuos envolvidos nas atividades. Os fins proximos de uma festa, por exemplo, incluem claramente o consumo de alimentos, e isto envolve, necessariamente, certas consequencias sociais e economicas. Mas e menos identificar e separar os fins ultimos — os que dao sentido basica a atividade, como parte de um padrao total da vida social. O fim de uma festa nao e a satisfacao da fome, o que poderia ser feito mais simplesmente. E uma forma de sociabilidade, o prazer da reuniao, a excitacao com companhias? Ou e uma festa um simples item de um

sistema de trocas? Ou é uma oportunidade de exibição de "status" e de realce pessoal? Ou é uma forma de compulsão mística, na qual reuniões periódicas são necessárias para a integração social? Por mais abstrata que seja a concepção de necessidade, mais ainda é o que pode ser chamado a refracção pessoal do estudioso, ou seja, o condicionamento da imagem social pela sua própria posição e interesses na vida social. Num certo ponto da análise, contudo, torna-se difícil fazer mais do que inferir as necessidades humanas a partir do comportamento que está sendo estudado — os homens agem socialmente nesta ou naquela direção; todavia, julgamos que através de um comportamento efetivo determinado se preenche uma necessidade social. Por estas razões, muitos antropólogos sociais modernos, segundo MAX/MOM/SKI, acham preferível abordar a classificação dos tipos sociais através do estudo dos aspectos estruturais do comportamento. Elementos que podem ser isolados com referência a sua forma, sua continuidade de relação, são mais facilmente classificados.

Mas qualquer tentativa para descrever a estrutura de uma sociedade deve aceitar algumas suposições sobre o que é mais relevante nas relações sociais. Estas suposições, implícita ou abertamente, devem pressupor conceitos de tipo funcionalista, no que diz respeito aos resultados ou efeitos da estrutura social. Isto implica, também alguma preocupação com os fins e orientações da ação social. Seja, por exemplo, a exogamia associada com a estrutura de linhagem. A regra exogâmica que requer que um membro de uma linhagem não se case com pessoa da mesma linhagem é considerada como uma das características que definem esta unidade estrutural: ajuda a identificar os membros de uma linhagem como uma unidade. Mas, para que esta afirmação seja verdadeira, presume-se, necessariamente, que a proibição do casamento exerce algum efeito sobre atitudes maritais reais; que este efeito é considerável; e que há, também, efeitos positivos sobre comportamentos não maritais. A transposição da ideia de "proibido casar-se" em "referência das relações de linhagem" pode ser justificada, mas somente após a consideração de seus efeitos. Waste ponto de vista, pode-se usar um termo de A. N. WHITEHEAD e dizer que a função de uma ação ou relação

social consiste na conexão que ela apresenta com todos os outros elementos do sistema social no qual se manifesta. Mesmo insignificamente, suas orientações são afetadas pelas suas presenças. Como tende a exibir variações, assim também elas tendem a variar dentro da esfera total da atividade social.

O estudo da estrutura social deve, pois, ser levado mais longe, a fim de examinar como as formas básicas de relações sociais são suscetíveis de variação. É necessário estudar a adaptação social assim como a continuidade social. Uma metáfora estrutural, se mantida, não pode interpretar a mudança social. Uma taxonomia social poderia tornar-se tão árida como uma classificação das espécies em alguns ramos da biologia. As análises do aspecto organizacional da ação social constituem o complemento necessário da análise do aspecto estrutural. Permite dar um tratamento mais dinâmico.

O conceito de organizar social tem sido considerado, comumente, como um sinônimo de estrutura social. Do meu ponto de vista, acredito que é tempo de distingui-los. Quanto mais alguém pensa em estrutura social em termos abstratos, como relações grupais ou padrões ideais, torna-se mais necessário pensar, separadamente, na organização social em termos de atividade concreta. Geralmente, a ideia de organização é a de pessoas obtendo coisas por uma ação planejada. O arranjo da ação numa sequência adequada aos fins sociais selecionados é um processo social. Estes fins devem ter alguns elementos de significado comum para a rede de pessoas relacionadas na ação. A significação não precisa ser idêntica, ou mesmo similar, para todas as pessoas; pode ser oposta para algumas delas. Os processos de organização social podem consistir, em parte, na resolução de tais oposições pela ação, a qual permite um ou outro elemento vir a ter uma expressão final. Organização social implica algum grau de unificação, a união de diversos elementos numa relação comum. Para isto, pode ser conveniente supor a existência de princípios estruturais, ou vários processos podem ser adotados. Isto envolve o exercício de escolha, o tomar decisões. Estas, como tais, dependem de avaliações pessoais, que são a transformação dos fins ou valores grupais em termos que adquiram significado para o indivíduo. No sentido que toda

organizacao envolve fixacao de recursos, isto implica, dentro de um esquema de julgamento de valor, um conceito de eficiencia. Disto se infere uma noção das contribuições relativas em que quantidades a qualidades diferentes se combinam para realizar fins dados. A esfera de distribuição de recursos é aquela na qual os estudos econômicos são preeminentes. Mas as necessidades econômicas tem sido restritas principalmente ao campo das relações de troca; especialmente as que são mensuráveis em termos monetários. No campo social, além dos processos que resultam das possibilidades de escolha, os exercícios de decisão também da maior importância.

Como um exemplo de organização social numa sociedade rural, consideremos mais uma vez a instituição do "wall". Entre o povo de Aceh na Sumatra³, de acordo com o costume Shafi'ite, que eles geralmente seguem, semente um parente pelo lado paterno, na linha masculina ascendente — um pai ou um pai do pai — tem o direito de dar uma jovem em casamento sem seu consentimento. Se ela for mesmo menor, é incapaz de dar qualquer opinião válida. Assim, quando faltasse um guardião, uma jovem menor poderia casar-se. Mas os Achehnese têm um forte preconceito de que uma jovem permaneça solteira até tomar-se maior; dizem que sua beleza se estraga. Uma vez que pode haver muitas jovens que perderam seu pai e o avô, o costume Achehnese e a regra Shafi'ite estão em oposição. Mas o dilema é facilmente resolvido. Uma saída é encontrada usando o direito Muslin de apelar aos princípios de outra escola de lei — no caso a dos Hanafi. Esta escola permite a qualquer "wall" dar sua tutelada menor em casamento sem seu consentimento. Amplia a rede de relações a permite aos parentes maternos serem selecionados como "wall", se os parentes do lado paterno morreram. De outro lado, esta escola de lei deixa a mulher decisão final. Quando se tornar maior, se ela se casou deste modo, será-lhe permitido pedir a separação de seu marido, se assim desejar. A essência disto é que a estrutura da relação "wall" — muito importante para a constituição da família e do casamento em Aceh, como em toda sociedade Muslin — oferece

(3) Vele C. Snuckiltatcoono, *The Achehnese*, Leyden e Londres, 1906, vol. I, pags. 33048,

diversas alternativas ao comportamento humano. Os parentes de uma jovem menor que perdeu o pai ou o avô; tem de decidir como eles organizarão seu casamento. Deverão seguir o processo Shafi'ite ou o Hanafi te na indicação de seu guardião? Nesta última hipótese, tentarão eles casa-la ou tido? Em tais decisões muitos elementos podem entrar, inclusive a posição social ocupada pela mãe e considerações financeiras. A relação "wall", então, não é em si mesma permanente, mas simples elemento morfológico definível na sociedade Aceh; é mantida e assume sua forma final pelas decisões tomadas no plano organizatório, que resolvem situações amorfas.

Este exemplo chama a atenção para outros elementos da organização social. Implica o reconhecimento do fator tempo na ordenação das relações sociais. Há a concepção de tempo implicando, necessariamente, uma sequência ou série ordenada na colocação de unidades em direção ao fim desejado. A indicação de um guardião tido é automática; um parente deve encontrar, discutir, concordar, consultar autoridades religiosas, e, em geral, ordenar uma elaborada sequência de ações, com algum sacrifício de suas energias. O desenvolvimento de uma sequência e as alternativas de ações são importante aspecto da organização. Há também a noção de tempo colocando limites a atividade através do processo de metabolismo humano. No exemplo que acabamos de dar, o desenvolvimento de uma jovem Achehnese garante que depois de um certo momento ela poderá tomar decisão própria quanto ao casamento e, assim, alterar a forma de organização. O conceito de organização social, também, leva em conta as magnitudes. Como neste exemplo, a quantidade de riqueza, a camada social, o número de parentes e outras quantidades estão envolvidas como bases para ação social de diferentes tipos.

A organização pressupõe também elementos de representação e responsabilidade. Em muitas esferas, a fim de que os propósitos de um grupo possam ser realizados, deve haver *representação* dos seus interesses pelos membros individuais. As decisões assentadas como decisões grupais devem ser, de fato, decisões individuais. Deve haver algum mecanismo então, aberto ou implícito, por meio do qual um grupo concede aos indivíduos

o direito de tomar decisões em nome da totalidade. Nesta concessão reside, possivelmente, a dificuldade de se conciliar interesses em conflito de subgrupos, porque o indivíduo que selecionado como representativo deve, nas circunstâncias normais, ser necessariamente um membro de um subgrupo. Há o perigo, então, de que, em vez de tentar assegurar os mais amplos interesses da totalidade, ele vá agir tendo em vista, em primeiro lugar, assegurar os interesses do grupo particular ao qual ele pertence. Por *responsabilidade* entende-se a habilidade de apreender uma situação em termos dos interesses do mais amplo grupo referido, tomar decisões de acordo com esses interesses e estar disposto a sustentar as responsabilidades pelos resultados destas decisões. Neste sentido, um conflito em todo nível da unidade do grupo é possível. Uma pessoa pertence a uma família, a um grupo de parentesco amplo, a uma unidade local, e estes podem ser somente alguns dos muitos componentes de uma ampla unidade social da qual ele é o representante. Para assumir a responsabilidade-efetiva, e para os outros membros de todos estes grupos componentes concordarem com ele em representar seus interesses, deve haver um esforço de projeção de Odes as partes concernentes — um conceito de incorporação imediata em interesses menos diretamente perceptíveis. Quanto mais limitada esta projeção, mais restrita a organização social.

Isto é visto, por exemplo, na história da administração comercial no Este. A função de servir como uma "agenda de emprego" para um parente tem sido tradicionalmente olhada como uma das primeiras obrigações de um homem que atingiu uma posição de poder. Isto tornou-se cada vez mais um "empêço" para a eficiência nos países orientais, como a China, quando a industrialização e a vida comercial moderna alcançaram grandes proporções. Para a indústria na China, diz-se que o problema de pessoal eficiente tem sido tão importante como o problema da mecanização. A questão das relações entre nepotismo e a prestação eficiente de serviços tem sido básica. Para os interesses do alto comércio, parece ter havido uma concordância geral de que nepotismo significa melhores empregos, mas pior trabalho. Para o pequeno lojista, o emprego de parentes tem sido justificado pelo argumento de que, 1º o obs-

tante muitas vezes menos eficientes, eles estão ligados à família, são mais merecedores de confiança e não roubam⁴. O tipo de atitude que conduz os homens a favorecer os interesses de pequenos grupos, apontando parentes para empregos sem considerar sua eficiência, tende a suprir outros tipos de função da sociedade tradicional. Com efeito, é um mecanismo difuso para prover apoios sociais com recursos públicos, mas sem trazer as pessoas favorecidas ao julgamento da opinião pública. Parece que na China Comunista estas implicações do sistema de família têm sido consideradas. O resultado é uma reorganização e uma ênfase sobre os grupos extrafamiliares, que acentuam tipos de responsabilidade maiores e canalizam eficiência econômica.

O conceito de organização social é importante também para a compreensão da mudança social. Há elementos estruturais infiltrando-se por todo o comportamento social, e estes constituem o que tem sido, metaforicamente, chamado anatomia social, a forma de uma sociedade. Mas qual é esta forma? Consiste, realmente, na persistência ou repulsa de comportamentos; é o elemento de continuidade na vida social. Ao antropólogo social coloca-se um problema constante, um dilema aparente — explicar esta descontinuidade e, ao mesmo tempo, avaliar a mudança social. A continuidade é expressa na estrutura social, na trama de relações que é feita através da estabilidade de expectativas, pela validação da experiência do passado em termos de experiência similar no futuro. Os membros da sociedade procuram um guia seguro para a ação, e a estrutura da sociedade lhes dá isso — através da família, do sistema de parentesco, das relações de classe, da distribuição ocupacional, e assim por diante. Ao mesmo tempo, oferece oportunidade para variação e para a compreensão dessas variações.

Isto é encontrado na organização social, a ordenação sistemática de relações sociais pelos atos de escolha e decisão. Aqui está a explicação para as variações do que tem acontecido em circunstâncias aparentemente similares no passado. O fator tempo precisa ser considerado aqui. A situação antes do exercício da escolha é diferente da posterior. Uma saída aberta, com alter-

(4) Veja Olga Luxe, *Chinese Family and Society*, New Haven e Londres, 1948, page. 181 e sags.

nativas em diferentes direções, toma-se agora um assunto resolvido, com as potencialidades dadas numa orientação específica. O tempo entra também como um fator no desenvolvimento das implicações da decisão e é a consequência. As formas estruturais colocam um precedente e superam uma limitação ao alcance das alternativas possíveis — os limites dentro dos quais a aparente liberdade escolhe a possível sob muitas vezes restritos. Mas é a possibilidade de alternativas que permite variabilidade. Uma pessoa escolhe, consciente ou inconscientemente, o curso que seguirá. E sua decisão afetará a futura composição estrutural. Neste aspecto da estrutura social se encontra o princípio de continuidade da sociedade; no aspecto da organização se encontra o princípio de variação ou mudança — que permite a avaliação da situação e a escolha individual.

O conceito de sistema social*

TALCOTT PARSONS

ESTE AMIGO trata do problema das relações entre a psicologia e a sociologia, enquanto disciplinas teóricas. Entretanto, é bom que fique claro desde o início que o nosso ponto de vista é muito específico. O autor é um sociólogo cuja preocupação principal é responder à questão de quais tenham sido as contribuições da psicologia para a sociologia, mas que procura estabelecer um quadro de referência em função do qual se possa estudar, do ponto de vista sociológico, o estabelecimento de relações produtivas entre as duas disciplinas. O problema central, portanto, é determinar as condições ideais de ajustamento entre dois esquemas teóricos de tal maneira que possa ser o máximo quanto possível para ambos. A perspectiva sociológica, pela qual essas questões são discutidas, acarretará inevitavelmente algumas críticas das tendências da psicologia no passado, assim como de algumas das suas tendências atuais. Algumas posições da sociologia também serão criticadas, ainda que em grau menor. Alias, caso se tratasse de um psicólogo escrevendo sobre sociologia poder-se-ia esperar o contrário. O leitor, portanto, deve ter cuidado para si que a finalidade deste artigo não é a de uma avaliação da teoria psicológica em geral, mas de uma avaliação de diferentes tendências em vista de um propósito específico. A importância desta análise particular da psicologia em relação às outras é um problema no qual não nos poderemos deter aqui.

Falar em "psicologia" e em "sociologia" envolve certo grau de abstração. Ambas são disciplinas em rápido desenvolvimento nas quais podemos encontrar diversas tendências de pensamento.

(*) "Psychology and Sociology", por Talcott Parsons, in *For a New Social Man*, organizado por John Gann, The Macmillan Company, Nova York, 1954, pgs. 67-74. Trad. de Gabriel Bolaffi.

são independentes e não mutuamente "reduzíveis". Em termos um pouco diferentes, o senso comum do psicólogo tende a sustentar que, se a ação aceita como um quadro de referência, a relação com a ação de indivíduos (organismos) e a interação seria uma resultante que deve ser considerada pela extrapolação do nosso conhecimento da ação dos indivíduos. Por outro lado, o senso comum de alguns sociólogos sugere que a interação, como tal, constitui um sistema que está, acima da ação dos indivíduos sobre a qual tem prioridade. Nossa posição na presente discussão é que ambos estão certos, na medida em que afirmam a existência de dois sistemas importantes, autênticos e independentes, mas nenhum dos dois tem prioridade sobre o outro, nenhum *dos dois fornece as premissas das quais se possa derivar as principais características do outro ou da ação em geral*. Poderíamos afirmar, isto sim, que cada um dos sistemas fornece algumas premissas para uma teoria geral da ação.

Parte da dificuldade histórica em reconciliar estas duas posições decorre da tendência de ambos os lados da controvérsia de contrapor o indivíduo à sociedade, e em identificar o conceito de sociedade com o de sistema social. Este é um engano grave, na medida em que obscurece o fato de que *todo* processo de interação entre indivíduos pode constituir um sistema social. Evidentemente, uma comissão, um grupo de trabalho ou uma família, não constituem, no sentido usual, uma sociedade. Mas é evidente também que para os fins da teoria sociológica, constituem sistemas sociais. Uma sociedade não é somente um sistema social, mas também uma rede muito complexa de subsistemas inter-relacionados e interdependentes, cada um dos quais constitui de per si um outro sistema social autêntico. É desta perspectiva que eu pretendo tratar o problema das relações entre personalidade e sistema social⁴.

Uma implicação desta perspectiva emerge imediatamente. Se o problema é o do indivíduo em oposição à sociedade, e Bell imaginar que a "unidade" da sociedade é o próprio indivíduo. Porém, se tomarmos em consideração o subsistema, que algumas vezes é tratado por "grupo", então o indivíduo total concreto não

(4) O correspondente psicológico para sistema social, portanto, deveria ser "sistema motivacional", ou outro conceito análogo, e não "personalidade" que corresponde a "sociedade".

pode ser a unidade social, pelo simples fato das suas múltiplas participação e filiação. É o papel ou o status-papel de um indivíduo que se toma a unidade do grupo, isto é, da estrutura do sistema social. Uma consideração tão simples e óbvia como esta, se levada em conta sistematicamente, modifica de maneira fundamental as perspectivas tradicionais do problema personalidade-sistema social.

Entretanto, outro aspecto do quadro de referência geral da ação deve ser brevemente discutido antes de prosseguirmos. Acho, afirmamos acima, é um modo de relação entre um organismo vivo e um conjunto de objetos num meio ou numa situação dada. Daí podemos concluir que do nosso quadro de referência decorre que o significado básico dos objetos envolvidos numa ação resulta da sua significação para um ator. *Significar* pode ser visto com diversos matizes e aspectos, mas, aqui, nos referimos aos níveis simbólicos de significação. Isto pode ser compreendido como uma implicação de que os significados não são "particularizados", porém organizados em sistemas. Portanto, um objeto específico envolvido numa situação de ação é significativo, isto é, "possui um sentido" em função da posição que ocupa no quadro organizado do "sistema de significação", e não simplesmente de acordo com o impacto isolado e imediato que pode provocar. É isto que queremos dizer quando nos referimos ao seu significado como "simbólico". Por conseguinte, em virtude destas relações, os objetos podem ser inter-relacionados uns com os outros em complexos de significado, de maneira tal que um objeto pode vir a "substituir" outros, ou mesmo o complexo como um todo. Em outros termos, um objeto pode simbolizar outros objetos.

O elemento distintivo da estrutura dos sistemas de ação é a organização recíproca e padronizada dos significados dos objetos; e é por isto que a "orientação" com relação aos objetos se torna determinadamente estabilizada. É a isto que nos referimos quando afirmamos que a ação é organizada "culturalmente", que numa personalidade, enquanto considerada como um sistema, há uma cultura *internalizada* e que num sistema social a *institucionalização* corresponde a internalização na personalidade. De certa maneira, portanto, a cultura é analiticamente independente

da sua "incorporação" em sistemas de ação, em primeira lugar porque pode ser abstraída do comportamento real e considerada apenas como um complexo de padrões; em segundo lugar, porque pode ser transmitida de um sistema de **não** para outro: pelo aprendizado, entre personalidade, e por difusão, entre sistemas sociais. Portanto, é necessário acrescentar o aspecto ou a "dimensão" cultural *kinks* do sistema social e da personalidade a fim de completar o quadro de referência para a análise do comportamento interativo em termos da ação.

Uma vez estabelecidas estas premissas, é possível agora dizer alguma coisa sobre a natureza da articulação entre as personalidades consideradas como sistemas e os sistemas sociais, que possa constituir um guia para a análise das relações teóricas entre as duas disciplinas da teoria psicológica e sociológica. Os dois sistemas são aqui concebidos não só como sendo interdependentes, mas também *interpenetrantes* num sentido específico. Qualquer sistema social, isto é, sistema de interação de uma pluralidade de indivíduos, envolve um setor do comportamento de cada um dos atores componentes, e por conseguinte envolve também um setor da sua personalidade. Com o propósito de conceptualizar o sistema social, este setor é concebido como um papel, que no conjunto de situações definidas pela sua participação, no grupo ou no sistema interativo por um período suficientemente longo de tempo, constitui uma série de comportamentos esperados ou padronizados, não de um único tipo, mas de um padrão de tipos que variam de acordo com o desenvolvimento da situação interativa. Nestes tipos padronizados de comportamento se incluem também certas fases nas quais o indivíduo está efetivamente participando das atividades deste grupo particular. É o que acontece quando um indivíduo, por estar em casa, não interage com seus companheiros de trabalho, sem que sua participação no grupo de trabalho deixe de continuar constituindo um aspecto importante da sua personalidade. A isto, chamaríamos de fase de "latência" da seu papel profissional.

Esta participação não constitui uma atividade desordenada, mas, muito pelo contrário, é estruturada e organizada. Como parte do sistema de personalidade, ela tem de ser motivada no sentido da regularização e da estabilização do padrão de ativi-

dade, de tal maneira que não se choque com outros elementos. Ademais, ela deve estar-se adaptando continuamente ao desenvolvimento da situação interativa, e especialmente aos atos dos outros membros do sistema interativo. Os comportamentos do "ego" são, portanto, interdependentes com as "sanções" do "alter" e é esta interdependência que entendemos por *processo* do sistema interativo.

Ao mesmo tempo, cada um dos outros membros do sistema interativo ou grupo constitui um objeto para o "ego", assim como ele, neste papel (ou em outros), constitui para si mesmo. Cada um possui qualidades das quais o *status* no grupo é um dos aspectos mais importantes. Neste aspecto, cada objeto no grupo possui um significado para o "ego", constituindo símbolo ou um complexo de símbolos. Da reciprocidade ou complementaridade das orientações decorre então que o sistema interativo, enquanto sistema, necessita, como condição de estabilidade, uma padronização determinada dos significados dos objetos e das orientações complementares. É a esta padronização relativamente estável

"*culture common*" do

sistema interativo.

A necessidade e a importância de uma cultura comum para um sistema interativo não implica que ele seja "estático", que "nada acontece" ou que uma mudança de estado seja impossível. Significa apenas que as características de cada ato e cada situação em transformação não são, determinantes do processo, mas que o processo é *organizado* com relação a estas características e que, no quadro de referência da ação, a significação do conceito organizado envolve a padronização das relações entre o símbolo e o seu significado. Ao mesmo tempo, o sistema interativo, enquanto sistema, não pode ser determinado somente por estes padrões significados, pois está sujeito a exigências adaptativas e integrativas, isto é, a condições decorrentes da natureza das situações e das unidades-atores de que se compõe. Então, como resultante de sua padronização cultural e das exigências integrativas do sistema e, finalmente, das forças motivadoras envolvidas, o sistema de interação, em qualquer tempo dado, possui uma estrutura determinada. Ele possui partes — as unidades-papel — que se ligam entre si por relações rela-

tivamente determinadas e que constituem pontos de referenda, canais de atuação e fontes de sanções.

Ora, foi afirmado acima que o sistema de interação social e o sistema de personalidade são interdependentes. No mais microscópico dos níveis, onde as unidades relevantes constituem papéis de atores individuais e não de coletividades, a unidade-papel- do sistema de interação é efetivamente UM setor da personalidade enquanto sistema. Em virtude desta interpenetração dos dois sistemas, sua interdependência deve possuir certas características especiais, isto deve estar sujeita a certa condição. Na medida em que, por constituírem sistemas diferentes, eles estão subordinados a complexos distintos de existências adaptativas e integrativas, podemos afirmar que o foco destas coações resulta da presença da cultura comum. Os padrões dos significados-símbolos, ou *seja*, os padrões constitutivos da estrutura de um sistema de interação, numa situação estável, também devem ser constitutivos dos sistemas de personalidade que o interpenetram. A cultura comum não deve meramente ajustar-se "sobre as fronteiras" das personalidades constituintes do sistema de interação, mas penetrar *dentro* destas mesmas personalidades.

a isto que se refere o aforismo de Dunicazu⁴, "a sociedade existe dentro na mente dos indivíduos".

Agora podemos compreender mais claramente a natureza da independência do sistema de personalidade com relação aos sistemas sociais. Para cada indivíduo o organismo vivo é finito e individual sob dois aspectos. Em primeiro lugar, constitui a fonte de energia motivadora da sua ação e como tal não pode ser repartido com mais ninguém. Em segundo lugar, seu corpo, enquanto sujeito, constitui um e um só instrumento de ação, assim como, enquanto objeto, constitui um alvo típico das reações. Ele possui qualidades e capacidades de atuação sobre as quais exerce um monopólio natural. Estas características do seu corpo servem tanto para diferenciá-lo de outros, como pelo sexo, pela idade e inteligência, quanto para integrá-lo muito. Nesta altura da exposição, lido nos devemos esquecer que a localização física do corpo de uma pessoa determina condições muito específicas para a sua ação. Por exemplo, se ela mora em Boston, sómente poderá assistir a uma conferência em Nova York, se

transportada de um lugar para outro. Nestes dois aspectos fundamentais, cada personalidade é singular, isto é, um sistema independente de qualquer outro, porque cada organismo é um sistema delimitado diferente.

Entretanto, ainda há uma terceira fonte fundamental da independência da personalidade enquanto sistema. Ela deriva simplesmente das participações-papel no sistema social. Em qualquer sistema de interação, social dado, é impossível encontrar dois participantes exatamente no mesmo papel, pois estes sistemas constituem sistemas diferenciados. Isto significa que a autodefinição de um membro como um objeto, em relação a outros objetos, deve ser diferenciada daquela dos outros participantes. Suas relações mútuas somente podem ser idéias no caso limite de um sistema perfeitamente simétrico. Um segundo aspecto da participação pode ser inferido do fato de a sociedade ser constituída por uma rede complexa de subsistemas de interação social, e principalmente porque, num certo sentido, cada indivíduo dado participa de uma combinação específica de classes de subsistemas. Assim, enquanto na nossa sociedade tanto o marido quanto a esposa participam da **ainda que por papéis** diferenciados, a esposa não participa do sistema de interação profissional do marido, a não ser com um papel muito periférico. Inversamente, cada um dos maridos que participa de um mesmo grupo profissional, é membro de sistemas diferentes na esfera familiar. A estrutura da participação-papel varia de sociedade para sociedade, mas o fato básico da participação diferenciada constitui um fundamento da estrutura social com implicações profundas para a teoria da personalidade. Finalmente, as duas fontes de diferenciação de personalidade que citamos acima, relativamente à participação em sistemas sociais, são compostas por uma terceira, isto é, a ocorrência de uma diferenciação, segundo a capacidade de participação social de cada indivíduo, durante a história de vida. Alguns padrões de sucessão através das etapas do ciclo de vida, são altamente estandardizados. Mas outros dão margem a uma ampla variação, de tal maneira que os resultados cumulativos das participações-papel prévias agem mais no sentido de diferenciar os indivíduos do que de aproximá-los dos tipos estandardizados.

Os componentes dos sistemas sociais*

TALCOTT PARSONS

O TEMA //ESTE UVNO 6 a exposiedo e ilustracao de urn esquema conceitual para analise do's sistemas sociais, tomando-se como base de referencia a acao. Propoe-se ser urn trabalho te6rico em sentido estrito. Nao se vai ocupar nem com generalizacoes a partir de dados empiricos nem com metodologia, embora, coma 6 natural, deva apoiar-se nelas. E evidente que o valor do esquema conceituat aqui apresentado se comprovava por sua utilidade para pesquisas empiricas. Mas nao se teve intencdo de estabelecer uma relactio sistematica de conhecimentos empiricos, como as que encontram lugar numa obra de sociologia geral. O nosso foco 6 o esquema te6rico. O tratamento sistematico de seus usos empiricos sera objeto de outro trabalho.

Nosso ponto de partida 6 o conceito dos sistemas sociais da acdo. A *interaccio* dos atOres individuais ocorre em circunstancias tais que se torna possivel tratar esse processo de interacao como urn sistema, no significado cientifico do termo, e submete-lo a uma analise de um tipo semelhante aos que ja. foram aplicados a sistemas de outra natureza em outras ciencias.

A acao, coma base de referenda, ja foi amplamente tratada em outro estudo do autor, o qual sera resumido em poucas palavras. Essa base de referencia diz respeito a "orientacao" de um ou mats attires — no caso em apreco, organismos biologicos — relativamente a uma situacao, que inclui outros attires. O esquema que abrange unidades de acao e interacao 6 um

esquema *relacional*. Analisa a estrutura e os processos dos sistemas que se constroem a partir das relacOes de tais unidades com suas situaceies, que incluem outras unidades. Na'o se preocupa com a natureza *interna* dessas unidades, a nao ser no que tange a influencia direta que tal estrutura possa exercer sObre o sistema relacional.

A situacao 6 definida coma consistente de objeto de orientacao, de tal modo que a orientacao de um dado ator se dif e-rencia em relacao aos diferentes objetos, e suas categorias, que em conjunto comp'tiem a situacao. Do ponto de vista da acao, pode-se classificar o mundo dos objetos em tees classes: objetos "fisicos", "sociais" e "culturais". O objeto social 6 o ator, que pode ser tanto um outro individuo qualquer (alter), como o praprio ator tornado como ponto de referencia de si mesmo (ego), ou como uma coletividade tomada como unidade para os fins de uma analise de orientacao. Os objetos empiricos sao entidades empiricas que nao reagem ao ego nem interagem com Sao meios e condigOes da acao. Objetos culturais sao elementos simbolicos da tradicao cultural, iddas ou crenças, sinabolos expressivos ou padroes de valOres, em tanto que considerados como objetos situacionais pelo ego, e que nao sejam "internalizados", passando a fazer parte da estrutura de sua personalidade.

"Mao" a um processo no sistema ator-situacdo que se reveste de significacao e 6 capaz de motivar o ator individual, ou, no caso de uma coletividade, os seus membros componentes. Com isso se quer dizer que a orientacao dos processos de acao correspondentes gira em term. dos esforcos do ator para obter satisfacees e evitar privacOes, definidas umas e outras a luz da estrutura de sua personalidade. A palavra acao, em seu sentido tecnico, sera usada nesta obra sOmente para designar a relacao do ator com a situacao que assuma este aspecto de motivacao. 2 evidente que a fonte original de energia que anima os processos da acao reside no organismo; portanto, em certa medida, tech satisfacao ou privacao tem significacao organica. Mas a motivacao, em sua feicao concreta, nao pode, dentro do esquema aqui proposto, ser analisada em termos das necessidades basicas do organismo, embora tenha nelas as suas raizes. A organizacito

09 The Social System, per Titlcon PARSONS, Tavistock Publications Ltd., Londres, 1952, pfiga. 1-6. Traci. de Buy Coelho.

dos elementos da ação, dentro deste esquema, a primeiro que tudo função da rein*, entre o ator e sua situação e a história dessa relação, o que se chama "experiência".

É essencial, para definir a ação assim concebida, que não se imagine que ela consista somente de reações *ad hoc* a estímulos situacionais particulares; é necessário que se compreenda que o ator envolve um *sistema* de expectativas em relação aos vários objetos da situação. Estes podem ser estruturados thematicamente em relação às suas tendências próprias e às possibilidades de satisfação ou privação que configuram as várias alternativas de ação que se abrem diante dele. Mas no caso de objetos sociais surge uma nova dimensão. Parte da expectativa do ego, em muitos casos a parte mais importante, consiste na provável reação do alter à ação possível do ego, reação essa que só se prevê com antecedência, afetando assim fundamentalmente as opções do ego.

Em ambos os níveis há vários elementos da situação que, ao serem-lhes conferidos sentidos especiais, se convertem em sinais ou símbolos que se vão inscrever na organização do sistema de expectativas do ator. Particularmente no caso da interação, os sinais e símbolos adquirem significados comuns e servem de meio de comunicação entre os atores. Quando surgem sistemas simbólicos que podem ser meios de comunicação, pode-se falar dos princípios de uma "cultura", a qual se torna parte dos sistemas de ação dos atores.

Vamos ocupar-nos aqui tão-somente dos sistemas de interação que se tornaram tão diferenciados que atingiram o nível cultural. Embora o termo sistema social possa ser usado num sentido mais elementar, faremos dele caso a mais, para tratar dos sistemas de interação que incluem uma pluralidade de atores individuais orientados para uma situação e um sistema de símbolos culturais geralmente aceitos.

Reduzido aos seus termos mais simples, um sistema social consiste numa pluralidade de atores individuais interagindo mutuamente numa situação que tem pelo menos um aspecto físico ou ambiental. Os atores são motivados relativamente a uma finalidade - ao mixto de satisfações, e a relação de cada qual

com sua situação e com os outros é definida e mediatizada por um sistema comum de símbolos culturalmente elaborados.

Assim concebido, um sistema social é thematicamente um dos três aspectos da elaboração de um sistema social de ação concreto. Os outros dois são, os sistemas de personalidade dos atores individuais e o sistema cultural incorporado na ação desses atores. Cada um dos três deve ser considerado como um foco independente de organização dos elementos de um sistema de ação, já que não se pode teoricamente reduzir nenhum deles aos termos de um outro ou de uma combinação dos dois outros. Cada um é indispensável aos outros dois, pois que sem personalidade e cultura não poderia haver sistema social, e assim por diante. Mas esta interdependência e interpenetração implica redutibilidade, a qual permitia que os processos e propriedades pudessem ser deduzidos dos conhecimentos teóricos que se tem de um dos outros dois, ou de ambos. A ação, como base de referência, é comum aos três, e é isto que torna possíveis certas "transformações" entre eles.

O que quer dizer, em outras palavras, que, no estado atual de sistematização teórica, nosso conhecimento dos processos de ação é fragmentário. Por causa disso, nos vemos forçados a usar estes tipos de sistemas empíricos, apresentando-os descritivamente como base de referência. Assim, pois, concebemos os processos dinâmicos como "mecanismos" que influenciam o "funcionamento" do sistema. A apresentação descritiva de um sistema empírico deve, pois, ser feita em termos de um conjunto de categorias estruturais, as quais se incorporam às noções de motivação necessárias para a compreensão dos mecanismos.

Socializagdo*

MARION J. LEVY Jn.

Com o renmo socializacão queremos significar o ato de inculcar a estrutura de ação de uma sociedade no indivíduo (ou grupo). A socialização, neste sentido, envolve gradacões, pois um indivíduo pode ser mais ou menos socializado. *Uma pessoa encontra-se *adequadamente socializada* se lhe foram inculcados elementos das estruturas de ação da sociedade, de modo a se lhe possibilitar o desempenho eficaz dos seus papéis. Há a *socialização adequada*, numa sociedade, quando ela refine um mórnerio suficiente de indivíduos satisfatoriamente socializados, de modo a permitir a operação dos requisitos estruturais de uma sociedade.

O carter de requisitos da socialização adequada decorre da hipótese de que não é peculiar a natureza humana a aquisição, em bases hereditárias ou através da interação entre hereditariedade e ambiente não humano, das estruturas de ação necessárias ao desempenho efetivo do comportamento. Segundo os papéis sociais mínimos requeridos. Embora ainda não tenha sido, *stricto sense*, provado que estruturas específicas não são adquiridas dessa maneira, a plasticidade geral dos seres humanos a este respeito, a grande extensão de determinadas estruturas de ação existentes no mundo, e a ausência de conhecimento de qualquer estrutura genética determinando diretamente estruturas sociais específicas poderiam tornar a referida hipótese aceitável, enquanto não se produzirem evidências em contrário^o. Mesmo aquelas estruturas sociais mais direta e manifestamente relacionadas a

estruturas determinadas hereditariamente revelam escassos sinais de determinação genética específica. As estruturas relativas ao ato de andar, defecação, contactos sexuais, respiração e sementes, revelam, em lugar de uma determinação rígida, toda uma gama de variacões possíveis dentro dos limites permitidos pela hereditariedade e o meio-tin humano. Se se utilizar uma hipótese oposta aquela usada aqui, toda análise posterior relativa a aquisição de estruturas de ação deverá ser colocada nos termos do avanço no conhecimento da genética humana e do ambiente não humano.

As sociedades podem evidentemente subsistir com alguns membros inadequadamente socializados, sendo que o minterio ou proporção deles com relação a totalidade dos membros de uma sociedade variará de sociedade a sociedade. Não obstante, para que uma sociedade possa subsistir, deve ser satisfatoriamente transmitida a cada indivíduo a maior parte da quota mínima necessária a adequada socialização dos indivíduos, o máximo dos modos de ajustamento a situação total, dos recursos de comunicação, das orientações cognitivas, sistemas de alvos, atitudes inerentes a regulamentação dos meios, modos de expressão afetiva, além de outras, a fim de torná-lo capaz de comportar-se adequadamente nos seus múltiplos papéis através da vida, tanto com relação as suas habilidades como as atitudes. A socialização, pois, envolve algo diverso da manutenção do indivíduo nas condições de bem-estar biológico.

Evidentemente, a socialização não é restrita a necessidade de inculcar estruturas sociais na criança de uma sociedade (aqueles indivíduos compreendidos no que já foi denominado "periférica invasão bárbara da sociedade"). Inclui-se na socialização tanto o desenvolvimento de novos membros adultos, a partir de infantes, como o ajustamento de um indivíduo de qualquer idade em qualquer papel social da sociedade ou nos subsistemas nos quais o aprendizado é realizado. Por definição, as crianças devem ser consideradas membros da unidade aqui denominada sociedade, mas outros novos membros podem provir de outras origens, que não a reprodução sexual dos seus componentes. Além disso, em algumas sociedades, novos papéis sociais emergem continuamente, o que se torna mais evidente talvez nas chamadas "sociedades

(*) "Adequate Socialization", in *The Structure of Society*, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1952, pp. 187-191. Trad. de Octavio Ianni.

próprias ações e as dos outros que com ele interagem. Tanto o ator como aqueles que interagem com ele compartilham das mesmas expectativas. Os papéis são institucionalizados quando sã inteiramente consentâneos com as padrões culturais dominantes e se organizam de conformidade com valores moralmente sancionados, comuns a todos os membros da coletividade em que os papéis funcionam.

Abstraindo-se o papel de um ator do sistema total de sua personalidade, torna-se possível analisar a articulação de sua personalidade com a organização do sistema social. A estrutura de um sistema social e o modo de pautar seu funcionamento e sobrevivência, ou sua mudança ordenada dentro do sistema são diferentes das da personalidade. Os problemas da personalidade e estrutura social só podem ser tratados adequadamente se essas diferenças forem levadas em conta. Somente então os pontos de articulação e interdependência mútuos podem ser estudados.

Uma vez estabelecido que os papéis e lido as personalidades são as unidades da estrutura social, postula-se, necessariamente, que os laços que ligam a execução de um papel a uma estrutura de personalidade não são indissolúveis. As situações definidas pelo papel tem virtualmente para o ator todas as significações possíveis incluídas em outras situações. Sua significação real e efeito que poderão ter sobre o comportamento diferem de acordo com as diferentes personalidades.

Uma característica importante de grande número de papéis sociais é que as ações de que se compõem não são minuciosamente regulamentadas, e a variabilidade é em certa medida permissível. Os desvios dentro de certos limites não provocam sanções. Esta margem de liberdade facilita a atuação de personalidades diferentes preencherem os requisitos ligados a mais ou menos os mesmos papéis sem demasiada tensão. Convertem também poder que as expectativas e sanções originadas pelos papéis podem exercer pressão sobre os atores individuais com repercussões importantes em outros componentes da personalidade. Tais repercussões se evidenciam em tipos de ação que, por seu turno, acarretarão consequências sociais variáveis; muitas vezes suscitam outros mecanismos de controle social, ou criam

impulsos que levam a mudança social, ou ambos ao mesmo tempo. Assim, pois, personalidade e estrutura de papéis são sistemas estreitamente interdependentes.

TIPOS DE PAPEIS E A DEFERENCIACAO E INTEGRACAO DOS SISTEMAS SOCIAIS

Os papéis estruturais de um sistema social, assim como a estrutura das tendências num sistema de personalidade devem ser orientados por alternativas de valores. Naturalmente, as escolhas são sempre ações individuais, mas essas escolhas não se distribuem ao acaso num sistema social. E mesmo um dos mais importantes requisitos funcionais para manutenção de um sistema social é a integração das orientações de valores dos diferentes atores resultando num sistema em certa medida comum. Todos os sistemas sociais operantes manifestam esta tendência a formar um sistema comum de orientações culturais. Comparar orientações de valor é crucial, embora o consenso em relação a ideias e símbolos expressivos seja também determinante importante da estabilidade social.

O grau de variabilidade e o perfil de distribuição dos tipos de papéis num sistema não repete exatamente o grau de variabilidade e distribuição dos tipos de personalidade dos atores que preenchem esses papéis, nem mesmo se harmonize inteiramente com ele. O funcionamento efetivo de uma estrutura de papéis é, em última análise, somente possível quando as personalidades que os compõem estão capazes para agir segundo moldes prescritos, de forma a assegurar a obtenção de satisfações suficientes para os indivíduos que desempenham os papéis. Há exigências funcionais que limitam o grau de incompatibilidade entre as espécies possíveis de papéis dentro do mesmo sistema social. Essas exigências se relacionam com a manutenção de um sistema social total. Um sistema social, do mesmo modo que uma personalidade, deve ser coerentemente organizado e não um mero conjunto de componentes reunidos ao acaso.

Como no caso da personalidade, o problema funcional de um sistema social se resume nos problemas de atribuição e

integracao. Hã sempre diferenciacao de funcoes num sistema de

Deve sempre, portanto, existir atribuicao de tais funcoes a diferentes classes de papas; os papas devem articular-se para a execucao de tarefas complementares e cooperativas. A duracao de vida do individuo sendo limitada, deve haver urn processo continuo de substituiçao de pessoal dentro do sistema de papas para que o sistema subsista. Ademais, os instrumentos necessarios para execucao de funcoes e as satisfacoes que importam na motivacao dos atores individuais nao sao em numero ilimitado. Daí nao se poder deixar a atribuicao deles entregue a urn processo de competição inorganizado sem que surjam em consequencia grandes frustraçoes e conflitos. A regulamentacao de todos os processos de atribuicao e a execucao das funcoes responsaveis pela manutencao de um sistema integrado e impossivel sem urn sistema de definicao dos papas e de sancoes punitivas para os desvios. Quando a diferenciacao atinge urn alto grau de complexidade, surgem papas ou subsistemas de papas com funcoes integrativas especificas.

Esta determinacao de funcoes, e atribuicao e integracao de papas, pessoal, instrumentos e satisfacoes num sistema social implicam urn processo de selecao de acordo com padroes de que diz respeito a avaliacao de caracteristicas de objetos (individuais e coletivos). Isto nao quer dizer que toda pessoa qualquer tenha sempre presente no espirito o "plano" do sistema social. Mas, como em outros tipos de sistemas de acao, nao e possivel que as escolhas dos atores sejam feitas ao acaso e formem ao mesmo tempo urn sistema social coerentemente organizado. A estrutura de urn sistema social pode, pois, ser considerada como o resultado cumulativo de urn balanceo de muitas selecoes individuais, as quais foram estabilizadas e reforçadas pela institucionalizacao dos padroes de valores, os quais tornam legitimos desenvolvimentos do comportamento em certas direcoes, e preservam sancoes que mantem as orientacoes resultantes.

As definicoes de comportamento, que tem por funcao delimitar as expectativas institucionais ligadas aos papas, se incorporam a estrutura de urn sistema social; estas sao, pelo menos num aspecto fundamental de seu contido (isto é, na definicao de direitos e obrigações), idênticas as orientações culturais de

valores discutidas acima. Estas, pois, vindo a former urn consenso moral geral que circunscreve direitos e obrigações, constituem um dos componentes fundamentais da estrutura do sistema social. As diferenças estruturais entre sistemas sociais diversos consistem, muitas vezes, em modos diferentes de estabelecer o conteúdo e a extensão deste consenso.

E, portanto, a partir deste consenso moral baseado nos modelos de orientacao valorativa que se originam os padroes e limites que regulamentam as atribuições; mas fazem-se necessarios tambem mecanismos institucionais especiais mediante os quais se tome possivel chegar a decisoes e execucao-las. Os papas institucionais que estao ligados ao poder e ao prestigio sao da maior importancia nesse processo. A raiz desta estrutura é que, como é óbvio, o poder e o prestigio assumem um alto significado, quando se trata de distribuir recursos materiais e recompensas. Assim sendo, a distribuicao do poder e do prestigio e os mecanismos institucionais que regulam essa distribuicao são capitais para o funcionamento de urn sistema social.

A necessidade de integracao mdge, portanto, que os processos distributivos e integrativas estejam associados a papas semelhantes, ou intimamente correlacionados; e que os mecanismos que regulam a distribuicao do poder e do prestigio delimitem suficientemente as esferas de poder e prestigio inerentes aos papas de integracao e atribuicao. E, finalmente, é essencial que os que forem incumbidos desses papas desempenhem suas funcoes integrativas e atributivas de conformidade com o consenso de valores da sociedade. Estes papas atributivos e integrativos (quer sejam preenchidos por individuos ou subgrupos) devem ser considerados como mecanismos importantes para a integracao da sociedade. Sua ausencia ou funcionamento defeituoso cause conflitos e frustraçoes.

Nao force. É dizer-lo, sistema social que esteja perfeitamente integrado, da mesma forma como nao ha nenhum inteiramente desintegrado. E nos setores nao-integrados — onde as expectativas nao podem ser satisfeitas por meio de papas institucionais, onde as normas sociais nao permitem a manifestacao das tendencias do individuo, onde as pressoes nao sao compen-

sadas por válvulas de segurança — é nesses setores que se encontram as principais fontes de mudança e expansão da vida social.

Qualquer sistema de relações interpessoais entre atores individuais ou grupos de atores a um *sistema social*. Uma *sociedade* é um tipo de sistema social que contém em si os requisitos essenciais para a sua continuidade como sistema auto-suficiente. Esses requisitos essenciais são: entre outros: 1) uma organização que tenha por eixos a localização no espaço e o parentesco, 2) um sistema que determine funções e a distribuição de recursos materiais e recompensas, 3) estruturas integradoras que controlem essa distribuição e que regulem os conflitos e os processos de competição.

Ao considerar-se a institucionalização dos padrões culturais, em especial daqueles que são orientados por valores, que atuar na estrutura social, põe-se em evidência o triplice aspecto da integração da personalidade, do sistema social e da cultura, que formam um único círculo, por assim dizer. São os padrões valorativos, institucionalizados pela estrutura social, que vão pautar a conduta dos membros adultos da sociedade, por meio dos mecanismos dos papéis, em combinação com outros elementos. São eles ainda, atuando sobre o indivíduo na fase marcadamente plástica da primeira infância e posteriormente, que vão forjar a estrutura da personalidade do jovem adulto, o que constitui o processo de socialização. Esse processo, como é evidente, depende da interação social. Os adultos, ao darem orientação à criança, agem de acordo com certos papéis, os quais são em boa parte institucionalizados; e desde os primeiros dias desenvolvem-se na criança expectativas de comportamento que rapidamente se tornam constituintes de papéis. Tornando-se como referência as estruturas das personalidades que assim se formam, vê-se que os adultos procuram, ao mesmo tempo, manter e modificar o sistema social e os padrões de valores em cujo âmbito vivem, como também se esforçam por moldar a estrutura de personalidade de seus descendentes, quer tentando modificá-la, quer impondo-lhes os próprios padrões.

"Status" social e papel social*

EUGENE L. HARTLEY e RUTH E. HARTLEY

1. NOÇÃO DE STATUS SOCIAL

NOSSA DISCUSSÃO ANTERIOR acentuou o efeito do grupo a que se pertence, ou "grupo de referência"¹, sobre o comportamento social do indivíduo. É claro, entretanto, até para o observador casual, que dentro de um mesmo grupo os indivíduos não ocupam posições equivalentes.

Das generalizações que se pode fazer com respeito a todos os grupos sociais, a principal é a de que existe uma diferenciação de posições dentro de cada grupo e que todas essas posições não são valorizadas igualmente pelos seus membros. Algumas posições são mais apreciadas que outras, e as pessoas que as ocupam gozam de maior prestígio que aquelas que ocupam posições menos valorizadas.

Sistema de "status" (status system) é o termo que usaremos quando fizermos referências à hierarquia de posições existentes num grupo; *status* referir-se-á a um ponto dentro do sistema de *status*.

(*) "Status as a Determinant of Individual Behavior" e "Status and Social Participation", in *Fundamentals of Social Psychology*, por Eugene L. HARTLEY e Ruth E. HARTLEY, Alfred A. Knopf Publisher, Nova York, 1952, pgs. 555-556 e 572-574. Trad. de Maria Adelaide Campelo.

(1) A "teoria da referência grupal" se baseia na verificação de que o indivíduo frequentemente se orienta com relação aos outros grupos sociais moldando o seu comportamento e avaliando nos termos do pseudo grupo. Estuda "as determinantes e consequências daqueles processos de avaliação e auto-avaliação nos quais o indivíduo toma os valores e padrões de outros indivíduos a grupos como esquema de referência comparativo". Ela diz respeito, pois, ao processo através do qual os indivíduos se relacionam a grupos sociais aos quais não pertencem. Cf. Robert K. MERTON e Alice S. KITT, "Contributions to the Theory of Reference Group Behavior", in *Studies in the Scope and Method of "The American Soldier"*, organizado por Robert K. MERTON e Paul F. Lazarsfeld, The Free Press, Glencoe, Illinois, 1950, page. 40-105, esp. pgs. 50-51. (Nota dos organizadores.)

A razão de se atribuir ao *status* uma posição de importância na formulação de uma psicologia social sistemática, deve-se ao fato de ser o *status* do indivíduo um dos mais poderosos determinantes do seu comportamento; deve-se também ao fato de possuir o *status* origem claramente social.

Por definição, o *status* só tem significado quando considerarmos uma relação de que participam duas ou mais pessoas; sua verdadeira essência é a comparação de indivíduo com indivíduo. Em consequência, o *status* exemplifica por excelência um valor socialmente derivado, que exerce uma influência profunda nos fatores dinâmicos básicos da personalidade dos indivíduos.

Se todos os indivíduos fazem parte de algum grupo, em virtude do nascimento ou por qualquer outra razão, são influenciados de alguma maneira, em proporções variáveis, pelo funcionamento do *status*.

Os critérios de atribuições de prestígio ao indivíduo diferem marcadamente de grupo para grupo. Em geral os possuidores de prestígio podem ser reconhecidos por um ou mais dos cinco critérios propostos por E. BERNSTEIN²: a pessoa que possui um *status* elevado a 1) objeto de admiração, 2) objeto de deferência, 3) objeto de imitação, 4) uma fonte de sugestão e 5) um centro de atração.

duas maneiras, num grupo social, de se alcançarem as diferentes posições: estas podem ser atribuídas ao indivíduo em razão de algum fator ocasional, como nascimento, raça, sexo, complexão física, idade (*status* atribuído); ou podem ser conquistadas pelo indivíduo graças a sua habilidade e capacidades pessoais (*status* adquirido). Essas duas maneiras de obter uma posição social, por atribuição ou conquista, apresentam-se associadas de modo complexo na determinação do *status* do indivíduo.

O *status*, considerado como atributo de grupos, não a característica semente das sociedades humanas. É bem conhecida a existência de relações de dominação-subordinação entre os primatas e mesmo entre formas inferiores da vida animal. A presença desses padrões sociais em grupos não humanos, e sua

(2) E. BERNSTEIN, "Status, Status Types and Status Interrelations". *American Sociological Review*, vol. 9, 1944, pgs. 151-181.

relação com uma grande variedade de fatores ambientais e individuais próprios de tais grupos emprestam maior interesse à verificação de sua universalidade e complexidade nas sociedades humanas.

2. STATUS E PAPEL

O efeito da situação de membro de classe na determinação de um papel e da respectiva conduta já foi discutido em capítulos anteriores. O *status*, contudo, tem uma função mais direta e definida na especificação da conduta de pessoas em contacto imediato umas com as outras.

São aspectos do papel social, também, a maneira pela qual as pessoas se comportam quando em relação com outras de *status* superior e a maneira pela qual se comportam em face daquelas situadas abaixo.

O sistema de *status* define comumente o padrão de relações que governa a interação entre membros de um grupo. Certas condutas específicas são designadas como sendo aquelas mais apropriadas para expressar a relação entre pessoas que ocupam posições diferentes na hierarquia dos *status*. Na mesma medida em que a conduta está associada ao *status* do indivíduo, este (*status*) se apresenta como um aspecto de seu papel social. Para alguns papéis ele podem constituir mesmo a base em torno da qual se organiza toda a conduta manifesta. Por exemplo: ser membro da classe superior em algumas comunidades implica vestir-se de determinada maneira, associar-se com certas pessoas, participar de atividades determinadas, frequentar determinada igreja. A não observância de qualquer destas convenções pode implicar, para o indivíduo, uma perda de *status*, e mesmo na sua rejeição por parte do grupo.

Algumas vezes, o fato de ter provocado o desagrado do grupo a assinalado de modo dramático para o indivíduo, como, por exemplo, com a exclusão do seu nome do Registro Social. Em outras circunstâncias a reação do grupo é mais sutil, limitando-se à exclusão do indivíduo das reuniões sociais.

Com referência a esse aspecto do *status*, observa WARNER: "O dinheiro deve ser convertido em comportamento socialmente

aprovado e em posses, que por sua vez se devem traduzir por uma participação íntima na classe superior, acompanhada da aceitação por parte dos membros dessa classe³. Em outras palavras, não é bastante ter nascido em determinado grupo, ou ter suficiente dinheiro para fazer o que os outros membros do grupo fazem. Para ser considerado efetivamente como membro do grupo, o indivíduo deve dar mostra de que aprova as "regras" do grupo, e de que está disposto a segui-las.

O *status* concedido ao indivíduo é, ao mesmo tempo, caracterizado e limitado pela maneira segundo a qual ele preenche os papéis associados a esse *status*. Um professor de colégio, por exemplo, pode possuir um *status* elevado em grupo limitado, onde sua conduta é avaliada em termos de sua atuação no magisterio e na pesquisa científica. Seu *status*, contudo, não possui qualquer significado para garantir-lhe um posição qualquer numa classe onde os critérios para a aceitação do indivíduo seguem padrão diferente.

Os exemplos mais evidentes dessa determinação da conduta pelas exigências do *status* revelam-se na reverência que as pessoas sem nobreza devem à realeza. Outros exemplos mais simples podem ser encontrados no caso dos "yes men" de Hollywood, que entretanto não existem apenas lá. É costume bastante espalhado não enfrentar o "chefão", mesmo quando se discorda. Tal deferência manifesta-se por tonalidades de voz, ordem de precedência, primazia de lugar, e outros detalhes de conduta mais sutis.

A importância dada ao *status* pelos nossos e por outros grupos reflete-se claramente nas fórmulas de tratamento que usamos ao nos dirigirmos a determinadas pessoas. O uso de "Vossa Majestade" quando nos dirigimos a pessoa real, o uso de "V. Ex.^a" referido a embaixadores, o uso de "Meritíssimo" para juizes, representam alguns símbolos dessa nossa preocupação com as diferenças de *status*. Produto dessa preocupação é, também, a variação encontrada nas fórmulas de saudação das cartas espanholas: Querido Fulano, Muy señor mío, Estimado señor, Distinguido señor. É costume também usar-se o pronome

(3) W. L. WARNER e outros, *Social Class in America*, Chicago, Science Research Associates, 1998, pags. 6-7, 25.

da segunda pessoa *Du* quando nos dirigimos às pessoas íntimas, às crianças e aos inferiores; *Sie* é usado para as referências mais formais, feitas a superiores ou iguais. É muito mais difícil dirigir-se de modo adequado a uma pessoa sem conhecer antes sua posição exata na hierarquia social.

Mesmo na relativa democracia que existe em um ambiente universitário, permanece a coexistência dessas diferenças de *status*. Termos como B. T. O. (*Big Time Operator*), B. M. O. C. (*Big Man on the Campus*), "Big Shot", são expressões usadas comumente para designar os "maiores" na política e nos esportes universitários.

Um exemplo de como o *status* afeta as relações e define os papéis, encontra-se na descrição de Burleigh GARDNER com respeito às hierarquias de funcionários das indústrias. "De fato, cada um parece estar olhando para cima com sua atenção dirigida para as pessoas que se encontram acima deles, e especialmente para seu chefe. Seu chefe é o homem que lhe transmite ordens, determina sua tarefa, dá-lhe um "tapinha nas costas", faz-lhe um elogio por um serviço bem feito e recomenda-o favoravelmente aos "maiores". Seu chefe é também o homem que pode designar uma tarefa desagradável, ou fazê-la mal, e fazer-lhe referências favoráveis. Seu chefe é o elo de ligação com aqueles que estão por cima na estrutura. Desse modo, as preferências e implicações do *Chefflo*, seus estados de espírito e opiniões, suas idas e vindas, o menor comentário ou gesto que faça, ou o modo pelo qual é atraído pela ruiva bonitinha do departamento vizinho, todas essas coisas são objeto do interesse dos seus subordinados. Cada um dos subordinados se interessa somente em saber o que seu chefe pensa a respeito. Preocupa-se com seu trabalho, se é satisfatório ou não, se ele pessoalmente faz boa impressão, se o chefe o considera como pessoa que fala demais ou, pelo contrário, como pessoa que não fala o suficiente; preocupa-se em saber até que ponto corresponde àquela que o chefe espera dele. Enquanto cada chefe é desse modo centrado na atenção de seus subordinados, ele por sua vez está ocupado observando seu próprio chefe e centralizando suas cogitações em ténua desse. Consequentemente, ele passa a encarar os subordinados de

maneira bem diferente. Preocupa-se raramente com a opinião que tenham a seu respeito; não perde o sono imaginando se agiu com um tom tolo na frente deles; não dá qualquer valor aos comentários inteligentes, espirituosos ou aos elogios que são emitidos nos jantares da companhia. Não nem mesmo se lembra de que é o centro da atenção de seus subordinados, e provavelmente fica aborrecido com eles se estes por sua vez se aborrecem com sua indiferença, ou se exigem dele muito do seu tempo. Assim, temos uma série de relações "patrão-empregado" na qual cada pessoa se preocupa em saber como é julgada pelo patrão, ao mesmo tempo em que julga seus subordinados. Observa-os constantemente, tentando avaliar como se estão comportando em seus trabalhos, e como poderiam fazê-los melhor; irrita-se quando não correspondem ao que esperava. A ideia que faz a respeito de um trabalho confunde-se constantemente com aquilo que supõe ser "o que o patrão pensará" e "o que ele espera", a tal ponto que fazer qualquer trabalho passa a consistir em fazer "aquilo que o patrão pensa que é bom". Essa preocupação com o que o patrão espera não se refere apenas ao trabalho em si, mas também aquilo que o patrão considera como a conduta adequada. Em consequência, cada camada dessa hierarquia julga seus subordinados, não ilnicamente em termos do trabalho já feito, mas em termos "do que meu chefe pensaria se os visse"⁴.

Sem dúvida, imagens semelhantes poderiam ser esbogadas nas filrgas armadas, no ambiente educacional e político. Cada *status* não somente acarreta suas próprias obrigações em termos de conduta efetiva (papel), mas tende a canalizar os papéis associados com as posições (*status*) adjacentes.

(4) B. B. Gmumnsn, *Human Relations in Industry*, R. D. Irwin, Chicago, 1946, pgs. 9-10.

Características do "status" social*

E. T. Man

UMA SOCIEDADE APRESENTA muitos aspectos uniformes que constituem expressão de sua cultura. Mas há também diferenças nas exigências e nas concessões conferidas aos seus membros, dependendo do *status* em que estes se classificam. Alguns desses *status* são opcionais, como o direito de recusar o ingresso em uma profissão, enquanto outros, como idade e sexo, são obrigatórios e inevitáveis. Os dois tipos consistem de valores e normas implícitas e explícitas que especificam direitos e deveres aplicáveis a todos que voluntariamente ingressam ou são designados para um determinado *status*. Cada *status* se apóia em normas que são elaboradas junto aos outros elementos da cultura, e o indivíduo aprende os seus requisitos através da educação e da coação social; ou conformando-se aos costumes (*mores*), usos ou mesmo leis.

Uma vez que os *status* são aspectos da estrutura da comunidade, cada aspecto implica e requer outro ao qual os deveres são devidos e do qual são obtidos os direitos. Espera-se uma conduta diferente do rei e do sítio, ministro e paroquiano, marido e muller, pai e filho, senhor e escravo, empregador e empregado, juiz e réu, soldado e cidadão, advogado e cliente, médico e paciente. A conduta de cada membro desses pares é ajustada a do outro. Isso de qualidades especiais a relação,

(*) "General Characteristics of Status", in *Social Relations and Structures*, Harper & Brothers, Nova York e Londres, 1947, pgs. 331-343. Trad. de Maria Zollner K de Acevedo Bibeiro.

pois cada agente responde ao outro de acordo com o seu Lugar. Assim, a conduta de um indivíduo implica a resposta de um indivíduo, e vice-versa. Os atos de um vendedor implicam a reciprocidade de um comprador. O ensino supõe a aprendizagem e assim por diante. Isso se resume dizendo-se que as relações de posição são emparelhadas e reciprocas, pois uma implica a existência da outra, sem a qual não teria sentido, uma vez que são aspectos importantes de sua estrutura.

Especificando direitos e deveres, as normas do *status* também implicam limitações nas reivindicações em troca de obrigações limitadas e prescritas. Se ou quando as reivindicações de uma pessoa são apoiadas pelas normas, elas são os seus direitos; se ou quando suas obrigações são prescritas pelas normas, constituem os seus deveres. Alan disse, alguns privilégios podem ser outorgados e usados se se preferir. Tais vantagens e desvantagens emparelhadas não são necessariamente iguais. Elas indicam antes o grau em que são baseadas essas relações institucionais.

Da mesma forma, as obrigações que cada um tem e as exigências que faz, com razoável perspectiva de êxito, dependem do tipo de estrutura social a que sua posição nela. Cada um, de acordo com sua posição, pode aprender o que se espera dele e o que pode esperar pedir em troca.

Com efeito, as normas dos *status* são também um artifício importante para manter o controle social, tais como o ajustamento de exigências conflitantes entre os membros, e o constrangimento e mesmo coação dos não-conformistas e opositores. Uma vez que as pessoas inevitavelmente vivem em condição de interdependência, privilégios e deveres devem ser estandardizados suficientemente para permitir reciprocidades previsíveis. Os *status* servem para esse propósito, de maneira certa ou não.

Quanto mais elaborada se torna uma cultura, mais neces-

estrutura de uma sociedade. Mas mesmo nas sociedades mais simples, vários *status* familiares são encontrados, como os de chefe e, conselheiro, curandeiro, e categorias de idade e sexo; desde que cada cultura estabelece regras regulando o casamento, há *status* de marido e mulher, e vários graus de parentesco.

Como os indivíduos passam através de um ciclo de vida, regras distintas que regulam direitos e deveres desenvolvem-se para os jovens, adultos e velhos. Quando a sociedade se torna mais complexa, outros *status* são acrescentados, tais como os diversos postos políticos eletivos, e as ocupações — banqueiro, empregador, empregado, artifice, comerciante, e muitos outros. Assim, pode-se distinguir a sociedade com base na variedade de *status* contidos em sua estrutura, pois estes sem dúvida mostram tipos diferentes de relações sociais predominantes.

Ao lado dos *status*, há outras posições que não são institucionais, mas que são resultado dos próprios ajustamentos de uma pessoa com associados. Elas não são prescritas, mas inventadas e forçadas por uma pessoa em sua busca de prestígio, poder ou lucros. Da mesma forma, são tentativas, porque não são uma parte da estrutura tradicional. A guisa de definição, dizemos que tal tentativa, posição social não institucionalizada, se verifica quando o proveito, honra, poder ou relações de respeito go estabelecidos por um indivíduo ou grupo com o consentimento ou submissão de outros indivíduos ou grupos, pois toda posição social é sempre uma atividade reciproca, seja voluntária ou coercitiva.

Mesmo que tal posição seja temporária ou precária, ela pode, com o tempo, tornar-se estabelecida nas ideias aceitas de direitos e deveres e assim transformar-se em um *status*. Mas essa mudança pode não ocorrer, e então a posição acaba com o indivíduo, em contraste com os *status* que continuam através de gerações sucessivas.

uma característica da chamada sociedade "individualística" é "livre" a existência de um intervalo relativamente amplo para tais ajustamentos pessoais. Em tais circunstâncias, também uma larga variedade de direitos e deveres permitidos pelos *status*, e a rivalidade e competição são correspondentemente intensas. Isso é verdadeiro especialmente nas funções tais como ocupações no mundo comercial e industrial. Ascensão e queda, êxito e fracasso são, frequentes, e os desvios das normas são mais prováveis que numa sociedade menos dinâmica.

Os comentários seguintes indicam que o conceito de *status* se refere a conduta institucionalizada entre posições pre-arran-

gadas. Assim, não devemos, como algumas vezes se faz, usar essa palavra para indicar a ideia de reputação favorável ou desfavorável. Para tal, usamos termos mais específicos, tais como classe, posição, honra e prestígio. Certamente, estes estão incluídos no conceito geral do *status*, que, além disso, compreende reciprocidades utilitárias e mesmo relações de poderes.

CONTEÚDO DO STATUS

O conteúdo das relações prescritas de posição a formado de elementos semelhantes a simpatia pessoal e identificação, ascendência pessoal e subordinação, domínio e submissão, e troca de vantagens. Vários, ou mesmo todos esses elementos estão presentes nos *status* emparelhados, pois embora as relações sejam recíprocas, a resposta esperada de cada sujeito pode ser de conteúdo igual ou desigual. Conteúdo igual a exemplificado por uma troca de mercadorias através de permuta, ou empréstimo de instrumento ou outro artigo, afecção recíproca, assistência e honrarias. Mas, em muitas reciprocidades emparelhadas, o conteúdo é necessariamente feito de elementos desiguais. Realmente, isso se deduz da própria qualidade do *status*. Consequentemente, uma espécie de obrigação pode ser balanceada por meio de algum outro benefício recebido, tais como assistência por afecção, honra ou prestígio por lucros etc.

Esses elementos das relações sociais combinam-se de várias maneiras características nos vários *status*. Nos *status* ligados família, afecção é paga com afecção, e ainda com outros elementos, inclusive ascendência e subordinação e reciprocidades utilitárias. Relações afetivas fora da família apresentam diferentes características. Em outros *status* as relações são principalmente ascendência e subordinação e não implicam afecção. Isso é ilustrado pelo prestígio de uma ordem política. Embora o *status* de um mandatário político repouse na organização do estado, as relações entre político e eleitorado são baseadas no prestígio e no tipo de identificação que já descrevemos como justiça. Outros *status* dominantes, tais como posições políticas, autocráticas e industriais, implicam, não identificação, mas poder e reciprocidades utilitárias.

Relações utilitárias estão presentes na sua forma mais simples em transações ocupacionais impessoais, tais como as do mercado. Entretanto, mesmo aí, vários outros elementos podem ser envolvidos, pois, desde que estas funções são partes integrantes da estrutura social, devem, no geral, adaptar-se às necessidades impostas pela interdependência, em consequência do que a honra ocupacional se eleva e a conduta é motivada por um desejo de prestígio, assim como por considerações utilitárias.

Sempre que as pessoas vivem em longa interdependência contínua, esses lugares complementares se desenvolvem. As normas prescrevem o conteúdo e a quantidade de reciprocidades, mesmo que elas não sejam iguais. Os direitos de um partido implicam um dever correspondente do outro. Cada um deve prestar benefícios prescritos ou tolerados, ou então o andamento do sistema social é interrompido. A essência de uma estrutura social baseada no *status* é o fato de que cada um, agindo para si mesmo, também age para outros e vice-versa. Cada um existe para outros, no sentido de que as funções, e talvez as atitudes dos participantes são, recíprocas. Tais inter-relações constituem a organização de uma sociedade, a qual varia com o grau e direção da evolução cultural, e especialmente com os valores e mandatos de funções.

COMO SE DESIGNAM OS STATUS

Os *status* podem ser atribuídos, assumidos ou adquiridos. O primeiro é a atribuição, o segundo é a tomada e o terceiro é a aquisição de um *status*.

As pessoas têm um *status* atribuído quando são classificadas a base de alguma característica que as identifica, tais como idade, sexo, raça, ocupação hereditária, ou outros critérios óbvios pelos quais distinções tradicionais são feitas. Logo que qualquer dessas classificações é atribuída a uma pessoa, vários valores intrínsecos, expectativas e regras, como conduta, direitos, deveres, são também atribuídos, mesmo em sua escolha. As reciprocidades que lhe pedem são predeterminadas. Da mesma forma, a pessoa deve aprender a exercer as funções de posição, exigir

seus direitos e privilégios. Saber qual é o seu Lugar, ou qual deve ser, é o primeiro passo de preparação para a vida.

Por força de tal atribuição de *status*, as pessoas recebem seu curso predeterminado, e são impelidas para ele, mas também tem que carregar a etiqueta, a marca de sua classificação, por exemplo, características raciais, vestes distintas de homem e mulher, jovem e velho, uniforme de serviço e tipos diferentes de roupa e habitação. Os critérios para classificação social geralmente incluem traços físicos (idade, sexo, raça), circunstâncias, e acidentes de nascimento (filiação, ordem de nascimento numa família). Em toda parte diferenças físicas determinam valores especiais, normas de conduta, direitos e deveres. O sexo é considerado em todo o mundo a base das diferenças em deveres e obrigações sociais, e, por esse motivo, os jovens podem ser treinados para suas funções de adulto. Em algumas sociedades e em algumas épocas da civilização ocidental, mesmo a ordem de nascimento era considerada a base para a atribuição de *status* especiais: a primogenitura significava a herança de bens, o poder sobre os irmãos e a liderança da família pelo filho mais velho; e a ultimogenitura significava a herança dos bens, o poder sobre os irmãos e a liderança da família pelo filho mais novo. Ainda, em outras culturas, a obrigação mais seria de um homem com para com os filhos de sua irmã, mais do que para com seus próprios. Mesmo tanto o parentesco de sangue, mas as normas que determinam as reciprocidades dadas. Assim, também diferenças de classe e casta são frequentemente baseadas em critérios de filiação e diferenças físicas. Servem para ilustrar as reciprocidades mais usuais não-opcionais ligadas aos *status* atribuídos.

Outros *status* são opcionais e dependem de escolha. Uma vez que uma pessoa escolhe um dado *status*, pode-se dizer que ela o assumiu, ao invés de este lhe ter sido atribuído. De acordo com as regras atuais, a pessoa deve ser aceita por alguém para se tornar um marido; mas tem a opção de assumir esse *status*. Por esse motivo, como os costumes e as leis não exigem que um homem se case, o *status* de marido, embora estabelecido e definido em normas, torna-se identificado com ele somente se o assume voluntariamente. Da mesma forma, vários outros *status*

são opcionais, mas uma vez escolhidos, deve-se agir dentro dos limites nas normas das relações sociais estabelecidas e preparar-se antecipadamente, aprendendo e incorporando as normas pertinentes de reciprocidades. Em nossa sociedade um alto grau de opção se aplica para a escolha de uma ocupação. Embora uma pessoa precise aprender para se tornar médico, mecânico etc., tem a opção de experimentar tal atividade, cujos requisitos estabelecidos por regras de concorrência e normas de relações sociais. Resolvendo-se a seguir uma certa vocação, uma pessoa torna-se sujeita a certas obrigações e adquire direitos prescritos. O fato de que cada vocação determine obrigações e direitos especiais indica a complexidade da organização social.

A aquisição de um *status* implica a obtenção da necessária habilidade e conhecimento, como nas outras duas formas de aquisição de *status*. Mas além disso, implica a vitória sobre os rivais e a recepção do reconhecimento público de tal êxito. Na atribuição de posição, uma pessoa é classificada antes de ser preparada para desempenhar seu papel; na obtenção de uma posição, ela voluntariamente o assume; num *status* adquirido, deve mostrar sua superioridade sobre outros competidores e receber reconhecimento disso. As normas também dirigem essa competição, assim como as funções a serem realizadas e os benefícios a serem recebidos.

UMA PESSOA PARTICIPA DE VÁRIAS RECIPROCIDADES

Normalmente os direitos e deveres de uma pessoa não estão inteiramente contidos num só *status*. Depois da primeira infância, cada um se vê interessado em várias reciprocidades. Ocupa *status* como idade, sexo, criação, pai, cidadão, trabalhador e assim por diante. Algumas dessas posições são tomadas sucessivamente, como o *status* idade, enquanto outras são tomadas ao mesmo tempo, como os vários *status* que um adulto pode ocupar. Uma pessoa pode ser considerada ao mesmo tempo em suas relações de filho, pai, marido, empregado, maquinista, seguidor de uma crença, sadito de uma nação, membro de uma classe etc. Cada uma dessas relações pode exigir que se lide com uma pessoa ou ciclo de pessoas diferentes. Entretanto, pode-se desem-

penhar diversas reciprocidades com a mesma pessoa ou ciclo de pessoas, como quando um maquinista ixabalha para o pai e aluga uma casa dele; ou quando um cantor de corn é empregado por seu ministro, ou uma criança é ensinada na escola por seu pai, e assim por diante, com várias relações duplas. Numa família uma pessoa tem uma ou várias relações, tais como as de pai, marido; esposa, mãe; filha, irmã. Na medida em que a sociedade aumenta em complexidade, cada espécie de reciprocidade aumenta num círculo social diferente. No mundo de ocupações econômicas, a mesma pessoa ocupa o lugar de empregador, comprador, vendedor, ou de um mecânico, empregado, porta-voz dos colegas trabalhadores. Uma pessoa lida com um círculo de parentes em deveres de nutrio sustento, aluga uma casa de uma pessoa que não a seu parente, a empregado de um terceiro, pertence a uma associação trabalhista, compra alimentos, roupas etc., em círculos diferentes, entra em outras relações utilitárias e honoríficas com o ministro, médico, político eleito etc. Da mesma forma, no campo político, a mesma pessoa ocupa a posição de eleitor, eleito e contribuinte. Em todas as outras circunstâncias realiza funções e é sujeito a reciprocidades que constituem a estrutura de um sistema institucional.

Uma pessoa participa de tantas reciprocidades quantos são os deveres habituais e esperados que realiza. Por essa razão, a noção de que cada pessoa deve ser considerada como tendo somente uma função específica é insustentável. De fato, mesmo nas sociedades mais simples ou pre-letradas, os membros mantêm várias relações de posição uns com os outros, especialmente relações de pais e filhos, diferenças de idade, classificação de sexo e outras diferenças de ocupação. A exclusividade de um *status* pode ser encontrada em uma colmeia, onde a estrutura fisiológica determina a função, mas não é típica de nenhuma sociedade humana conhecida, pois, aí, os agentes devem participar de várias reciprocidades.

Os requisitos dos *status* de uma pessoa podem ser mais ou menos incompatíveis, quando as ideias adequadas a uma relação não se adaptam a um outro grupo de reciprocidades. Assim, em seu lugar de trabalho, um homem aplica ideologias utilitárias competitivas. Mas, no círculo familiar, ideias altruísticas, afetivas

são esperadas. Como resultado, o conteúdo dos dois *status* sociais não é harmônico. Essa é a razão de se dizer que: "É um negócio confuso chegar em casa. Você não deve ser, quando ele chega, o que você era quando saiu para ele chegar... Mas geralmente o pai tem muito menos embaraço em ser o que deveria ser quando está em casa do que quando não está". Os dois grupos de relações são incompatíveis por causa dos métodos aplicados às relações econômicas, não por causa da inerente inconsistência das relações de utilidade, simpatia e afecção. Semelhante desarmonia pode existir entre, digamos, métodos de negócios, e a ética profissional de um cientista empregado por uma firma; entre a conduta como membro de uma quadrilha e como membro de uma família. Apesar de tais contradições, as normas das várias relações sociais podem ser tornadas compatíveis. As vezes, os papéis se reafirmam uns aos outros, como no caso em que alguém e o pai ganhando o sustento de sua família, favorecendo ao mesmo tempo a melhor realização dos deveres envolvidos nas suas relações utilitárias.

Em cada círculo uma pessoa é julgada especialmente de acordo com a parte que desempenha nesse círculo. Assim, uma pessoa em seu *status* de filho, médico, pai, marido, membro do conselho de uma escola etc., é julgada por diferentes normas de direitos e deveres. Entretanto, normalmente se espera que ela se ajuste em cada relação de acordo com os requisitos de todas as suas outras relações aprovadas pelas normas. Em tais exemplos, a incompatibilidade de conduta nos diferentes *status* será reduzida ao mínimo. De fato, é uma parte do código social que ninguém se oponha violentamente a nenhum *status*. Por essa razão, acontece freqüentemente que o fracasso em viver de acordo com as normas de um *status* desqualifica a pessoa para alguns outros *status*.

O STATUS PRINCIPAL E A FORMAÇÃO NA VIDA

Entre as várias relações emparelhadas de uma pessoa, há usualmente uma que é a mais importante, isto é, uma pela qual ela é classificada, e por cuja referência sua conduta é julgada mais freqüentemente. Este é o *status* principal ou status-chave.

As relações principais de uma mulher são as que pertencem à família (esposa, mãe), e ao lar (dona de casa). Em contraste, um homem é classificado mais especialmente por sua participação na estrutura da comunidade, isto é, sua ocupação. Suas relações com os membros de sua família o compelem a ocupar-se com várias relações da comunidade, principalmente com uma ocupação, pela qual é classificado. Em troca, a ocupação determina vários outros aspectos importantes de suas relações sociais e valores extrínsecos. Sua ocupação tem efeitos diretos em itens tais como o montante de sua renda, posses, lugar de residência, associados, lazeres, total de gastos e, em geral, a espécie de privilégios e desvantagens que perfazem suas experiências diárias. A importância de seu *status* profissional é demonstrada pelo fato de que mesmo profissões não remuneradas, como a de ministro, fornecem a base de classificação pelo seu lugar na comunidade. Assim, parece que a ocupação é a base principal de classificação dos homens no que concerne às suas reciprocidades na vida comunal. Tipicamente, eles não são classificados como sendo o marido de tal pessoa, ou o pai de fulano. Ao contrário, são caracterizados por suas relações econômicas. Embora muitas mulheres também sigam uma ocupação comunal, esta é olhada como uma função secundária, e menos desejável do que criar uma família e cuidar da casa. Em resumo, diferenças existem nas relações sociais pelas quais as pessoas são classificadas e pelas quais seus sucessos e fracassos são julgados. A religião, a qual se atribui maior importância publicamente é o *status* principal.

Um tal *status* principal pode ou não estar de acordo com as inclinações pessoais. Uma vez que um adulto entra em várias reciprocidades, enfrenta o problema ou de desarmonia entre as várias obrigações ou de trazê-las em concordância uma com as outras. Isso é ajudado pelo fato de que as normas especificam obrigatoriedade aproximada de seus deveres. Deveres para com a nação têm precedência sobre os da família, os deveres de família têm precedência sobre as obrigações para com uma fraternidade ou clube, firma comercial etc. Para as mulheres, a obrigação de tratar da casa está colocada acima de uma profissão remunerada, como se demonstra pelas regras contra o emprego de mulheres casadas como professoras. Embora consi-

derações econômicas possam estar envolvidas nesse regulamento contra o emprego de mulheres casadas, o fato é que um emprego remunerado não é, como uma atividade exclusiva ou permanente, própria para as mulheres. As normas especificam as exigências comparativas feitas por diferentes relações, mas isso não remove os conflitos interiores resultantes de contradições entre as obrigações dos *status*. Uma pessoa pode ter preferências que se opõem às expectativas sociais, como quando uma jovem prefere uma profissão remunerada ao casamento, ou quando, preferindo o casamento, deve entretanto, conformar-se com o código de não ser agressiva e passivamente esperar ser requisitada. O conflito entre normas ou entre uma norma e as inclinações pessoais dá ensejo a problemas pessoais e questões de relação entre *status*.

A relação dominante de uma pessoa influencia o modo como são consideradas outras relações, e ainda determina uma variedade de circunstâncias que lhe fazem face. Esse grupo completo de condutas dependentes do *status* principal é considerado como a posição de uma pessoa na vida. Exposto mais claramente, dizemos que a posição de uma pessoa na vida é um composto de vantagens e desvantagens, compreendendo bens, prestígio, poder e mesmo simpatia e afeição derivadas da norma de posição-chave ou *status* e suas funções. Dito mais resumidamente, a posição de uma pessoa na vida é a sua perspectiva social.

O *status* principal determina a perspectiva social pelas seguintes razões:

Primeiro, fornece a base na qual o valor extrínseco da pessoa é considerado, não somente no círculo social no qual uma reciprocidade é esperada, mas também na comunidade em geral. Realmente, esse valor segue a pessoa através do círculo social, no qual desempenha sua função-chave. A mãe desempenha sua função-chave no lar, no processo de gerar e criar filhos e no cuidado da casa. Suas maiores reciprocidades ocorrem no círculo do lar, mas seu valor é derivado da cultura. O maquinista desempenha suas funções na casa de máquinas e sua reciprocidade e valor funcional estão centralizados ali, mas sua classificação como um maquinista se estende através da comunidade. O médico exerce sua função no círculo de clientes e assistentes, mas o valor dessa função segue-o através de todas as suas rela-

gees. Em geral, o valor da hangar) principal se prende permanentemente ao agente em todos os circulos nos quaffs ale se move ou 6 conhecido e discutido.

Em segundo lugar, o *status* principal influencia a participar, do agente em outras reciprocidades. Por exemplo, o ganho de urn maquinista afeta o modo pelo qual ale suporta as exigencias economicas de sua familia. Sua possibilidade de fazer uma contribuigao financeira e o prestigio de sua profissao influem em suas relacees no clube, igreja, associagOes e outros circulos sociais. O comerciante, o medico e o advogado, corn seus ganhos e prestigios maiores, podem participar mais plenamente de major namero de circulos sociais do que pessoas que tem profissoes menos consideradas.

Em terceiro lugar, a troca utilitaria determina as varias vantagens que o agente pode obter — a quantidade e a especie de alimento, roupas, casa, divertimentos; determina tambem se ale pode evitar trabalhos exaustivos a arriscados, e ter oportunidades razoaveis de manter ou melhorar sua renda presente, assegurar a educagao, precaver-se contra fatos incontrolaveis, e ernpenhar sua parte proportional de influencia politica, estabelecer uma familia, ou, em geral, fazer tudo o que for considerado e recomendado no meio social.

Desses comentarios se depreende que a posigao de alguern na vida 6 urn composto de muitos aspectos; que todos asses aspectos provem do *status* principal, e, em troca, deo urn significado a ale. Dessa rnaneira, a relagao principal serve como urn centro, ao redor do qual estao agrupados direitos caracteristicos, vantagens, priviMgios, perspectivas e os deveres correspondentes, desvantagens e responsabilidades. No sentido de que cada pessoa preenche varios lugares sociais, sua posigao na vida a urn composto de todos estes, mas a relagao principal penetra e afeta Midas as outras relaglies por causa dos pontos de vista aceitos acerca do que 6 conveniente e permissivel para as pessoas nos varios lugares.

Alguns exemplos ajudarao a tomar clams essas ideias. Um rei 6 popularmente considerado em seu papel de governador, mais do que em seu papel de filho, ou marido ou pai, ou soldado, ou eleitor, ou cidadao etc. Mas esse *status* real lhe da privilegios

especiais, poder, ascendencia, e uma perspectiva favoravel para as outras refugees. A posigao do campones esta ligada a uma ma remuneracao pelo trabalho, negligencia pela educagao e saade. subordinagao e submissao, trabalho penoso, falta de lazeres, ausencia de uma voz direta na conformagao da politica e do seu trabalho. E tambem refletida em suas relagOes corn os membros da familia. No circulo familiar do campones, o marido precisa contar com a cooperagao da mulher no trabalho penoso, e nao the pode proporcionar coisas finas, luxo ou prestigiao. Copse- qientemente, marido e mulher estao em termos mais semelhantes no que se refere a lazeres e trabalho do que urn rico financista e sua espesa. Diferengas comparaveis existem entre o campones e seus filhos e o financista e seus filhos. O campones, como um arrendathria, nao tem controle sobre a terra ou setae todos os frutos de seu trabalho. Seu *status* nao lhe da prestigio e coloca-o em uma posigao de submissao ao proprietario. Sua fungao comunal determina a especie de mercadoria que ale pode adquirir para suas necessidades diarias, os beneficios que pode proporcionar aos membros da familia, a influencia que pode exercer na politica local e assim por diante em cada condigao da vida. Tudo isso 6 direta ou indiretamente influenciado por sua fungao principal, e o resultante *status* politico e social. Tais são as consequencias do fato de que bens, prestigio e poder sac) atribuidos por avaliagao corrente a pessoas conforme as diversas posigOes sociais.

Semelhante analise pode ser feita de outros *status* profissionais. Se a riqueza 6 altamente considerada numa dada comunidade, o posigao de alguem sera determinada em termos de posses, como rico ou pobre; se a sociedade 6 de classes, a pessoa sera categorizada em termos de classe, como lorde ou servo, empregador ou empregado etc. Embora os sistemas de classes nao façam parte legalmente de nossa organizagao social, desigualdades legais estao, entretanto, presentes em consequencia do prestigio e poder dispensados a riqueza, e a menor representagao politica dos pobres e dos assalariados.

A nocilo de valor cultural*

FLORIAN ZNANLECRI

O COEFICIENTE numavisuco relaciona-se tanto com a composted^o quanto com a estrutura dos sistemas culturais. Cada elemento que entra na composiedo de um sistema cultural tem a significado que lhe atribuem aqueles que o estao usando efetivamente, e o estudioso nao pode captar este significado a menos que consiga aperceber-se da forma assumida pelo elemento na experiencia dos que dele se servem. As palavras usadas na composicao de um poema frances tem o significado que lhes atribuem o proprio poeta, seus ouvintes, seus leitores e imitadores. Os mitos, as formulas verbais, os instrumentos sagrados e os gestos rituais que compoem uma cerimonia publica maometana existem como realidades religiosas pelo significado que adquirem para os fieis que participam desta cerimonia. As moedas, notas, certificados, letras de cambio, cheques etc., que constituem o credit^o e o debit^o de um banco, enquanto sistema economico, possuem o significado que lhes e atribuido pelos acionistas, trabalhadores e clientes do banco.

O cientista que pretende estudar poemas e cerimoniaes, bancos etc., nã^o pode analisar qualquer um de seus elementos da mesma maneira pela qual analisa uma pedra ou uma ervore, isto é, como simples objetos que se supiie existirem independentemente de qualquer ser humano, e que todos os seres podem ver desde que possuam ergaos sensitivos semelhantes. Caso procurasse agir desta forma, a realidade dos elementos lhe escaparia

completamente e ele falharia ao tentar compreender o papel real exercido por cada elemento no respectivo sistema. Este papel nao é determinado meramente pelas características destes elementos enquanto objetos naturais, mas principalmente pelas características que adquiriram através da experiencia das pessoas durante sua existencia como objetos culturais.

Nenhuma análise natural pode captar estas características. O estudioso das culturas pode perceber-las de duas maneiras: seja interpretando o que as pessoas cujo sistema cultural ele está estudando comunicam, direta ou indiretamente, sobre suas experiencias através destes objetos culturais; seja observando seu comportamento manifesto com relação aos mesmos. Estes dois métodos se completam, e ambos devem ser usados para que se possa obter um conhecimento fidedigno. Portanto (com relação aos exemplos dados), a qualidade musical e particularmente a significação das palavras de um poema, a realidade imaterial de um mito religioso aceito pelos fieis, a realidade física das formulas e gestos, o caráter sagrado dos instrumentos de uma cerimonia religiosa, a fereia economica contida em pequenas porções de ouro ou no papel impresso, são caracteres tão essenciais destes objetos, quanto as suas propriedades físicas ou químicas; capazes de influenciar tanto quanto estas últimas não se os desejos e pensamentos das pessoas, como o seu comportamento manifesto. Frequentemente, sua influencia é maior do que a dos caracteres materiais. A destruição parcial de um templo não impede que as cerimoniaes religiosas continuem a se realizar nele, mas, se o recinto é maculado por algum ato iníquo, ainda que as suas qualidades materiais não sejam alteradas, a adoração publica se torna impossível. Para um banco a montante da área economica inerente a uma "soma" puramente ideal de dinheiro é na realidade muito mais importante do que a diferença física entre moedas de ouro e letras de cambio.

Assim, é bom exprimir esta distinção essencial entre objetos naturais, elementos de sistemas naturais, e objetos culturais, elementos de sistemas culturais, por uma diferença terminológica. Chamamos os objetos naturais de *coisas*, e os objetos culturais de *valores*, em virtude da sua determinação essencialmente prática com relação a atividade humana.

(^a) "Values as Cultural Objects", in *The Methods of Sociology*, Reinhard & Farrar, Nova York, 1934, págs. 39-43. Trad. Gabriel Bolaffi.

Um valor se distingue de uma coisa porque possui um *content* e um *significado*, enquanto a coisa possui apenas *content*. Pelo *content*, o valor se distingue como objeto empirico de outros objetos; pelo significado, o valor sugere outros objetos com os quais foi associado no passado. Por exemplo, uma palavra de qualquer lingua possui um *content* sensível com posto de elementos auditivos, musculares e (nas linguas que conhecem a escrita) visuais; mas possui também um significado, isto é, sugere aqueles objetos que foi feita para designar. Um vaso "sagrado", enquanto instrumento de culto, possui para determinada religião, além do seu *content* (visual, tátil etc.), um significado decorrente do fato de ele ter sido relacionado com certas palavras, mitos, gestos rituais, corpos humanos venerados etc., os quais sugere quando visto ou imaginado pelos fiéis. Uma moeda, por conter uma porção de metal, possui um significado bem conhecido chamado de "poder aquisitivo". Por outro lado, uma pedra ou uma gota de água, enquanto *coisas*, não possuem significado, ou pelo menos são tratadas pelo físico que as estuda como se não possuíssem e não sugerissem nada além de si mesmas. Esta distinção nada tem a ver com a oposição entre dados "subjetivos" e "objetivos". Só do ponto de vista de uma metafísica materialista ingenua (infelizmente tão popular agora em certos círculos das ciências sociais e da psicologia) é que a objetividade aparece ligada à experiência sensível. Um valor é tão objetivo quanto uma coisa, pois a experiência de uma significação, assim como a de um *content*, pode ser repetida indefinidamente por qualquer número de pessoas e portanto "testada". Entretanto, a compreensão de um significado exige um certo preparo ou "aprendizado". O indivíduo deve ser posto em condições definidas e ensinado no uso de um dado valor. Mas isto também acontece com relação aos conteúdos: a reprodução de uma percepção sensorial somente é possível sob condições definidas do organismo do indivíduo e do ambiente, exigindo um treino prévio. Em outros termos, poderíamos afirmar que as coisas são tão subjetivas quanto os valores, pois o teste empírico decisivo da realidade de ambos é a experiência efetiva do indivíduo, que, por sua vez, como é demonstrado pelas flashes e alucinações, não é uma garantia de objetividade e em ambos os casos deve

ser controlada pela reflexão. Ademais, psicogeneticamente, os valores parecem ser anteriores e mais fundamentais do que as coisas: começamos nossa vida adaptando-nos a um mundo cheio de significados, e somente muito mais tarde, sob a influência de certas considerações preliminares e teóricas, alguns de nós aprendem a tratar certos objetos e em certos momentos como se eles fossem destituídos de significado.

Quando um valor é considerado com relação a um sistema particular, ele pode parecer "desejável" ou "indesejável", "útil" ou "prejudicial" etc., segundo os outros valores envolvidos no mesmo sistema e do ponto de vista da sua realização. A esta característica do valor nós chamamos de *significatio axiologica* positiva ou negativa. Assim, para o poeta que usa uma certa palavra num soneto, ela possui um significado axiológico positivo ou negativo, de acordo com a sua função estética. Um instrumento empregado numa cerimônia religiosa cristã a princípio logicamente positivo em relação à religião cristã, mas axiologicamente negativo do ponto de vista do marxismo. Uma quantidade de "dinheiro" tem um significado positivo para um nascido, se figurar no seu crédito; um significado negativo se for parte do seu débito.

Normas sociais: Características gerais*

FERDINAND TON/so:Es

CHAMA-SE NoamA a urna regra geral de acao ou a uma regra qualquer de conduta. A norma estabelece — sem especificacao concreta ou em relacao a casos previamente determinados — o que deve ou o que nao deve acontecer, segundo esteja esse acontecer condicionado pela vontade de seres racionais, concretamente, de homens; para os quais a norma deve ser valida. De urn modo geral, a essencia da norma pode ser compreendida como uma negacao on' uma proibicao, ou seja, como uma limitacao da liberdade humana, pois o mandato positivo anula tambem a liberdade existente de agir segundo a pi-6,36a vontade, ou de maneira diferente da determinada e, sobretudo, da liberdade de agir contra o mandato. *Omnis determinado est negatiO.* A prothicao fecha urn determinado caminho, permitindo, porem, todos os outros, ou seja, deixando-os abertos. O mandato fecha todos os caminhos exceto o indicado e prescrito, o qual, como caminho autorizado, e o imico permitido, ao mesmo tempo em que 6 proibido nao percorre-lo. Por isso, a relagao entre a proibicao e o mandato nao 6 apenas uma relacao de oposicao, uma vez que o mandato 6 conjuntamente uma proibicao ampliada e aumentada.

Entretanto, apenas urn mandato ou proibicao nao constitui uma norma, ainda que se dirija a muitas pessoas. Se se ordena silencio na mesa de banquete, ou descanso na frente de batalha,

isso apenas significa que, por urn tempo determinado, se deve estar calado ou quieto, mas nao significa que isso deva continuar por muito tempo, nem mesmo em casos determinados. Porem, quando se diz por exemplo: "Fica definitivamente proibido colocar panelas na mesa", ou: "Quando um soldado estiver na presenca de um superior, deve permanecer atento e silencioso", estamo-nos referindo a normas. Sua caracteristica essencial 6, portanto, a generalidade.

Entretanto, por que algumas normas siio chamadas "normas sociais" ? Em que se diferenciam das normas individuais, das associas ou outras ? A diferenoa reside nao no fato de alas serem estabelecidas pela vontade conjunta de diferentes pessoas socialmente unidas entre si (pois tais normas poderiam ser tanto sociais como associas) mas no fato de as pessoas para as quais a norma deve ser valida serem as mesmas que as estabelecem e as desejam, baseando-se, portanto, na autolegislaao, na autonomia, direta ou indiretamente: diretamente, quando diferentes pessoas, de antenao, estao ou se puseram de acerto para aceitar as referidas normas ou regras; indiretamente, quando reconhecem as normas estabelecidas externamente, isto 6, quando as afirmam, as aplicam e lhes clao consentimento.

Mandar e proibir constituem atividades surgidas do querer que aparece nas mais diversas manifestacOes da vida social, seja exteriorizando-se como mandato isolado ou como norma, seja como norma social ou associal. Em primeiro lugar, devemos considers-la como exercida por um homem em relacao a outro.

urn fenOmeno Uma pessoa pode tentar limitar desta forma a liberdade de outra e limitara, de fato, se lograr exit) em sua tentativa. O que e mandado ou proibido com exitº ou o que 6 obedecido, nao nos interessa no momento. A tentativa de limitar assim a liberdade de outro homem constitui uma das mirtiplas formas com que se tenta agir sObre a vontade de outra pessoa, determinando-a ou impedindo-a, isto 6, agindo de modo positivo ou negativo. Outras formas sao o pedido, o conselho, a exortagao, a advertencia, a requisieao, a citacao, o convite, a instrucdo, a doutrinaao, a persuasao, a recomendacao, a incitacao, a anima*, a seducão, o subOrno, simples tentativas de estimulo, de dar oportunidade a alguem por meio de palavras

(^a) Ferdinand Ttimirms, *Principle de sociologfa*, Ed. Fondo de Cultrara Econetica, 1942, Mexico, page. 213-218. Trad. de Lefincio Martins Rodrigues Netto.

faladas ou escritas ou manifestadas de outro modo qualquer de fazer ou omitir. As palavras podem reforçar sua influencia através de acções e, em determinadas circunstancias, podem mesmo ser substituídas por gestos e contactos, como, por exemplo: o rago com as mãos estendidas; o tacho nos joelhos da pessoa a quem se raga, prostrando-se de joelhos ou arrojando-se ao solo; o conselho com o rosto alegre, pensativo ou triste; a exortação com empunhas, puxões de orelha e tapas; a recomendação ou a inclinação com efeitos. Wore os sentidos: figuras, imagens, sons. Estas formas podem ser reforçadas mediante palavras de diversos contornos: por meio de elogios e censuras, de carícias e repreensões e, sobretudo, por intermédio de promessas e ameaças. No caso de o rep, o conselho, o mandato, a proibição ou outras formas de influencia alcançarem exito, as promessas poem a vista actividades específicas que, espera-se, devem ser desejadas pelos outros. No caso de não se ser obedecido, as ameaças revelam as actividades que não são supostas desejáveis.

A simples expectativa pode produzir tanto efeito como as palavras expressamente prometedoras ou ameaçadoras, sem chegar a despertar esperanças ou temores tão vivos: algumas vezes, pelas boas ou más consequências ulteriores dos modos de agir que tenham sido pedidos, aconselhados, ordenados, mandados ou proibidos; outras vezes, pela esperança ou pelo receio que sentimos ante as acções de quem pede, aconselha, ordena etc. Tais sentimentos podem influir em conjunto ou isoladamente na obediência: o terror ainda mais do que a esperança, quando se considera que a limitação da liberdade é mal recebida e que a obediência se efetua, portanto, de má vontade. A esperança supe uma determinação mais livre, uma obediência satisfeita, o cumprimento agradecido do conselho, da sugestão, da exortação; o terror supõe, pelo contrario, um fazer ou um omitir menos voluntario, um querer que se efetua sob presser.

Assim, em que se diferenciarn essencialmente o mandar e o proibir das outras classes de tentativas de modificação da vontade de outra ou outras pessoas? No fato de constituírem uma tentativa de necessidade, ou seja, que se produz com a esperança e com o propósito de obter, por meio da ou das palavras, uma acção ou uma omissão como consequência certa e segura das

mesmas, estando essa esperança unida com a confiança que desperta em uma ou nêl-las pessoas e sentimento de possuir-querer ou do não-poder-ser-de-outro modo. Esse sentimento se expressa na frase: "Eu tenho que" e, mais precisamente ainda, na frase: "Eu devo", as quais, juntamente com o sentimento da necessidade, indicam que a referida necessidade está dada (ocasionada) por outra vontade, ainda que também seja possível apelar indirectamente para a própria vontade como se se tratasse dessa outra vontade.

Se tech negacen a considerada hostil, então o mandar e o proibir são também algo hostil. Teclas as demais classes de tentativas para induzir uma pessoa a fazer alguma coisa contra vontade, se são amistosas quando não afetam a liberdade desse outro de atuar segundo seu impulso, ou de qualquer outro modo, quando só manifestam desejos (egoístas ou não) que o outro pode satisfazer ou deixar de satisfazer segundo seu capricho. Quem tenta subornar ou seduzir só pretende tomar mais efetivos seus desejos, valendo-se de suas habilidades e dos meios aplicáveis ao caso em questão. Por sua vez, quem proíbe expressa um desejo; porém, une a este o propósito de excluir a liberdade de agir de modo contrário a esse desejo. Seja qual for o motivo ou a causa pela qual se pode obedecer realmente um mandato ou uma proibição, isso não implica que quem obedece concede ao que ordena uma faculdade ou um "direito", ou, em outras palavras, a permissão (geral em determinados casos) de dar-lhe ordens: isso não supele que quem obedece se atribua um dever, um ser-necessário estabelecido por ele próprio, nem muito menos que sinta o dever de obedecer.

Que significa dizer que eu concedo a alguém um direito e atribuo a mim mesmo um dever? Conceder um direito é mais do que dar uma simples permissão ou deixar algo ao arbitrio de outro. Significa que a não que eu permito é junta, correta. Como correta assinalamos também o resultado de uma operação aritmetica quando seu resultado é correto. $2 + 2 = 4$, significa: "4 é outro número igualmente valido para a mesma pluralidade que se caracteriza, por outro lado, como a soma ou adição de duas e duas unidades". O fundamento disso reside na vontade comum e racional dos que possuem e usam o sistema comum

de signos da linguagem, graças ao qual se entendem mutuamente. E compreendem-se tanto no que se refere ao sentido dos signos da igualdade como no que se relaciona ao sentido dos números, pois aprenderam a contar e puderam fazer-lhes a faculdade humana geral de formar representações abstratas e de reunir e separar o representado. A exatidão da operação aritmética baseia-se sempre, afinal, nos axiomas lógicos de identidade e de contradição; o correto não pode ser posto em dúvida racionalmente, nem, conseqüentemente, pode ser negado pelos homens que tenham a faculdade de raciocinar. Tampouco pode ser racionalmente posto em dúvida o fato de que uma coisa que eu próprio tenha na mão possa ser dada a outro, o qual a toma e a possui desde o momento em que a retém em sua mão. Um direito pode ser concebido ou pensado tal como uma coisa: se dou a alguém um direito porque devo ter-lo possuído antes, entendendo a palavra *direito* no sentido indicado, ou seja, a liberdade, a faculdade (autorização) de realizar uma ação correta ou justa. Uma ação é, portanto, correta quando é indiscutível logicamente. Logicamente, é indiscutível que o homem, na medida em que possui uma razão, é dono e senhor de si mesmo. Este ser senhor de si próprio significa também que ele pode proibir algo a si mesmo; com isso, expressa-se somente um fato de nossa própria consciência que era comum caracterizar-se, além do mais, como o domínio da parte racional da alma humana sobre sua parte irracional, sobre seus impulsos e paixões. A psicologia moderna — que com os conceitos de sensação e sentimento pretende (ou pretendia) abranger toda a multiplicidade psíquica e que chama representação a um conjunto de sensações — expresso. O mesmo fato ao assinalar como característica do homem normal, do homem que possui o uso da razão, a presença de representações inibitórias ou simplesmente a presença de inibições. As referidas representações são de importância muito diferente nos diversos homens e nos diversos momentos do mesmo homem. Porém, dada a propagação de suas debilidades ou de suas falhas, o homem é um ser animicamente enfermo ou irracional, considerado do ponto de vista do teórico que o mede comparativamente ao homem normal, ao homem capaz de se dominar. Por isso, é justo que eu me domine, que de ordens

a mim mesmo; e, se a isso denomino um querer (racional), a liberdade da vontade é um direito a querer, a dispor de minhas atividades tal como de meu corpo e membros, o que constitui outra prova de que as esperadas e normais inibições estão presentes e são eficazes. Se dou a alguém o direito de me dar ordens, querendo significar algo mais do que um simples "Concedo o direito de me dirigires palavras as quais não darei importância", isso quer dizer, ao mesmo tempo, que desejo também o que é mandado. Quando, em virtude de uma ordem, ocorre o sentimento do "Eu tenho que", e "Eu devo", esse mesmo sentimento já supe, portanto, um "Eu quero", ou seja supe que, acima do querer da ação, surge um querer do ter que fazer-la, do dever ser, e este é o sentimento ou a consciência do dever. Se obedego as minhas próprias ordens, o sentimento do "ter que" revela-se diretamente, um sentimento do dever, posto que não é diferente do sentimento do "Eu quero". Portanto, na medida em que o outro tem o direito de dispor de mim e sinto o dever de obedecê-lo, a ordem desde outro equivale a eu ordenar a mim mesmo. Entre nós, é considerado como previamente suposta uma relação mais ou menos preciosa da identidade, em virtude da qual nos sentimos de acordo com relação ao querer e ao dever ser. Das relações positivas, chamadas precisamente por isso relações sociais, pelo contrário, desenvolve-se o direito unilateral ou recíproco do mandar e do proibir, e o dever unilateral ou recíproco do obedecer.

O indivíduo, a cultura e a sociedade*

RALPH LINTON

POE ORA a suficiente definir cultura como a maneira de viver de uma sociedade. Esta maneira de viver compreende inúmeros pormenores referentes ao comportamento, mas entre eles há sempre fatores em comum. Representam todos a atitude normal e previsível de qualquer dos membros da sociedade diante de uma dada situação. Em consequência, apesar do número infinito de pequenas variantes que podem ser encontradas na atitude de alguns indivíduos, ou mesmo nas atitudes de um mesmo indivíduo em momentos diferentes, verificar-se-ia que a maior parte das pessoas, em uma sociedade, reagiria geralmente da mesma forma a uma situação dada. Por exemplo: na nossa sociedade, quase toda gente se alimenta três vezes por dia e toma uma dessas refeições aproximadamente ao meio-dia. Além disso, aqueles que não seguem esta rotina são considerados esquisitos. Um tal consenso sobre a conduta e a opinião constitui um padrão cultural; a cultura, como um todo, a um conjunto mais ou menos organizado de tais padrões.

A cultura, como um todo, proporciona aos membros de uma sociedade um guia indispensável em todos os campos da vida. Sem ela, tanto a sociedade como seus membros estariam impossibilitados de funcionar eficientemente. O fato de a malária dos membros da sociedade reagir a uma dada situação de determinada forma capacita qualquer um a prever o comportamento,

(*) *The Cultural Background of Personality*, por Ralph LINTON, Routledge & Kegan Paul Ltd., Londres, 1952, págs. 12-6.

com um alto grau de probabilidade, se bem que jamais com absoluta certeza. Essa previsão é um pré-requisito em todo tipo de vida social organizada. Se o indivíduo vai trabalhar para outros, precisa estar seguro de ser recompensado. A existência dos padrões culturais proporciona essa segurança, com seu fundamento na aprovação social e no poder consentido da pressão social sobre aqueles que não se lhes amoldam. Além disso, através de longa experiência e, em grande parte, pelo emprego do método de tentativa e erro, os padrões culturais característicos de qualquer sociedade vão-se ajustando uns aos outros estreitamente: o indivíduo terá bons resultados se os aceitar e maus, ou mesmo negativos, se não o fizer. O velho provérbio "estando em Roma age como romano" está baseado em observações sensatas, desde que em Roma, como em qualquer outra sociedade, as coisas se organizam em termos de padrões culturais locais, com poucos meios de libertação dos mesmos. Um exemplo seriam as dificuldades de um inglês a procura de seu chá numa cidadezinha do Oeste médio dos Estados Unidos.

A existência de padrões culturais é necessária tanto para o funcionamento de qualquer sociedade, como para "sua conservação". A estrutura, isto é, o sistema de organização de uma sociedade é, em si, um aspecto da cultura. Embora com propósitos descritivos possamos recorrer a analogias espaciais e reduzir um tal sistema a termos de posições, estas posições não podem ser definidas de maneira adequada a não ser em função da conduta que se espera de seus ocupantes. Certas características de idade, sexo, influências biológicas podem constituir pré-requisitos para a ocupação de determinadas posições pelo indivíduo, mas mesmo a designação de tais pré-requisitos constitui uma questão cultural. Assim, as posições de pai e filho em nosso sistema social não podem ser esclarecidas por nenhuma afirmação relativa às relações biológicas existentes entre ambos. É preciso relacionar o comportamento culturalmente padronizado dos ocupantes dessas posições, um em relação a outro. Quando se trata de posições tais como as de empregador e empregado, torna-se impossível defini-las, a não ser em termos daquilo que se espera que os ocupantes das duas posições façam (ou possivelmente façam) um pelo outro. Uma posição em um sistema social, portanto, é diferente

do individuo ou individuos que possam ocupa-la em urn certo momenta, 6 realmente uma configuracao de padroes culturais. Da mesma forma, o sistema social como um todo a uma configuracao ainda mais extensa de padroes culturais. Esta configuracao proporciona ao individuo tecnicas para a vida do grupo e para a interacao social, da mesma forma que outras configuracoes de padroes, tambem dentro da cultura total, the proporcionam tecnicas para exploracao do meio natural ou para proteger-se de poderes sobrenaturais. As sociedades se perpetuam ensinando aos individuos de cada geracao os padroes culturais referentes as posigees que se espera que ocupem na sociedade. Os novas recrutas da sociedade aprendem coma se comportar coma maridos, chefes ou artesaos e assim perpetuam estas posigaes e com elas o sistema social como urn todo. Sem a cultura nao poderia haver sistemas sociais do tipo humano, nem a possibilidade de ajustamento de novas membros do grupo a tiles.

Percebo que a discussao precedente a respeito da enfase da sociedade e cultura se baseou principalmente sabre o papel passivo do individuo e de coma este 6 amoldado par fateres culturais e sociais. E tempo de apresentarmos o outro lado da questao. Qualquer que seja o cuidado corn que o individuo seja treinado e o grau de perfeicao de seu condicionamento, ele pennanecera urn organismo distinto, corn necessidades proprias e capacitado para pensar, sentir e agir corn independencia. Alem disso, retem urn grau consideravel de individualidade. Sua integracdo na sociedade e na cultura nao vai alem das respostas aprendidas e embora no adulto isso inclua a maior parte do que ele chama personalidade, recta ainda uma boa porcao de individualidade. Mesmo nas sociedades e culturas mais integradas nunca duas pessoas sao exatamente iguais.

O individuo desempenha na realidade urn papel duplo ern relacao a cultura. Em circunstancias normais, quanta mais perfeito seu condicionamento e conseqüente integracao na estrutura social, tanto mais efetiva sua contribuicao para o funcionamento uniforme do todo e mais segura sua recompensa. Entretanto, as sociedades existem e funcionam num rnundo ern perpetua mudana. A aptidao sem paralelos de nossa especie para a ajustamento a condicees em mudanca e desenvolvimento de

reacoes cada vez mais eficazes a situnaes comuns, se fundamenta no individuo que sobrevive em cada urn de nes, apesar da influencia decisiva da sociedade e da cultura. Como uma simples unidade no organismo social, o individuo perpetua o *status quo*. Como individuo, ajuda a transforma-lo quando necessidade. Desde que nenhum ambiente se apresente completamente estacionesio, nenhuma sociedade pode sobreviver sem o inventor ocasional e sem sua capacidade para encontrar solucoes para novas problemas. Embora ele, geralmente, invente sob pressao que compartilha corn outras membros da sociedade, sao as proprias necessidades que o levam a invenao. O primeiro homem que se embrulhou numa pele ou alimentou o fogo nao o fez consciente da necessidade que tinha a sociedade dessas inovacties, mas porque sentia frio. Passando a urn nivel mais alto de complexidade cultural, qualquer que seja o mal que faca uma instituicao a uma sociedade em face de condicaes em mudanca, o estimulo para transform6-la ou abandona-la nao vem nunca do individuo sabre o qual ela nao pesa. Novas invenOes sociais sao feitas por aqueles que sofrem par causa das condicaes reinantes e pelos que aproveitam corn elas.

A compreensao do papel duplo dos individuos, coma individuos e coma unidades sociais, nos d6 a chave de muitos problemas que perturbam os estudiosos do comportamento humano. A fim de funcionar bem coma unidade social, o individuo deve assumir certas formas estereotipadas de comportamento, ou melhor, certos padroes culturais. Muitos classes padroes estao mais orientados para a manutencao da sociedade que para a satisfacao de necessidades individuais. As sociedades sao organismos de determinada especie e tornou-se pratica comum falar de suas necessidades proprias, diferentes das dos individuos que as compeem. Uma tal prática leva a implicacoes pouco felizes, desde que os atributos das sociedades sac) bem diferentes dos de organismos vivo& E mais seguro falar das necessidades implícitas na situnao social, dizendo que uma sociedade nao pode subsistir atrav6s do tempo, nem funcionar bem em tempo algum, a menos que a cultura que the esta associada preencha certas condicties. Esta cultura deve incluir tecnicas para a incorporacao de novas individuos no sistema de valores sociais e em sua

preparacio para ocupar os lugares determinados na estrutura. E preciso tambem incluir tecnicas de recompense para o comportamento socialmente apreciado e de desencorajamento para o socialmente indesejavel. Por fim, os padroes de comportamento que compoem a culture se devem ajustar uns aos outros de tal forma que evitem conflitos e impecam que os resultados de um Cadrao de comportamento anulem os de outro. Terlas as sociedades desenvolveram cultures que preenchem tais condicoes, embora os processos envolvidos no seu desenvolvimento sejam ainda obscuros.

O conceito de personalidade basica*

Annar K. Annuczn

OS PROCESSOS DE ADAPT/10k, do homem tern sido estudados de varies maneiras. O binlogo limita o significado do termo aquelas mudancas autoplásticas da estrutura corporea que, Segundo se presume, acontecem para acomodar o organismo ao seu ambiente fisico. Apoiado neste fundamento, descreve certas fases a longo termo do ajustamento human mas trate. do assunto em tracos audaciosos e corn relacao a longo periodo de tempo. Critérios morfológicos nao podem, todavia, ser utilizados para historiar as atividades adaptativas do homem em periodos curtos. A adaptacao morfológica, na nossa especie, parece ter-se quase estabe-lizado, apesar das longas series de variacties menos importantes que atualmente formam a base do conceito de race. Alem disso, tal adaptacao só se refere a resposta do homem ao seu ambiente fisico extern. No entanto, passou a ser considerada mais impor-tante a adaptacao do homem ao seu ambiente human, isto é, os ajustamentos de conduta que tern de fazer as condic'Oes impostas pela vide social, e isto j6. de acerdo corn o pensamento do seculo passado.

Enquanto os termos familiares da biologia podiam ser em-pregados para estudar e descrever os ajustamentos morfológicos da nossa especie, foi necessario inventar novas tecnicas para descrever os ,ajustamentos psicologicos e de conduta. O conceito

(*) "The Concept of Basic Personality Structure as an Operational Tool in the Social Sciences", por Abram KARDINER, in *The Science of Man in the World Crisis*, organized o por Ralph Lutrott, Columbia University Press, Nova York, 1945, pgs. 107-122. Dud. de Maria Isaura Pereira de Queiroz,

que se mostrou mais útil e mais viável, a esse respeito, foi o de cultura. Era conceito puramente descritivo, mas fornecia um modo definido de identificar pelo menos os produtos finais de processos de adaptação e, portanto, lançava uma base para a comparação de vários tipos de atividades adaptativas.

O conceito de cultura foi empregado primeiramente em relação com o de traço cultural, isto é, unidade de comportamento comum a todos os membros de determinada sociedade. Presumia-se que o traço cultural existisse isolado e fosse peculiar à sociedade em questão¹. Mais tarde, os sociólogos desenvolveram o conceito de instituições — configurações de traços culturais funcionalmente inter-relacionados, que são unidades dinâmicas dentro da cultura. Embora estudos comparativos das formas tomadas pelas instituições nas várias culturas pudessem então ser levados a efeito, nenhuma conclusão significativa podia ser alcançada, concernente às relações das instituições dentro da mesma cultura, sem o auxílio de técnicas novas. Até o presente, apenas uma técnica se mostrou capaz de fornecer resultados decisivos para interpretar a variação das combinações institucionais — e esta técnica é psicológica. Ela demonstrou capacidade para investigar as mídias dos processos adaptativos que cobrem pequenos períodos de tempo e que representam reach² tanto ao meio cultural quanto ao meio humano.

As tentativas preliminares para estabelecer relações entre instituições, dentro da mesma cultura, tiveram de apoiar-se fortemente no conhecimento que possuíamos de psicopatologia. Desta aproximação originou-se o conceito de padrão psicológico cultural/. Tentativas mais antigas, baseadas em estreita analogia entre sociedade e indivíduo, não tinham fornecido uma base para um conceito dinâmico de sociedade. O padrão cultural nada mais fez do que reconhecer que entre a personalidade e as instituições era sempre encontrada alguma forma persistente de relação. Demonstrar esta forma de relação de maneira empiricamente verificável, e não por simples referência descritiva a certas configurações patológicas, de ocorrência freqüente nos indivíduos, permanecia um problema técnico difícil de resolver.

(1) Ruth BENEDICT, *Patterns of Culture*, Nova York, 1934.

O estudo das sociedades "primitivas" ofereceu a melhor oportunidade para o desenvolvimento gradual da técnica necessária. Podia-se legitimamente prever que as sociedades "primitivas" mostrariam uma estrutura mais simples do que a nossa e que as constelações psicológicas encontradas seriam de caráter mais consistente e mais ingênuo. A dificuldade que ultrapassava de longe todas as outras estava na escolha de uma técnica psicológica adequada para a execução daquela tarefa. A psicologia clássica, o behaviorismo, a psicologia da Gestalt, não tinham feito mais do que tentativas esporádicas com relação ao problema. A psicanálise parecia a técnica mais apropriada; no entanto, o próprio FREUD, apesar de promover a aplicação da psicanálise à sociologia, não desenvolveu uma técnica empiricamente verificável. Em geral, seus esforços se voltaram para investigar se na sociedade primitiva ocorriam as constelações encontradas no homem moderno. A tentativa era compatível com a hipótese evolucionista do desenvolvimento da sociedade e da cultura, em vigor nos fins do século XIX. Uma das sugestões mais valiosas feita por FREUD foi a da analogia entre as preliminares dos primitivos e os sintomas neuróticos. No entanto, hipóteses algo improdutivas resultaram do fato de ele levar muito adiante tal analogia: o estudo da origem dos sintomas neuróticos no indivíduo forneceu, porém, fundamento para a compreensão daquele mínimo de instrumentos adaptativos de que é dotado o homem. Assim, mesmo considerando o sintoma neurótico como um caso especial, os princípios em que se baseia a sua formação não podem ser muito diferentes daqueles que figuram no desenvolvimento de qualquer dos modos habituais de comportamento identificável no caráter dos indivíduos.

A integração das duas técnicas, antropológica e psicológica, foi mais tarde facilitada pelo abandono da hipótese evolucionista empregada pelos primeiros antropólogos. Esta foi substituída pelo conceito de culturas como conjuntos funcionais, e o estudo das sociedades primitivas passou a ser feito considerando-as como entidades, ponto de vista de que MALINOWSKI foi o expoente mais antigo. Tudo o que se ganhou com a aplicação do conceito de padrão cultural psicológico às sociedades primitivas foi a impressão de que as instituições, dentro da sociedade, eram em larga

medida compatíveis umas com as outras, e que esta compatibilidade podia ser descrita em termos análogos aos utilizados para as entidades reveladas pela psicopatologia. Tratava-se realmente de um avanço, mas não se tratava ainda da descoberta de nova técnica.

A abordagem que parecia mais capaz de desenvolver uma técnica determinada partia da utilização do conhecido fato de que a cultura se transmite de geração a geração, dentro da sociedade. Era natural, portanto, tentar desenvolver esta técnica com o auxílio de formulacões da teoria da aprendizagem. Todavia, o que conhecemos sobre aculturação e difusão indica que existe um limite a espécie de conteúdo cultural passível de ser transmitido por processos diretos de aprendizagem. Embora ninguém possa negar o papel da aprendizagem direta na transmissão da cultura, subordinada à idade do indivíduo que se vê exposto a mudança cultural, parece existir um alto grau de seleção na aceitação de elementos de qualquer cultura, por indivíduos criados em culturas diferentes. Além disso, se o processo de aprendizagem pudesse sozinho explicar a transmissão cultural, seria difícil compreender como a mudança cultural se poderia jamais processar, sem apelar para empréstimo de elementos de outra cultura. Na verdade, o processo de aprendizagem não explica o caráter integrativo da mente humana, no que concerne às relações emocionais do indivíduo com seu meio. Existe outro fator em operação, fator sobre o qual a técnica psicanalítica podia trazer grande esclarecimento. Além da aprendizagem por processos diretos, o indivíduo constrói séries de sistemas integrativos altamente complicados, que não resultam de uma aprendizagem direta. O conceito de estrutura de personalidade básica foi estabelecido e fundamentado no reconhecimento destes fatos.

A utilização puramente descritiva de conceitos muito semelhantes a este é extremamente antiga. Encontramo-lo claramente implícito nos escritos de HERÓDOTO e CÉSAR. Ambos os autores reconhecem que os vários povos descritos não somente apresentavam costumes e práticas peculiares, como também são peculiares em temperamento, disposições e caráter. CÉSAR levou sempre em consideração este fator, e utilizou-o para maior vantagem de

Roma em suas relações com as várias tribos bárbaras. Todavia, o reconhecimento de que existem diferentes estruturas de personalidade básica para diferentes sociedades, não nos leva, na verdade, mais adiante do que o conceito de padrão cultural psicológico. O conceito se adquiriria um significado operacional quando a formação desta estrutura de personalidade básica pudesse ser atribuída a causas identificáveis, e quando generalizações significativas fossem formuladas concernentes à relação entre a forma e de dita estrutura e as potencialidades específicas do indivíduo para a adaptação ao meio.

A compreensão de que o conceito de estrutura de personalidade básica constituía instrumento dinâmico da pesquisa sociológica não decorreu de raciocínios *a priori*. Foi conclusão a que se chegou depois de analisadas duas culturas descritas por LINTON — a dos Tanala e a das Ilhas Marquesas — com o objetivo de correlacionar personalidade e instituições. Na análise destas duas culturas, ficaram pela primeira vez patentes as potencialidades dos princípios psicanalíticos. A análise começou pelo estudo dos sistemas integrativos tornados na criança por meio de experiências diretas, durante o processo de crescimento. Noutras palavras, a abordagem foi genética. Ela se fundamentou em duas afirmações: 1) que operavam naquela situação processos integrativos; 2) que os resultados finais de tais processos integrativos podiam ser identificados. No entanto, uma técnica que segue esta direção está sujeita a limitações. A primeira limitação é que, se o pesquisador pertence à sociedade ocidental e, ainda mais, se se trata de um psiquiatra, vê-se-a compelido a identificar somente aqueles produtos finais que são significativos para os distúrbios neuróticos e psíquicos de sua própria sociedade. Deve-se, no entanto, reconhecer que, simultaneamente, outros produtos finais se formam, os quais nós, criados em nossa sociedade, possivelmente não podemos identificar. Apesar destas limitações, alguns resultados significativos foram obtidos já nas primeiras tentativas. A primeira correlação que se observou foi que, em qualquer cultura dada, os sistemas religiosos constituíam réplicas das experiências da criança com relação à disciplina imposta pelos pais. Notou-se que o conceito de divindade era universal, pois que as técnicas para solicitar o auxílio divino

variavam de acordo com as experiências específicas da criança e com os objetivos de vida particulares definidos pela sociedade. Na cultura, a técnica de solicitação consistia apenas numa demonstração de resistência; noutra, era necessária uma autopunção, para se readquirir as boas graças dos deuses, as quais tinham sido perdidas, devido a alguma transgressão claramente definida nas práticas reais de vida sancionadas pela comunidade. Estas variações na técnica de solicitar auxílio divino indicavam, pois, influências diferentes a moldar a personalidade em cada cultura específica.

Várias condições importantes puderam ser tiradas desta correlação inicial. Em primeiro lugar, a de que certas técnicas culturalmente estabelecidas de cuidar das crianças tinham como efeito moldar atitudes básicas com relação aos pais, e que estas atitudes gozavam de uma existência permanente no equipamento mental do indivíduo. As instituições que forneciam a criança em desenvolvimento a experiência responsável pela produção destas constelações básicas foram, pois, chamadas instituições primárias, as ideologias religiosas e os métodos de solicitação mostraram-se, em sua maior parte, compatíveis com estas constelações básicas, e presumia-se derivarem delas por meio de um processo chamado de projeção. Noutras palavras, as instituições primárias forneciam a base para o sistema projetivo, que subsequentemente se refletia no desenvolvimento de outras instituições. As instituições desenvolvidas como um resultado de sistemas projetivos foram, então, chamadas instituições secundárias. Sendo correta tal correlação, seguia-se que entre as experiências primárias e os resultados finais, identificáveis através de suas manifestações projetivas, deveria existir esta entidade que se poderia então chamar de estrutura de personalidade básica. As instituições primárias eram responsáveis pela estrutura de personalidade básica, que, por sua vez, era responsável pelas instituições secundárias. Deve-se encarecer que o aspecto importante deste conceito não é o nome que leva, apesar de que muitos pesquisadores, desde que ele se estabeleceu, têm procurado fazer-lhe variar a denominação; no entanto, não envidam esforço nenhum para modificar ou criticar a técnica da qual derivou. Tal denominação representa uma técnica especial, cuja impor-

tância assenta no fato de que é passível demonstrar que certas práticas são significativas para o indivíduo durante o período de seu crescimento, e que as constelações assim formadas permanecem como uma continuidade dentro da personalidade. Esta técnica é um resultado da psicodinâmica.

Embora o desenvolvimento destas correlações se tenha iniciado como uma demonstração da relação entre a religião e as experiências da infância, a medida que o tempo passava a técnica foi ampliada e veio a englobar cada vez mais fatores. Uma vez descritas tais as instituições da cultura, torna-se possível classificá-las e apontar muitas que são instrumento na criação de disposições específicas, de temperamento, de valores. E, mais ainda, verificou-se que muitas das instituições estão orientadas para condições específicas da vida de uma sociedade particular; por exemplo, a instituição que rege o fornecimento de alimentos. Ficou demonstrado de maneira decisiva que, nas Ilhas Marquesas, a ansiedade com relação ao alimento criava no indivíduo séries específicas de sistemas integrativos, de que derivavam tanto sistemas de valores especiais, quanto determinadas práticas religiosas.

Devido aos inúmeros contrastes estranhos de sua existência com as condições de vida e com os sistemas de valores de nossa sociedade, os Marquesanos² fornecem a primeira oportunidade para se verificarem as influências das constelações iniciais. A proporção de homens para mulheres era nesta sociedade de 1 para 1. Tratava-se de sociedade muito preocupada com a ameaça de fomes periódicas. Consequentemente, as histórias folclóricas mostravam que as relações entre homens e mulheres eram francamente diferentes das de nossa sociedade. A iniciativa pertencia decididamente às mulheres, e em muitos dos cantos o rapaz ocupava precisamente a mesma posição que tem, em nossa cultura, a inocente menina diante do macho brutal cheio de concupiscência. A mulher ocupava, então, o lugar do homem mau de nossa sociedade. O rapaz estava sujeito aos desejos sexuais da mulher. Deprendia-se claramente destes contos folclóricos que certos processos, que não existem em nossa sociedade, estavam ali ativos. Era a mulher desejada e odiada, e, todavia, a hostilidade aberta existia entre as mulheres, na

(2) Ver A. J. CAROMED, *The individual and his society*, Nova York, 1939.

competicao para obtela. Noutras palavras, tornava-se evidente novamente a existencia de areas de repressao do comportamento diferentes das de nossa sociedade.

Entre os Tanala, descritos por LINTON³, descobria-se outro aspecto importante da estrutura de personalidade basica. Aqui, a 1100 de maior vulto era a demonstracao da confusao criada pelas inuancas sociais, quando a personalidade basica permanece intacta. A velha sociedade Tanala tinha como base economica a cultura de arroz em seco. Esta tecnica permitia determinado tipo de organizacao social, baseada na propriedade comum da terra, cujo produto era dividido sob o comando extremamente autoritario do pai. As necessidades basicas do individuo (isto é, especialmente dos filhos mocos, de cujo trabalho dependia principalmente a economia) ficavam inteiramente satisfeitas, apesar de haver o que chamaríamos, em nossa sociedade, submissao a um mando despótico. A adaptacao passiva ao pai mostrou-se perfeitamente satisfatoria enquanto as necessidades basicas dos-individuos permaneciam gratificadas. Ao ser introduzido o cultivo do arroz (mid^o, a propriedade comum da terra teve de ser abandonada. O individuo tornou-se sabitamente importante, e seus direitos se viram amenados pelas necessidades competitivas de outros individuos diante dos mesmos meios de subsistencia. Noutras palavras, introduziu-se a propriedade privada. A doida peleja em disputa dos vales, mais favoraveis a tal lavoura, levou a dissolucao violenta de toda a organizacao familiar. A consequencia foi um grande aumento de crimes, homossexualismo, magia e molestias histericas. Tais fenomenos sociais indicam claramente que, no momento em que a personalidade, modelada pelos costumes compatíveis com os velhos metodos economicos, encontrou na nova economia tarefas psicologicas para as quais de jeito nenhum se via preparada, sofreu violento impacto de ansiedade, em suas varias manifestações. Medidas defensivas tiveram de ser introduzidas tanto pelos que "possuam" quanto pelos que "nada possuam".

Ainda outra faceta da estrutura de personalidade basica ficou evidente pela descricao que LINTON fez dos Comanches.

(3) Ver A. A. GREINER, *The individual and his society*, Nova York, 1939.

Tratava-se de povo de atividades predatorias. Espirito empreendedor, coragem e iniciativa eram os atributos de que necessitava o individuo para perpetuar a sociedade. Nola, os jovens e os adultos habéis suportavam todos os fardos. E, mais ainda, tratava-se de sociedade que requeria alto grau de cooperacao entre os rapazes. Destas exigencias, pode-se claramente depreender que a maior ansiedade do individuo tinha lugar naquele periodo da vida em que seu poder, resistencia e coragem entravam em declinio. Como nao havia privilegios conferidos, o individuo nao podia acumular emblemas de valor social que perpetuassem um status alcançado. A sociedade era necessariamente uma democracia, na qual os status tinham de ser constantemente reafirmados. A disciplina a que o individuo se devia conformar na infancia nao podia, portanto, ser tal que reprimisse o livre crescimento e o desenvolvimento sem peias, especialmente naquelas direções que a sociedade considerava mais valiosas. Consequentemente, verificamos que nenhum obstaculo existia no caminho seguido pelo desenvolvimento pessoal; a auto-estima, a coragem, o espirito empreendedor do individuo eram cultivados por todos os modos, e as qualificacoes que mais tarde iria encontrar na vida mostravam-se adequadas com as constelacoes criadas na infancia. Nao era surpreendente, portanto, verificar que os sistemas projetivos dos Comanches se mostravam muito pouco complicados. Nao havia conceito de pecado em sua religiao e nao existia nenhum ritual complicado para reobter as boas graças da divindade. O Comanche que desejasse alcançar "poder", simplesmente o rogava ao alto, ou demonstrava sua fortaleza. Noutras palavras, a pratica religiosa era somente uma replica das conventies que garantiam a cooperacao completa entre os homens, em seus empreendimentos comuns.

Até este ponto, o material utilizado foi de fonte limitada. Se empregamos a moldura institucional de uma dada sociedade, estabelecendo relações entre as varias instituições, pela demonstracao de sua compatibilidade com as experiencias basicas do individuo durante o periodo de crescimento. Mesmo considerando validas nossas conclusões, nao se pode dizer dos resultados obtidos senao que se trata de conjecturas aceitáveis. Até agora, nao mostramos nenhuma maneira de verificar sua legitimidade.

O exame de novos dados era indispensável. Se existe o que chamamos de personalidade básica, devemos conseguir identificá-la nos indivíduos que compõem uma sociedade particular. Todavia, temos de levar em consideração o fato de todos os indivíduos serem diferentes, isto é, cada qual apresenta variações de caráter. Haveria, pois, possibilidade de reconciliar a ideia de personalidade básica como o fato notório de cada indivíduo, numa determinada cultura, com o seu próprio caráter individual?

Esta questão encontra resposta fácil quando examinamos a estrutura de personalidade de uma centena de indivíduos de nossa própria sociedade. Cada um deles apresenta a estrutura de caráter que lhe é específica, modelada em parte pelas potencialidades e pelas predisposições inatas que são seu apanágio ao nascer, mas também pelas influências peculiares encontradas durante o processo de crescimento. Se não existisse esta personalidade básica na centena de indivíduos que estamos observando, não poderíamos nunca identificar constelações especiais como o complexo de Édipo, o complexo de castração etc., para os quais FREUD chamou a atenção de maneira espetacular. FREUD, porém, não percebeu que estas constelações, universais na gente de nossa sociedade, eram específicas de nossa cultura. Acreditou que fossem universais em toda a humanidade e que, portanto, muitas tivessem uma origem filogenética. Podemos definir, na centena de indivíduos de nossa sociedade que escolhemos para observar, o que chamamos de personalidade básica, pelo fato de todos terem sido modelados por situações que tiveram origem em práticas institucionais. Cada indivíduo manipula as influências específicas segundo a maneira característica que lhe é própria, mas apesar disso a estrutura do caráter se forma dentro do âmbito de certos limites impostos às potencialidades, e é no interior destes limites que encontramos a personalidade básica.

Uma análise de biografias tornava-se pois, imperativa para que o trabalho de refinamento do conceito pudesse prosseguir; séries de biografias deviam ser analisadas para cada sociedade — e quantas mais, melhor. Mas o estudo dessa história de biografias de ambos os sexos e representando variações tanto em *status* quanto em idade, não indicaria apenas os traços que todos apresentam em comum; mostraria também os pontos em que

ocorrem variações. Mencionemos, entre parenteses, que a técnica de registro de tais biografias não é fácil, pois quando se pede aos indivíduos que contem a história de sua vida, dão apenas por conhecido todo o pano-de-fundo dos sistemas de valores e dos fins socialmente aprovados, de tal modo que o que se obtém não passa de um *curriculum vitae*?. Este tipo de registro não tem valor. Necessitamos de um cartão transversal na vida do indivíduo, abrangendo as influências da infância, a história de seu inteiro desenvolvimento, e outro que mostre o grau de adaptação e no momento em que a história é registrada.

A oportunidade para tal experiência se apresentou com o estudo da cultura dos Alorese pela Dra. Cora DuBois. Esta trouxe-nos não apenas a descrição da moldura institucional, como também uma série de oito biografias, além de testes de inteligências PORTER, desenhos infantis e uma série de 37 testes de RORSCHACH. O estudo da cultura revelou o seguinte: as conclusões já alcançadas no estudo dos Marquesanos, dos Tanala e dos Comanche ficaram confirmadas. Não foi difícil reconstruir a personalidade básica, a partir da descrição institucional de ALORESE. As influências a que a criança estava sujeita nesta sociedade eram de caráter peculiar. Devido à singular divisão de tarefas entre os homens e as mulheres, estas suportavam todo o fardo de uma economia baseada na alimentação vegetal; trabalhavam nos campos o dia todo, só podendo tratar dos filhos antes de sair e depois de regressar. A negligência materna era, pois, de regra, o que significava que as influências fundamentais da mãe no estabelecimento da estrutura do ego estavam em falta. Tensões resultantes da fome, a necessidade de apoio e de reciprocidade emocional, ficavam inteiramente negligenciadas; a criança permanecia a cargo de outras mães velhas, ou de parentes, ou de pessoas de fora, durante o dia. A compatibilidade das disciplinas estava assim destruída; a imagem do pai como auxiliar persistente e solícito em caso de necessidade, não alcançava o construído. O ego era de desenvolvimento fraco e altamente ansioso. Os padrões de agressão permaneciam amorfos. Consequentemente, embora encontremos nos sistemas projetivos o conceito de divindade, não; havia esforço para a idealização da

imagem divina, e os Alorese se desincumbiam de seus ritos religiosos semente sob a pressdo de circunstancias urgentes e ainda assim com relutancia. As tensOes interpessoais dentro da sociedade eram muito elevadas, a desconfianca universal, no desenvolvimento emocional retardado e permeado de ansiedade.

Voltamos em seguida a atenedo para as biografias individuais. _Felizmente estavam elas registradas de tal maneira que satisfaziam as exigencias basicas de nossas necessidades especificas, muito embora varias delas fossem deficientes do ponto de vista de uma historia de vida plenamente documentada. Muitos dados concernentes a estrutura do carter pessoal foram selecionados atraves da observacao dos individuos em seus processor reais de existencia cotidiana, e, ainda mais, registrando suas rearies diante do etriegrafo, assim como estudando-lhes os sonhos. Varios traps novos concernentes a personalidade basica foram esclarecidos por meio do estudo destes individuos. Em meia chizia destas biografias, observava-se que t8das as vezes que o assunto da fome vinha a baila, as associaes levavam a alguma forma de catastrophe natural, como tremor de terra ou inundaeon, — exatamente o que esperavamos e o que previamos a partir do estudo da estrutura de personalidade basica. Cada uma das oito pessoas em questao apresentava seu carater individual, mas todas tinham certos traps comuns, nao porque seguissem coletivamente certas convenes, mas porque a textura mais profunda de suas personalidades fora moldada segundo linhas similares. E, mais ainda, os pontos em que os individuos diferiam quando estrutura de cal-Ater puderam ser claramente atribuidos a varia-Odes nas influencias que operavam durante o periodo de crescimento. Quando o cuidado dos pais era satisfaterio, variacões especificas de carater apareciam. Por exemplo, um dos homens mostrou possuir consciencia moldada segundo linhas semelhantes as de nossa sociedade; possuf a ele, alem do mais, patente complex° de Edipo. Mas todos estes elementos eram claramente atribuveis a influencia de um pai poderoso, que demonstrava, com relaedo ao filho, solicitude em grau major do qua o comum naquela sociedade. A consciencia era ferthmeno raro entre os Alorese e a relaedo da consciencia com a falta de um cuidado satisfaterio por pane dos pais ficava, portanto, claramente de-

monstrada. Todos os individuos mostravam, outrossim, sequencias similares nos padroes de agressao e na ausencia de constelacties especificas encontradas em nossa sociedade.

Mas, alem dos estudos biograficos, displinhamos ainda de novas series de dados que podiam ser usados para corroborar, ampliar ou refutar as conclusoes ate este ponto encontradas. Tais dados eram as conclusoes dos testes de RORSCHACH apresentadas polo Dr. Emil OBERHOLZER, que os analisava "as cegas", isto é, sem conhecer nenhuma das personalidades em questao, nem os traeos da cultura em causa. O relaterio do Dr. OBERHOLZIM, sobre as conclusoes dos testes de RORSCHACH, trouxe admiral/el confirmaedo a validade do conceito de personalidade basica. Em primeiro lugar, identificou ele certos traeos que todos os Alorese apresentavam em comum. Em segundo lugar, mostrou que os individuos especificos formulavam variaes individuais a partir deste padrao basica Mas, para mim, estes achados eram menos importantes do que uma outra ordem de dados revelados pelos testes de RORSCHACH. Como afirmamos eras, o psicologo que opera nnicamente com o conhecimento de entidades psicopatologicas encontradas em nossa sociedade apresenta uma desvantagem insuperavel — se e capaz de identificar aquelas entidades que tambem sdo encontradas nela. Neste ponto, o teste de RORSCHACH contribuiu com nova serie dados; embora nao possa fornecer nenhuma informacao concernente a genese dos traps distintivos do individuo ou do grupo, revela Me, todavia, combinaes etnacionais que nao sao identificaveis com as entidades psicopatologicas comuns em nossa sociedade. Com o auxilio destes traeos revelados pelo teste de RORSCHACH, mas que nao apareciam nem na personalidade basica, nem no estudo das biografias, tornava-se agora possivel restabelecer a imagem genetica original, de maneira a obter a descried° de como as novas entidades vieram a existir. O teste de RORSCHACH é, portanto, nao apenas um instrumento para ,verificar conclusoes j£ alcançadas, como tambem para descobrir novas entidades inacessiveis a outras tecfleas. Pode-se objetar que, apesar de tudo, o teste de RORSCHACH é projetivo e, conseqüentemente, sua utilidade pode estar cerceada pelo fato de que as normas básicas foram obtidas no estudo de nossa sociedade ou, para sermos mais especificas, no estudo

de cidadãos suíços. Com relação à aplicação real do teste, esta limitação mostra-se sem importância.

Dos estudos levados a efeito após o dos Aloures, somente estes forneceram resultados significativos: uma descrição, por James WEST, da comunidade de Plainville, nos Estados Unidos; um estudo da cultura Sikh pelo Dr. Marian W. SMITH; e um estudo dos Ojibwa, efetuado por Ernestino FRMDL.

No primeiro trabalho, vê-se que Plainville, pequena comunidade rural no Middle West, apresentava traços peculiares que se desviavam a muitos respeito dos traços de comunidades urbanas. Recolocava-se também aqui a questão de saber se se pode estudar grandes grupos, como as nações, com o auxílio do conceito de personalidade básica. A resposta parece ser afirmativa, uma vez que as variações de Plainville com relação às normas estabelecidas nos centros urbanos não eram muito amplas. O estudo de Plainville recolocava novamente o problema de ser frutífera ou não a aplicação do conceito de personalidade básica à história da sociedade ocidental. Este problema ainda não está resolvido.

Também o estudo dos Sikh nos revelou traços singulares. Aqui, o material com o qual largamente trabalhamos, era constituído pela descrição das instituições e pelos testes de RORSCHACH. A compatibilidade destas duas espécies de dados se afirmou novamente como extraordinária. O mesmo se observou com relação aos Ojibwa. Demonstrava-se, assim, claramente que o teste de RORSCHACH era indispensável na verificação de traços essenciais de personalidade básica que não podem ser identificados unicamente através da reconstituição da imagem genética. Por exemplo, observou-se entre os Ojibwa que as disciplinas da infância e os contos folclóricos relativos a Wenebojo (o herói cultural da tribo) indicavam que as exigências formuladas pelas crianças, com relação aos pais, estavam determinadamente limitadas. Desencorajava-se nas crianças a crença de que os pais eram detentores de poderes mágicos que poderiam usar em benefício dos filhos. Todo o teor das disciplinas primeiras se dirigia no sentido de informar a criança de que não poderia formular exigências sensivelmente limitadas com relação aos pais, o que não impedia que excelente cuidado fesse a ela dispensado. Encontramos aí, por-

tanto, uma combinação que não à vista em nossa sociedade: a personalidade recebia boa base, mas o desenvolvimento emocional encontrava limitações muito diferentes de tudo quanto encontramos entre nós. Esta limitação não podia ser completamente identificada através da descrição genética do desenvolvimento da criança. Foi necessária a aplicação dos testes de RORSCHACH para demonstrar de maneira peremptória as limitações peculiares dos Ojibwa em seus contactos emocionais com os outros. Outro característico do estudo dos Ojibwa estava em que fornecia excelente oportunidade para a análise dos processos de aculturação e da maneira específica desta se apresenta na cultura em questão. Via-se claramente, através dos testes de RORSCHACH, que tais processos introduziam na vida emocional do indivíduo fatores que, embora comuns em nossa sociedade, eram desconhecidos dos Ojibwa que ainda não se tinham exposto aos contactos com os brancos ou com o catolicismo.

A técnica de derivação do conceito de personalidade básica, até o ponto em que chegou e como tem sido exposta neste trabalho, pode ser alvo de várias críticas sérias. Por exemplo, pode-se objetar que o fato de as pessoas serem o que são devido a se desenvolverem em determinadas condições, é sabido há alguns milhares de anos. É verdade. Mas a técnica, tal qual a descrevemos, permite um rol específico de particularidades a respeito das condições que dão lugar precisamente a determinados resultados na personalidade; ainda mais, devido aos processos de integração em operação e as combinações imprevistas, a mesma técnica permite derivar alguns resultados indiretos. Mas outras objeções mais sérias ainda podem ser feitas: a técnica não dá nenhuma resposta à questão de saber porque um povo acha necessário instituir determinadas disciplinas, estabelecer certos contratos etc., enquanto outros opinam por coisa diferente. Esta objeção reduz finalmente a técnica a um simples refinamento da velha observação de que uns povos fazem certas coisas e outros, — posição, que não se distancia muito daquela fornecida pela utilização do conceito de padrão cultural.

A questão crucial torna-se, então, a seguinte: o que determina a atitude dos pais com relação aos filhos e, portanto, as influências, específicas a que a criança se vê submetida? De

modo geral, pode-se dizer que estas atitudes paternas são determinadas pela organização social e pelas técnicas de subsistência. Quanta a verdade ou não desta afirmação, teremos ainda várias surpresas, provavelmente, antes de conseguir qualificá-la por meio de algumas condições. E estas condições são da mais alta importância, no que toca a mudança cultural.

tentamos definir as condições que qualificam as determinantes sócio-econômicas das atitudes paternas, imediatamente encontramos, aparentemente, o próprio problema das origens sociais. A tarefa de perscrutá-las é infrutífera e as teorias, neste ponto, não substituem a evidência demonstrável. A este respeito, oferece excelente exemplo a cultura Comanche. Comparando as instituições da cultura Comanche com as da velha cultura do Planalto, da qual derivou, notamos que algumas são as mesmas em ambas, algumas estão modificadas e outras desapareceram nas novas condições de vida. A magia da caça, embora comum na cultura antiga, desapareceu na nova. A ração e a bexiga: no novo meio a caça era abundante, o que significava não haver lugar para ansiedade nem para auxílio do sobrenatural, a habilidade constituindo o único requisito para um bom caçador. A educação dos jovens, especialmente do rapaz, não era a mesma na velha e na nova cultura. Mas, na cultura velha, existia um *Adage* que permitia o novo desenvolvimento; e a nova economia não ganhava nada com as tendências para controlar os jovens. Pelo contrário, tudo se ganhava com o desenvolvimento linear do rapaz.

Entre os velhos Tanala, as atitudes paternas eram também compatíveis com a economia de propriedade comum da terra; mas, quando a propriedade privada foi introduzida, produziu-se o caos, pois que as disciplinas da cultura antiga moldavam o indivíduo para uma adaptação muito passiva a uma economia desprovida de oportunidades para a competição. A nova economia exigia atitudes fortemente competitivas; o resultado foi apenas um aumento da ansiedade, sintomática da ausência de capacidades executivas para lidar com a nova situação.

O exemplo dos Comanches pode incitar uma generalização: a conclusão de que, quando as condições sócio-econômicas se modificam, naturalmente as atitudes com relação às crianças e,

portanto, as condições de desenvolvimento destas também, se modificam. Isto poderia ser verdade se as atitudes paternas fossem determinadas por fatores perfeitamente bem conhecidos dos pais. Tal não se dá. Não podemos, pois, generalizar a partir do caso dos Comanches, que é uma exceção, e não a regra. Há muito que se ouve falar em "demora cultural" e tenta-se por vezes explicá-la com base no princípio da inércia. Tais fórmulas filosóficas, mesmo que verdadeiras, não explicam, porém, os fatos.

No caso de Alor, vemos que o desenvolvimento da criança e as influências a que este exposta estão correlacionadas com as condições sócio-econômicas. Mas não conhecemos as origens do tipo particular de economia que possuem, nem esse tipo nos parece ter muito sentido. A divisão do trabalho é ali de tal ordem que as mulheres, — com auxílio esporádico do homem, — suportam o peso total da dieta principal, fornecida pelo alimento vegetal. Ficam, pois, separadas o dia todo das crianças, tratando delas quando vão para o campo e depois que retornam. Os campos não são contíguos às casas e muitas vezes se acham a grande distância da aldeia. Já descrevemos os efeitos do absentismo materno, mas não podemos dizer porque o trabalho está dividido de maneira tão desigual e caprichosa. Os efeitos mais remotos desta única instituição sobre o todo da cultura seguramente não são conhecidos dos Alorês. Se afirmarmos que esta instituição não foi racionalmente determinada, ou que é um exemplo de demora cultural, isto estaremos dizendo quase nada. A demora cultural não é um princípio abstrato de inércia; é causada pela acumulação de interesses emocionais determinados, que no caso avantajam os homens. Para cobrar tais interesses seria despertar enorme resistência — e desconforto, ainda que as mulheres tivessem suficiente imaginário para pedir que um pouco do fardo da economia de subsistência fosse tirado de seus ombros. Este é um exemplo de como os "direitos" de certo grupo na sociedade, (no caso, os homens), se estabelecem e se mantêm. Alterar a economia seria alterar a adaptação psicossocial inteira, tanto dos homens quanto das mulheres. Eis precisamente o ponto em que a ansiedade e as reações defensivas se tomam necessárias para conservar um sistema de adaptação e resistir à mudança.

Facamos aqui uma pausa para, num parentese, observar a utilidade relativa de um conceito descritivo em contraposicao com um conceito operacional. Chamar de principio de inercia o fenomeno que descrevemos no paragrafo precedente nao incorreto — mesmo quando desperta na manta a lembranca do fenomeno fisico em que se baseou tal principio, e sabendo-se que a analogia e falsa. A objecao real esta em que nao alcanca os fatos. E, mais ainda, diante de uma lei de inercia, nada mais podemos fazer do que tirar o chapau com humildade. No entanto, se indicarmos que esta inercia esta localizada em factores emocionais especificos, podemos mobilizar alguns antidotos peculiares a tais pontos.

O que dissemos ate agora foi que o valor operacional do conceito de personalidade basica nao esta apenas no diagnostico dos factores que modelam a personalidade, mas tambem no fornecimento de pistas a respeito da questao de saber porque estas influencias sari o que sao. O conceito implica, portanto, uma tecnica que explora com algum grau de acuidade as mais amplas ligacoes entre cultura e personalidade.

Ainda constitui problema saber se esta tecnica pode ser usada para descrever a dinamica da sociedade ocidental e para tentar uma analise do dinamismo da mudanca cultural em grandes espacos de tempo. Tal tentativa constituiria realmente a prova final da validade dela. Mas o problema aqui nao e (tal) simples quanto no caso de uma sociedade "primitiva". A sociedade "ocidental" nao e uma cultura singular, mas um conglomerado de culturas em que a ordem socio-economica tem sofrido quantidade de vicissitudes. O numero de factores a serem correlacionados e muito maior do que qualquer que tenhamos encontrado nas sociedades primitivas. Resta ainda verificar se a tentativa para estabelecer tais correlacoes pode ser feita com sucesso; entretanto, tem havido esforcos bastantes para resolver o problema por meio de outras tecnicas, esforcos que nos mostram justamente o que devemos evitar. Nao podemos basear-nos em analogias fisiologicas, como fez SPENGLER. Nao e dificil desenvolver bela narrativa comparando a ascensao e a decadencia das civilizacoes com a ciclo de vida fisiologico dos individuos, mas as sociedades sao organismos de ordem inteiramente diferente.

Atrair-se ao fado das elites, como fez PARETO, deixa muitas questoes em aberto. Nao conseguimos nenhuma orientacao real atraves de TOYNBEE, que tenta seguir o processo de adaptacao de grandes grupos segundo a variacao das ideias, — luta bem sucedida ou nao com o meio exterior, e assim por diante, — sem recorreremos a uma psicologia que descreva as mirracias da adaptacao. E menos ainda nos trazem vantagens as longas series de correlacoes que MUSTFORD⁴ arrola, para em seguida avaliar baseado num sistema de valores altamente pessoal. Tentativas como estas nao fornecem fundamento empirico para a accao baseada em principios racionais. Elas acabam por degenerar em doutrinas que podemos admitir ou rejeitar, seja de acordo com a predilecao pessoal, seja de acordo com a defesa consciente ou inconsciente de determinados interesses.

O esboço de um plano de pesquisa, derivado do conhecimento que alcançamos até o presente, a respeito da estrutura de personalidade basica, e fornecido noutra parte⁵. Aqui, queremos apenas alinhar algumas sugestoes a proposito da tecnica. e possivel a determinacao da personalidade basica de comunidades tanto rurais quanto urbanas; existem diferencas apreciaveis entre ambas. Pode-se, portanto, verificar onde estao estes pontos de divergencia e tentar alcanca suas causas. O mesmo processo pode ser utilizado para comunidades de outros paises, como, por exemplo, Inglaterra ou Franca. Uma vez efetuada uma escolha destes estudos, acompanhados de biografias, testes de RORSCHACH e outros testes projetivos, poderemos mostrar as pistas a seguir em nossas pesquisas historicas. p." foi feito o suficiente, ate agora, para se saber que ha tres sistemas cujas vicissitudes e preciso estudar historicamente: a) os sistemas projetivos; b) os sistemas racionais empiricamente derivados, como as tecnologias; c) os labirintos sem fim de racionalizacoes, por meio das quais as accoes sao justificadas, mas cuja fonte esta em sistemas projetivos de qua o homem nao tem consciencia. Nao podemos alcanca as reacoes do homem ao seu meio fisico e humano sem o auxilio destes guias psicologicos

(4) Lewis Mansmann, *The condition of man*, Nova York, 1944.

(5) A. Knutson, *The psychological frontiers of society*, Nova York.

A vantagem oferecida por esta nova técnica está em que sua orientação não foi imposta pela força, nem obedeceu a defesa de interesses pessoais ou de classe, — condição bastante diferente das habituais. Ela permite grande penetração nas motivações pessoais e sociais e aponta o caminho para a introdução de controle sobre as ansiedades humanas e sobre a defesa mobilizada por estas. Qualquer plano de ação social baseado nestes princípios deve, todavia, competir com forças muito poderosas, alinhadas em torno de princípios mais simples como as teorias de superioridade de raça, de seleção eugénica das elites, dos "direitos" de certas classes e assim por diante, que derivam dos sistemas projetivos do homem contemporâneo. Estas forças estão todas polarizadas em torno do princípio de dominação-submissão. O triunfo das orientações da natureza social empiricamente fundamentadas só pode ter lugar quando se instalar uma democracia mais ampla, e um desejo maior de ganhar visão com respeito à estrutura psicológica de forças que podem ou manter a sociedade, ou despedaçá-la.

SEGUNDA PARTE

A interação social

*A interação social**

TALCOTT PARSONS e EDWARD A. SHILL

A INTERAÇÃO no *ego* e do *alter* é a forma mais elementar de um sistema social. As características dessa interação estão presentes, de maneira mais complexa, em todos os sistemas sociais.

Em sua interação, tanto o *ego* como o *alter* constituem, cada qual, um objeto de orientação para o outro. As diferenças básicas de orientação com relação a objetos não-sociais são duas. Primeiro, como os resultados da ação do *ego* (por exemplo, lograr atingir um objetivo) dependem da reação do *alter*, o *ego* orienta-se não apenas pelo próprio comportamento *manifesto* do *alter* mas também pela interpretação que faz das expectativas do *alter* com relação a seu comportamento, uma vez que o *ego* espera que as expectativas do *alter* influenciarão seu comportamento. Segundo, num sistema integrado, essa orientação com relação as expectativas do outro, é recíproca ou complementar.

A comunicação através de um sistema comum de símbolos, é o pré-requisito desta reciprocidade ou complementaridade de expectativas. As alternativas que se abrem para o *alter* devem possuir um grau de estabilidade com relação a dois aspectos: como possibilidade *realística* para o *alter* e, segundo, no seu sentido para *ego*. Essa estabilidade pressupõe a generalização da, particularidade de uma dada situação do *ego* e de *alter*; ambos mudando continuamente, e nunca se apresentando concretamente idênticos em qualquer dos momentos. Quando esta generalização ocorre, e ações, gestos ou símbolos tem, mais ou

⁽⁰⁾ "The Basic Structure of the Interactive Relationship", in *Toward a General Theory of Action*, Harvard University Press, Cambridge, 1951, pgs. 105-107.

menos, o *mesmo* sentido, tanto para *ego* como para *alter*, pode-se dizer que existe uma cultura comum entre eles, através da qual sua interacção é efetuada.

Além disso, essa cultura comum, ou sistema de símbolos possui inevitavelmente, sob certos aspectos, um significado normativo para os agentes. Uma vez que ela exista, a obediência de *sun* convênies torna-se uma condição necessária para que o *ego* seja "compreendido" pelo *alter*, no sentido de permitir que *ego* obtenha o tipo de rendimento que espera de *alter*. Este conjunto de símbolos culturais comuns torna-se o meio pelo qual se forma uma constelação de múltiplas ações contingentes, de tal modo que emergem simultaneamente uma definição ou escala de reações apropriadas de parte do *alter* para cada uma das possíveis variações das ações efetuadas por *ego*, e *vice-versa*. Portanto, não apenas *ego* e *alter* devem *comunicar-se*, mas devem reagir apropriadamente um a ação do outro, como condição para a estabilidade de um sistema de expectativas complementares como esse.

Uma tendência para uma consistente reação apropriada também uma tendência para a conformidade com um padrão normativo. A cultura não é apenas um conjunto de símbolos de comunicação, mas um conjunto de normas para a ação.

A motivação do *ego* e do *alter* torna-se integrada nos padrões normativos através da interação. A polaridade entre satisfação e privação é crucial neste ponto. Uma reação apropriada da parte de *alter* é motivo de satisfação para *ego*. Se *ego* obedece as normas, essa satisfação é, de alguma maneira, uma recompensa pela sua conformidade com elas. O contrário ocorre no caso de privação e desvio das normas (*deviance*). As reações do *alter* com relação a conformidade ou ao desvio por parte de *ego* dos padrões normativos tornam-se, portanto, uma sanção para *ego*. As expectativas de *ego vis-a-vis* com *alter* são expectativas que se referem aos papéis de *ego* e de *alter*; e as sanções reforçam a motivação de *ego* para conformar-se com essas expectativas-papel. Assim, a complementaridade de expectativas acarreta o reforçamento recíproco da motivação de *ego* e de *alter* para a obediência aos padrões normativos que definem suas expectativas.

O sistema interativo também envolve o processo de generalização não apenas na cultura comum pela qual o *ego* e o *alter* se comunicam mas na interpretação das ações veladas diante de *ego*, como expressões das *intenciones* de *alter*. Essa "generalização" implica que o *alter* e o *ego* concordam que certas ações de *alter* são índices de *atitudes* que *alter* adquiriu com relação a *ego* (e reciprocamente, *ego* com relação a *alter*). Desde que essas atitudes são, no presente paradigma, integradas na cultura comum, e essa última está "internalizada" no sistema de disposições e necessidades da personalidade de *ego*, *ego* é sensível não apenas aos atos manifestos de *alter* como as *suas atitudes*. Ele adquire uma necessidade não só de obter *recompensas* específicas e evitar punições específicas, mas de usufruir as atividades favoráveis e evitar as desfavoráveis de *alter*. Efetivamente, desde que *ego* está integrado nas mesmas normas, essas serão as mesmas tanto em suas atitudes com relação a si próprio, quanto a um objeto. Assim, a violação da norma leva-o a sentir vergonha com relação ao outro, culpa com relação a si mesmo.

Deve ficar claro que, como um tipo ideal, esse paradigma de interação implica *reciprocidade* de satisfação num certo sentido, embora não necessariamente distribuição uniforme de satisfação. Mesmo no caso em que mecanismos especiais de ajustamento, tais como de dominação e submissão, ou de alienação das expectativas normativas interferem, o processo ainda deve ser descrito e analisado em relação às categorias deste paradigma. Por conseguinte, o paradigma é útil, tanto para a análise de sistemas de expectativas normativas, quanto para a conformidade real ou desvio em relação a estas expectativas na ação concreta.

Resumindo, podemos dizer que este é o paradigma básico para a estrutura de uma relação interativa solidária. Contém todos os elementos fundamentais da estrutura de papéis do sistema social e do sistema de arraigamento e segurança da personalidade. Envolve a cultura tanto nas suas funções comunicativas como nas de orientação valorativa. Este é o ponto central da organização de todos os sistemas de ação.

O individuo e a diade*

GEORG SIMMEL

1. INTRODUÇÃO

NOSSA DISCUSSÃO refere-se às formações sociais que dependem do número de seus elementos componentes. Até agora fomos incapazes de formular esta dependência de maneira a permitir a derivação de consequências sociológicas de certos números específicos. Isto não é, contudo, impossível, se nos contentarmos com estruturas suficientemente simples. Se começarmos com o limite inferior da série numérica, aparecerão magnitudes aritmeticamente definidas, que são as pressuposições inequívocas de formações sociológicas características.

2. O INDIVÍDUO ISOLADO

A estrutura numericamente mais simples dentre as que podem ser caracterizadas como de interação social, ocorre entre dois elementos. Existe, entretanto, um fenômeno externamente ainda mais simples, que também faz parte das categorias sociológicas por paradoxal e contraditório que isto possa parecer — trata-se do indivíduo isolado. É uma verificação, contudo, serem os processos formadores do *dual* mais simples, com frequência, que aqueles necessários à caracterização sociológica do *singular*. Para a/lise deste último, são dois os fenômenos relevantes: isolamento e liberdade. O mero fato de um indivíduo não interagir com outros não constitui, a claro, um fenômeno socio-

^{C1}) "The Isolated Individual and the Dyad", in *The Sociology of Georg Simmel*, traduzido e organizado por Kurt H. Woss, The Free Press, Glencoe, Illinois, 1950, page. 118-144. Trad. de Robert Schwartz, cotejada com o original alemão.

lógico; assim como não exprime, também, a ideia integral de isolamento. Isto porque, na medida em que a importante para o indivíduo, o isolamento não significa apenas a ausência da sociedade. Pelo contrário até, a ideia envolve a existência ideal, ainda que rejeitada, da sociedade. O isolamento adquire seu sentido unívoco e positivo na medida em que a considerado como um efeito da distância social — mesmo que sob forma de sobrevivência penosa do passado, de antecipação de contratos futuros, de nostalgia ou de intencional voltar as costas a sociedade. O homem isolado não sugere um ser que habitasse solitário a terra, desde os seus primórdios. Pois também a sua condição determinada pela associação, ainda que negativamente. Alegria e amargor do isolamento mais não são que reações diversas a influências experimentadas por via social. Isolamento e interação entre dois partidos, um dos quais abandona a cena real após a haver exercido certas influências, sobrevivendo e agindo em forma ideal no espírito do remanescente solitário.

Característico, no caso, a um fato psicológico bem conhecido. O sentimento do estar isolado, quando estamos fisicamente sós, raramente é tão decisivo e intenso como quando se é estrangeiro, sem relações entre pessoas fisicamente próximas, tal como acontece em festas, num trem ou no movimento de uma grande cidade. Favorecer um grupo esta solidão, ou mesmo permiti-la em seu seio, é um traço essencial da própria estrutura deste mesmo grupo. Comunidades fechadas e íntimas não costumam permitir tais vínculos intercelulares. Quando falamos de existências antissociais, tais como miseráveis, criminosos, prostitutas, suicidas etc., podemos referir-nos a elas como sendo um *deficit* que se produz proporcionalmente às condições sociais. Da mesma maneira, uma dada quantidade e qualidade de vida social cria um certo número de existências temporal-las ou cronicamente solitárias, que não são, a claro, de mero exame estatístico, como as anteriormente citadas.

3. 'solament'

Isolament', portanto, e a relação que, centrada num indivíduo, existe entre ele e um certo grupo ou uma vida de grupo em geral. Sua significação sociológica, porém, não se esgota al:

pode ser tambem uma interrupcao, ou urna diferenciacao peridica numa dada relacao entre duas ou mais pessoas. Assim sendo, e de especial importancia naquelas relacoes cuja natureza e a negacao mesma do isolamento. Isto aplica-se, sobretudo, ao casamento monogamico. A estrutura de urn casamento particular nao precisa envolver, e claro, as mais finas e mais intimas nuances dos conjuges. Mas, quando envolve, ha urna diferenca essencial entre os casos em que se preserva a alegria do isolamento individual apesar da perfeicao da vida comum, e os casos em que a relacao nunca e interrompida por devogao a solidao. O segundo caso pode ter varias razoes. O habito da vida comum pode ter privado a solidao de seus atrativos; ou e a incerteza afetiva que faz passar por infidelidade a interrupcao por isolamento, ou ainda, o que e pior, faz passar a interrupcao por urn perigo para a fidelidade. De qualquer modo, e nitido que o isolamento nao se limita ao individuo e nao se esgota num simples negar da associacao. Tem tambem urn significado simbolico muito positivo. Na medida em que e consciente, da parte do individuo, representa uma funcao muito especifica em face da sociedade. E, mais, sua funcao — seja como causa, seja como efeito — caracteriza marcadamente a natureza, tanto grandes repositos como relacoes muito intimas.

4. LIBERDADE

E neste topico, tambem, que cabe analisar um dos muitos aspectos sociologicos da liberdade. A primeira vista, liberdade — assim como isolamento — parece ser urn simples negar da associacao. Isto porque qualquer associacao envolve necessariamente o ligo, enquanto que o homem line nao forma urna unidade com outros, mas e uma unidade ele mesmo. Poder-se-ia imaginar uma liberdade que mais nao fosse do que falta de relacoes, ou ausencia de restricoes sociais. O eremita cristao ou hindu, o habitante solitario das velhas florestas germanicas ou americanas, podem gozar liberdade no sentido de que sua existencia esta completamente impregnada de contentamentos nao-sociais. Coisa semelhante poder-se-ia dizer de uma coletividade (comunidade caseira, por exemplo, ou um estado) que exista a maneira de uma ilha, sem

vizinhos nem relacoes com outras coletividades. Para o individuo, entretanto, que tenha relacoes com outros individuos, liberdade tem urn significado muito mais positivo. Para ele, a propria liberdade e uma relacao especifica em face do seu ambiente. Passa a ser urn fenomeno correlativo, que perde seu sentido com a ausencia de sua contrapartida. E e em vista desta contrapartida que a liberdade apresenta dois aspectos da maior importancia para a estrutura da sociedade.

1) Para o homem social, a liberdade nao e urn estado que exista sempre, que possa tornar-se assegurado, nem e posse de uma substancia por assim dizer material, que se tenha adquirido de uma vez por todas. Itaque por que liberdade nao e nada disto, nos veremos rapidamente. E de se notar que cada solicitacao importante, que empenhe o esforco do individuo numa dada direcao, tem a tendencia de prosseguir indefinidamente, de tornar-se completamente automatica. Quase todas as relacoes — de estado, de partido, de familia, de amizade, de amor — parecem naturalmente estar num plano inclinado: se sao abandonadas a suas mesmas, estendem seus proprios ate impregnarem o homem inteiro. Ficam circundadas, imprudentemente, por urn halo ideal, contra o qual o individuo precisa guardar, explicitamente, alguma reserva de flegas, devogoes e interesses que possa manter alheios a essas relacoes. Ma e apenas pelo extenso da solicitacao, entretanto, que o egoismo das ligacoes ameaça a liberdade dos individuos empenhados. Parte crabe tambem a inflexibilidade da propria relacao, quando e estreita e monopolista. Usualmente, cada solicitacao faz valer seus interesses com total e impiedosa indiferença para com outros interesses e deveres, sem preocupar-se com uma posterior harmonia ou compatibilidade. Esta limitacao a liberdade do individuo fica equivalendo aquela que lhe imporia solicitacoes diversas, quando em grande numero. Em face das relacoes desta natureza, a liberdade emerge como um processo continuo, de liberacao, como lutar por nossa independencia, pelo direito de escolhermos a qualquer momento e por livre vontade, hinda que nossa escolha recaia sobre o permanecermos *dependentes*. Esta luta deve ser renovada apes cada vitória. Assim sendo, a desvinculacao — como comportamento social negativo — quase nunca e urn calmo possuir da liberdade,

mas antes de urn continuo abandonar de tacos que estejam, de momenta, a limitar a autonomia do individuo, ou que tendam a faze-b. Liberdade não é existencia solipsista, mas não socio-lógica. Não é uma condigdo limitada ao individuo isolado, mas uma relagdo; uma relagdo, ainda que do panto de vista de um dos sujeitos.

Liberdade é algo de bem diverso, tanto da simples rejeição de relagões como da irinidade da esfera individual em face das esferas adjacentes — assim sendo, não apenas de urn ponto de vista funcional, mas também de conteado. O que nos sugere o acima dito é a verificação do fato de que o homem não somente deseja ser livre, mas deseja usar sua liberdade para alguma coisa. Grande parte deste uso, contudo, resume-se em explorar e dominar outros homens. Para o individuo social, isto é, para o individuo que vive em constante interagdo com outros, liberdade parece não ter nenhum sentido se não lhe permite estender o domínio de sua vontade sobre estes outros, tornando-se identica a este poder. Nosso idioma caracteriza corretamente certos atos bruscos e violentos como "tomar liberdades com alguem". De maneira analoga, muitas linguas usam seu termo liberdade no sentido de "direito" ou "privilegio". O caráter puramente negativo da liberdade, como relag-a-o do individuo para consigo mesmo, fica assim suplementado em duas direções por um caráter muito positivo. Liberdade consiste, em grande parte, num processo de liberagdo; nasce de urn lago, com o qual contrasta; é consciencializada, encontra seu sentido e valor na reagao contra este taco. Consiste também numa relagao de poder para com outros, na possibilidade de nos fazermos valer dentro de uma dada relagao, no obrigar e submeter os outros, ligando em que encontra seu valor e sua aplicagdo. O significado da liberdade como algo limitado ao próprio sujeito aparece, assim, como separador das águas entre duas funções sociais; estas baseiam-se no simples fato de que o individuo está presa por outros, aos quais, por sua vez, prende também. O significado subjetivo de liberdade, nesta perspectiva, aproxima-se de zero, mas revela sua real significancia nesta dupla relagdo sociológica, mesmo quando a liberdade é concebida como qualidade individual.

5. A DIADE

Como vemos, os fenômenos de isolamento e liberdade evidenciam-se efetivamente como formas de relagões sociológicas, ainda que frequentemente por meio de conexões indiretas e complexas. Tendo em vista este fato, a formação sociológica mais simples continua sendo, metodologicamente, aquela que opera entre dois elementos. Contém o esquema o germe e o material de inúmeras formas mais complexas. Sua significação sociológica, contudo, não se esgota em suas extensões e multiplicações. A diade, ela mesma, é uma sociagao. Mais do que realizar de maneira pura e característica muitas das formas gerais da sociabilidade, a limitação a dois membros é condigdo necessária de existencia para diversas formas da sociacao. Sua natureza tipicamente sociológica é sugerida por dois fatos. Um deles é que a maior variação das individualidades empenhadas ou dos motivos unificadores não alteram a identidade destas formas. Outra, é que ocasionalmente estas formas existem, como entre individuos, entre dois grupos — famílias, estados e organizações de diversas espécies.

O caráter específico de uma relagão, quando empenha apenas dois elementos, é um dado de experiencia cotidiana. O acordo ou segredo entre duas pessoas, o destino ou objetivo comum, ligam-nas de maneira muito diversa daquela que seria possível num grupo maior, ainda que fosse de apenas três participantes. Esta é, talvez, a característica maior do próprio segredo. A experiencia parece mostrar que o mínimo de dois, com o qual o segredo deixa de ser propriedade de apenas um individuo, é ao mesmo tempo o máximo que ainda permite sua preservagdo mais ou menos segura. Em começos do século dezenove, formou-se, na França e na Itália, uma sociedade secreta de caráter politico-religioso, cuja organização interna era hierarquizada. Os segredos reais da sociedade eram conhecidos apenas nos degraus mais altos; a discussao destes segredos entre elite se fazia a dois, mesmo que no alto da escala. O limite *dots* foi sentido de maneira tão decisiva que, onde não podia ser preservado com vistas ao conhecimento, foi preservado com vistas a verbalizagdo

deste conhecimento. Em termos mais gerais, a diferença entre a diade e os grupos maiores consiste na relação da diade para com seus dois membros, diversa daquela dos grupos maiores para com seus componentes. Ainda que o grupo de dois, para aquele que lhe seja estranho, funcione como unidade autônoma, superindividual, para seus participantes funciona de outra forma. Cada qual se sente apenas confrontado com o parceiro, e não com a sociedade que lhe fica sobreposta. A estrutura social, aqui, repousa igualmente sobre os dois, sendo que o desvio de qualquer deles significaria a destruição do todo. A diade não apresenta, por isto, aquela existência suprapessoal que a indivíduo sente como sendo independente dele mesmo. Assim que surge a associação de três componentes, entretanto, o grupo continua a existir ainda que um dos membros se perca.

Essa dependência da diade, em face de seus dois membros, faz com que a ideia de sua existência fique ligada a de sua extinção, e isto de maneira muito mais intensa que no caso de outros grupos, cujos membros sabem que, mesmo após seu desligamento ou morte, o grupo continua a existir. Tanto a vida do indivíduo como da associação ficam, de algum modo, bafeadas pela imagem de suas respectivas mortes. E "imagem", no caso, não quer dizer apenas pensamento consciente, teórico, mas significa uma modificação da própria existência. A morte se nos antepara, portanto, sendo apenas a fatalidade que a dado momento nos apanhará e que, antes disto, apenas existe como ideia ou profecia, terror ou esperança, sem intervir na realidade desta vida. Pelo contrário, o sermos mortais a uma qualidade inerente a vida desde seu começo. Em toda a nossa realidade vivente existe algo que somente vai encontrar sua revelação final, sua última fase, em nossa morte: já somas desde o nascimento seres que irão morrer. A maneira de se-lo, é claro, varia. O modo pelo qual concebemos esta nossa natureza e seu efeito final, e pelo qual reagimos a esta concepção, pode tomar as mais diversas formas, assim como varia a maneira pela qual este elemento de nossa existência se entrelaça com os demais. Estas mesmas observações, note-se, podem ser feitas com vistas a grupos. Idealmente, qualquer grupo maior pode ser imortal. Fato que a cada qual de seus membros, qualquer que seja sua função

pessoal a morte, um sentimento sociológico específico. A diade, entretanto, depende completamente de cada um de seus dois elementos — para sua morte, não para sua vida: para viver precisa de ambos, enquanto que, para morrer, lhe basta um.

Esta situação irá influenciar a atitude subjetiva do indivíduo em face da diade, ainda que nem sempre conscientemente ou de igual maneira. Faz da diade um grupo que se tem, simultaneamente, por ameaçado e insubstituível; lugar, portanto, de uma autêntica tragicidade sociológica, assim como da problemática sentimental e elegiaca.

Este diapasão de sensibilidade estará sempre presente quando o terminar de uma união se torna parte orgânica de sua própria estrutura. Não faz muito tempo, notícias chegaram de uma cidade ao Norte da França que relatam uma estranha "Associação do Prato Quebrado". Anos atrás, alguns industriais encontraram-se para jantar. Durante a ceia, um prato foi ao char, tendo-se partido. Um dos convidados percebeu que o número de fragmentos era idêntico ao dos presentes. A coincidência foi considerada oracular, motivo pelo qual fundaram uma sociedade de amigos que se deveriam servir e auxiliar mutuamente. Cada qual levou uma parte do prato. A sua morte, o pedaço que lhe correspondesse seria enviado ao presidente da sociedade, que juntaria os fragmentos que recebia. O último sobrevivente reconstituiria, com sua última peça, o prato quebrado, ao que este seria enterrado. A "Sociedade do Prato Quebrado" estaria então dissolvida e poderia desaparecer. O sentimento que impregnava esta sociedade, ou que existia em relação a ela, certamente era diverso daquele que se formaria se novos membros se admitissem, e o grupo, por isto mesmo, pudesse perpetuar-se indefinidamente. O fato de ser definido, desde o início, como grupo que irá morrer, confere-lhe um timbre peculiar — timbre que a diade, pela sua estrutura numericamente condicionada, traz sempre.

*O contacto social**

LEOPOLDO VON WIESE e H. BECKER

1. O PROBLEMA DOS CONTACTOS DO PONTO DE VISTA SOCIOLOGICO

MDAS AS RELACÕES de aproximação e afastamento se iniciam por meio de contactos, no sentido mais amplo deste termo. Os contactos podem ser considerados processos sociais, mas, muito embora tais as relações inter-humanas resultem de processos inter-humanos, nem todos estes processos provocam relações. Aqueles que não envolvem necessariamente o aparecimento de relações relativamente estáveis, são chamados contactos. Sua função é de permitir um relaxamento das interações; são fenômenos de duração relativamente limitada, que não manifestam com clareza a intenção associativa de uma ou de ambas as pessoas sem contacto. Portanto, não podem ser chamados processos de abordagem, ainda que numa fase posterior possam desenvolver-se em tais processos. Como relâmpagos que ofuscam a visão para em seguida desaparecer os contactos podem extinguir-se rapidamente; ao momento no qual duas pessoas se encontram, pode seguir-se um longo período de separação e, ademais, um tempo infinito de contactos é rapidamente esquecido. Por outro lado, os contactos freqüentemente servem para amortecer os processos de oposição, inimizade e desacordo, de tal modo que, se os contactos constituem 11/11 pré-requisito

(*) *Systematic Sociology on the Basis of Beziehungslehre and Gebildeslehre*, por Leopold von Wiese e H. Becker, John Wiley & Sons, Nova York, 1932, págs. 152-167. Trad. de Gabriel Bolaffi.

indispensável para a associação, estando lhes dado um resultado

E, ainda, muito embora dos contactos resultem freqüentemente novas relações, estes provocam também uma modificação na intensidade e no tipo de ajustamento das relações preexistentes.

Os contactos podem ser fenômenos físicos, psíquicos ou psicofísicos; estes constituem o objeto da investigação psicológica e especialmente da psicologia social. O sociólogo não pode examiná-los exaustivamente, a não ser em colaboração com a fisiologia (particularmente neurologia), a psicologia, e ciência afins. Mas isto nem sempre é necessário, pois o sociólogo os encara principalmente de um ponto de vista específico, para o qual seus próprios métodos são adequados. Há pouco interesse no estudo psicofísico exaustivo dos processos de contacto, enquanto estes afetam os stress humanos considerados como entidades em si mesmas. Os contactos constituem objeto de estudo para o sociólogo somente quando encarados como elos de ligação entre a condigão sociologicamente relevante de solidificação e isolamento, por um lado, e os processos de associação, por outro. O sociólogo preocupa-se com saber o que significam os contactos e a que estes levam.

3. CONTACTO E ISOLAMENTO

É impossível distinguir claramente os fatos que provocam os contactos das fases elementares dos processos associativos, principalmente dos de abordagem. Frases como "Muito Obrigado" ou "Por onde?" podem evidenciar apenas contacto, mas podem constituir também o início de UM processo associativo. Freqüentemente, o conceito de contacto é usado de maneira imprecisa, confundindo-se com relações associativas como as de abordagem ou até mesmo as de ajustamento. Tanto é assim que algumas vezes a própria "imitação" é chamada de contacto. Isto é um erro grave, pois a palavra "imitação" é constantemente aplicada a processos de "cópia" ou mímica que não só não pretendem a abordagem mas realmente tendem para a direção oposta. Quando UM aluno é surpreendido a caricaturar os gestos do seu professor, enquanto este está de costas, as relações

existentes ou resultantes, na medida em que o professor e o aluno estão relacionados, parecem muito mais relações de oposição, isto é, relações dissociativas. (Este uso da palavra imitação, como muitos outros, evidentemente, não é um uso sociológico; o conceito sociológico não inclui nenhuma satírica e fenômenos análogos.)

Portanto, é necessário distinguir contacto do processo de abordagem da maneira mais clara possível. De modo geral, necessário que haja mais de um contacto para que se produza uma associação definitiva — com efeito, quase sempre são necessárias repetições frequentes e contactos cumulativos. Na maioria dos casos, a sucessão dos processos sociais resulta de contactos frequentes, geralmente decorrentes de uma necessidade exterior, através de fases de tolerância e compromisso e, em seguida, fases de *abordagem*. Mas nem sempre é assim; há contactos primários capazes de ligar dois polos por meio de relações simples e que, ultrapassando todas as fases intermediárias, podem resultar, caso não haja obstáculos insuperáveis, numa amalgamação direta: isto pode ser exemplificado por muitas relações eróticas.

3. CONTACTO E ISOLAMENTO

A diferença entre contacto e isolamento não é de qualidade, mas de grau. Em termos típicos-ideais, os contactos por vezes provocam a participação em padrões pluralistas, eliminando assim a condição de complete. Na realidade, porém, estes nunca podem fazer mais do que torná-la incompleta, pois o isolamento sempre existe em certa medida. Com efeito, os contactos frequentemente provocam pela primeira vez uma consciência clara ou um sentimento definido de isolamento nas suas formas sociais ou mentais. Os elementos essenciais de toda a interação são determinados pelas regiões específicas de contacto e pelas regiões específicas de isolamento resultantes da tal interação. Um contacto físico superficial pode coexistir com o mais profundo isolamento social ou mental por parte de um ou de ambos os agentes.

Isto se torna bem exemplificado quando uma pessoa, entrando num bar, se senta a uma mesa já ocupada por outras pessoas: automaticamente surgem contactos visuais, auditivos e

outros análogos, podendo mesmo haver alguma troca de palavras, mas, na maioria dos casos, a estranheza persiste de uma forma grotesca, desajeitada e até constrangedora. Quando suas pessoas, falando línguas diferentes, se encontram voluntária ou involuntariamente em situação de proximidade física, surgem contactos peculiares. Viajantes europeus ou americanos, entre povos tradicionais, frequentemente são testemunhas da peculiaridade dos contactos que estabeleceram ao se encontrarem no seio de um grupo nativo, cujos membros conversavam animadamente sem que estes pudessem compreender. Tanto os visitantes quanto os nativos se examinam com a maior atenção possível; cada pormenor da roupa, dos gestos, da inflexão de voz e da expressão facial é cuidadosamente observado. Alguns destes viajantes afirmam que em tais circunstâncias se aprende muito mais sobre o comportamento geral do grupo ou da pessoa estranha do que quando a troca de palavras mutuamente inteligíveis desvia a atenção. A impossibilidade de contactos por meio do simbolismo verbal é frequentemente substituída com sucesso por outros tipos de percepção sensorial, principalmente quando certas condições emocionais favoráveis (como, por exemplo, o desejo de amizade, amor ou compreensão simpático.) possibilitam uma "intimidade sem palavras". Entre os seres humanos, não há silêncio eloquente que une, como um palavreado que afasta?

4. DISTÂNCIA

Se observarmos um corte transversal estático do conjunto da vida social, veremos que os componentes do conjunto são, as relações sociais dos indivíduos e os *padrões gerais* de comportamento. Estas relações também podem ser encaradas como distâncias sociais específicas, especialmente evidentes ou não, entre os indivíduos e os *padrões gerais* acima referidos. A fim de explicar estas distâncias quase infinitamente diferenciadas, o sociólogo evidentemente tem de deslocar-se do ponto de vista estático para o dinâmico, pois somente assim poderá compreender a natureza do fluxo incessante dos processos sociais, sem os quais as distâncias específicas e os *padrões gerais* por eles determinados não poderiam manter-se.

A primeira vista, pode parecer que a discussao sobre "distancia" deveria constituir uma introducao ao capitulo sobre os processos dissociativos, assim como a discussao precedente sobre contactos nos levou para os processos associativos. Esta suposicao seria completamente errada, pois distancia, compreendida como mera ausencia de contactos, e um conceito que nao nos interessa aqui. O significado estritamente sociologico de distancia implica sempre contacto; por exemplo, a distancia fisica real que deve separar um Paria de um Bramane envolve um contacto, ainda que negativo, pois neste caso a distancia fisica decorre de processos sociais que se iniciaram por contactos. Adernais, contactos que se iniciam por distancias sociais especificas geralmente se resolvem em processos de *abordagem*, ou mesmo culminam em amalgamacao, embora nao se possa negar que oposicao e conflito sao os resultados mais frequentes.

Os contactos que se repetem monotona ou cumulativamente podem ter consequencias eventuais que contrastam marcadamente com as consequencias das fases iniciais. Os primeiros contactos podem provocar atracao e interesse, mas a repeticao frequente pode repelir e vice-versa.

5. TIPOS DE CONTACTO

Deve ser ressaltado que os contactos entre seres humanos individuais sari indiscutivelmente os imicos tipos que afetam o comportamento inter-humano; os contactos entre padroes gerais *sdb* pelo menos igualmente importantes e mais adiante receberao a devida atengao.

Contudo, no contexto que agora nos ocupa, ha outras distincoes mais relevantes, das quais decorre a seguinte classificacao:

1) Contactos primarios e secundarios. Os contactos primarios se estabelecem diretamente por meio dos sentidos; pessoas em contacto proximo devem encontrar-se numa proximidade fisica relativa. Nesta classe se incluem os que COOLEY chamou de "contatos face-a-face" nos quais o orgao mais ativo e a visao, assim como outros tipos que envolvem o olfato, a audicao e o tato. Os contactos secundarios se realizam indiretamente e ge-

rahmente envolvem separacao fisica; esta categoria compreende cartas, telegramas e outros meios semelhantes de comunicacao.

2) Contactos fisicos e psicicos. A diferenca entre estes dois tipos e intimamente relacionada, mas nao identica, com a diferenca estabelecida entre contactos primarios e secundarios. Os contactos decorrentes de proximidade fisica sao, geralmente (mas nem sempre), tanto fisicos como psicicos.

3) Contactos voluntarios e involuntarios.

4) Contactos simpaticos e categoricos.

6. CONTACTOS FISICOS

A percepcao sensitiva e a base indispensavel dos contactos fisicos; o sentido do tato, a propriedade protoplasmatica elementar da qual se desenvolveram todos os outros sentidos, permite o contacto na acepgao primitiva da palavra. Nao e preciso acentuar a enorme importancia dos contactos que se estabelecem por meio da pele para as relacoes inter-humanas. A caricia, o beijo, o aperto de maos, a palmada, o pontape, o empurrao, a cotovelada, o toque delicado e aparentemente desintencional das roupas, e outros contactos primarios semelhantes, freqientemente dao inicio a urna longa serie de processos e encadeamento de relacoes, ou entao modificam as relacoes ja existentes.

A uniao intima, senao a identidade fundamental entre corpo e mente, o fato de que as sepsagoes vitais serem dependentes dos nervos e o substrato fisidlogico da natureza humana (que nenhum arrazoado nebuloso sobre "espiritualismo" pode negar), constituem evidencias significativas da preponderancia dos contactos fisicos. Os seres humanos querem abraçar e acariciar o que gostam, e agarrar e despedagar o que odeiam. A mao nao e apenas o modal dos instrumentos mais simples e assim o e o gar) com o qual tem inicio a historia humana, mas tambem o simbolo supremo de associacao e dissociacao.

7. ATRACAO E REPULSAO

Os contactos estabelecidos por meio da visao, do olfato ou da audicao sao freqientemente anteriores aos contactos por meio do tato; sobretudo, existem em maior numero, e sao passíveis

de maior elaboração e simbolização do que estes últimos. O conceito de contacto compreende uma série enorme de impressões sensoriais e de derivados que são capazes de combinar-se e de interceptar-se mutuamente de maneira muito complexa. Assim, é possível afirmar que as interligações são tão numerosas que um tipo de contacto suplementa ou a complementado por outros tipos.

Contudo, podemos distinguir duas configurações de contactos; elas podem ser chamadas de atracção e repulsão. Sua relação com os diferentes tipos de percepção sensorial não pode, aqui, ser examinada em detalhe; podemos apenas adiantar que estas configurações incluem certos processos psíquicos que acompanham, orientam e desviam as percepções sensoriais e que por sua vez são fortemente influenciados por elas; a conexão causal geralmente extremamente complicada. O exemplo que damos a seguir foi arbitrariamente simplificado, mas é útil: A sente atracção erótica por B; surge então o desejo de tocar B. Neste exemplo, a atracção anterior ao desejo de contacto físico e, na maioria dos casos, anterior à realização não intencional de tal contacto. Há, entretanto, outros casos nos quais A, depois de estabelecer um contacto físico casual com B, passa a sentir-se intimamente atraída por este; então, a atracção só aparece depois de estabelecido o contacto.

O interesse da sociologia sistêmica pelos contactos físicos limita-se a sua influência na atracção e na repulsão. O que acontece quando duas pessoas estranhas se encontram? A indiferença completa é rara. A consequência habitual é um certo interesse por parte de um ou de ambos, ainda que geralmente pequeno. Este interesse é em parte condicionado por circunstâncias extrínsecas e em parte pelo comportamento e pelas qualidades das duas pessoas. Por vezes, desenvolve-se quase imediatamente um interesse extremamente intenso; por exemplo, se o amor for considerado uma inclinação, entusiasmo, ou paixão, "amor à primeira vista" não é meramente um expediente útil do romancista, mas uma experiência concreta que muitas pessoas podem testemunhar.

8. CONTACTOS SIMPÁTICOS E CATEGÓRICOS

Um tipo geral de relação a contactos primários pode ser definido da seguinte maneira: quando duas ou mais pessoas se encontram e a atenção não é desviada por outras pessoas ou objetos, a atracção ou repulsão se torna evidente para uma ou mais pessoas num tempo extremamente breve, em alguns casos numa fração de segundos. Segundo SMALL, "cada indivíduo tem uma reação sobre os outros". Quando ocorre a atracção podemos supor-lhe acompanhada por um sentimento vago e inconsciente de que seria melhor estabelecer uma relação com a outra pessoa do que permanecer isolado e indiferente. Praticamente ainda não se conhece nada sobre as bases dessas influências inter-humanas; geralmente usam-se metáforas como "personalidade magnética" que nada explicam. Por exemplo, a atracção & Mica que surge algumas vezes quando dois desconhecidos se encontram, não pode ser inteiramente reduzida aos padrões estéticos de uma ou de ambas as pessoas; esta atracção parece ser muito mais elementar e muitas vezes se verifica em oposição direta às preferências pessoais conscientes. A influência de hábitos obscuros, de emoções reprimidas e de outros fatores semelhantes nessa atracção, pode, naturalmente, variar sensivelmente. O mesmo se dá com a intensidade de sua manifestação, pois as pessoas que experimentam certa atracção, podem não estar plenamente conscientes disto ou, quando não assim, podem escamotear, racionalizar ou mesmo dissipar seus sentimentos de todo.

O mesmo se pode dizer quanto à repulsão. As inexplicáveis antipatias que por vezes surgem num primeiro encontro, as aversões para as quais não se pode dar razão alguma (e que, com efeito, são contrárias à toda razão) devem ser aceitas pelo sociólogo como um dado básico; o nexo causal, via de regra, somente pode ser descoberto por uma investigação psicossocial prolongada.

A rapidez da reação emocional perante a percepção de uma ou mais pessoas é particularmente importante. SHALLER afirmou com acerto que, "se observarmos o que acontece na nossa mente

durante tais encontros, veremos que a acção, pela sua rapidez, se assemelha ao movimento das palpebras que, quando os olhos são ameaçados, se movem antes de que disto tenhamos consciência.

Ha um segundo tipo geral de reacção a contactos primários; a sensação de atracção ou repulsão nem sempre é evidente. Frequentemente um recém-chegado não suscita nenhuma preferência ou desestimo na sua primeira aparição. A reacção é mais objectiva; e as emoções ligadas à simpatia e antipatia são inibidas por critérios racionais ou por padrões socialmente estabelecidos.

O estranho é prontamente classificado ou então é atribuído um estereótipo próprio de um Indianista pluralista usual. Sua filiação social a uma classe, a um grupo racial ou cultural etc., são objetos de interesse importantíssimos para o observador.

Na terminologia de SHALEB, este é um contacto categorico; distingue-se sensivelmente da atracção ou repulsão emocional por vezes sentida pelo observador, em virtude das relações do recém-chegado com os seus próprios gostos, inclinações, desejos e experiência — enfim, os contactos simpáticos positivos e negativos. Naturalmente, as duas variedades são estabelecidas em termos típicos-ideais; nos casos empíricos, praticamente todo contacto simpático possui elementos categoricos e vice-versa; entretanto, para os fins deste capítulo, é conveniente fazer esta separação conceitual.

A questão seguinte é: qual é a consequência de um conhecimento mais íntimo, isto quando do contacto surgem processos sociais que culminam em relações definidas? Frequentemente resulta uma mutação rápida ou uma alteração lenta que se dá do simpático para o categorico ou do categorico para o simpático. Tomemos como exemplo a classificação de estranhos em categorias sociais de acordo com os símbolos convencionais. Vestimenta, postura, gestulação habitual e outros traços externos característicos levam a estereótipos tais como "caipira", "madame", "datilógrafa", "carteiro", "tira", "parvenu", "espiao", "professor", "assistente social" etc. Esta classificação categorica, embora seja frequentemente carregada emotivamente, é feita em primeira instancia por meios não emotivos; a preferência ou a aversão

emocional somente surge indiretamente como consequência da classificação. A primeira reacção não envolve necessariamente atracção ou repulsão. Ou, pelo contrario, o primeiro encontro provoca um certo tipo de reacção psicofísica intimamente pessoal, com os seus correlatos emocionais; conseqüentemente, as afiliações sociais são quase completamente desprezadas no começo. Pode-se observar frequentemente que, na medida em que tais contactos se transformam em processos sociais definidos, a reacção simpática cede lugar à categorica; por outro lado, pode verificar-se o reverso. No primeiro caso, o recém-vindo provoca atracção ou repulsão principalmente por qualidades relativamente independentes da categoria social. O interesse decorrente desta reacção provoca um esforço pelo ajustamento por meio da "localização" do estranho no seu *status* social. Como consequência deste processo, pode acontecer que o primitivo sentimento de atracção ou repulsão ligado a uma pessoa específica se transforme no interesse intenso num tipo social particular. Ou, por outro lado, a primitiva classificação de um estranho como "parvenu" ou provinciano pode suceder uma relação simpática para com o "parvenu" ou provinciano específico. Frequentemente, a segunda fase de um contacto provoca hesitação entre atracção ou repulsão. Se da primeira impressão decorre uma predileção emocional, a classificação categorica que virá em seguida pode provocar tendências para a repulsão que se irão chocar com as primeiras impressões. A última fase, imediatamente anterior ao desencadeamento do processo social definitivo, pode constituir a transição de um estado mais ou menos vago de indecisão para uma posição simpática ou antipática claramente definida.

Os efeitos dos contactos continuos podem ser expressos numa fórmula concisa. Em certos casos, os contactos repetidos podem acentuar a impressão inicial; em outros, a repetição pode provocar tendências opostas e contrastantes. Geralmente, circunstâncias extrínsecas, a natureza inusual dos contactos e as personalidades envolvidas, introduzem muitos fatores complexos. Assim, pode sobrevir tanto uma decepção (negativa ou positiva) quanto uma confirmação das relações iniciais.

9. EXEMPLOS DE CONTACTOS PRIMÁRIOS

Vejamos alguns exemplos de contactos primários:

Certas maneiras de olhar para outras pessoas, fixando-as diretamente com os olhos, piscando para elas ou ainda olhando-as furtivamente, geralmente indicam uma atitude definida para com a pessoa para a qual os olhares são dirigidos. Também podem ser considerados contactos primários certos gestos, sorrisos e expressões faciais que em certas circunstâncias podem possuir um elevado conteúdo comunicativo.

Uma *pergunta*, ainda que frequentemente implique um processo bem definido e as relações dele decorrentes, pode também constituir um mero contacto. Isto se verifica nas entrevistas formais, nos pedidos de informação em lugares públicos, em exames orais etc. O processo social somente tem início quando as perguntas e respostas recíprocas transcendem objetivos meramente formais.

O *beijo* e outros contactos carinhosos ou eróticos, embora contactos primários, são estudados com maior profundidade pela sociologia do sexo.

As *brincadeiras*, os acenos e os jogos, desempenham um papel importantíssimo como actus que provocam o estabelecimento de contactos. A *dança* é um exemplo semelhante; é difícil resistir a tentação de discutir demoradamente as múltiplas influências que os contactos realizados por meio da dança produzem nas personalidades e nos padrões pluralistas. A sociologia do sexo, da religião, da arte, a história do trabalho e as disciplinas relacionadas com o contraste entre culturas pre-literárias e "superiores" encontram material abundante neste campo de estudos. Em muitas danças de grupo, o ritmo fortemente marcado dos movimentos pode provocar uma completa perda de consciência. GROSSE mostrou que, entre alguns povos pre-letrados, os dançarinos isolados *parecem* amalgamar-se numa entidade total carregada de emoção própria. O significado social das danças dos pre-letrados decorre da amalgamação que elas produzem. Contudo, estes efeitos não se limitam às danças dos pre-letrados; a dança moderna, como se pode verificar no período imediatamente após a guerra, também pode exprimir e gerar fortes tendências para a amalgamação.

10. CONTACTOS SECUNDÁRIOS

Do ponto de vista das ciências do comportamento inter-humano, a maior parte da história da cultura material pode ser encarada como uma lenta contribuição para a discussão dos contactos secundários, pois eles constituíram inicialmente contactos entre pontos distantes que foram sendo facilitados na medida em que o progresso da técnica tornava menores as distâncias. Os meios de comunicação, do cavalo e da carroça até o avião, o correio, a televisão, o rádio, o cinema, a imprensa etc., são meios sumamente efetivos de contacto secundário. Acontecimentos recentes têm repetidamente acentuado a significação do gigantesco aparato das comunicações, de que dispomos no presente, para o processo total de associação. Na medida em que isto dependa apenas de meios técnicos, hoje em dia é possível manter todos os seres humanos do globo em contacto recíproco.

No presente, os contactos secundários são tão numerosos, se não mais, do que os contactos primários. Predominam na vida das cidades e particularmente nos centros metropolitanos, enquanto que a aldeia, como conceito ecológico, se baseia principalmente em contactos primários. Também a comunicação entre povos e nações é feita principalmente por meio de contactos primários.

É preciso observar que o desenvolvimento técnico fabuloso do aparato das comunicações não trouxe consigo relações emocionais genuínas, e que, ademais, os efeitos gigantescos dos contactos mecânicos, se, por um lado, dão início a processos de associação, por outro dividem e isolam. A perfeição dos meios de comunicação constitui um paradoxo técnico perante a alienação e a inimizade tão frequentes hoje em dia entre povos, nações, raças e classes. O fato de que uma mensagem radiofônica pode dar a volta ao mundo em algumas frações de segundo, na realidade possui implicações duvidosas quando se considera que esta mesma mensagem muitas vezes pode ser inteiramente falsa. O tormento da publicidade, que tanto confunde a vida moderna; não pode de modo algum ser considerado um progresso absoluto; constitui meramente um vasto complexo

cultural cujo valor a apenas instrumental — os valores e fins. Ultimos para os quais é aplicado dependem inteiramente das atitudes de seres humanos e falíveis. Nenhum progresso pode ser obtido apenas por meio de aparelhos tecnicamente perfeitos; nada de realmente essencial pode ser alcançado sem a intervenção criadora da mente humana. A humanidade se encontra perante o fato inexorável de que os povos do mundo se conhecem ainda muito pouco, se é que se conhecem mais do que no passado; ademais, esta-se mais longe do que nunca de um consenso geral com respeito aos valores fundamentais.

As fronteiras agitadas de países como a França e a Itália, a Alemanha e a Polónia, a China e a Rússia; os sistemas protecionistas que ainda regem o comércio internacional, as eternas tentativas de monopólio dos meios de comunicação, a expansão insaciável do imperialismo, o crescimento sem-par dos sistemas militares, a proliferação assustadora dos meios de destruição — tudo isto tendo-se tornado possível graças à facilidade dos contactos secundários — somente podem ser considerados vantajosos pelos otimistas da imprensa mais miope e inflexível.

A sociologia econômica (da qual se nos podemos preocupar superficialmente por constituir um objeto que escapa da sociologia sistemática) oferece uma quantidade inexaurível de material para o estudo dos contactos secundários. Basta considerar as implicações de palavras como "dinheiro" e "crédito". Os contactos secundários exerceram um papel dominante em todo o sistema econômico mundial que se desenvolveu nos últimos dois séculos. A comunicação e o controle entre o escritório do importador e as plantações de tabaco de Sumatra ou dos seringais da Índia, são mantidos por meio de uma rede complicadíssima de contactos secundários. Assim, esta rede liga e sujeita a um destino comum milhares de pessoas que nunca se encontraram face-a-face. Poder-se-ia fazer estudos interessantíssimos sobre a variedade e os efeitos dos contactos entre pessoas de raras diferentes que, em virtude do comércio internacional, se tornaram mutuamente independentes. Antes da 1ª Guerra Mundial, por exemplo, os comerciantes alemães de Bombaim tinham o hábito de visitar os comerciantes nativos no dia do Ano Novo Hindu, a fim de prestar as congratulações de ocasião e de conseguir

novas encomendas para as firmas alemãs. Esta ocasião era astutamente escolhida, pois na noite em que se inicia para os nativos um novo ano fiscal, com o encerramento das antigas contas e a abertura das novas sob as preces dos sacerdotes. Portanto, os comerciantes alemães eram muito hábeis em estabelecer contactos primários nos pontos terminais da rede de contactos secundários internacionais.

11. AS RELAÇÕES ENTRE CONTACTOS PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS

Todo meio social é um foco e parte integrante de um sistema de contactos de curto e de longo alcance que, enquanto fenômenos específicos, estão em transformação permanente. Ademais, a influência recíproca e incessante dos dois tipos de contactos aumenta e varia. Em certos momentos predomina a proximidade e as percepções primárias; em outros a distância e a memória. Não se pode de maneira alguma afirmar que a amizade que se rege na proximidade é sempre dominante; muitas vezes a emoção controlada por experiências quase esquecidas que foram sentidas ao lado de pessoas distantes. Lembranças dos mortos, a presença imaginária de amigos distantes, o medo de pessoas as quais algum dia deveremos prestar contas, a saudade de um amor do passado, a alusão pelos filhos que já deixaram a casa paterna — estes e muitos outros contactos remotos freqüentemente se opõem à influência dos contactos próximos e condicionam o comportamento num grau muito maior. Isto é facilitado pela intervenção constante da imagem mental de pessoas afastadas, ou em pessoas com tendências para o devaneio, evasão, fantasias e temores. Assim, aos contactos remotos se associam muitas ilusões. Por outro lado, os contactos contínuos de curto alcance são geralmente controlados e em certo grau objetivados pela recorrência freqüente à percepção direta, que é relativamente depurada de elementos ilusórios.

Evidentemente, a força do momento imediato, da percepção direta e da proximidade física intensifica a influência dos contactos primários. Muito embora possa haver um esforço intenso de apelo a menções e expectativas que transcendem o presente

e mantem uma conexa-o corn o que a espacial e temporalmente remoto, gerahnente e impossivel harmonizar a recorthacia corn a situagao imediata. A tensao resultante, freqüentemente 6 resolvida a favor do que se encontra concretarnente presente no campo vital, e os contactos prOximos se imptiem.

Naturalmente, ideologias, perfeigao na integragdo de personalidades, representacties simbólicas etc., podem em alguns casos provocar condigOes favoraveis para os contactos remotos; contudo, as Pendlopes nao sao muito freqüentes. Normalmente, ainda que nao Baja a intervengdo de um fator ativo, a inevitavel passagem do tempo obscurece as memórias e as atitudes que dantes consideravamos indeleveis.

Contudo, os contactos próximos e remotos nao sao necessariamente antagonicos. Por vezes, um contacto fisico pode despertar a influencia adormecida de urn contacto secundario, assirn como urn contacto secundario pode provocar uma atitude favoravel e receptiva para urn contacto primario.

A analise psicológica dos contactos secundarios deve basear-se sObre uma cuidadosa distincao entre os fenOmenos conscientes enquanto tais e os meios tecnicos de transmissao; esta distingao deve ser ainda mais meticulosa do que no caso dos contactos primarios. O psicólogo preocupa-se (ou deveria preocupar-se) principalmente corn os processos intra-organicos, deixando a descried() e a explicagito da transmissao etc., para alguma das cidncias que tratarn da cultura material. O sociólogo deve ocupar-se tanto dos aspectos internos quanto dos externos, rnas pode e deve deixar a tarefa da investigagao exaustiva unilateral para as disciplinas de fronteira que, principalrnente corn relagao cultura material, ja realizaram bastante. Parece-nos recomendavel chamar a ateneao para os dois aspectos acima citados: 1) cultura material, e 2) meios psicoldgicos de contacto.

1) Uma ampla variedade de contactos secundarios 6 realizada por meios tecnicos tais como o telefone, o radio, e os vdrios sistemas de servigo postal. Tais comunicacties, realizadas externamente, por certo produzem ramificag6es psicológicas das quais aqui poderernos indicar apenas alguns tragos. Tomemos, por exemplo a carta: uma carta comercial, uma carta de amor,

uma carta que volta sem ter sido aberta, uma carta de demissao, urn bilhete minim° e outras comunicac6es deste tipo, estabelecem contactos secundarios de uma ampla variedade de est:66.es e graus. Tambem devemos observar que o fato subjetivo ao qual podemos chamar de "receptividade as cartas" a igualmente diverso. Por exemplo, em quase thdas as partes da Area cultural europ6ia-americana, as mulheres costumam escrever muito mais cartas intimas e estritamente pessoais do que os hornens. Muitas pessoas sao capazes de dramatizar e de viver o contetido das cartas que: recebem enquanto que outras sao incapazes de "ler nas entrelinhas" e de "por-se no lugar de quem escreve". Por outro lado, ha muitas pessoas que possuem urna capacidade altamente desenvolvida para nao compreenderem cartas em virtude de um desejo insaciavel de ler o que o rernetente nao quis escrever. O telefone tambem apresenta difereneas sensiveis no tipo de contactos que podem ser estabelecidos. Algumas pessoas tern muito maior facilidade de comunicacao pelo telefone do que face-a-face, enquanto que outras sao completamente incapazes de usar um torn pessoal ou confidential em conversagões telefônicas, pois encaram o aparelho como urn simples instrumento para comunicactms estritamente categóricas. Assirn, caberia perguntar ern que medida o "progress o" intenso nas tecnicos de transmissao de sorn contribui para a mecanizagao das intern-6es sociais; ou se, pelo contrerio, foi a lassidao dos lagos que unern os Beres humans no presente clue favoreceu a niecanizagao das comunicagões.

2) Os contactos secundarios tambem podem ser estudados pelo psicólogo social como urn processo que se verifica dentro da consciencia; o quadro nos fornece estes exemplos: como *pensar em alguétn que estd ausente, desejar-se junto de algudrn, inclinar-se favoravelmente para algudm que estd ausente e ter saudades de alguem*. Urna outra diferenea entre Ste tipo de contacto e os que se efetuam por meios tecnicos reside no fato de que aqueles freqüentemente envolvem apenas a procura de um contacto remoto e portanto sao unilaterais antes do que reciprocos. Na realidade, as cartas podem perder-se e as ligac-Oes telefônicas podem falba; mas ern geral podemos supor que A e B estabelecern contacto por rneio de uma carta, por exemplo,

de maneira tal que A sabe da lembrança de B por A. Ademais, as cartas frequentemente terminam com a conhecida frase "*Lembranças a sua família eredo se esquega de me escrever*". Entretanto, estamos principalmente interessados nos processos conscientes, que não se tornam manifestos em tais símbolos externos, mas que permanecem mais ou menos implícitos, como "*desejando estar com saudades*". Estes processos denotam da consciência podem ser chamados de "busca de contactos remotos". A frase "*inclinarse favoravelmente para uma pessoa ausente*" também se inclui; ela denota uma forma especial de ligação simpática com um ser querido distante, estabelecida depois de um período de flutuação e de indecisão, coroada pela atitude sentimental tão bem expressa na canção "A ausência faz crescer o coração".

Isolamento social*

KARL MANNHEIM

1. AS FUNÇÕES SOCIAIS DO ISOLAMENTO

O ISOLAMENTO é uma situação marginal na vida social. É uma situação que carece de contactos sociais. As formas mais simples de isolamento são criadas por barreiras naturais como as montanhas, os mares interiores, os oceanos ou os desertos. Frequentemente as barreiras naturais criam um tipo protetor de isolamento. Tanto grupos como indivíduos podem ser isolados e, em ambos os casos, as consequências principais do isolamento são a individualização e o retardamento.

Todo indivíduo e todo grupo, desde que excluídos do contacto com outros indivíduos ou grupos, tende a tornar-se um indivíduo ou uma comunidade, que se desvia das outras. Isto significa que percorre o seu próprio caminho; ajusta-se somente às suas condições particulares, sem trocar influências e impressões com outros indivíduos ou grupos. Como consequência da falta de contactos com outros, o indivíduo ou grupo desconhece a evolução das outras pessoas ou unidades sociais. Desta maneira emerge um fenómeno a que chamamos evolução desproporcional. Os contactos sociais atuam de forma semelhante aos contactos entre objetos físicos cujo grau de calor é diferente. O contacto entre a matéria tende a nivelar as temperaturas relativas dos objetos a um mesmo grau de calor. Com as classes sociais de-se o mesmo. Os contactos frequentes entre a aristocracia e a classe

(*) "Isolation", in *Systematic Sociology*, por Karl MANNHEIM, Routledge & Regan Paul, Londres, 1957, pgs. 56-64. Trad. de Gabriel Bolaffi.

media tendem a torni-las semelhantes em muitos aspectos ou, pelo menos, a diminuir as diferengas existentes entre ambas. Por outro lado, o isolamento e a distancia aumentam as diferengas originais e as individualizam. Pode-se observar como isto acontece em comunidades rurais que sac, isoladas por montanhas pantanos, como tambem em individuos que se afastam dos outros e se--excluem. Tanto as primeiras como estes eltimos se tornam "peculiares".

A esta altura, a conveniente lembrar que o isolamento age desde o processo de evolugao zoologica, contribuindo para a criagao das 'Arias especies. Adaptagao das especies relaciona-se intimamente com a adaptagao organica a condigees geograficas diferentes. Algo semelhante pode ser observado na vida e na evolugao dos grupos. Por exemplo, se um grupo unificado de nemades se estabelece num territorio e se disto resulta que varios subgrupos se separem uns dos outros e perrnanegam muito tempo sem contacto, tanto seus habitos como a sua maneira de falar coinegarao a se diferenciar. E assim que aparecem os dialetos, de uma maneira muito parecida corn o aparecimento das especies e a variagao na vida animal. Portanto, a individualizagao e a especializagao sat) uma das possiveis consequencias do isolamento.

A outra consequencia possivel e o retardamento. Obviamente, para Vida especie de individualizagao a necessario um certo grau de isolamento. Se um individuo pretende preservar sua personalidade da dissolugao e guardar sua integridade, precisa algumas vezes afastar-se da sociedade e retirar-se para dentro de si mesmo; mas se o individuo se retrai completamente da sociedade, podemos esperar um retardamento na sua evolugao.

Da mesma forma, a selegao de uma boa raga de animals requer a alteragao de periodos de intercruzamento (a assim chamada endogamia) corn periodos de cruzamento com outros animais (exogamia) durante os quais sera introduzido sangue fresco.

Certas seitas que viveram centenas de anos isoladas entre povos de uma outra cultura sac, um exemplo da regra segundo a qual o isolamento promove a estabilidade dos tipos. Por outro lado, a miscigenagao de reservas diferentes, como se passa nos Estados Unidos mostra que a falta de urn certo isolamento cria

uma grande variedade e instabilidade de tipos. Como ja disse-mos, a essencia do isolamento social é a diminuiglo dos contactos. Neste capitulo, reduzimos as formas complexas de isolamento a processor elementares. Nossa prOxima tarefa sera descobrir gnats sao as diferentes causas que criam o isolamento e determinar que consequencias podem surgir das varias formas de isolamento.

2. OS VAEIOS TWOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Distinguimos dois tipos principais de isolamento: isolamento espacial e isolamento organico. O isolamento espacial pode ser externo, isto e, uma privagao forgada de contactos, como acontece quando alg-u6m e banido de sua comunidade ou encarcerado. Como consequencia, o individuo perdera a protecao do seu grupo, ou do seu rebanho, no caso de um animal. E muito significativo que o macho de certas especies, quando afastado do rebanho, é conhecido pelos cagadores como extremamente perigoso; torna-se mais agressivo e entao a muito mais violento do que os animais que estao em contacto com o rebanho. De maneira algo semelhante, os banidos, os prisioneiros e em certa medida tambem os marginais, mostram uma forte propensao para o comportamento anti-social. E interessante que, em alemao, a palavra "miseraver e a palavra que design uma pessoa residente no estrangeiro, tem a mesma ra& 0 comportamento anti-social, e algumas vezes o desejo de vinganga, sal° uma consequencia mental tipica do confinamento solitario, que a uma forma extrema de exclusao forgada. No inicio do seculo xrc, muitas pessoas bem intencionadas, influenciadas por concepgees morais e religiosas tradicionais, acreditavam que o isolamento e a solidao fortaleceriam o carater dos catecemenos e facilitariam sua conversao°. Entretanto, as consequencias, na maioria dos casos, eram estados mentais de melancolia, anormalidades sexuais, alucinagees e, frequentemente, comportamento anti-social. A explicagao para este fato e simples: o ajustamento as condigees de prisio-neiro, para a inaioria dos individuos, implica torna-los desabitoados a sociedade e a vida social, e e justamente isto que causa as atitudes anti-sociais.

Por isolamento orgânico, entendemos o isolamento que não provocado por uma imposição externa, mas por certos defeitos orgânicos do indivíduo, tais como a cegueira ou a surdez. A consequência essencial de tais defeitos é a falta de certas experiências comuns ao homem sadio. BEETHOVEN exprimiu isto muito bem quando afirmou: "Minim surdez obriga-me ao exílio". As consequências dos defeitos orgânicos são muito semelhantes às de certos defeitos sociais como a timidez, desconfiança, os sentimentos de inferioridade ou superioridade e o pedantismo. Estas distorções sociais, quando não são a consequência de um isolamento anterior, acabam por criar um isolamento parcial. As consequências de tal falta de experiência farão com que o surdo, o cego e o tímido, raramente sejam plenamente correspondidos por pessoas normais, farão com que estejam em posição de inferioridade em toda espécie de comunicação pública, com que se tornem céticos, desconfiados e irritados e, portanto, que tenham menos possibilidades de escolher amigos e companheiros entre as pessoas que estão próximas. Pode-se falar em "falta de associações por escolha", e o resultado posterior disto é um número limitado de pessoas com as quais podem desenvolver potencialidades intelectuais. Tudo isto pode levar à resignação: o indivíduo pode perder a esperança de obter uma posição normal e um lugar na vida, ou tornar-se uma personalidade que aceita o seu papel de inferioridade imaginária. Outro resultado frequente desta situação é a compensação, ou mesmo a hipercompensação para a inabilidade, com o possível desenvolvimento de um complexo de superioridade. Uma pessoa nestas condições pode sentir que "ninguém está à minha altura".

O pedantismo está estreitamente relacionado com estes complexos. O pedante é geralmente uma pessoa que sente bem-se sob proteção segura, por exemplo sob a proteção harmoniosa do lar. A mania de ordem e de limpeza pode significar para estas pessoas uma proteção contra possíveis futuros atritos, choques e críticas. Pedantismo é principalmente um sintoma através do qual se esconde o medo de cair numa situação inesperada e, assim, o pedante procura definir cada situação à sua maneira. Sua meticulosidade é frequentemente considerada uma forma distorcida de erudição. O pedante se

distingue pela sua compulsão psicológica, pela inflexibilidade de espírito e de simpatia, que faz da precisão um fetiche.

A timidez, em termos psicológicos, é uma espécie de isolamento parcial que decorre da incapacidade de reagir de forma adequada em certas esferas da vida. É geralmente consequência de um choque físico na infância. Este choque geralmente ocorre no momento exato em que a criança dá a esfera das relações da família e da vizinhança para penetrar no universo dos contactos secundários. Uma espécie de trauma, uma lesão física, decorre deste passo, podendo resultar num desequilíbrio ético de personalidade. Entretanto, os germes da timidez devem ser procurados nas relações familiares durante os primeiros anos de vida.

A timidez, que a princípio emerge ocasionalmente, tende a se tornar habitual com o tempo e pode criar todos os sintomas do isolamento parcial. Em crianças pequenas, podemos encontrar traços primários desta irregularidade nas habilidades sociais, que mais tarde pode aparecer como uma ansiedade perante novas situações. Tais sentimentos podem surgir antes de exames, ou mesmo na classe quando a criança tem de ser interrogada sobre uma questão inesperada. Se esta atitude é transferida para um grande posterior de desenvolvimento, pode coibir a capacidade normal de decisão do indivíduo. Quando o apoio usual da família desaparece, uma personalidade desequilibrada geralmente procura compensar-se de uma ou de outra maneira, pela exteriorização de sentimentos, procura de carinho, apego sentimental e forte à outra pessoa, e por outras intensas expressões de emoção.

Outro tipo de isolamento parcial surge quando a habilidade normal em efetivar contactos sociais não consegue encontrar o ambiente apropriado para as respostas dadas. Para este caso, podemos dar o exemplo dos solteiros — o celibato — por vezes consequência da timidez. As personalidades nesta situação procurarão satisfazer as perdas sofridas em sua vida pessoal e social por meio de uma carreira de utilidade social, pela amizade, se a conseguem encontrar, pela disciplina, ou talvez protegendo pessoas e mantendo um sentimentalismo geral.

3. FORMAS DE RETRAIMENTO(*)

O retraimento também representa um tipo de isolamento parcial. O retraimento implica proteger a esfera da nossa experiência interior de ser afetada pelo contacto social. O homem moderno freqüentemente procura esconder parte do seu ser interior do controle público. Aqui podemos falar do retraimento do nosso ser interior.

Podemos observar um desenvolvimento semelhante no plano político quando observamos como o estado liberal moderno se abstém de interferir na vida particular do indivíduo, da mesma maneira que se abstém de regulamentar ou controlar a consciência, as convicções e os sentimentos privados, ou quando na cidade moderna nos assistimos a uma proteção da vida particular dos cidadãos, das vistas do público. A vida da aldeia desconhece a intimidade interna ou externa. Na aldeia, ou na comunidade primitiva, intimidade pessoal e vida pública não se opõem: Sem tanto uma a outra come na grande cidade. Geralmente, tegla a aldeia esta a par da vida particular do camponês, e o controle público penetra em todo ponto secreto da vida familiar do indivíduo. Por que é assim? Evidentemente porque na comunidade primitiva o plano das atividades individuais se liga ao fim das atividades da comunidade toda. Nestes grupos, a separação social, o retraimento da própria personalidade, a extremamente difícil. As corporações das cidades medievais também eram capazes de controlar a maioria das atividades internas e externas dos seus membros individuais, como a expressão de crenças religiosas, atividades profissionais, as formas de sociabilidade, suas atividades artísticas e suas cerimônias fúnebres. As organizações modernas, como associações profissionais ou corporações, abrangem apenas certas esferas limitadas do indivíduo. As possibilidades de retraimento são aqui muito maiores e retraindo-se o homem moderno consegue isolar uma parte do seu ser interior. Este isolamento significa um fortalecimento da individualização.

Os movimentos religiosos protestantes e puritanos representam uma tendência para transformar a religião pública em reli-

(*) A *palmist* inglesa aqui traduzida como retraimento e *privacy*, que o português possui correspondente em português.

gião privada e para manter a salvo de interferência externa certas partes do ser interior. O Puritanismo também reflete a tendência de renegar a publicidade e valorizar as nossas experiências interiores. Este processo de criação começa — como a maioria das transformações internas — com mudanças externas, como a separação entre a casa e a loja ou entre a casa e a oficina. Os burgueses enriquecidos da baixa Idade Média e do Renascimento puderam prover cada membro da sua família com um quarto para o seu próprio uso. Estas são as principais circunstâncias externas que criaram um conjunto de atitudes e sentimentos aos quais chamamos de privados. Esta é também uma das formas da individualização.

Aqui, precisamos distinguir claramente entre atitudes relacionadas com contactos primários, contactos "simpáticos" (como a intimidade) e as atitudes relacionadas com o retraimento ("privacy"). Retraimento é uma espécie de isolamento para dentro da família ou de grupos primários. É uma forma de refugiar-se num grupo social onde o controle grupal é muito próximo ao indivíduo. O retraimento é uma ajuda importante na criação da individualização; ele estimula a tendência para a individualização interna. Uma das principais consequências do retraimento é a criação de um conjunto duplo de normas, tanto de normas legais quanto de normas morais da consciência. Outra consequência é o aparecimento de um duplo padrão na experiência do tempo. Não nos referimos ao tempo cronológico, que pode ser medido por meio de uma escala objetiva, mas a medida pela qual temos consciência do tempo na nossa experiência interior.

Nossa experiência interior do tempo se orienta principalmente pelas experiências coletivas. Na medida em que nos relacionamos íntima e firmemente com os nossos semelhantes, por meio de aspirações comuns, as tensões aplicadas neste esfera comum diferenciam o tempo de maneira coletiva para cada participante. Pessoas 'que agem em conjunto, a fim de obter os mesmos resultados' coletivos, medem o tempo de acordo com as suas atividades comuns. Originalmente, a articulação dos acontecimentos, e mesmo do tempo, se orientava de acordo com estes propósitos comuns. Mas o retraimento separa certas expe-

riências do indivíduo da comunidade, e as experiências internas se tornam separadas das do mundo exterior. Por consequência, o tempo interior é separado do tempo da comunidade. Também deve ser lembrado que a evolução desproporcional cria experiências individualizadas e introjetadas, que, por serem privadas e pessoais, não são igualizadas ou niveladas. A discriminação cuidadosa das experiências, ligadas a introversão, a uma fonte de poesia subjetiva e de subjetivismo em geral.

perigo de um retraimento excessivo está na possibilidade de conduzir a uma ruptura da personalidade. Universo interior do indivíduo a parte e o mundo das atividades comuns perdem sua ligação interna, e a pessoa passa a viver em dois mundos separados. LITERSHAM e SHELDON caracterizam um dos seus "tipos" psicológicos com esta atitude esquizofrênica.

Desde que não represente um isolamento absoluto, mas apenas parcial, o retraimento naturalmente também possui um significado positivo para a cultura deste seu aspecto) criador foi verificado pelos organizadores dos movimentos religiosos monásticos. A cela das freiras é um meio artificial de criar condições externas que favoreçam o recolhimento (*privacy*). As que vivem nestas celas são chamadas "clausuradas", e os regulamentos das ordens monásticas contêm recomendações para evitar contatos externos. A cela e estes regulamentos ajudam a criar campos de experiência artificialmente homogêneos, e os regulamentos monásticos relativos ao trabalho e ao lazer procuram atingir o mesmo objetivo. É nisso que devemos procurar uma das origens dos sentimentos religiosos subjetivos. Tais sentimentos subjetivos são uma das formas primárias de individualização interna, estimulados pelo retraimento.

(*) Est: 1074mPh. É uma palavra composta de dois vocábulo gregos, skizo = ruptura e phrith = mente. (N. da T.)

Comunicação e contacto social*

EDWARD SAPIR

esvão que determinados processos de comunicação são necessários para a manutenção de uma sociedade, de suas unidades e do entendimento existente entre seus membros. Embora falemos freqüentemente da sociedade considerando-a como uma estrutura estática, definida pela tradição, ela é, quando a observamos mais de perto, algo completamente diferente: uma trama extremamente complexa de entendimentos, parciais ou completos, entre os membros das unidades organizatórias de diferentes graus de tamanho e complexidade, indo desde um casal de namorados ou uma família, a Liga das Nações; ou, ainda, essa cada vez maior porção da humanidade que pode ser atingida pela imprensa, através de todas suas ramificações internacionais.

A sociedade é, portanto, apenas aparentemente uma soma estática de instituições sociais. Na realidade, é ela dinamicamente estimulada e criadoramente renovada por atos individuais de natureza comunitária, acarretando a participação dos homens nela. Assim, não se pode dizer que o Partido Republicano exista por si mesmo, uma vez que ele existe apenas na medida em que sua tradição é constantemente aumentada e enriquecida por simples atos comunicativos: John Doe vote no Partido Republicano, comunicando, desta maneira, uma espécie de mensagem; meia dúzia de pessoas reúnem-se num certo tempo e lugar, formal ou informalmente, a fim de trocarem ideias e, eventualmente, decidirem sobre questões de interesse nacional — reais ou

(*) "Communication", por Edward Sapir, in *Encyclopaedia of the Social Sciences*, organizada por Edwin R. A. SELIGMAN e Alvin J. Joranson, vol. VI, The Macmillan Company, Nova York, 1931, page. 78-80. Trad. de Leôncio Martins Rodrigues.

imaginerias — devem ser discutidas na convengao partidaria muitos meses mais tarde. O Partido Republicano, como uma entidade histrica, 6 meramente uma abstragao destes milhares e milhares de atos individuais de comunicagao, os quais tern, em comum, determinados tragos de referencia persistentes. Se estendermos o exemplo a todos os campos imaginaveis em que a coffiunicagao se realiza, compreenderemos logo que cada padrao cultural e cada ato particular de comportamento social envolve urn problema de comunicagao, tanto explicita como implicitamente.

Podemos distinguir convenientemente determinadas tecnicas fundamentais — ou processos primaxios de colter comunicativo — de certas tecnicas secundOrias que facilitam o process° de comunicagao. Essa distingao, no piano psicologico, talvez nao seja muito importante. Tern ela, entretanto, uma significagao histOrica e socioleigica muito real, se considerarmos que esses processos fundamentais sao comuns a Oda a humanidade, enquanto as tecnicas secundarias surgem apenas num nivel relativamente refinado de civilizagao.

Entre os processos primaxios de comunicagao de uma sociedade, podemos mencionar: linguagem; gestos (no seu sentido mais amplo); imitagao do comportamento manifesto, alem de urn amplo e mal definido grupo de processos implicitos, originados do comportamento manifesto e que podem, talvez, ser vagamente designados como "sugestao social".

A linguagem 6 o tipo mais explicito de comportamento comunicativo que conhecemos. Basta salientar aqui que ela consiste, em todos os casos conhecidos, de um aparelhamento de referenda absolutamente completo de simbolos foneticos capazes de determinar cada referencia social conhecida (inclusive todos os dados reconhecidos da percepcao) que a sociedade a qual eles pertencem traz ern sua tradigao. E a linguagem, em teda sociedade conhecida, o processo comunicativo por excelencia. Assim, 6 de primordial importanda observar que — quaisquer que possam ser as deficiencias de uma sociedade primitiva julgada do ponto de vista de nossa civilizagao — sua linguagem constitui inevitavelmente um sistema simbelico de referencia. Por outro lado, este sistema 6 tao seguro, tao completo e tao

potencialmente criador como a linguagem mais refinada de que temos conhecimento.

Tudo isto significa, para a teoria da comunicagao, que os mecanismos de um entendimento significativo entre seres humanos sao de tal forma complexos e ricos em harmonia numa sociedade refinada como numa sociedade primitiva.

Os gestos nao constituem apenas a manipulagao das maos e de outras partes visiveis e mOveis do organismo. EntonagOes de voz podem exteriorizar atitudes e sentimentos tao significativos como o fechar do punho, o abanar das mac's, o dar de ombros, o franzir das sobrancelhas etc. Constantemente este, a gesticulacao inter-relacionada com uma linguagem correspondente. Ha, entretanto, muitos atos de ordem psicalOgica e historica demonstrando a existencia de sutis mas firmes linhas de demarcagao entre a linguagem falada e os gestos. Neste sentido, a titulo de exemplo, observemos que a mensagem transmitida pelo simbolismo da linguagem — oral ou escrita — pode estar em total connadigao corn a mensagem comunicada pelo sistema sincrOnico dos gestos, isto 6, pelos movimentos das ma^Ps e da cabega, entonagOes da voz e de simbolismos foneticos. O primeiro sistema pode ser inteiramente consciente e o Ultimo inteiramente inconsciente.

A comunicagao pela linguagem, ao contrario da comunicagao pelo gesto, tende a ser social e oficialmente acreditada; pode-se, destarte, interpretar intuitivathente o simbolismo relativamente inconsciente dos gestos como psicologicamente mais significativo num dado context° do que as palavras realmente pronunciadas. Em tais casos, no desenvolvimento da experiencia social do individuo, estaremos em, face de urn conflito entre as comunicagOes explicitas e implicitas.

A imitagao do comportamento manifesto 6 a condi & basica para a consolidagao da sociedade. Esta imitagao, podem, rnesmo nao sendo intencionalmente comunicativa, tem sempre o valor retroativo de uma comunicagao porque — no processo de ajustamento aos costumes da sociedade — aceitam-se efetivamente os propositos que sac; inerentes a asses costumes. Quando uma pessoa aprende a it a igreja, por exemplo, porque outros membros da cornunidade realizam este tipo de atividade, 6 ainda

como se uma comunicacao tivesse sido recebida e atuado sObre essa pessoa. E flinchº da linguagem articular e racionalizar o muted& total dessas comunicacões informais no desenvolvimento da experiencia social do individuo.

A sugestao social (apesar de menos comunicativa no carter do sue o comportamento manifesto e suas imitacões) a como a soma total de novos atos e significados implicitamente possibilitados por estes tipos de comportamento social. Destarte, numa sociedade dada, a revolta individual contra o habito de it a igreja, ainda que superficialmente contradiga os designios convencionais desta sociedade, pode, nao obstante, receber t8da sua significacao social de centenas de comunicacões que existiram anteriormente e que pertencem a cultura do grupo coma um todo. tao grande a importancia das comunicacões nao verbalizadas e nao formuladas da sociedade que quem nao estiver intuitivamente familiarizado corn elas provavelmente sorf iludido pelo significado de certos tipos de comportamento, mesmo que esteja inteiramente consciente de suas formas externas e dos simbolos verbais que a acompanharn. funcao primordial do artista articular estas intenções mats suds da sociedade.

Os processos comunicativos nao se aplicam simplesmente sociedade. Sao eles indefinidamente variados quanto a forma e ao significado nos verbs tipos de relacões que constituem a pr6pria sociedade. Deste modo, urn determinado tipo de cornportamento ou um sfmbolo lingalstico nao tem, de nenhuma maneira, a mesma significacao comunicativa no interior do cfrculo familiar, ou entre os membros de 11171 grupo econemico, ou no ambito de uma nacao. De urn modo geral, quanto menor o circulo e maior a complexidade de compreensao alcançada dentro dele, mais conciso pode o ato de comunicacao chegar a ser. Uma Unica palavra trocada entre os membros de um grupo intimº, apesar de seu aparente aspecto ambiguo e vago, pode constituir uma comunicacao muito mais exata do que muitos volumes de correspondencia, cuidadosamente preparada, trocada entre dois govemos.

Parecem existir ries classes principais de tecnicas que tern por objetivo facilitar os processos primal-los de comunicacao da sociedade. Estas classes podem ser indicadas: 1.º) transferencia

de linguagem; 2.º) simbolismo originado de situacees tecnicas especiais; e 3.º) a criacao de condicees fisicas favoraveis ao ato comunicativo. O melhor exemplo conhecido de transferencia de linguagem e a escrita. O cedigo telegrafico Morse a outro exemplo. Estas e muitas outras tecnicas de comunicacao tern isso em comum; enquanto sao manifestamente diferentes entre si, sua organizacao fundamenta-se na organizacao simbeliea primaria que se originou no domino da fala. Psicologicamente, portanto, elas ampliam o miter comunicativo da fala pars situa-gees nas quais, por uma ou outra razao, a fala nao a possivel.

Nas classes mais especiais de simbolismo comunicativo, nao podemos traduzir palavra por palavra, tal como elas sao. Bode-mos semente parafrasear, na fala, o significado da oomunicacao. A estas classes pertencem sistemas simbelicos como: o use de sinais luminosos nas estradas de ferro, toques de cornetas no exercito e sinais de furnace.. interessante observar que, embora se tenham desenvolvido muito mais tarde na histeria das socie-dades, sao muito menos complexas em estrutura do que a propria linguagem. Sao valiosas, de urn lado, porque facilitam uma situacao quando nem a linguagem nem qualquer outra forma que a substitua pode ser utilizada. E sao, em parte, tambem importantes quando se deseja encorajar a natureza autornatica da resposta almejada. Desta forma, porque a linguagem é extremamente rica em significados, torna-se algumas vezes urn pouco inc8moda, ou rnesmo/perigosa de se confiar quando semente urn simples "isto" ou "aquilo", ou "sim" ou "nao" esperado como resposta.

A importancia da ampliacao das condicoes tecnicas, facilitando as comunicacões, e 6bvía. As estradas de ferro, o telegrafo, o telefone, o radio e o aviao estao entre os melhores exemplos. Deve-se notar que tats instrumentos, como estradas de ferro, radio etc., nao comunicativos em si mesmos, chegaram a se-lo semente porque facilitaram a apresentacao de tipos de estímulos, os quais agem como sfmbolos de comunicacao ou implicam significados comunicativos. O telefone, assim, see utilizavel se a pessoa corn quern falamos compreende nossa linguagem. O fato de a estrada de ferro levar-nos ate determinado lugar Tao e de real importancia comunicativa, a nao ser que existam limites

determinados de interesses, que nos liguem aos habitantes daquele lugar. A incapacidade de ter sempre em mente estes pontos Obvios, tern levado alguns autores a exagerar a importancia, nos tempos modernos, de invencOes como o telefone, a estrada de ferro etc.

A hist6ria da civilizacdo foi marcada pelo increment° progressivo do alcance das comunicacees. Numa sociedade tipicamente primitiva, a comunicacdo era reservada para os membros da tribo e, no meximo, para um pequeno n6rnero de tribos circunvizinhas corn as quais as relacdes eram mais intermitentes do que continuos, agindo como uma especie de barreira entre o mundo psicolegico significativo — o mundo da sua prepria cultural tribal — e o grande desconhecido ou **que se achava** al6m. Hole, na nossa civilizacdo o aparecimento de uma nova moda em Paris este. ligada, por uma serie de fatos rdpidos e necessdrios, corn o lancamento da mesma moda ern outros lugares distantes, como Berlim, Londres, Nova York, Sao Francisco e Yokohama. A razdo subjacente desta notavel transformacdo na difusdo e rapidez de comunicacdo, 6 a difusdo gradual dos tracos culturais ou, em outras palavras, das reacees culturais significativas. Entre os virios tipos de difusao cultural, a prepria linguagem 6 de grande importancia. Artificios tecnicos secundirios fabricados para facilitar a comunicacdo sdo tambem, naturalmente, de grande importancia.

A multiplicacao das tecnicas de comunicagdo de longo alcance tern dois resultados importantes. Em primeiro lugar, elas aumentam o alcance das comunicacees, de forma que, para determinados fins, todo mundo civilizado se torna psicologicamente equivalente a uma tribo primitiva. Em segundo lugar, diminui a importancia da simples proximidade geogrAfica. Nestas condities, devido a natureza tecnica destes artificios refinados de comunicacdo, regides do mundo geograficamente distantes podem, em termos de comportamento, estar atualmente muito mais preximas urnas das outras do que regioes adjacentes, as quais, de um ponto de vista histOrico, se supee partilharem de urn amplo corpo de compreensdo comurn. Certamente isto significa uma tendencia para social e psicologicamente "refazer o mapa" do mundo. Hoje em dia ja se pode afirmar que o "mundo

cientifico" disperso constitui uma unidade social, sem localizacdo territorial exata. O preprio meio de cultura urbana, nos EUA, por exemplo, contrasta fortemente com o ambiente rural. O enfraquecimento do fator geogrefico na organizacdo social deve, a longo prazo, rnodificar nossas atitudes no que tange aos significados das relacees pessoais, das relac'Oes entre as diversas classes sociais e mesmo entre diferentes nacionalidades.

O significado da comunicaglio para a vida social*

CHARLES H. Coorzy

EbrrENDEmos por comunicagao o mecanismo pelo qual existem e se desenvolvem as relagOes humanas: todos os simbolos mentais e os meios de propaga-los no espago e preserve-los no tempo. A comunicagao abrange as expressOes faciais, as atitudes e os gestos, os matizes da voz, as palavras, as publicagOes, as ferrovias, o telegrafo, o telefone e tacks as mais recentes descobertas na conquista do espago e do tempo. Todo este conjunto, na complexidade de seu inter-relacionamento efetivo, comp& urn todo organic°, correspondente a totalidade organica do pensamento humano. Cada coisa, nas formas do desenvolvimento mental, tern uma existencia exterior. Quanta mais profundarnente considerarmos 'asses mecanismos, mais intimamente revelar-se-ao suas relagOes corn a vida interior da humanidade.

Mao ha uma separagao nitida entre os meios de comunicagao e o resto do mundo exterior. Todos os objetos e agOes, de certo modo, sac) simbolos mentais e quase tudo que existe pode ter seu valor simbelico. Podemos simbolizar, pan uma crianga, a lua ou urn esquilo, simplesmente mostrando-os, imitando um esquilo ou desenhando a lua. Mas existe tambem, quase desde o infcio, um desenvolvimento convencional da comunicagao originado de sinais espontaneos que perdem, parent, rapidamente, sua conexao com os objetos, urn sistema de simbolos padronizados corn o mero objetivo de difundir o pensamento. E essa a principal questao a ser considerada.

(*) Social Organization, Charles Horton C. LEY, Charles Scribner's Sons, Nova York, 1909, pags. 61-65 e 80-103. Trad. de 7.ettnele Martins Rodrigues.

Sem a comunicagao, a mente nao desenvolve uma verdadeira natureza humana, permanecendo num estado anormal e indescritivel, nem humano, nem animal. Essa assergao a drameticamente ilustrada pelo caso de Helen Keller. Como sabemos, ficou ela, aos *oito mesas*, em consequencia da perda da visa° e da audicao, isolada da convivencia humana, s6 retomando contacto corn a sociedade com cerca de sete anos. Ainda que sua mente durante esse periodo nao estivesse totalmente separada da sociedade — pois conservou o use de uma sena consideravel de sinais aprendidos durante a infancia — seus impulsos eram primitivos e incontrolados. Seu pensamento era tao desconexo que, mais tarde, nao se lembrava de quase nada do que acontecera antes do despertar ocorrido por volta dos sete anos.

A historia desse despertar, relatado por sua professora, oferece-nos o quadro nitido de que necessitamos para compreender a importancia dos fatos gerais e do sig-nificada da comunicagao para a mente individual. Durante semanas, Miss Sullivan soletrou palavras nas maos de Helen, que as repetia e as relacionava corn objetos; porem, ela nao tinha captado ainda a ideia da linguagem em geral: o fato de que tudo tern um name e que, atraves dele, Helen poderia partilhar corn outros suas práprias experiencias, aprendendo, com as experiencias alheias; o fato de que existe urn *intercdmbio de pensamento*. Isto aconteceu tamente.

"Esta mantra, quando se/estava banhando, — narra sua professora, — Helen quis saber o nome da agua... Eu soletrei:

e nao pensei mais no assunto ate a hora do almOgo. Entao ocorreu-me que, com o auxilio dessa nova palavra, eu poderia explicar, corn 6xito, o problema do jarro de leite (uma canfusao de ideias anteriormente discutidas). Fomos para o local da bomba de agua. Fiz com que ela segurasse a jarra sob o cano da bomba enquanto eu bornbava. Quando a Apia fria jorrou, enchendo a jarra, soletrei: **na outra mao de Helen**. A palavra, yin/do logo depois da sensagao da agua fria sabre a mao pareceu surpreende-la. Ela deixou cair a jarra e ficou'transfigurada. Uma luz nova surgiu ern seu rosto. Soletrou a palavra "Agua" diversas vezes. Depois, sentou-se no chao e perguntou-me coma se chamava a bomba, a canigada

e, repentinamente, se voltou e perguntou meu nome. Soletrei "professOra". Neste momentº a ama trouxe a irmazinha dela para a casa da bomba e Helen soletrou "nene", apontando depois para a ama. Durante todo o caminho de volta, ela esteve muito excitada, aprendendo o nome de todos os objetos que tocava, de forma que, em poucas horas, adicionou ao seu vocabulário trinta novas palavras.

"No dia seguinte", continua Miss Sullivan, "Helen levantou-se como uma fada radiante. Borboleteava de objeto a objeto, perguntando-me o nome de todos eles, e beijando-me, muito contente". E, quatro dias mais tarde, "cada coisa devia ter nome... Ela abandonava os sinais e os gestos que utilizava anteriormente tão logo adquiria novas palavras para defini-los; a aquisição de cada nova palavra dava-lhe o mais vivo prazer e notamos que seu rosto, dia a dia, se tomava mais expressivo"¹.

Experiências desse tipo acontecem mais gradativamente com todos eles. Adquirimos um maior desenvolvimento através da comunicação. As relações e conversas com nossos familiares, os livros, cartas, viagens, artes e coisas semelhantes, despertando os sentidos e o pensamento, e guiando-nos através de certos canais, proporcionam o estímulo e a estrutura para todo nosso desenvolvimento.

Do mesmo modo, se tivermos uma perspectiva mais ampla e considerarmos a vida de um grupo social, veremos que a comunicação, incluindo sua organização na literatura, na arte e nas instituições, a verdadeiramente a estrutura externa ou visível do pensamento, tanto causa como efeito da vida interna ou consciente do homem. Tudo não passa de desenvolvimento: os símbolos, as tradições, as instituições são, indiscutivelmente, projetados pela mente. Porém, no próprio momento, e depois de sua projeção, eles reagem sobre a mente e, de certo modo, controlam-na, estimulando, desenvolvendo e fixando certos pensamentos em prejuízo de outros, para os quais não veem nenhuma sugestão estimulante. O indivíduo, graças a essa estrutura e um membro não apenas de uma família, de uma classe e de um Estado como também de um todo mais amplo, retrocedendo ao homem pré-histórico que progrediu graças ao pensamento. Nesse

(1) *The Story of My Life*, pags. 313, 317.

todo, o homem vive como um elemento, dele extraindo os materiais necessários para seu desenvolvimento e adicionando-lhe todo pensamento construtivo que é capaz de expressar.

O sistema de comunicação, portanto, é um instrumento, uma invenção progressista, cujos aperfeiçoamentos reagem sobre a humanidade e alteram a vida de cada instituição e de cada indivíduo. O estudo desses aperfeiçoamentos é um dos melhores meios para chegar-se a uma compreensão das transformações sociais e mentais com elas relacionadas, pois oferece uma estrutura tangível para as nossas ideias, da mesma maneira como alguém que deseja compreender o caráter orgânico da indústria e do comércio necessita começar pelo estudo do sistema ferroviário e da quantidade e qualidade dos produtos que por circulam, passando daí para as transações financeiras mais abstratas.

E, especialmente quando chegamos a nossos dias, nada poderemos compreender corretamente, a não ser que percebamos a maneira pela qual a revolução no sistema de comunicações construiu um antigo mundo. Assim, nas páginas seguintes, pretendemos demonstrar que a evolução do intercâmbio afeta os sistemas de desenvolvimento social, investigando particularmente os efeitos das recentes transformações.

COMUNICAÇÃO MODERNA: AMPLIAÇÃO E FUNCIONAMENTO

As transformações ocorridas desde o começo do século XIX são de tal monta que constituem uma nova época na comunicação e no sistema total da sociedade. Elas merecem, deste modo, um estudo mais acurado, não tanto em seus aspectos mecânicos, que já nos são familiares, mas em sua ação sobre as grandes massas.

Se alguém far analisar o mecanismo da comunicação, poderá, talvez, distinguir quatro fatores que, primordialmente, contribuem para sua eficiência:

Significado - ou grau de ideias e sentimentos que expressam;
Duração ou domínio do tempo;

Rapidez ou domino do espaço, e
Difusão ou acesso a todas as camadas sociais.

Atualmente, quando e fora de diivida que grandes avanços já se realizaram na capacidade de expressão, — como, por exemplo, na ampliação de nosso vocabulário a fim de abranger os concertos da ciência moderna quando avanços se realizaram mesmo no domínio do tempo, para fins científicos e outras objetivos particulares e ainda que, na época moderna, o desenvolvimento se tenha efetivado na direção da rapidez e da difusão, com tudo isso, nossa linguagem, para muitos fins, não a tem boa quanto o foi na época da Rainha Elizabeth, see que é igual. Mas que facilidade obtivemos na sua utilização! O barateamento do custo de impressão, permitindo uma inundação de livros, revistas e jornais populares, foi suplementado pelo aparecimento do moderno sistema postal e pela conquista da distância através do telegrafo, das estradas e do telefone. Além disso, paralelamente a esse aumento do alcance da palavra falada e escrita, apareceram novas artes de reprodução, como a fotografia, fotogravuras, fonógrafos e outras coisas semelhantes de importância social maior do que imaginamos, pelas quais novos tipos de império do mundo visível ou audível podem ser fixados e disseminados.

Nunca será demais afirmar que essas transformações são os fundamentos, de um ponto de vista mecânico, para quase tudo que é característico na psicologia da vida moderna. De um modo geral, elas significam a expansão da natureza humana, o que vale dizer, de seus poderes para expressar-se no contexto social. Elas permitem a sociedade organizar-se cada vez mais a partir das faculdades mais elevadas do homem, baseado antes na inteligência e na compreensão do que na autoridade, na casta e na rotina. Significam liberdade, abertura de novos horizontes, possibilidades ilimitadas. A consciência pública, no que diz respeito a seus aspectos mais ativos, em lugar de permanecer restrita a grupos locais, estende-se igualmente através das trocas de sugestões que as novas formas de intercâmbio possibilitam, até que grandes nações e finalmente o próprio mundo, possam ser incluídos num vigoroso complexo mental.

O miter geral dessas transformações está bem expresso por essas duas palavras: *ampliado e movimentado*. Os contactos sociais são espacialmente ampliados e temporalmente e, num mesmo ritmo, a unidade mental que eles acarretam torna-se mais ampla e mais viva. O horizonte dos indivíduos amplia-se ao entrar em contacto com uma vida mais extensa e variada. Conserva-se em movimento, algumas vezes excessivamente, pela multiplicação de sugestões modificadoras que a vida lhe apresenta.

Qualquer que seja o ponto de vista pelo qual estudemos a sociedade moderna, a fim de compará-la com o passado e prever o futuro, devemos conservar, pelo menos, a subconsciência dessa transformação radical em funcionamento, sem o que nada poderia ser compreendido.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a consciência *Shea*, em fins do século XVIII, estava limitada a pequenas localidades. Viagens vagarosas, desconfortáveis e dispendiosas; as pessoas, ao empreenderem uma viagem para um lugar longínquo, deixavam preparado o testamento. Os jornais, aparecendo semanalmente nas grandes cidades, eram inteiramente insuficientes na divulgação de notícias, e o número de cartas enviadas durante um ano, os trinta Estados, era muito menor do que o número delas atualmente enviado pelo correio de Nova York num só dia. O povo, hoje, está mais interessado com o que ocorre na China do que anteriormente. O isolamento, até mesmo das grandes cidades do resto do mundo e a consequente introversão da mente do homem para assuntos locais, era alguma coisa que dificilmente podemos conceber. "No campo, o meio social da fazenda era a vizinhança; o das pequenas cidades eram as fazendas que a circundavam e a tradição local, ... poucos grupos se reuniam para a discussão e nação comum; centros educacionais não irradiavam o impacto de uma nova vida intelectual para cada povoado; federações e uniões não congregavam os homens; nem das circunvizinhanças, nem dos lugares afastados, em relações de camaradagens que tornam o indivíduo um amálgama de diversos tipos humanos. Era uma época de seitas intolerantes em consequência da ausência: de relações"².

(2) W. L. ANDERSON, *The Gentry Town*, pags. 209-210.

A mudanga para o regime atual de estradas de ferro, telegrafos, jomais, telefones etc., acarretou uma revolugao em cada aspecto da vida: no comercio, na politica, na educagao e mesmo na mera sociabilidade e tagarelice, consistindo essa revolugao sempre na ampliagao e no aceleramento do tipo de vida em questa°.

Provavelmente nada ha nesse nava mecanisma tao penetrante e caracteristico como o jornal diario, tao veementemente louvado como condenado e, em ambos os casos, corn razoaveis motivos. Que estranha pratica se nos aparece, quando refletimos sabre isso, ver urn homem sentar-sea sua mesa de almago e, em lugar de conversar corn a espasa e os filhos, segurar diante de seus olhos uma especie de tela na qual estao escritos todos os boatos do mundo!

A fungal° essencial do jornal 6, certarnente, servir como boletim de importantes novidades e como meio de intercambio de ideias atraves da publicagao de entrevistas, cartas, discursos, editoriais. Dessa Erma, torna-se indispensavel para a organizagao da apin° pPublica. A malaria de seus assuntos a mentor transmitida atraves de noticias fabricadas, de boatos. Esse tipo de intercambio, que antigamente o povo colhia nos bares das estradas e nos mexericos com a vizinhanga, adquiriu agora a dignidade de imprensa e um sistema impositivo. O fato de absorvermos urn dilUvio dessas noticias nao significa, necessariamente, tuna degenerescencia de nosso pensamento, rnas sim que estarnos, simplesmente, satisfazendo urn velho apetite de uma nova maneira. Henry Jo/dos fala, corn a severidade natural da sensibilidade literaria, do "aspecto ubfquo do jornal, corn sua monstruosa e deformante aparencia, e de sua bocarra, preparada para o palavrerio de Bedlam, que langa seus mananciais de vulgaridade mais na America do Norte do que em qualquer parte da Terra"³. Porem, apesar disso, 6 a imprensa mais vulgar do que qualquer outro tipo antigo de falaterio? Indubitavelmente, parece pior porque ousa partilhar corn a literatura o use da palavra impressa.

Que o conjunto dos assuntos dos jomais a falaterio, podernos comprovar pela observagao de tres caracteristicos que, reunidos,

(3) "The Manners of American Women", Harper's Bazar, maio de 1907.

parecem formar uma definigao nitida daquela palavra. tie 6 copioso, planejado para entreter a manta sem cansa-la. Consiste principalmente em questees intimas, despertando emogaes superficiais. E falacioso, exceto com relagao a poucos assuntos do momenta, que o pUblico esta apto a acompanhar e a verificar. Esses Uagos, quem far curioso podera comprovar pelo estudo de seu jornal matinal. Ha urn lado negativo e outro positivo dessa ampliagao do falaterio. Em primeiro lugar, devemos salientar que ale amplia a sociabilidade e o sentimento comunitirio; sabemos que o povo de todo o mundo ri corn as mesmas piadas ou vibra corn a rnesma emogao diante de urn jag° de futebol e adquirimos a convicgao de que pessoas de outros paises sao bons sujeitos, tanto quanto nes. O jornal tende tambern, pelo medo que se tern do escandalo, a impor um padrao popular de moralidade um pouco vulgar, porem sadio e human. Por outro lado, desenvolve a superficialidade e o lugar-comum em cada esfera do pensarnento e do sentimento, sendo, sem clUvida, a anttese da literatura e de tecda aria& espiritual elevada e sensivel. A imprensa, pela sua difusao, 6 oposta a distingao.

No que se refere a politica, a comunicagao, torna possivel a °pin° pública, que, quando organizada, constitui a democracia. O desenvolvimento total disso e da educagao e o consequente esclarecimento popular dependem de forma imediata do telegrafo, do jornal e do correimapido, pois s6 pode haver opior() popular sabre questaes diarias, em vastas regiaes, quando o povo 6 prontamente informado de tail assuntos e capaz de trocar opiniaes sabre ales.

Nosso govern, sob a Constituigao, nao era originariamente uma dernocracia e nao foi organizado corn essa intengao pelo homem que a elaborop ✓ Deveria ser uma república representativa devendo o povo escolher representantes de carter e sabedoria, que iriam para a Capital informar-se sabre os problemas correntes, e, pastas condigaes, deliberar e decidir. Nao fora previsto que o povo ptulesse pensar e agir de forma mais direta. A Constituigao nao espfrito, democratica e, comb Mr. Bryce notou, podia, sob condigties diferentes, tornar-se a base de urn sistema aristocratic°.

muito duvidoso que um sistema qualquer pudesse agrupar ate mesmo os trinta primitivos Estados numa solida Uniao sem o advento da comunicacao moderna. A filosofia politica de PLATÃO e MOWRZESQUAM ensinou que os estados livres precisavam ser pequenos e diz-se que Frederico, o Grande; ridicularizou a ideia de um grande estado, estendendo-se do Maine a Georgia. "Um grande imperio — diz MONTESQUIEU — supõe uma autoridade despotica na pessoa que governa. Cumpra que a rapidez das resoluções do Principe cubra a distancia dos lugares para onde são erivadas". A democracia surgiu aqui — como parece estar surgindo por Okla parte no mundo civilizado — não pre-elpuamente em consequência das transformações da primitiva Constituicao, mas como resultado de condições que fazem natural para o povo ter e expressar uma (tinian consciente sobre os problemas da vida &aria. Dizem os que conhecem a China que, enquanto esse país esteve em guerra com o Japão, a maioria dos chineses não tinha consciência de que a guerra prosseguia. Tal ignorância Grim impossível a influencia da opinião pública e, pelo contrário, parece provável que nenhum Estado, possuindo uma opinião pública vigorosa, possa eximir-se da influencia dela, a não ser que reprima o intercambio de pensamento. Quando o povo este informado e pode discutir, tem vontade própria e, assim, pode, cedo ou tarde, controlar as instituições da sociedade.

Fica-se, as vezes, impressionado com a ideia de que deveria haver, para o movimento politico moderno, uma denominacao com um alcance maior do que *democracia*, algum nome que pudesse expressar mais claramente a ampliação e a rapidez do pensamento comum, do qual a primitiva supremacia do povo somente uma entre muitas outras manifestações. O fluxo do novo meio de vida, que se está alastrando com fênica crescente através das velhas estruturas da sociedade, ora levando-as embora, ora deixando-as aparentemente imperturbáveis, não possui um nome adequado.

A educacao popular é uma parcela inseparavel de tudo isso: o individuo necessita, pelo menos, possuir meios para aprender a ler e a escrever, sem o que ele dificilmente podera. ser um membro importante da nova organizacao. E o ulterior desenvolvimento da educacao — tornando-se rapidamente um objetivo

consciente da sociedade moderna, que se esforce para conferir a cada pessoa um treino especial que a habilite a toda função para a qual possua aptidão — e também uma fase de uma organização da energia mental mais livre e mais flexível. A mesma expansão processa-se através de toda a vida, incluindo modas e outras trivialidades ou tipos passageiros de intercambio. E, a mais vasta de todas as fases, cuja atualidade não precisamos salientar, é o desenvolvimento de uma consciência internacional na literatura, na ciência e, finalmente, na politica, aventando uma promessa fidedigna de expansão infinita da justiça e da amizade.

Essa unificação da vida por uma corrente de pensamento mais livre não é apenas contemporânea mas é também histórica, transformando o passado em presente e fazendo de cada notável realização da espécie humana um fato que pode ocorrer na sua vida diária — como quando, por fiel reprodução, a obra de um pintor medieval é trazida para a casa de pessoas que vivem, em outra parte do globo, 500 anos depois.

Ha notáveis possibilidades nesta força de difusão. Nunca tão grandes massas de homens foram tão rapidamente alcançadas a níveis tão elevados como atualmente. As mesmas facilidades existem tanto para a propagação de aperfeiçoamentos do pensamento e das maneiras como de inventos materiais. As novas comunicações espalharam-se sobre o mundo como a luz matinal, despertando-o, esclarecendo-o, ampliando-o e cobrindo-o de expectativa. A natureza humana deseja o bom quando o descobre uma vez e, em tudo que possa ser facilmente compreendido e imitado, grande progresso é efetuado.

Nem há, como tentaremos demonstrar mais adiante, razão plausível para imaginar que, as condições são permanentemente desfavoráveis para o desabrochar dos tipos especiais e selecionados de bondade. A mesma facilidade de comunicação que encoraja milhares de pessoas com a emulação de modelos comuns, também facilita, para as mentes mais discriminativas, a reunião em pequenos grupos. O fato básico é a que a natureza humana se libertou e, com o tempo, justificara, sem dúvida alguma, sua liberdade.

A ampliação dos horizontes afeta não somente as formas de pensamento mas também os sentimentos, favorecendo a ampliação

gao de um sentido de humanidade comum, a unidade moral entre as nações, raças e classes. Todo o sentimento, entre os membros de uma comunidade, pode nem sempre ser amistoso, patina, num certo sentido, deve ser simpático, envolvendo certa consciência dos pontos de vista alheios. Mesmo a animosidade existente entre as nações modernas a de ordem humana e compreensiva, diferente da cega hostilidade animal de uma era mais primitiva. Há ressentimentos e o ressentimento, como Charles Lamb afirmou, e da família do amor.

As relações entre pessoas e comunidades que não possuem entendimento mútuo estão necessariamente situadas num plano inferior. Pode haver indiferença ou odio cego devida a conflitos ou pode haver uma tolerância bem humorada: porém, não havendo consciência de uma natureza comum para favorecer os bons sentimentos. Em épocas passadas, um sentimento realmente humano de amizade estava limitado às tribos; os estrangeiros não se sentiam como fazendo parte de um todo comum, sendo tratados como animais mais ou menos atrevidos ou perigosos: destruídos, pilhados ou escravizados. Ainda em nossos dias, tomamos pouco conhecimento dos problemas das pessoas com as quais não mantemos contacto simpático. Poderemos ler estatísticas sobre as misérrimas condições de vida dos judeus e italianos em Nova York e Chicago, sobre as péssimas moradias e tuberculose. Porém, incomodamo-nos pouco mais com eles do que com as vítimas da Peste Negra, a não ser que suas vidas nos sejam reveladas de um modo humano: por contacto pessoal, por fotografias ou por descrições comoventes.

A isso estamos chegando atualmente. Os recursos da comunicação moderna são utilizados para estimular e satisfazer nosso interesse por cada aspecto da vida humana. Russos, japoneses, filipinos, pescadores, mineiros, milionários, criminosos, vagabundos e tomadores de ópio são-nos familiares. A imprensa bem compreende que tudo que for humano não nos será estranho, bastando, para isso, ser-nos apresentado de uma forma compreensível.

O homem de hoje, com a mente aberta e formada por tal educação, tende a procurar uma natureza comum por toda parte e a exigir que toda gente seja educada sob a influência de prin-

cípios comuns de bondade e justiça. Ele deseja ver as contendas internacionais suavizadas de modo tal, todavia, que não impeça a expansão de raças capazes e a sobrevivência dos melhores tipos; deseja que os cheques entre as classes sejam reduzidos e cada interesse tratado com lealdade, sem, entretanto, restringir os direitos individuais e a livre empresa. Em nenhuma outra época houve um desejo tão generalizado por justiça. O centro principal da discussão diz respeito aos princípios sobre os quais eles devem ser estabelecidos.

O papel da comunicação na expansão da natureza humana e, em parte, imediato, facilitando os contactos e, em parte, indireto, favorecendo o desenvolvimento da inteligência, o declínio das formas mecânicas e arbitrárias de organização e propiciando o aparecimento de um tipo mais humano de sociedade. A História pode ser encarada como marcos da luta do homem para alcançar suas aspirações através da organização, e a nova comunicação é um instrumento eficiente para este objetivo. Considerando que o coração e a consciência humana, contidos apenas pela dificuldade de organização, são o juízo do que poderão tornar-se as instituições, podemos esperar que as facilidades de intercâmbio venham a ser os pontos de partida de uma era de progresso moral.

Os símbolos e o comportamento humano*

LESLIE A. WHITE

I

EM JULHO DE 1939, uma comemoração teve lugar na Universidade de Stanford, festejando o centenário da descoberta da célula como unidade básica de todo tecido vivo. Atualmente estamos começando a compreender e apreciar o fato de que o símbolo é a unidade básica de todo comportamento humano e da civilização.

Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fez dos humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram semente pelo uso de símbolos. O símbolo que transforma um pequeno descendente do *Homo sapiens* num ser humano; e, por isso, os surdos-mudos que crescem sem usar símbolos, não são seres humanos. Todo comportamento humano consiste no uso de símbolo, ou depende disto. Comportamento humano é comportamento simbólico, e comportamento simbólico é comportamento humano. O símbolo e o universo da humanidade.

(*) "The Symbol: The Origin, and Basis of Human Behavior", por Leslie A. Winn, *Readings in Anthropology*, organizado por E. Adamson HOEBEL, Jesse D. Janinica e Elmer R. Sarra, McGraw-Hill Book Company, Nova York, 1955, pgs. 303-311. Trad. de Ruth Correia Leite Cardoso.

II

O grande Darwin¹ declarou: "não há diferença fundamental entre o homem e os mamíferos superiores em suas faculdades mentais?", pois a diferença entre eles "consiste exclusivamente em seu (do homem) poder infinitamente maior de associação dos mais diversos sons e ideias". Então, a diferença entre a mente humana e a de outros mamíferos é, simplesmente, de grau e não é fundamental".

O mesmo panorama, no essencial, é apresentado atualmente por muitos estudiosos do comportamento humano. O Prof. Ralph Linton², um antropólogo, escreve: "As diferenças entre homens e animais a este respeito (do comportamento) são enormes, mas parecem diferenças de quantidade e não de qualidade". "O comportamento humano e animal, pode-se demonstrar, tem muito em comum", e o prof. Linton observa (pág. 60), "que a distância (entre eles) deixa de ser de grande importância." O Dr. Alexander GOLDENWEISER³, como antropólogo, acredita que "do ponto de vista estritamente psicológico, tomando a mente como tal, o homem não é mais que um animal talentoso e a diferença de mentalidades aqui assinalada (entre um cavalo e um chimpanzé) e o homem é simplesmente uma questão de grau".

Que há numerosas e significativas semelhanças entre o comportamento humano e o dos outros animais é possível que até mesmo os chimpanzés nos zoológicos tenham notado e apreciado isto. Igualmente aparentes são outros animais. Quase tão óbvio, mas não fácil de definir, é a diferença de comportamento que distingue o homem dos outros seres vivos. Digo "óbvio" porque é evidente ao homem comum que os animais não humanos que ele é familiar não podem penetrar e participar no mundo em que, como ser humano, ele vive. É impossível para um cachorro, um cavalo, um passarinho e mesmo para um simio, ter qualquer conhecimento do significado do sinal da cruz para um cristão, ou de que o prato (o branco entre os chineses) é a cor do luto. Mas quando o pesquisador procura definir as diferenças

(1) Charles Darwin, *The Descent of Man*, 1871, cap. 3.

(2) Ralph LINTON, *The Study of Man*, 1936, pgs. 39 e 60.

(3) Alexander GOLDENWEISER, *Anthropology*, 1937.

mentais entre o homem e os animais, encontra muitas vezes dificuldades que não pode superar e termina por afirmar que a diferença é simplesmente de grau: o homem tem um cérebro maior, "maior poder de associação", um "limner" maior de atividades etc.

há uma diferença *fundamental* entre a mente humana e a dos seres não humanos. É esta diferença de qualidade, não de grau. É a distinção entre estes dois tipos e a da maior importância — pelo menos para a ciência do comportamento comparado. O homem usa símbolos, nenhuma outra criatura o faz. Uma criatura ou usa símbolo ou não o faz; não há graus intermediários.

m

O símbolo é alguma coisa cuja valor ou significado é atribuído pelas pessoas que o usam. Digo "coisa" porque um símbolo pode assumir qualquer forma física; pode ter a forma de um objeto material, uma cor, um som, um cheiro, o movimento do um objeto, um gesto.

O significado ou valor de um símbolo não deriva nunca, nem é determinado pelas propriedades intrínsecas de sua forma física: a não apropriada para o luto pode ser amarelo, verde ou outra qualquer; a púrpura não é necessariamente a da realeza; entre os governantes Manchu da China, por exemplo, era o amarelo. O significado da palavra "*ver*" não é intrínseco às suas propriedades fonéticas (ou plásticas). "Mordendo o dedo" (frase usada por SHAKESPEARE em *Romeu e Julieta*) pode não significar nada. O significado dos símbolos é derivado e determinado pelos organismos que os usam; sentidos são atribuídos pelos seres humanos a formas físicas que então se tornam símbolos.

Todos os símbolos devem ter uma forma física, pois do contrário não podem penetrar em nossa experiência, mas o seu significado não pode ser percebido pelos sentidos. Ninguém pode dizer, olhando para um *X* numa equação algébrica, o que ele representa; ninguém pode descobrir somente pelo ouvido o valor simbólico de um composto fonético não se pode saber simplesmente pesando um pouco por quanto dinheiro se pode tro-

ca-lo; não se pode dizer pelos cumprimentos de onda das cores, qual delas indica coragem ou covardia, indicando "*signa*" ou "*para*"; ninguém pode descobrir o espírito de um fetiche por qualquer exame físico ou químico. O sentido de um símbolo só pode ser comunicado por meios simbólicos, e comumente pela palavra.

Alguma coisa que é um contexto; é um símbolo, é um signo em outro contexto. Assim, uma palavra é um símbolo só quando se está preocupado com a distinção entre seu significado e sua forma física. Esta distinção *deve* ser feita quando se atribui valor a uma combinação de sons, ou quando um valor anteriormente atribuído é descoberto pela primeira vez; e pode-se ainda fazer esta distinção em outros casos tendo em vista certos objetivos. Mas depois que se atribuiu um valor, ou descobriu um, a palavra, isto é, seu significado, torna-se identificado no uso com sua forma física. Então a palavra funciona como um signo e não como um símbolo. (Um *sign* é uma forma física cuja função é indicar alguma outra coisa — objeto, qualidade ou fato. O significado de um signo pode ser intrínseco, inseparável de sua forma física e natureza, como no caso da altura de uma coluna de mercúrio como indicadora de temperatura; ou pode ser meramente identificado com sua forma física, como no caso de um sinal de furacão transmitido por uma agenda meteorológica. Mas em ambos os casos o significado do signo é percebido pelos sentidos...) Este fato de que uma coisa pode ser tanto símbolo (em um contexto) quanto não-símbolo (em outro contexto) criou certas confusões e desentendimentos.

Assim DARWIN diz⁴ "que o que distingue o homem dos animais inferiores, não é a compreensão de sons articulados, pois, como todos sabem, os cães podem compreender muitas palavras e sentenças". 1/

É verdadeiro, evidentemente, que cães, símios, cavalos, saras e, talvez, seres ainda inferiores na escala evolutiva, podem ser levados a responder de uma maneira específica a um comando vocal. Mas não decorre disto que nenhuma diferença existe entre o sentido de "palavra e sentenças" para um homem e um cão.

(4) Charles DARWIN, op. cit., idem.

Palavras são também símbolos como signos para o homem, e não apenas signos para o cão. Vamos agora analisar a situação do estímulo vocal e a resposta:

Um cachorro pode ser ensinado a sentar-se quando recebe o comando "Sente-se". Um homem pode ser ensinado a parar quando ouve "Alto!" O fato de que um cachorro pode aprender a "Indar" em chinês, ou ainda que pode ser ensinado a "ir buscar" quando ouve "Sente-se" (e o mesmo é verdadeiro para o homem) mostra que não existem relações necessárias e invariáveis entre uma combinação particular de sons e uma reação específica a ela. O cachorro ou o homem podem aprender a responder de uma certa maneira a *qualquer* combinação de sons arbitrariamente condicionada, por exemplo um grupo de sílabas sem sentido escolhido para a ocasião. Por outro lado, um grande número e variedade de respostas pode ser evocado por um dado estímulo. Logo, por mais longe que se leve a *origem* da relação entre estímulo vocal e resposta, a natureza da relação, isto é, o significado do estímulo, não está determinado por propriedades intrínsecas deste estímulo.

Mas, logo que a relação entre estímulo vocal e resposta se estabeleceu, o significado do estímulo passa a se *identificar com os sons*, tudo passa a ser, então, *como* se o significado fosse intrínseco aos próprios sons. Neste momento, "alto!" não tem mais o mesmo significado que "salto" ou "lento". Um cachorro pode ser condicionado para responder de uma certa maneira a um som que tem um dado comprimento de onda. É suficiente alterar o som, e a resposta deixa de segui-la. O significado do estímulo foi identificado a sua forma física; seu valor é perceptível através dos sentidos.

Vemos, então, que, estabelecendo uma relação entre estímulo e resposta, as propriedades intrínsecas do estímulo não determinam a natureza da resposta. Mas, *depois que se estabeleceu a relação*, o significado do estímulo é *como* se fosse inerente sua forma física. Não faz diferença qualquer que seja a combinação fonética selecionada para produzir como resposta a cessação da autolocomoção. Pode-se ensinar ^{11/11} um cão, um cavalo ou um homem a parar com qualquer comando vocal que se queira escolher ou imaginar. Mas, logo que a relação entre som e

resposta foi estabelecida, o significado do estímulo se torna identificado a sua forma física, e é perceptível pelos sentidos.

Como não se apresentou nenhuma diferença entre o cachorro e o homem, estes parecem ser exatamente iguais e o sacado deste ponto de vista que discutimos. Mas isto não é tudo. Nenhuma diferença entre o homem e o cachorro pode ser observada, no que diz respeito a aprendizagem de respostas apropriadas a estímulos vocais. Mas não se pode permitir que uma pequena semelhança oculte uma importante diferença. Um porco-marinho ainda não é um peixe.

O homem difere do cachorro — e de todas as outras criaturas — porque *pode e deve ter um papel ativo na determinação de que valor ter o estímulo vocal; em quanto que o cachorro não pode fazer so.* Como John LOCKE acertadamente colocou: "Todos os sons (na linguagem)... recebem sua significação da imposição arbitrária do homem". O cão Dan deve e não pode tomar parte ativa na determinação do valor de um estímulo vocal. Se ele tem que andar ou girar de acordo com um dado estímulo, ou ainda, se o estímulo para andar deve ser uma tal ou qual combinação de sons, é um assunto em que ele não tem nada a "dizer". Ele tem um papel puramente passivo e não pode fazer nada além disto; aprende o significado de um comando vocal da mesma maneira que suas glândulas salivares podem aprender a responder ao som de uma campainha. Mas o homem tem um papel ativo e então se torna criador. Faremos "X" igual a três libras de carvão, e Ole se torna igual a estas três libras; vamos tirar o chapéu nas igrejas para indicar respeito, assim se faz. Esta faculdade criadora, isto é, a livre, ativa e arbitrária atribuição de valor às coisas, é um lugar-comum, mas é também a mais importante característica do homem. As crianças usam isto livremente em seus brinquedos: "Faz de conta que esta pedra é um Mho".

A diferença entre o comportamento humano e o dos outros animais, portanto; está no fato de poderem os animais inferiores receber valores novos, adquirir novos significados, mas não podem criá-los e o homem pode fazer isto. Para usar

(5) John Loom, *Essay Concerning the Human Understanding*.

uma analogia crua, os animais inferiores são como uma pessoa que tivesse apenas o aparato receptivo para mensagens sem fio; pode receber mensagens, mas não pode mandá-las. O homem pode fazer ambas as coisas. E esta diferença é qualitativa, não quantitativa; ou uma criatura pode "arbitrariamente impor significações", para usar a frase de LOOM, isto é, criar e atribuir valores, ou não pode fazê-lo. Não há estegios intermediários [acrônimo refere-se ao "enfraquecimento da linguagem" no nível animal], mas o que significa exatamente este enfraquecimento ele não diz].

Esta diferença pode parecer pequena, mas coma qualquer carpinteiro, William JAMES já disse, discutindo diferenças entre os homens, "isto é muito importante". Toda a existência humana depende disto e só disto.

A confusão com rein-Só a natureza das palavras e sua para os homens e os animais inferiores não é difícil de ser entendida. Ela nasceu, antes de tudo, da incapacidade de distinguir elide dois contextos bastante diferentes em que as palavras funcionam. As afinnações: "O significado de uma palavra não pode ser percebido pelos sentidos" e "O significado de uma palavra pode ser percebido pelos sentidos", aparentemente contraditórias, são, apesar disto, igualmente verdadeiras. (O que temos a dizer aqui pode ser aplicado igualmente aos gestos — isto é o Sinal da Cruz, um cumprimento — uma car, um objeto material etc.) No contexto simbólico o significado não pode ser apreendido pelos sentidos; no contexto dos signos ele pode. Isto é bastante confuso. Mas a situação piorou com o uso das palavras "símbolo" e "signo" para indicar não os diferentes contextos, mas uma e mesma coisa: a palavra. Entretanto uma palavra é um símbolo e um signo, duas coisas diferentes. E a mesma coisa que dizer que um vaso é um *dolt* e um *Kana* — duas coisas diferentes — porque podem estar ligados a dois contextos diferentes, o estético e o comercial. (Tal como com a palavra, o valor de um vaso pode ser percebido pelos sentidos, ou pode ser imperceptível através deles, dependendo do contexto no qual é visto: em um contexto estético seu valor é perceptível através dos sentidos, já em um contexto comercial isto é impos-

(6) Ralph Larron, op. cit., pag. 74.

sível, seu valor precisa ser *dito* em termos de preço.) Aquilo que é um símbolo em sua origem, torna-se um signo em seu uso posterior. As coisas podem ser signos ou símbolos para o homem, mas para as outras criaturas só podem ser signos.

IV

Muito pouco é conhecido da base orgânica da faculdade de simbolização; conhecemos quase nada da neurologia do mecanismo de simbolização (HERVICAR, 1939).

Muitos cientistas — anatomistas, neurologistas, antropólogos, físicos — parecem interessados no problema, enquanto outros parecem desconhecer a sua existência. O dever e tarefa de descrever a base orgânica das simbolizações não caem no campo do sociólogo ou do antropólogo cultural. Pelo contrário, eles poderiam excluí-lo escrupulosamente, como irrelevante para seus problemas e interesses; introduzi-lo só traz confusão. É bastante para os sociólogos ou antropólogos culturais tornar como dado a habilidade de usar símbolos que só o homem possui. O uso que faz deste fato não é afetado, de nenhuma maneira, pela sua incapacidade, ou a do anatomista, em descrever o processo em termos neurológicos. Contudo, os cientistas sociais devem estar a par do pouco que os neurologistas e anatomistas sabem sobre a base estrutural da simbolização. Vamos, então, rever resumidamente o que há de mais importante.

O anatomista não foi capaz ainda de descobrir porque os homens podem usar símbolos e os símios não. Tanta quanto se sabe, a única diferença entre o cérebro de um homem e de um símio é uma diferença quantitativa: "o homem lido tem novos tipos de células cerebrais ou conexões cerebrais"⁷. Apesar disto, o homem possui um especializado mecanismo de simbolização que o distingue dos outros animais. As áreas do cérebro, ditas da linguagem, podem ser identificadas com a simbolização. Estas áreas estão associadas aos músculos da língua, laringe etc. Mas a simbolização não depende destes e dos outros.

(7) Anton S. CAnsorr, "The Dynamics of Living Processes", in H. Nnwsrters (mg.), *The Nature of the World and Man*, pag. 477.

Podemos simbolizar com os dedos, os pés, ou qualquer outra parte do corpo que possa ser movida pela vontade. Certamente a faculdade de simbolizar apareceu pelo processo natural da evolução orgânica. É razoável admitir que o ponto focal, senão o "locus" desta faculdade, está no cérebro, especialmente no cerebelo. O cérebro humano é muito maior que o do simio, tanto de maneira absoluta quanto relativa (a cerebra humano

duas vezes e meia maior que o de um gorila). "O cérebro humano é cerca de 1/50 do peso do corpo, enquanto que o de um gorila varia entre 1/150 a 1/200 do peso total"⁸. O cerebelo, especialmente, a maior no homem quando comparado com os símios.

Portanto, em muitas situações sabemos que mudanças quantitativas fazem surgir diferenças qualitativas. A água transforma-se em vapor pela adição de calor. A diferença entre a alcool de madeira e o de grão é uma expressão qualitativa de uma diferença quantitativa nas proporções de carvão e hidrogênio. Assim, grande crescimento do cérebro humano pode ter feito aparecer uma nova função.

V

Vida cultural (civilização) depende do símbolo. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano.

A palavra articulada é a mais importante forma de expressão simbólica. Retirando da cultura a linguagem, vejamos o que subsistiria:

Sem a palavra articulada não haveria organização social humana. Famílias poderiam haver, mas esta não é uma forma de organização peculiar ao homem; não é por si mesma *humana*. Não teríamos a proibição do incesto, nem regras de exogamia, endogamia, poligamia ou monogamia. Como, sem a palavra, poderia ser preferencial o casamento de primos cruzados, e proibido aquele entre primos paralelos? Como poderiam existir

(8) E. A. Room "Up from the Ape, 1931, pág. 153.

regras que proibem manter vários conjuges simultaneamente, mas permitem vários casamentos sucessivos, sem a linguagem?

Não poderia haver organização política, econômica, eclesástica ou militar; nenhum código de etiqueta e etiqueta; nenhuma espécie de lei, ciência, teologia ou literatura; nem jogos ou

senão no nível dos símios. Os instrumentos rituais ou cerimoniais não teriam sentido sem a palavra. Ainda mais, sem a linguagem não faríamos uso de instrumentos, senão de maneira ocasional e insignificante, como entre os símios superiores, pois

ela que transforma o uso não-progressivo de instrumentos do macaco no uso progressivo e cumulativo do homem, o ser humano.

Em resumo, sem qualquer forma de comunicação simbólica, não haveria cultura. "No começo (da cultura) estava o Verbo" — e sua perpetuação também. ("No conjunto é preciso ver que a linguagem e a cultura se baseiam no mesmo conjunto de faculdades, apesar de este mecanismo não estar bem explicado..."⁹ Espero que este ensaio tome este assunto "melhor compreendido".)

Certamente, em toda cultura, o homem é ainda um animal e luta pelos mesmos fins de todos os outros seres vivos: a preservação individual e perpetuação da raça. Em termos concretos esses fins são: alimento, abrigo, defesa de inimigos, saúde e descendência. O fato de o homem lutar por estes mesmos fins, leva muitos a declarar que "não há diferença fundamental entre o comportamento humano e dos outros seres vivos". Mas o homem difere não nos fins mas nos meios. Os meios humanos são meios culturais: a cultura é simplesmente a forma de vida do animal humano. E assim como estes meios, a cultura depende da faculdade de usar símbolos, que só o homem possui: a diferença entre o homem e os outros seres não é simplesmente de grau, mas básica e fundamental.

VI

O comportamento humano é de dois tipos diferentes: simbólico e não-simbólico. O homem boceja, espirra, tosse, coga-se,

(9) A. L. Damien, Anthropology, 1923, pág. 108.

grita quando sente dor, encolhe-se com medo, arrepiam-se com raiva etc. O comportamento não-simbólico deste tipo não é peculiar ao homem; ele apresenta isto não só como os outros primatas, mas como muitas outras espécies animais. Mas o homem pode comunicar-se pela palavra, usa amuletos, confessa fé, faz leis, observa códigos de etiqueta, expõe seus sonhos, classifica seus parentes em distintas categorias etc. Esta forma de comportamento é peculiar ao homem, e ela é peculiar aos símbolos. O comportamento não-simbólico do homem é o comportamento do homem animal; e o simbólico do homem é o ser humano.

Foi o símbolo que transformou o homem de um simples animal em um animal humano. (É por isso que observações e experimentos com macacos, ratos etc., não podem explicar nada sobre o comportamento humano. Eles podem explicar como o homem semelhante ao macaco ou ao rato, mas não lançam luz sobre o comportamento humano, porque o comportamento dos macacos e dos ratos é não-simbólico. O título do último "best seller" de George A. DORSEY, "*Por que nos comportamos como seres humanos?*" é enganador pela mesma razão. Esse livro interessante nos conta muito sobre vertebrados, mamíferos, primatas e, mesmo, o comportamento de homem-animal, mas virtualmente nada sobre o comportamento simbólico, isto é, o comportamento humano. Mas com satisfação acrescentamos, fazendo justiça a DORSEY, que seu capítulo sobre a finança da linguagem na cultura^m é provavelmente a melhor discussão sobre este assunto que se encontra na literatura antropológica.)

Assim como foi o símbolo que tornou humana a humanidade, também acontece da mesma maneira com cada indivíduo de uma raça. Uma criança não é um ser humano até que seu comportamento seja referido a outros seres. Até que adquira a palavra, nada distingue qualitativamente seu comportamento do de um pequeno simio.

A criança torna-se um ser humano quando e na medida em que aprende a usar símbolos. Somente pela palavra pode uma criança penetrar e participar dos assuntos humanos. A questão^o

(10) George A. DORSEY, *Man's Own Show* Civilization: 1931; *Why We Like Ramon Beings*.

que propusemos anteriormente deve ser repetida agora. Como uma criança poderia aprender coisas tais como: famílias, etiqueta, moral, leis, ciência, filosofia, religião, comércio etc., sem a linguagem? Os raros casos de crianças que cresceram sem símbolos por cegueira e surdez, como Laura Bridgman, Helen Keller e Marie Heurten, são instrutivos¹¹. Até que elas "tivessem a ideia da comunicação simbólica, não eram seres humanos mas animais; não participavam do comportamento que é peculiar aos seres humanos. Estavam na sociedade humana como os cães estão, mas não eram da sociedade humana. E, embora o autor seja excepcionalmente sábio sobre as descrições dos chamados "meninos-loucos", "homens-fera" etc., pode-se notar que são apresentados, quase sem exceção, como criaturas que não falam, "animais" e "inumanas". (Em seu paciente relatório sobre seu experimento com um chimpanzé recém-nascido, criado por 9 meses em sua casa e tratado como seu filho, o professor KELLOGG e sua senhora falam da "humanização" do pequeno macaco: "Pode-se, então, dizer que ela se tornou mais humanizada que a criança humana...?"¹²)

Isso é enganador. O que o experimento mostrou muito fortemente foi quanta uma criança do *Homo sapiens* é semelhante a um macaco antes de aprender a falar. O menino sempre empregava o "grito de alimento" do macaco. O experimento também demonstrou a incapacidade do macaco para aprender a falar, o que significa uma incapacidade de se tornar humano totalmente).

VII

Sumário — O processo natural da evolução orgânica fez aparecer no homem, e se no homem, uma nova e distinta habilidade: a habilidade de usar símbolos. A forma mais importante da expressão simbólica é a palavra articulada. A palavra significa comunicação de ideias¹; comunicação significa preservação — tradição^o — e preservação significa acumulação e progresso. A emergência da faculdade orgânica de usar símbolos resultou na gênese

(11) W. N. KELLOGG e L. A. KELLOGG, *The Ape and the Child*, 1933, pag. 315.

(12) W. I. THOMAS, *Primitive Behavior*, 1937.

de uma nova ordem de fenómenos: a ordem superorgânica ou cultural. Todas as civilizações nasceram e se perpetuaram pelo uso de símbolos. Uma cultura ou civilização é uma espécie particular de forma (simbólica) que as atividades biológicas, de perpetuação da vida de um animal específico, o homem, assumem.

O comportamento humano é o comportamento simbólico; se ele não é simbólico, não é humano. Uma criança do género *Homo* torna-se humana só quando é introduzida e participa da ordem de fenómenos superorgânicos que é a cultura. É a chave deste mundo, e o meio de participação nele, é o símbolo.

Os símbolos sociais*

GEORGES GURVITCH

O NÍVEL SIMBÓLICO da realidade social de tal maneira é importante, vasto, e até mesmo *invasor*, que pode parecer bastante difícil delimitá-lo. A maioria dos planos sobrepostos que formam a realidade social depende do simbolismo, se os considerarmos sob determinado aspecto. Estão nesse caso, por exemplo, a maior parte das manifestações do social no mundo exterior, das superestruturas organizadas, dos modelos (principalmente dos modelos chamados "culturais"), dos ritos, dos processos, das tradições, das práticas, dos modos, dos papéis sociais; e o simbolismo se estende ainda até as categorias lógicas, aos imperativos morais e jurídicos, e mesmo as representações coletivas e outros estados mentais. Que simbolizam os diversos níveis do social? Em primeiro lugar, o todo da realidade social impossível de se decompor, os *fenômenos sociais totais*, cujos planos superpostos se mantêm ligados uns aos outros e se interpenetram; ora, isto se torna possível devido particularmente à *mediação* dos símbolos sociais. Os símbolos, produtos e produtores da realidade social, da qual representam a quintessência, funcionam como uma espécie de cimento social fluido e onipresente, que se insinua por toda parte para consertar as rachaduras e os desníveis entre as camadas. Todavia, nunca estão à altura da tarefa que é a sua, pelo fato de se encontrarem sempre mais ou menos em atraso com a mobilidade dinâmica da vida

(*) "Les Symboles Sociaux", in *La Vocation Actuelle de la Sociologie*, por Georges Gurvitch, Presses Universitaires de France, Paris, 1957, págs. 89-98. Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

social, e de serem ultrapassados pelas descontinuidades Minter-ruptamente renovadas.

Mas se os simbolos sociais exprimem, em primeiro lugar, o conjunto dos niveis que nao sao passíveis de decomposicao, estao ao mesmo tempo muito especialmente ligados as producties mentais, as ideias e valOres coletivos, dos quais nao fomedem, outrossim, sena° uma expressao inadequada. Devem tomar em consideracao ao mesmo tempo as atitudes coletivas dos individuos para os quais foram criados, individuos receptores ou "interpretes", e as dos individuos que os formulam, individuos "emissores" ou "que promulgam". Os simbolos impelem tanto uns como outros destes individuos a participacao direta dos conteUdos simbolizados.

O problema do simbolismo deu lugar a graves erros de interpretacao. Segundo certas concepcoes recentes (principalmente anglo-saxonicas), os simbolos se reduziram inteiramente aos signos e sinais¹. O que equivale a ignorar tanto o elemento de *inadequedo da expressdo*, quanto o elemento de "veiculo", de *impulso para a participatio direta ao significado*, que constituem precisamente os dois caracteres principais do simbOlico; e, ao mesmo tempo, a apelar exclusivamente para os "interpretes", esquecendo os "que promulgam".

Daremos alguns exemplos de diferentes simbolos sociais antes de levar mais longe nossa analise. A estatua de Joana d'Arc, a Coluna de Junho, o Muro dos Confederados, nao constituem simbolos que exprimem de maneira inadequada todo

(1) Cf. C. K. OGDEN e I. RICHARDS, *The Meaning of Meaning*, L^S ed., Londres, 1923; a Charles MEMOS, *Signs, Language and Behavior*, 1946, principalmente o apandice bibliografico, pags. 311-358. Com relacao a outros pontos de vista, os tacs entre signos e simbolos foram analisados mais recentemente pelos seguintes autores: Ernst CASSERER, *Philosophie der Symbolischen Formen*, vol. 1923-1931; Settrntse, *Reason and Society*, 1932; G. H. MEAD, *Mind, Self and Society*, 1934; M. UMW, *Language and Reality: The Philosophy and Principles of Symbolism*, 1939; Suzanne K. LANCER, *Philosophy in a New Key*, 1. ed., 1942; J. DELANCLADE, H., SCHINALENBACEL P. GODET a J. L. L. Etrn.t, *Sine et Symbole*, Neuchatel, 1946; A. SPAIER, *La Pensée Concrete. Essai sur le Symbolisme Intellectuel*, 1927; Gaston BACHELARD, *La Formation de L'Esprit Scientifique. Contribution a une Psychanalyse de la Connaissance objective*, 1938; Id., *La Psychanalyse du Feu*, 1939; Id., *Le Rationalisme Appliqué*, 1949, pag. 69 a sags.; I. MEYERSON, *Les Fonctions Psychologiques et les Oeuvres*, 1948, pag. 75 a sags. Ver uma col:senao muito clara do problema, fundada numa tomada de posicao em favor de uma dissolucao por etapas das simbolos nos si ns, em Henri VINET, em sua obra native' *De l'Acte a la Pewee, Essai de Psychologic Comparee*, 1942, pags. 175-250 (em qua o A. distingue: o sinal, o indfcio, o simulacra, o &Imbed° e o signo, que se vai tornando rational). Para completer este. bibliografia, ver as notes 3, 4, 5, 6 e 7, adiante.

um conjunto de ideias e de valOres coletivos que diz respeito, seja a resistencia nacional contra o inimigo invasor, seja a revolta contra o arbitrio e a opressao, seja a revolucao social vindoura? O totem, animal ou vegetal, nao e um simbolo do Deus do cla, em que, como explica L. Lkvx-Bnum, a fOrco divina esta recoberta por pales ou plantas, a fim de que se tome acessivel aos individuos² A Cruz flat) e o simbolo da religiao crista, que evoca nao apenas o calvario e a ressurreicao de Cristo, mas todo o conjunto de valeires e de ideias reveladas aos fieis, das quais foram os apestolos os primeiros missionarios? A bandeira nacional nao e o simbolo de uniao e de participacao numa sociedade global suprafuncional (a *Nactio*), simbolo cujo conteado e de extrema riqueza? O guarda-civil que encontramos no canto da rua nao simboliza uma certa organizacao municipal e politica? Os uniformes ou, de modo mais geral, as roupas que usamos nao simbolizam as funcOes sociais de que estamos investidos, os papas sociais que desempenhamos, ou simplesmente valOres esteticos ligados a urn genero particular de vida, ou a uma "condicao"? Mao constitui a linguagem um sistema de simbolos que serve ao mesmo tempo de resposta antecipada para as questOes que se colocam, e de expressao incompleta para significados e ideias apanhados pela coletividade que se exprime nesse idioma, utilizando-o na pr6pria formulacao do pensamento? As mentalidades e as consciencias, tanto coletivas quanto individuais, utilizam um vasto aparelhamento simblico. Este fato pode ser encarado como uma prova do carter essencialmente social daquilo que e mental, psiquico, e principalmente consciente: o mental, o psiquico, o consciente se integram na realidade social, mas por sua vez tambem a impregnam por meio de suas atividades. Deste panto de vista, podemos considerar as categorias og imperativos morais, as regras de direito, como simbolos que exprimem de modo inadequado e adaptado as circunstancias e as ideias logicas, os valOres morais e juridicos mais profundos. logicas, valOres morais e juridicos, todavia, tambem podem, ser *encarados em perspective*, e variar em funcao dos itheios sociais que dales se apoderam ou que os fazem surgir.

(2) *L'Experience Mystique et les Symboles chez les Primitifs*, 1938.

Todo simbolo social apresenta dois pelos: constitui *um signo de especie particular*, por um lado, e por outro lado, *um instrumento de participacao*. Estes dois polos podem estar acentuados de modo desigual, mas nenhum deles desaparece ou é eliminado sem que se destrua o carater proprio de todo o simbolo. Não há dúvida de que, no decorrer da historia, a esfera simbólica se viu primeiramente presa as crengas no sobrenatural e foi penetrada pelo misticismo. Eis porque o sentido do simbolo como instrumento de participacao prevaleceu longo tempo. Foi o sentido do simbolo como signo inadequado, sem que todavia este ultimo ficasse nunca inteiramente submerso. Encontra-se a prova indireta disto na propria etimologia do termo, que designa em grego a *metade de um todo, podendo, em certas ocasies, exprimir o conjunto* (por exemplo, duas metades de uma moeda dividida entre amigos para exprimir — simbolizar — a amizade). Não se pode negar que a maior parte dos simbolos foi adquirindo, por etapas, nos tipos mais recentes de sociedade, um carater inteiramente racional; mas não se deve concluir que tiles se tornaram entao meros signos. Seria cometer triplo engano: a) semelhante mutacao equivalente ao desaparecimento da esfera simbólica, quando é inevitável que, na realidade social, sua importancia vai num crescendo; b) o fato de que a parte da expressao-signo do simbolo este mais fortemente acentuada, não elimina de cada um algum, e nem sempre enfraquece, seu carater de instrumento de participacao; c) com efeito, esta participacao, ela mesma, pode tomar um carater racional e "natural", e assim não levar de modo algum os simbolos a se tornarem veiculos de misticismo. É evidente, por exemplo, que a participacao consciente no ser social em todos os seus niveis de profundidade, na criacao coletiva intelectual, na pesquisa cientifica em equipe etc., pode nada apresentar de mistico.

Estas consideracoes nos levam a definir do seguinte modo o nivel da realidade social que estamos estudando: *Os simbolos sociais sao signos* (isto é, substitutos conscientes ou presengas intencionalmente introduzidas e invocadas para indicar as coisas) *que nao exprimem senao parcialmente os conteados significados e que servem de mediadores entre os conteados de um lado, e os agentes coletivos e individuais que os formulam*

e pare os quais estao dirigidos, de outro, consistindo a mediacao em impelir, para uma participacao maxima, os agentes aos conteados e os conteados aos agentes.

Um dos caracteres essenciais dos simbolos é que revelam encobrendo, e encobrem revelando, e que se de um lado impedem a participacao, ao mesmo tempo impedem a participacao plena, ou ainda, freando a esta, ainda assim para ela empurram. Noutros termos, a esfera simbólica é essencialmente *ambigua*, e por isso mesmo essencialmente social e humana. Da ambiguidade fundamental dos simbolos decorre, alem do mais, o drama da esfera simbólica: os simbolos estao constantemente ameaçados de se verem ultrapassados; não são nunca inteiramente suficientes para desempenhar suas tarefas, de tal modo que he épocas historicas em que sua "fadiga" é tal que se pode falar de conjunturas sociais caracterizadas pela confusao dos simbolos: sinal de uma sociedade em transicao ou em *debacle*.

Os simbolos não dependem exclusivamente da esfera emotiva (como afirmaram, por exemplo, Pierre JANET e WHITEREAD)³ e, com mais razao ainda, não estao necessariamente ligados as ilusões provocadas pelas emoções, como acreditaram PARETO ("derivacoes dos residuos emotivos"), Thurman ARNOLD ("criptegamos ilusorios carregados de emocoes")⁴ e SOREL, que os identificou com os mitos contemporaneos⁵.

Os simbolos sociais podem possuir uma dominante intelectual: assim as representacoes coletivas e individuais; os criterios de medida; os quadros do tempo e do espaco; as categorias logicas; as grandezas matematicas que evocam a noção de infinito (calculo infinitesimal); os simbolos que servem de fundamento a aparelhagem conceitual de diferentes ciencias; a linguagem, finalmente. É verdade que esta ultima é intermediaria entre os simbolos intelectuais e os simbolos voluntarios e ativos, pois sua primeira forma consistiu em gestos e em exclamacoes.

Os simbolos sociais podem ser de dominancia emotiva: assim as danças e os cantos; / assim as expressoes de luto; os festejos

(3) Cf. P. Janet, *Les Debuts de L'Intelligence*, 1935, e *L'Intelligence Avant Le Langage*, 1936; 4. N. WHITEHEAD, *Symbolism, its Meaning and Effect*, 1927.

(4) Cf. Thurman W. ARNOLD, *The Symbols of Government*, 1935, e *The Folklore of Capitalism*, 1937.

(5) Cf. C. SOREL, *Reflexions sur la Violence*, 2.ª ed., 1910, e *Les Illusions du Progres*, 2.ª ed., 1911.

de casamento ou de carnaval; as maneiras de se namorar e de se declarar; as bandeiras, as decorações, os monumentos; as "inações ideais" que servem de modelos de moralidade (Mago, Santo, Herói, Genio, Mecenas, Cavaleiro, Gentil-homem, Tribuno, Produtor, Organizador etc.).

Os símbolos sociais podem apresentar uma dominante ativa e voluntária: desempenham então função de símbolos-sinais, de símbolos-motores, de símbolos-impulso, de símbolos-chamada, de símbolos-ordens, de símbolos-encorajamentos, de símbolos-excitação etc.

Evidentemente, grande parte dos símbolos participa destes três gêneros de simbolismos e as próprias distinções que se podem estabelecer entre eles não apresentariam senão diferenças de grau, de acentuação e de coloração, e não diferenças extremadas; há aqui possibilidade de separação completa.

Não cabe sociologia decidir se os símbolos sociais não passam de produtos da vida coletiva, ou se possuem uma verdade objetiva em si. Todavia, a sociologia tem o direito de tomar em consideração uma outra espécie muito diversa de oposição, cujos critérios são inteiramente empíricos: *a) símbolos conscientemente enganadores e mentirosos* (por exemplo os "slogans", os preconceitos, as imagens que excitam, seja a imaginação, seja os complexos de superioridade e inferioridade, as falsificações, as lisonjas etc.); *b) símbolos inconscientemente ligados* (ligados, por exemplo, às relações entre os sexos, a libido e mais especialmente a estrutura da casamento); *c) símbolos cuja elaboração não comporta nenhum pensamento oculto enganador*. É a esta última categoria que pertencem, pelo menos em princípio, os símbolos ligados aos diferentes aspectos da civilização. Assim, por exemplo, os símbolos mágicos e religiosos, os símbolos morais, os símbolos jurídicos, os símbolos estéticos, os símbolos do conhecimento, os símbolos educativos finalmente. Sua importância ainda uma vez confirma o papel capital do nível simbólico na realidade social.

O caráter mediador dos símbolos sociais toma-os particularmente variáveis. Variam em função: *a)* dos sujeitos coletivos que os elaboram, ou emissores; *b)* dos sujeitos coletivos a que se dirigem, ou receptores; *c)* das atitudes coletivas desses su-

jeitos, bastante flutuantes muitas vezes; *d)* das ideias e dos valores que os símbolos são chamados a simbolizar; *e)* das conjunturas sociais particulares (épocas calmas, épocas agitadas, revoluções, contra-revoluções, guerras, marasmos, épocas de "anale" etc.); e, finalmente, *f)* do grau de intensidade de cada um dos níveis de profundidade, do ritmo de suas variações, e da avaliação de seus desníveis e conflitos. A isto vem juntar-se as variações dos símbolos em função dos aspectos diversos sob que se manifestam os "sujeitos coletivos" mencionados: 1) formas de sociabilidade múltiplas (objeto do estudo da "microsociologia dos símbolos"); 2) tipos variados de agrupamentos (objeto de estudo da tipologia diferencial dos símbolos ligados aos agrupamentos); 3) tipos de sociedades globais (objeto de estudo de macrosociologia dos símbolos, buscando sua hierarquia e o papel que desempenhara no conjunto da situação). Esta variabilidade e relatividade, de excepcional intensidade, características do nível simbólico, confirmam ainda uma vez toda a afinidade íntima e secreta que existe entre o conjunto da realidade social e a esfera simbólica.

Todavia, é preciso não exagerar a importância desta esfera. Seria enganoso acreditar, como, por razões diferentes, o fizeram Dunn e G. H. MEAD, que todas as manifestações do social se reduzem ao simbólico e não podem dispensá-lo. DURKHEIM chegou até a dizer que o "misticismo" era através dos símbolos, "nos quais se traduzem seus estados interiores". Partidário da consciência coletiva transcendente, afirma ao mesmo tempo que "as consciências individuais são fechadas umas às outras" e não podem comunicar a não ser por meio dos signos e dos símbolos. Mostra-se, assim, prisioneiro da "consciência fechada", teoria hoje ultrapassada tanto na psicologia quanto na sociologia. Aplicando-se esta concepção à própria noção de consciência coletiva, poder-se-ia explicar como DURKHEIM foi levado a superpor as consciências individuais fechadas, uma consciência coletiva fechada e, por esta razão, transcendente. Para MEAD, os símbolos formam os "elementos fundamentais" da sociedade, pois esta não constitui mais do que "outro generalizado", resultante da comunicação entre

Eu e Outrem. Esta comunicagao se efetua por meio de simbolos significativos que se tornam validos e agem na medida em que Eu e Outrem sao capazes de trocar seus papeis.

E preciso rejeitar como dogmaticas e vas as pressuposigides que levam a reduzir as bases da realidade social a comunicagao intermental ou a relagao entre as consciencias fechadas, cornpreendendo-se, alem do mais, que nenhurna comunicagao a possivel sem uma previa unido que torna valid - os signos e os simbolos por meio dos quais se faz a comunicagao. Chegar-se4 entao a recouhecer que ha aspectos do social em que os simbolos Dan desempenham senao um papel reduzido e em que podem mostrar-se ate mais ou menos superados. Quando as "relagraes com outrem" e oposto o *Nos*, e quando se consideram os graus mais intensos de *Nes*, as *Corrtunbâes*, constata-se que se °sta. entao em presenga de fenemenos sociais em que as instituities coletivas, tornadas efetivas, manifestam tendencia para ultrapassar os simbolos, pan realizar participagaes completas. Existem ate certas manifestagdes de relagaes com outrem, como a amizade, a simpatia, o amor, que podem algumas vezes realizar-se para alem, ou quase, de todo simbolismo. Por outro lado, penetrando-se nos pianos superpostos da realidade social mais profundos que o nivel simbolico, descobrem-se condutas coletivas inovadoras, efervescentes, criadoras, e tambem a apreensao coletiva direta de valôres e ideias sociais, os atos mentais coletivos (instituigaes intelectuais, emotivas, voluntarias, dos *Nes*, dos Grupos, das Sociedades globais); trata-se de setores do social que tendem a transcender a esfera simbalica.

Antes de proceder ao estudo dossos setores, devemos chamar a atencao para o fato de que os simbolos sociais ndo se apresentam todos generalizados e estandardizados. Nao 6 necessario que estejam ligados a modelos mais ou menos cristalizados ou fixados de antemao. Podem ser infinitamente mats maleaveis e mais flexiveis que os mais elasticos dos modelos. Ha simbolos apropriados a circunstâncias inteiramente particulares; podem existir simbolos imicos, que nao se repetem; simbolos podem

surgir sem que se tenha pensado em formula-los ou faze-los operar. Em epocas de revolugao, de guerra, de transicao, de perturbagaes sociais, este genero de simbolismo singular e espon- 'axle° pode tomar particular importancia. O simbolismo espontaneo nos conduz as proximidades das efervescencias coletivas inovadoras e criadoras de que vamos agora abordar o estudo. Elas constituem o nivel imediatamente subjacente a esfera dos simbolos sociais.

(7) *Mind, Self and Society*, passim, e os artigos Merin, "A Behavioristic Account of the significant Symbol", *Journal of Philosophy*, 1922, pags. 157-163, e "The Genesis of the Self and Social Control", *Ethics*, 1924-1925, nags. 251-277.

TERCEIRA PARTE

Os processos de interaccio social



Eu e Outrem. Esta comunicação se efetua por meio de símbolos significativos que se tornam válidos e agem na medida em que Eu e Outrem são capazes de trocar seus papéis⁷.

É preciso rejeitar como dogmáticas e vagas as pressuposições que levam a reduzir as bases da realidade social à comunicação intermental ou a relação entre as consciências fechadas, compreendendo-se, além do mais, que nenhuma comunicação é possível sem uma prévia união que toma validade. **signs e os** símbolos por meio dos quais se faz a comunicação. Chegar-se-á então a reconhecer que há aspectos do social em que os símbolos não desempenham senão um papel reduzido e em que podem mostrar-se até mais ou menos superados. Quando as "relações com outrem" são opostas e quando se consideram os grupos mais intensos de *Nós, as Comunidades*, constata-se que se este mito^o em presença de fenômenos sociais em que as instituições coletivas, tomadas efetivas, manifestam tendência para ultrapassar os símbolos, para realizar participações completas. Existem até certas manifestações de relações com outrem, como a amizade, a simpatia, o amor, que podem algumas vezes realizar-se para além, ou quase, de todo simbolismo. Por outro lado, penetrando-se nos planos superpostos da realidade social mais profundos que o nível simbólico, descobrem-se condutas coletivas inovadoras, efervescentes, criadoras, e também a apreensão coletiva direta de valores e ideias sociais, os atos mentais coletivos (instituições intelectuais, emotivas, voluntárias, dos Nós, dos Grupos, das Sociedades globais); trata-se de setores do social que tendem a transcender a esfera simbólica.

Antes de proceder ao estudo desses setores, devemos chamar a atenção para o fato de que os símbolos sociais não se apresentam todos generalizados e estandardizados. Não é necessário que estejam ligados a modelos mais ou menos cristalizados ou fixados de antanho. Podem ser infinitamente mais maleáveis e mais flexíveis que os mais elásticos dos modelos. Há símbolos apropriados a circunstâncias inteiramente particulares; podem existir símbolos (míticos, que não se repetem; símbolos podem

surgir sem que se tenha pensado em formulá-los ou fazê-los operar. Em épocas de revolução, de guerra, de transição, de perturbações sociais, este gênero de simbolismo singular e espontâneo pode tomar particular importância. O simbolismo espontâneo nos conduz às proximidades das efervescências coletivas inovadoras e criadoras de que vamos agora abordar o estudo. Elas constituem o nível imediatamente subjacente à esfera dos símbolos sociais.

(7) *Mind, Self and Society*, passim, e os artigos de MEAD, "A Behavioristic Account of the significant Symbol", *Journal of Philosophy*, 1922, págs. 157-163, e "The Genesis of the Self and Social Control", *Ethics*, 1924-1925, págs. 251-277.

TERCEIRA PARTE

Os processor de interaccio social

^(*) "Social Process", par Max Unseen, in Encyclopaedia of the Social Sciences, editado per Edwin R. A. SELIGMAN e Alvin Johnson, vol. XIV, The Macmillan Company, Nova York, 1953, pags. 148-151. Trad. de Maria Lucia Campello.

social" vem sendo usado de modo não totalmente consciente e não profissional por muita gente. A influência de SMALL foi importante, se considerarmos que ele foi principalmente um estudioso da história das ideias e chamou a atenção do grupo americano para a tradição sociológica do tempo de MONTESQUIEU e SAVIGNY, que era formulada principalmente em termos da teoria do processo social. Essa teoria teve na América uma influência bem marcada sobre o pensamento de WARD, GROSS, BENTLEY, ELLWOOD, DEWEY, MEAD e THOMAS, e, na Alemanha, em SIMMEL, OPENHEIMER e VON WIESE. Mas depois de SMALL, o nome mais importante nesse desenvolvimento foi de C. H. COOLEY, cujo livro *Social Process* (1918) resumiu o estado do pensamento sobre o conceito, conforme a sociologia americana o havia formulado em sua maturidade. Desde então se verifica uma tendência para levá-lo ao extremo, especialmente na "escola de Chicago", onde esse conceito se tornou a concepção central da sociologia e o principal instrumento de análise. A sociedade veio a ser encarada não somente como processo mas como uma rede de inúmeros processos.

O conceito de processo social representa uma importante tendência negativa contra uma teoria estática, opondo-se à concepção da sociedade como uma estrutura, ou como um arranjo formal ou "estático" de blocos de matéria. Como tal, este, intimamente associado, na história das ideias, com o pensamento evolucionista, que fez para todo o pensamento social o que os filósofos da história conseguiram fazer para si mesmos graças a um esforço intelectual gigantesco: enquadrou o pensamento social em uma perspectiva temporal.

Levou ao primeiro plano da consciência filosófica a noção de sociedade como um organismo em desenvolvimento, que obtém sua continuidade através de uma certa espécie de processo seletivo relacionado ao desempenho da função. O estudo do formal e do lógico abriu caminho para o estudo do desenvolvimento e atividade.

Onde o pensamento evolucionário não triunfou completamente, surgiu uma literatura de reconciliação, de que, no pensamento inglês, os escritos de BAGEHOT, RITCHIE e CARMELO são amostras. É facilmente explicável que a ideia de processo flo-

resceu no clima intelectual de uma época prolífica em invenções, de rápida mudança social, uma época com seus cégos e padrões em fluxo. A essa razão histórica, deve-se juntar uma outra mais estritamente psicológica, indicada pela observação de BEACONSFIELD: "A consciência que temos do nosso próprio ser em fluxo contínuo, introduz-nos no interior de uma realidade, no modelo da qual devemos representar outras realidades". De modo semelhante G. H. MEAD, em um ensaio perspicaz sobre COOLEY, diz que este descobriu sua sociedade "a partir do seu interior... Descobriu-a viva, como um processo".

No centro da teoria do processo social está, assim, a noção de movimento, mudança, fluxo, sendo da sociedade como um contínuo "vir-a-ser". A "sociedade", escreve MACIVER, "existe somente como uma sequência temporal. É um vir-a-ser, não um ser; um processo, não um produto... A sociedade... somente existe como um equilíbrio instável das coisas presentes". George SIMMEL, diz, neste sentido, que, não sendo a sociedade um produto mas apenas um processo, não se deve falar de sociedade mas somente de socialização. E. ROSS considerou primordial o processo social porque ele não somente constituiu a sociedade, mas logicamente a precedeu. Mas sem considerar o seu valor de oposição a uma ênfase estrutural desnecessária no pensamento social, na teoria do processo social que possa torná-la um instrumento de análise valioso. Fluxo, continuidade e vir-a-ser surgem como fins em si obscurecendo aspectos com os propósitos ou a direção do processo, ou as diferenças de valor existentes nele. A teoria do processo social torna-se assim uma espécie de vitalismo bruto, no qual a matéria da experiência social é considerada como o supremo e indiscutível valor e como o termo final a explicar a si própria.

Mas isto não esgota a importância da ideia, pois deve ser vista como centro de uma configuração total de conceitos, que estão historicamente relacionados com ela e logicamente implicados nela. Estes são: 1.º) o próprio conceito de processo; 2.º) o conceito de interação social, ou de sociedade como um fluir de relações entre indivíduos; 3.º) o conceito de continuidade histórico-social; 4.º) o conceito de conexão orgânica entre indivíduo e sociedade; 5.º) o conceito de herança social; 6.º) o

conceit° de sociedade como unidade organica; 7.º) o conceito de multiplos fatores e a rejeigao, na problematica da causagao social, de quaisquer elementos particularistas ou..deterministas.

A concepçao de sociedade como um todo organic° de partes inter-relacionadas encontra-se em MONTESQUIW, cujo *Esprit des Loïs* surgiu da relagao que as prepias leis geram para o todo da ordem social, este todo constituindo o "esprit general". Esta concepçdo, porem, recebeu sua expressao classica em HEGEL, com sua percepçao na sociedade como urn todo organic°. No pensamento de HEGEL esta teoria combinou-se com uma teoria da dialetica historica, acentuando a continuidade da histeria. Enfase semelhante pode ser encontrada entre os tradicionalistas, noteriamente em BURKE e de MAISTRE, que insistiram sObre a conexao organica de individuo e sociedade. COMTE, cujo pensamento se formou nao Inuit° distante dos revolugOes europeias, seguiu os tradicionalistas em sua apreciagao da unidade social e continuidade da histeria. Viu a histOria como um desenvolvimento de sentido hierarquico, perspectiva esta que foi sua contribuigao; e viu a sociedade e o preprio reino do pensamento como todos organicos.

A influencia de HEGEL, COMTE, e mais tarde DARWIN, na forma& da teoria do processo social, ajuntou-se, no skull] mix, o pensamento marxista, com suas repercussees. Este provocou uma polemica em torn de dois pontos: a validade de tuna teoria do conflito na interpretagao da mudanga social, e a validade da interpretagao materialista da histeria, com a selegao de uma Unica serie de fatores como sendo os que determinam a dinamica da mudanga historica. Na sociologia, a teoria do conflito foi apresentada por GUMLOWICZ e RATZENHOFER. Embora nao na linha principal da tradigio marxista, inspiraram-se largamente na doutrina da luta de classes e estenderam uma analise similar a sociologia do conflito racial e nacional. Exerceram consideravel influencia na sociologia americana, principalmente atraves de SMALL e Wcnn. O problema da interpretagao materialista, contudo, ainda mais que a teoria do conflito, tornou-se foco contrario da sociologia europeia no Ultimo quartel do seculo xnc. A contrapartida a posigao marxista encontrou grande apoio ao reverter a teoria de EICILHORN sobre a complexidade de sociedade

e multiplicidade de fatores que devem ser invocados para explicar a sucessao dos eventos. A causagao multipla tornou-se o mote daqueles que se opunham ou temiam o pensamento marxista. Essa contraposigao tomou forma extrema entre os sociologos liberais russos, como LAVROV, MDCHAIOWSICY e KAREYEV, e entre os franceses solidarios com aqueles; ambos propuseram defender a teoria da causagao mltipla no interesse da democracia Tiber-taria. Representando meio-termo entre marxismo e tradicionalismo, procuraram na continuidade historica as leis do progresso que justificariam e fortificariam suas formulagOes liberais. Discutiram a questao da relagao entre os fatores pessoais e impessoais no processo histrico, e a relagao entre o individuo e a sociedade no processo social. O ponto de vista que prevaleceu foi o da unidade organica entre os dois, o que se encontra no pensamento alemao, em obras coma as de STAMMLER, SIMMEL e DILTHEY. A preocupagao basica 6 talvez melhor formulada na expressao de DILTHEY — *Strukturzusammenhang*, ou unidade interior entre a individuo e a sociedade.

E significativo que o livro de COOLEY, *Social Process*, que se situa no fim dessa seqiencia historica na tradigao sociologica, apanhe a configuragao total dos elementos existentes na teoria do processo social. A conexao 16gica entre eles 6 clara. Se a sociedade é urn processo e nao um produto ou um aglomerado, segue-se que ela sera semente urn fluir de relagOes ou interaglies entre individuos. A definigao de von WIESE a esclarecedora: "Nes somos todos "parentes" no velho, agora obsoleto, significado da palavra — 6, n6s somos todos pessoas relacionadas a, conectadas com, ou dependentes de outros... Processo social... 6 o aspecto dtamica de qualquer relagao social dada". E se a sociedade 6 urn fluir de relaglies, segue-se que a histOria 6 uma ininterrupta continuidade dessas relagOes — um processo evolutivo no qual, como no mundo organic°, a natureza nao saltos e no qual o ato mais catastrefico 6 a tentativa de romper corn o passado. O individuo se 6 impotente; ele vive &entente atraves de suas relageies com os que o precederam: 6 a heranca social que eles lhe transmitem sob forma de conhecirnento acumulado, instituigiies cristalizadas e interesses definidos que o capacitam a reunir habilidade e metodo requeridos para sobreviver.

Assim, o raciocínio sobre a oposição de indivíduo e sociedade deixa de ter sentido, coisa que os teóricos do processo social cuidam de apontar; o indivíduo vive somente através da sociedade. Essa conexão orgânica prevalece, contudo, não somente para qualquer indivíduo e para a sociedade da qual ele é uma parte, mas também para a sociedade como um todo; a nota principal aqui é o "altogetherness of everything", de HEGEL. Não só a história mas a própria sociedade é uma transformação fechada que o pensador quebra por sua própria conta e risco. A teoria marxista, emprestada como é de HEGEL, é também uma teoria orgânica; mas nela a dialética da história é movida por uma série de causas particulares: a organização da produção está tão unida às outras manifestações sociais que as mudanças ocorridas naquela se refletem nestas. A linha principal da teoria do processo social é orgânica, contudo, num sentido completamente diferente. Não admite qualquer ênfase particularista, vendo uma homogeneidade qualitativa no processo social como um todo. O problema da causalidade social toma-se, pois, infinitamente complexo, não permitindo simplificação. Uma mudança em qualquer parte do processo social deve ser considerada somente à luz de outras mudanças (que são causa e efeito ao mesmo tempo), em termos da multiplicidade de fatores como base do processo social e em termos da lógica fundamental do todo.

As implicações desse complexo teórico quanto à mudança social, e suas consequências para a ação social têm um longo alcance. Acentuando a continuidade ininterrupta da história e da sociedade, tende a sustentar o "status quo" e inibir a revolução, que pode eliminar o passado e por em perigo a herança social. A mudança que a teoria prevê é somente aquela que a decorrência natural dessa continuidade, e não a mudança radical ou revolucionária. Afirmando a ligação orgânica de indivíduo e sociedade, situa o *locus* do processo social e o locus da mudança na mente do indivíduo, negando também o papel das forças impessoais na história.

No seu todo, a teoria de processo social representa o liberalismo no domínio da sociologia. Tem fornecido a base para o progressivismo nos movimentos políticos, educacionais, no programa do trabalho e na reforma social. Os sociólogos têm

em sua maioria seguido a proposição de COOLEY, adotando-a como atitude intelectual fundamental. Sua indecisão, porém, tem impedido que se alcance uma teoria adequada sobre mudança social ou causalidade social. Através de sua intenção de racionalizar tanto a adesão ao "status quo" quanto o medo à ação revolucionária, as formulações da teoria têm apresentado implicações de caráter marcadamente antiliberal.

Os processos de interagdo social*

LEOPOLD VON WIESE

JÁ TEMOS PROCUBADO demonstrar ern outras ocasibes que a sociologia, como uma ciencia especifica, sOmente poderia constituir uma doutrina do social, ou seja, uma doutrina das influencias miiituas (interact5es) entre os homens. tE destas interacries que surgem as Beetles de formacões sociais mais ou menos grandes que, como massas, grupos ou fereas coletivas abstratas, dominam a nossa vida social, constituindo o objeto principal da sociologia no seu sentido mais estrito. Para a investigacao dos processes e formas sociais, deve empregar-se urn procedimento especialmente adequado a tal objeto e distinto dos mOtodos de outras ciOncias. Julgamos que o principal defeito das demais escolas e correntes sociologicas consiste em desconhecer as peculiaridades do objeto da sociologia e dos meios para a sua consecueao. Sem desmerecer as capacidades pessoais, cremos que a maioria das obras da geraeao passada caracteriza-se por uma particularidade que nao queremos censurar nem criticar mas apenas per em evidencia, e que reside no fato de muito poucas delas terem sido criadas corn idOias e imagens nao provenientes de outras ci8ncias. E bem verdade que o seu objeto sempre foi a sociedade, mas, na maioria dos casos, a perspectiva pela qual se examinaram os fenomenos sociais nao foi uma perspectiva sociol6gica. Assim como nos primeiros 75 anos do seculo xix os investigadores sociais consideraram a convivencia humana a maneira dos biblogos, historiadores ou fil6sofos da historia, os modernos psicalogos, etn6logos, metafisicos, &loos, economistas sociais, juristas, estetas etc.,

⁽⁰⁾ "La Doctrina de las relaciones y de las formas sociales (Beziehungslehre)" in *Sociología, Historia y Principales Frithlamas*, Editorial Labor, Barcelona, 1932, pags. 149-164. Trod. de Gabriel Bolaffi.

tern manifestado acerca da vida social aquilo que observam a partir de seus pontos de vista tecnicos, ou em outros casos publicaram suas intuieties exclusivamente pessoais e esporadicas sabre um fragmento da convivencia de homens e grupos.

Entre tedas essas contribuieties pessoais, por v6zes geniais, existem poucos nexos. Quase todos os autores oferecem juizos elaborados corn a intencao de serem definitivos, surgidos dos mais diferentes caminhos do pensamento e da contemplacao, cuja totalidade, contudo, nao chega a formar uma ciencia particular. Ha poucas disciplinas que podem ostentar uma serie tao brilhante de pensadores profundos e de verdadeiros sebios quanto a nossa: Mas 6 verdade tambem que dificilmente poderemos encontrar outra disciplina que possua tanta heterogeneidade, incoerencia e dispersao quanto esta. E ideia corrente que a sociologia carece de metodo preprio de investigaado, mas isto a precisamente o que ela deve e pode possuir. Quando o estudioso se dedica sociologia, ele deve renunciar a ser fil6sofo, historiador, jurista, economista etc. E um caminho nova aquele que se percorre ao fazer sociologia. A nenhum jurista ocorre ernpregar os criterios da economia, nem o fisico empregara as investigacees quimicas. Contudo, alguns julgam possivel cultivar a sociologia a partir do ponto de vista de outras disciplinas, e particularrnente da Filosofia.

Perante esta situagan, surge a sociologia como ciencia das relacties e das formas, a qual n6s procuramos construir como ciencia substantiva e autenoma, e que, embora inaugurada em nossos dias, sOmente chegara a ser completamente elaborada no futuro, gragas ao esferco de uma serie de geracties. Antes de mais nada, 6 necessario o treinamento para o criterio que deve ser considerado como especificamente sociol6gico e que nao pode ser aquele do psicologo, do historiador, do fil6sofo da cultura, do metafisico; isto nao procura deslindar processos da consciencia ou quaisquer outros da alma humana, nem deve ocupar-se de narrar os eventos do passado, como tampouco procurar uma explicacao sabre o sentido objetivo da totalidade das conquistas humanas, nem finahnente determinar o que seja a sociedade ou as fercas supra-empiricas que se manifestam nas coletividades abstratas.

Procuramos estudar e descrever exatamente o comportamento dos homens entre si, a inter-relação e os conflitos, os nexos e repul-sões & resultantes, assim como aqueles complexos específicos de relações a que chamamos de formações sociais e cujo tipo mais representativo é o *grupo* em seu sentido mais amplo. Inter-ressa-nos um fato transcendental, simples na sua forma, mas sus-cetível de múltiplos aspectos, qual seja o fato de que os homens procuram unir-se em certos momentos e afastar-se em outros. Ademais, reconhecemos que as formas de sociabilidade dele resultantes não são menos importantes que os fatos da natureza psíquica e física dos indivíduos. Os fenômenos psíquicos são analisados pela psicologia, os físicos, pela biologia; quanto a nós, propomos investigar o conjunto de consequências e funções dos fatos da sociabilidade tanto positivos, quanto negativos.

Quanto mais a Glenda da Sociedade ou Sociologia se emancipa dos problemas fundamentais da psicologia social e da filosofia social, mais claramente se evidencia que o seu objeto próprio e exclusivo consiste em explicar o que chamamos de esfera do social dentro da vida humana (e em sentido mais extenso, da vida animal e vegetal). O social envolve todas as manifestações e expressões da vida inter-humana. Esta sociologia deve basear-se na convicção de que uma grande parte do con-tend^o da vida humana tido consiste nas atividades individuais psíquicas nem físicas, nem tampouco na soma das mesmas, mas nas influências mútuas entre os homens, e nas relações de uma multidão de indivíduos.

Investigamos, sistematizamos e acompanhamos nas suas con-seqÜências os fenômenos do inter-humano, ou em outras palavras: o social na vida dos homens. Procuramos separar, mediante um processo mental de abstração, esta esfera sociológica da existência corporal e espiritual dos indivíduos, ainda que na realidade exista sempre uma ligação entre estas duas ordens da vida. O objeto desta abstração da esfera social é a descoberta das forças e causal que operam nas relações inter-humanas e apenas nelas.

Porem, tudo podem ser objeto de investigações os inumeráveis resultados do inter-humano. Por enquanto, porém convém analisar o conteúdo das conquistas humanas, da cultura ou da

Mas se deve confundir esta ciência da cultura — que muitas vezes é chamada erroneamente de sociologia cultural — com aquela que agora constitui o nosso objeto. Existem numerosas questões isoladas para as quais convergem a ciência da cultura e a sociologia geral. Mesmo assim, aqui também se verifica o fato inegável de que as diferentes ciências contribuem mutuamente com os seus respectivos resultados. Por exemplo, para explicar as antigas culturas do Egito e de Roma, é preciso penetrar no mundo das relações inter-humanas das respectivas épocas. O objeto de investigação da sociologia como ciência das relações, é a forma das mesmas em cada período histórico, ou, em outros termos: o objeto da nossa investigação não é o produto, mas a organização dos fatores. O estudo das culturas ou de setores determinados das mesmas (arte, técnica, idioma etc.) deveria pressupor um desenvolvimento já concluído da doutrina das relações como doutrina dos homens criadores da cultura. Porém, como se acontece, a história do conhecimento científico segue o caminho oposto. O fato de que a ciência da cultura tenha antecedido, com os seus diferentes ramos, a existência da sociologia como ciência das relações, teve como consequência o emprego dos resultados de outras ciências menos — adequadas (por exemplo, a psicologia) como fundamentos desta última, ou ainda, que se tenha pretendido, com base num conhecimento insuficiente da esfera social, considerá-las como perfeitamente conhecidas.

A questão de saber como a cultura (no sentido mais amplo do termo) surge da convivência dos homens, é, em última análise, um problema metafísico. Em definitiva, toda a experiência resulta em metafísica. A sociologia como ciência das relações se restringe ao domínio das observações diretas e indiretas no âmbito do verificável na atualidade e no passado. Para isto, ela recorre tanto a experiência exterior, realizada por meio dos sentidos, como a experiência interna, fruto da "compreensão".

Também queremos investigar as forças resultantes da esfera social da vida humana. A dificuldade deste aspecto do nosso empreendimento consiste no fato de que os fenômenos da esfera social não são nem inteiramente tangíveis, nem puramente espirituais, ao passo que em geral os resultados de nossas observações

tem de ser expressos por meio de termos tomados do Ambito do material ou do espiritual.

Em todas as investigacees da esfera social existe o perigo da divagagdo para corn os problemas de outras ciencias. Por isto devemos valorizar ao maxima a necessidade de um metodo rigoroso. Trata-se de observar, analisar, sistematizar e, "na:medida do passive], compreender as relacees realmente existentes entre os homens e os grupos, e nã - as ideologias, aspiracties, postulados e suas objetivacees, produzidas pelos homens. A sociologia cabe generalizar a rica experiencia que the é fornecida pela observacao direta da vida, pela histeria e pelas outras ciencias, de tal maneira que de cada acontecimento em que participem varios homens semente se considere e se estude aquilo que possa ser considerado como relagdo de homem para homem 9u de grupo para grupo.

Portanto, nosso objeto principal consiste na elaboracão de um procedimento vAlido e independente para a observa9An da esfera inter-humana.

A vida social e constituída por uma sucessão intenninAvel de eventos encadeados, nos quais os homens estreitam ou dissolvem suas relacees. Os atos de coordenacdo e dissociacao, a aproximacdo e o afastamento, ado os processos dentro dos quais transcorre tOda a vida inter-humana. As ultimas Micas sac) as pessoais, inerentes aos individuos: fisicas, psiquicas e morais. Porem, estas fercas germinam e culminam na nã° gracas ao encadeamento continuo dos homens no espaco e no tempo. Estes processos, histericamente e dentro do desenvolvimento da cultura, sac constituídos pela acumulacdo e pela continuidade. Os efeitos da interacdo humana se desenvolvem atraves do tempo em progressdo quase que geometrica. Qua'quer contacto entre individuos é o panto de partida para novas contactos sociais mais complicados. A estrutura atual, complexissima, da coletividade social, corn sua imensa profundidade historica, apresenta-nos o dificil problema de chegarmos a conhecer a sua estrutura fundamental. Para isso semente conseguiremos dados concretos empregando o metodo clissico e insubstituível do conhecimento, isto é, a decomposiudo do todo em seus elementos e a recomposigdo destes naquele.

Se considerarmos as concomitancias sociais num periodo estAtico e meramente sob o aspecto da sua justaposicdo, elan nos aparecendo como elementos da estrutura das relacees sociais dos homens e grupos humans. De um ponto de vista formal, entre os homens rmedeiarn certas distancias. Se nos propomos explicar esta infinidade de distancias graduadas que concedem as fercas humanas, fisicas e psiquicas, urn grau e uma eficacia sempre diferente, temos de desarticular o nexo human, que aquela consideracão estatica havia concebido coma rigido, numa serie de processos vivos. As relacees sociais aparecem então como o resultado de processos sociais. A partir deste ponto de vista, podemos definir a rela9ao social como um estado fluido determinado por urn, ou por uma variedade de fenomenos sociais, de relativa coesdo ou dissociacdo entre os homens. O fenomeno social prOpriamente dito é, em si rnesmo, um processo de aproximacdo ou de afastamento entre os homens.

Portanto, a nossa categoria principal é a dos processos sociais e é assim que podemos circunscrever a sociologia, enquanto ciencia das relapiies, como uma ciencia que trata dos processos sociais, os quais se renovam em formas e combinaciies inesgotAveis. As vezes, muitos processos altarnente semelhantes conduzem a distancias inter-humanas que se consideram coma relativamente fixas e dificihnente variAveis. E a estas relacties aparentemente fins de distAncia que denominamos formacties sociais. De um ponto de vista estatico, poderíamos dizer que as formacees sociais slo constituídas pela grande variedade de relacties sociais, de tal maneira dependentes umas das outras que na vida cotidiana são encaradas como unidades.

Os conceitos fundamentais utilizados pela sociologia como dada das relacees sao os seguintes: processos, distancias e formacties sociais. Os objetos desta especie de sociologia se decompem em duas classes:

- 1.^a) analise e ordenacdo dos processos sociais;
- 2.^a) anAlise das formacees sociais por meio da sua referencia aos processos sociais, e ordenacdo das formacees sociais.

O procedimento de observacdo e de ordenacão da esfera inter-humana deve oferecer a possibilidade de analisar os pro-

cessos sociais em fungao de um esquema unificador. Ademais, esse mesmo procedimento, assim como o seu respectivo esquema, devem ser aplicados as formagOes sociais, pois estas &vein ser conceituadas como pluralidades de processos. Desde os contatos primarios entre os homens ate as formnas coletivas mais complicadas como sdo os estados e organizazees religiosas, deve ser aplicado o mesmo sistema.

Todos os processos sociais, apesar das suas diferengas qualitativas, possuem em comum o fato de determinarem a modificacao de uma distancia social. A analise dos processos sociais se orienta para a verificagdo desta conseqiencia e a formula unificadora pan esta analise 6:

$$P=C \times S$$

Isto 6, de que o processo social (P) a uma resultante do comportamento (C) dos homens nele participantes e da situagao (S) na qual se desenvolve. Mesmo em se tratando de acontecimentos tao distintos como possam ser, por exemplo, um caso de usurpagao de personalidade, a fundagdo de um partido, a abdicagOo de urn soberano, uma foie/ado, um adultério, ou ainda qualquer outro acontecimento, tanto da vida quoidiana como de alguma transcendencia historica, sempre resultarao na alteragao de uma distancia social, pois o conjunto social sera alterado em algum ponto.

Com essa simples formula de analise, procurarnos evitar tanto o erro da perspectiva psicologica que reduz o fenomeno social a mera conduta pessoal dos individuos nele participantes, como a unilateralidade dos teóricos do ambiente que tudo reduzem aos fatores do meio-ambiente. Todo processo social 6 urn produto hibrido de elementos pessoais e reais, isto 6, do comportamento e da situagao. Urn acontecimento inter-humano nunca envolve a personalidade total, pois sennente algumas inclinagties, predisposioes, ou experiencias dos homens irk) atuar conforme a situagao dada. Alguns tragos da personalidade sao reforcados pela situagao ao passo que outros sac, reprimidos. Cada processo social transforma a sua maneira os individuos nele participantes. Nao julgamos a situagao dos participantes nem a dos observadores

como fato objetivo, mas senaente a compreendemos por mein da sensibilidade e da expressao human.

Nao nos 6 possivel aqui estender, em Veda a sua profundidade, a analise dos fateres *comportamento e situagtio*. Indiquemos apenas que, na nossa opinido, o comportamento 6 urn resultado congenito do individuo e das conseqiencias do seu passado (vicissitudes, educagdo e hdbitos). O fator situagao pode ser decomposto numa soma de particularidades do mundo material extra-human e do comportamento dos demais individuos co-participantes no processo social em questa°. No fundo, Vida investigagao de comportamento human 6 uma analise de motivos na qual concorrem a sociologia e a psicologia. Mas a investigar, sociologica dos motivos nao deve circunscrever-se ao limite do infra-espiritual. O espiritual contem em si o social, tanto quanto este Ultimo o primeiro. Em parte, entendemos os processos da consciencia por circunstancias e processos sociais anteriores As motivagees. A tendencia de alguns psicelogos de explicar a vida social sennente pelos impulsos e pelos instintos, nos parece deficiente, pais assim se pee em relevo um dos seus componentes, esquecendo sua dependencia corn respeito a todos os sentimentos e imagens devidos a diferenciagho e refinamento dos impulsos, que podem explicar-se como fenomenos espirituais. Nao julgamos necessario explicar como se pode alcangar a uniformidade na analise das individualidades corn auxilio da doutrina dos desejos sociais.

A analise dos processos sociais individuais, tendo em vista urn procedimento unificador, permite a caracterizagdo de cada caso concreto numa formula abreviada e tipica como, por exemplo: adaptagao, competigao, boicote, exploragao etc... O Segundo objeto 6 a sistematizagao de todos os processos sociais numa estrutura-padrao, cujas categorias mais gerais constituiriam o sentido positivo ou negativo corn respeito da alteragan das distancias (aproximagao ou afastamento).

Nesta ordenagOo dos processos sociais deve imperar urn sistema perfeito e rigido. O objetivo 6 um indice articulado de ftdos os processos inter-humanos tipicos, por meio do qual 6 possivel obter uma visa° integral da vida social. Assim como por urn lade 6 precis() analisar todo fato inter-humano tanto

quanto qualquer outro acontecimento pertencente ao ponto mais afastado da esfera social, da mesma forma qualquer um destes sucessos deve ter seu lugar no processo conjunto da vida social. Os processos sociais são suscetíveis de comparação, que permite o exame das probabilidades oferecidas por cada fato determinado de influir na vida social num ou noutro sentido.

A análise e sistematização dos processos sociais deve acrescentar-se à análise e sistematização das formações sociais. Toda espécie de coletividade (par, grupo, massa, Estado, povo, flaqueio, classe, profissão etc...) se converte, assim, em objeto da investigação sociológica. Sem dúvida, a graduação entre o nexo, aparentemente simples, que une dois indivíduos determinados ou as grandes coletividades abstratas, é muito rica em matices. Estas "corporações", especialmente o Estado e a Igreja, foram tão desfiguradas pelas ideologias de intimeras gerações, que via de regra se ignora que as coletividades constituem grandes complexos de relações de distância entre os homens, complexos que se perpetuam através de muitas gerações. O fato de que estas coletividades, as quais R. MULLER-FREYENFELS chamou de "formas fixas", parecem "concretizar-se e assumir existência sob a forma de abstrações", também contribui para a já referida ignorância. Pois bem, nossa atitude para com elas, ao contrário do que fazia a filosofia, consiste na explicação das forças coletivas das relações realmente existentes nas mesmas, e não das ideologias que se lhes atribuem. E ainda quando se possa ver nelas certas substâncias espirituais ou entidades metafísicas, subsiste o problema da determinação das séries de processos sociais que nelas prevalecem. Evidentemente, dentro dos limites dos nossos objetivos, consideramos as formas coletivas (Estado, Igreja, Associação, Empresa etc...) como tipos de formações sociais que se distinguem entre si porque em cada uma delas a maneira pela qual se relacionam os homens e os grupos humanos é diferente.

Conceituando as forças coletivas do "mundo inter-humano" como uma ordem de relações positivas e negativas, torna-se evidente que os seus elementos somente podem ser processos sociais. Enquanto formações sociais, constituem constelações de distâncias relativamente permanentes entre os homens.

Geralmente se reconhece que em certas esferas, como por exemplo a do Estado, os homens se comportam de maneira diferente do que em outras esferas, como a da Igreja ou da economia. Na doutrina das formações sociais, procuramos determinar aqueles processos sociais específicos que imprimem o seu caráter a cada tipo de formação. Para isto decomponemos a formação, que inicialmente se apresenta como uma substância íntegra, na pluralidade de ações que lhe dão vida. E assim que, por exemplo, procuramos determinar os processos sociais que se verificam com especial frequência e influem com mais força na vida coletiva de uma massa amotinada, de um grupo coral, uma família, um partido político, um truste, um município, a Igreja Protestante, o Império Romano etc....

O campo de ação do processo da "doutrina das relações" — designação abreviada de "doutrina das relações e formações sociais" — é o estudo de todos os aspectos pertinentes à vida inter-humana. A doutrina das relações é de uma só vez ampla e restrita: a ampla com respeito ao alcance do raio de observação e é restrita com respeito à formulação dos problemas. Ela sempre trata das relações de aproximação ou de afastamento na configuração do "mundo inter-humano", fornecendo, assim, um fundamento para uma "doutrina da organização". Onde quer que haja organização, existe, antes de mais nada, uma regulamentação caracterizada pelas propriedades das coisas que são utilizadas na mesma organização (relações reais). Porém, existem também relações pessoais, isto é, inter-humanas, as quais constituem o aspecto que nos interessa. Tomemos como exemplo a organização do exército, dentro da qual encontramos determinadas divisões e regulamentos segundo a especialização das diferentes armas. A artilharia dentro de certos limites possui, em virtude do tipo de suas armas, uma organização diferente daquela da infantaria, ao passo que ambas diferem da intendência. Da mesma forma, pode-se dar uma mesma organização às tropas montadas e às da infantaria. Sob este aspecto, a doutrina da organização se fundamenta na técnica. Ademais, no exército, além desta agrupação segundo matérias, existe uma relação entre homens caracterizada principalmente pela hierarquia e pela subordinação. Nele, acima de toda diferenciação técnica, aspira-se

a transformar um grande número de homens em uma unidade militar, razão pela qual podemos considerar este agrupamento de homens como um "corpo social". O objeto desta organização de natureza alheia à técnica: a sociológico ou, mais exatamente, pertence à ciência das relações. Até os dias de hoje, especialmente na vida prática, subsiste a grave falta de 'supor que a regulamentação das forças humanas tentada pela organização decorre espontaneamente das relações fundadas. Estas coisas, ao passo que a sociologia, como ciência das relações, procura descobrir no objeto de cada relação (no sentido mais amplo do termo) as aspirações especiais decorrentes da relação entre homem e homem. Disto provém toda sorte de conclusões técnicas no sentido do tratamento e do manejo prático dos homens.

A doutrina das relações também tem encontrado nos últimos anos uma série de aplicações para o estudo das formas topográficas (vila, povoado, vila, bairro), assim como entre outras para a criminalística, a pedagogia, e a economia social.

*Espaco social, distância social e posição social**

PÍRRMI A. SOROKIN

EXPRESSÕES como "classes superior e inferior", "ascensão social", "N. N. 6 uma arribista", "sua posição social é muito elevada", "eles estão muito próximos socialmente", "partidos de direito e de esquerda", "existe uma grande distância social" etc., são comumente utilizadas, tanto nas conversações como nas obras de economia, de política e de sociologia. Todas essas expressões indicam que existe algo que se poderia denominar de "espaço social". Porém, existem ainda poucas pessoas interessadas na definição de espaço social e no tratamento sistemático das concepções correspondentes. Pelo que sei, depois de DESCARTES, THOMAS HOBBS, LEIBNIZ, E. WERTEL e outros grandes pensadores do século XVIII, somente F. BATZEL, G. SMITH e, recentemente, E. DUMAS, ROBERT E. PARK, EMORY S. BOOTH, LEOPOLD VON WIESE e eu própria tentamos dar maior atenção ao problema de espaço social e a outras questões a ele relacionadas.

Como o assunto deste livro é mobilidade social — isto é, o fenômeno da mudança dos indivíduos no interior do espaço social — é necessário esboçar bem concisamente o que entendemos por espaço social e questões a ele correlacionadas. Em primeiro lugar, *espaço social é algo completamente diferente de espaço geométrico*. Pessoas próximas uma das outras no espaço geométrico — por exemplo, um rei e seu súdito, um senhor e seu escravo — estão muitas vezes grandemente separados no espaço social — tal como dois bispos da mesma religião, generais de

(*) *Social Mobility*, por PITIRIM A. SOROKIN, Harper and Brothers, Nova York, 1927, págs. 3-10. Trad. de Leônicio Martins Rodrigues.

igual patente de um mesmo exercito, situados uns na America, outros na China — podem estar muito próximos no espaço social. Sua posição social é frequentemente a mesma, apesar da grande distância geometrica que os separa. Um homem pode percorrer milhares de milhas no espaço geometrico sem mudar sua posição no espaço social. Por outro lado, um homem, apesar de permanecer no mesmo lugar geometrico, pode ter sua posição social consideravelmente transformada. A localização do Presidente HARDING, no espaço geometrico, modificou-se grandemente quando ele viajou de Washington para o Alasca e, entretanto, sua posição social permaneceu identica a que possuía em Washington. Luis XVI e o Czar NICOLAU II permaneceram no mesmo espaço geometrico, em Versalhes e em Czarkoie Selo, apesar de suas posições sociais terem variado enormemente.

Essas considerações mostram que espaço geometrico e espaço social são coisas completamente diferentes. Pode-se dizer o mesmo sobre as expressões oriundas dessas concepções, como sejam: "distância geometrica e social", "ascensão no espaço geometrico e social", "mudança de posições no espaço geometrico e social" etc.¹

A fim de definir corretamente espaço social, lembremos que o espaço é usualmente considerado como uma espécie de "universo" onde estão localizados os fenômenos físicos. Obtem-se a localização neste universo através da definição da posição das coisas em relação a outras coisas escolhidas como "pontos de referência". Então logo esses pontos são estabelecidos (sejam eles o sol, a lua, Greenwich, o eixo dos abscissas e ordenadas) podemos localizar a posição espacial de todos os fenômenos

(1) Conclui-se daí que o tão elogiado "tratamento ecológico" tem apenas limitado valor para o estudo dos fenômenos sociais, não sendo desejável no escudo da maior parte das transformações sociais. Pode o tratamento ecológico canter tail fenômenos a transformações na medida em que estes atuem e estejam localizados no território geometrico, como, por exemplo, diferentes zonas territoriais duma cidade ("loops", zonas residenciais etc.), sendo igualmente valido no tocante a mudanças da população de um lugar geometrico para outro. Porém, não aprende hídies as "esferas" dos grupos sociais dispersos e não localizados num território geometrico definido, tal como uma sociedade imaginária; não abrange, igualmente, todas as mudanças não territoriais no espaço social, sendo também imitil no que diz respeito à circulação vertical dentro da sociedade etc. A maioria dos fenômenos sociais possui estas características, não se refletindo, ademadamente, portanto, no território geometrico. Por isso as possibilidades limitadas do tratamento ecológico no estudo dos fenômenos sociais. Dentro de seus limites apropriados, ele é útil e deve ser aceite sem restrições. tal tipo de tratamento não é novo, tendo sido, com a exclusão do termo "ecológico", excelentemente utilizado pelos estatísticos de há muito tempo.

físicos com relação a eles e, nestas condições, relacionar esses fenômenos entre si.

Podemos dizer, da mesma maneira, que espaço social é uma espécie de universo criado pela população humana da Terra. Na medida em que não existam seres humanos, ou que exista apenas um, não há espaço social humano ou universo. Um homem no universo não pode ter qualquer relação com outro homem; ele pode estar somente no espaço geometrico mas não no social. Assim, *descobrir a posição de um homem ou de um fenômeno social no espaço social significa definir suas relações com outro homem ou outro fenômeno social escolhido como "ponto de referência"*. A escolha dos "pontos de referência" depende de nós. É possível tomarmos um homem, um grupo de homens ou muitos grupos. Quando dizemos que o "Sr. N. Jr. é filho do Sr. N.", avançamos um passo no sentido de localizar o Sr. N. no universo humano. Esta localização é, entretanto, indubitavelmente indefinida e imperfeita. Dá-nos unicamente uma das coordenadas da localização (a relação familiar) num complexo universo social. Essa localização social é tão imperfeita como uma localização geometrica expressa da seguinte maneira: "A Amore este, a duas milhas da montanha". Para que a determinação do local da Arvore se torne mais satisfatório, devemos saber se a montanha está na Europa ou em algum outro continente, e em que parte do continente, em que grau e, ainda, se a Amore está a duas milhas ao norte ou ao sul, a este ou a oeste da montanha. Enfim, uma localização geometrica mais ou menos suficiente requer uma indicação da localização da coisa no conjunto do sistema das coordenadas espaciais do universo geometrico. Pode-se dizer o mesmo no que concerne a "localização social" de alguma pessoa.

A indicação da relação de um homem com outro homem fornece-nos algumas informações mais precisas, porém ainda insuficientes. Dados referentes a sua relação com 10 ou 100 homens dão-nos mais conhecimentos que, entretanto, não bastam para localizar a sua posição no conjunto do universo social. Fato semelhante ocorre quando pretendemos localizar um objeto no espaço geometrico através de uma pormenorizada indicação de diferentes coisas colocadas em torno dele, mas sem que indique-

mos a latitude e a longitude destas coisas. Existe neste planeta mais de um bilhão e meio de seres humanos. Indicar a relação de um homem com dezenas de outros, especialmente quando estes não têm uma posição preeminente, pode nada significar. Além disso, este método é muito complexo e dispendioso. Para substituí-lo, a prática social já inventou outro, mais satisfatório e simples, que relembra um pouco o método, o sistema das coordenadas utilizadas para a localização de uma coisa no espaço geométrico e que consiste no seguinte: 1.º indica* *das relações de um homem com um grupo específico*; 2.º) a *relação desses grupos entre si dentro da população*, e 3.º) a *relação da população com outras existentes no universo humano*.

A fim de conhecer a posição social de um homem, o *status* de sua família, sua cidadania, nacionalidade, religião, ocupação, partido político, *status* econômico, raça e muitas outras coisas necessitam ser conhecidas. Semelhante quando uma pessoa é localizada relativamente a todos estes aspectos é que sua posição social está definitivamente localizada. Porém isso ainda não basta. Considerando-se que dentro do mesmo grupo existem posições completamente diferentes, por exemplo a de um rei e a de um cidadão comum no interior de um Estado, a posição de um cidadão dentro de cada grupo fundamental da população também deve ser conhecida. Quando, finalmente, a posição da própria população, como, por exemplo, a da América do Norte, é definida no conjunto do universo humano (humanidade), então a posição social de um indivíduo pode ser considerada suficientemente definida. Parafraseando um velho provérbio, podemos dizer: "Dize-me a que grupos sociais pertences e que funções cumpres dentro de cada um desses grupos e dir-te-ei qual a tua posição social no universo humano e o que és tu como *socius*." Quando duas pessoas são apresentadas, este método é geralmente empregado: "O Sr. A (grupo familiar) é um professor alemão (grupo de ocupação), um democrata convicto, um preeminente protestante, antigo embaixador" etc. Esta e outras formas semelhantes de apresentação nos fornecem indicações, completas e incompletas, dos grupos aos quais uma pessoa está filiada. A biografia de uma pessoa é, em sua essência, uma descrição dos grupos com os quais o indivíduo mantém relações e da sua

posição dentro de cada grupo. Tal método nem sempre nos informa se o homem considerado é alto ou baixo, loiro ou moreno, "introvertido ou extrovertido". Entretanto, tais características, se bem que possam ser altamente significativas para um biólogo ou para um psicólogo, são de valor relativamente pequeno para o sociólogo. Essas informações não possuem qualquer importância direta na definição da posição social das pessoas.

Resumindo: 1.º) *espaco social é o universo da população humana*; 2.º) *a posição social do homem é a totalidade de suas relações com todos os grupos da população e, dentro de cada grupo, para com seus membros*; 3.º) *a localização da posição do homem em seu universo social é obtida pela averiguação das relações*; 4.º) *a totalidade de tais grupos e a totalidade das posições dentro de cada um (estes compõem um sistema de coordenadas sociais que nos permite definir a posição social de qualquer indivíduo)*.

Segue-se daí que os seres humanos, membros dos mesmos grupos sociais e possuidores das mesmas funções no interior desses grupos, possuem idêntica posição social. Homens que a este respeito diferem entre si, têm posições sociais também diferentes. Quanto maior for a semelhança das posições desses diferentes homens, maior será a sua proximidade no espaço social. Quanto maior e mais numerosas forem suas diferenças, maior será a distância social entre eles.

(2) Este conceito de distância social é completamente diferente da de R. Park e E. Boserup. A concepção destes autores é puramente psicológica, mas a sociológica. Para eles, pessoas psicologicamente semelhantes estão sociologicamente próximas; pessoas mutuamente antipáticas estão sociologicamente distantes. É que semelhantes estudos psicológicos relativos à simpatia e à antipatia são assaz valiosos. Parece, no entanto, que a sociologia não sabe estudos de distância social no sentido sociológico da palavra. Um senhor a um escravo, um rei a um pedinte podem sentir muita simpatia um pelo outro. Porém, concluir daí que suas posições sociais são semelhantes ou que a distância social entre eles, seja completamente falaciosa. Ounces e Coxeter, no *Italia del semi!* XV, odiavam-se mutuamente. Possuam ambos, entretanto, a mesma posição social. Isso mostra claramente que a relação conceitual de espaço e distância social é objetiva — porque os grupos existem objetivamente — e sociológica, enquanto as concepções dos Drs. PARK e BOGARDUS são puramente psicológicas e subjetivas, na medida em que medem a distância social por sentimentos subjetivos de afecção ou antipatia. A concepção sociológica acima exposta, mesmo no que diz respeito à utilidade da *solidariedade*, pode ser muito proveitosa. Semelhanças na posição social dos indivíduos ocasionam, geralmente, "modos de pensar semelhantes", uma vez que ela implica a herança de hábitos, interesses, costumes, mores e tradições, inculcadas nas pessoas por grupos sociais semelhantes, aos quais estas pessoas pertencem. Tendo "formas de pensar semelhantes" serão provavelmente mais solidários entre si do que ante pessoas pertencentes a grupos sociais diferentes.

2. DIMENSÕES HORIZONTAIS E VERTICAIS NO ESPAÇO SOCIAL

O espaço na geometria euclidiana é de três dimensões. O espaço social é de várias dimensões, porque existem mais do que três diferentes agrupamentos sociais que não coincidem entre si (agrupamentos da população em grupos de Estados, de religião, de nacionalidade, de ocupação, de status econômico, de partido político, de raça, de sexo, de grupos de idade etc.). As linhas de diferenciação entre cada um desses grupos são específicas ou *sui-generis* e não coincidem entre si. Desde que as relações de todos estes tipos de agrupamentos sociais são, componentes substanciais de um sistema de coordenadas sociais, evidente que o espaço social é um universo de muitas dimensões e, quanta mais diferenciada é a população, mais numerosas serão as dimensões. A fim de localizar um indivíduo no universo da população dos EUA, mais diferenciada do que a dos nativos australianos, um sistema complexo de coordenadas sociais deve ser utilizado para indicar os numerosos grupos aos quais está relacionado.

Objetivando uma simplificação da tarefa, é possível, entretanto, reduzir a pluralidade das dimensões em duas classes principais, sob condições de que cada uma possa ser subdividida em diversas subclasses. *Estas duas principais classes podem ser consideradas as dimensões vertical e horizontal do universo social.* Isto pelos seguintes motivos: muitos indivíduos que pertencem ao mesmo grupo social são facilmente localizados socialmente — por exemplo, todos podem ser católicos romanos; republicanos; empregados na indústria automobilística; italianos, segundo seu idioma natal; cidadãos norte-americanos, segundo sua cidadania etc. Entretanto, suas posições sociais podem ser muito diferentes do ponto de vista vertical. Um deles pode ser, no grupo católico romano, um bispo, enquanto os demais podem ser simples paroquianos; no partido republicano, um deles pode ser líder, sendo os outros simplesmente eleitores deste partido; entre os que trabalham na indústria automobilística, uma pessoa pode ser presidente da firma e os demais trabalhadores comuns etc. Enquanto

a posição social deles, no plano horizontal, parece idêntica, no plano vertical é completamente diversificada. A dimensão vertical e suas coordenadas são insuficientes para uma descrição das diferenças sociais existentes. Pode-se dizer o mesmo sobre as posições de um comandante-chefe e de um soldado, no exército; sobre a de um reitor e a de um bedel, na universidade. Não se pode pensar em suas relações em termos de dimensões verticais. Nossas representações comuns da posição social estão intimamente relacionadas com esse tipo de dimensão. Expressões como: "ele é um arrivista", "ele está numa baixa posição social", "classe superior e inferior", "ele está no alto da pirâmide social", "as bases da sociedade", "posição social e hierarquia", "estratificação social", "diferenças horizontais e verticais", "superposição de grupos sociais" etc., são habitualmente utilizadas. A inter-relação dos indivíduos, assim como as dos grupos, são imaginadas tanto situadas no mesmo nível horizontal como hierarquicamente superpostas uma à outra. Mudanças de um grupo para outro não implicam, muitas vezes, qualquer ascensão ou descensão social apesar de terem sido, no passado, consideradas inseparáveis das dimensões verticais. Entendemos a promoção social como ascensão social e o rebaixamento como descensão social. Esta maneira vulgar de encarar o problema pode ser convenientemente utilizada para uma descrição científica, e, por sua familiaridade, favorece a obtenção de uma correta orientação no complexo universo social. A discriminação das dimensões verticais e dimensões horizontais expressa algo que realmente existe no universo social: o fenômeno de hierarquia, de classes, de domínio e subordinação, de autoridade e obediência, de promoção e rebaixamento. Todos esses fenômenos e inter-relações correspondentes são focalizados na forma de estratificação e superposição. Para uma descrição de tais relações a dimensão vertical é muito conveniente. Por outro lado, relações isentas de tais elementos podem ser convenientemente descritas em termos de dimensão horizontal.

Resumindo: não há razão, tanto no plano técnico como no plano da natureza do universo social, para deixar de lado a diferenciação popular das duas principais dimensões do universo social referidas mais acima.

Este livro trata dos fenômenos sociais na sua dimensão vertical, estudando a altura e o perfil das "estruturas sociais", sua diferenciado em camadas sociais, os elementos pertencentes a cada uma dessas camadas, as mudanças de população ao longo das linhas da dimensão vertical. Em poucas palavras: nosso escopo é a estratificação social e a mobilidade social vertical. Assim, a estrutura horizontal dos corpos sociais atenuada, sendo referida, incidentalmente, apenas de passagem. Nestas condições, necessário se tome realizar uma constante utilização de termos como "camada social superior", "pessoas socialmente inferior e superior" etc. A fim de evitar todo mal-entendido, quero deixar bem claro que tal terminologia não significa, de minha parte, qualquer julgamento valorativo, servindo exclusivamente para obter uma certa localização formal das pessoas no interior de diferentes camadas sociais. Talvez sejam os elementos pertencentes às camadas superiores realmente melhores do que os pertencentes às camadas inferiores, talvez sejam piores. Caberá ao leitor formular tais juízos. Para mim, estes termos nada mais são do que instrumentos para a análise e descrição dos fenômenos correspondentes e suas inter-relações efetivas. A tarefa de todo estudo científico é definir as inter-relações dos fenômenos tais como eles existem. A formulação de juízos de valor este totalmente fora do campo desse estudo. Deve-se ter sempre em mente, a fim de evitar todo equívoco. A mesma coisa deve ser dita a respeito das concepções gerais de espaço social e suas dimensões.

O tempo sócio-cultural*

Características preliminares do tempo sócio-cultural

PIRTHIM A. SOROKIN

CONSIDERANDO A EXISTÊNCIA de várias formas de tempo — metafísico, físico-matemático, biológico e psicológico — seria estranho não existir um tempo sócio-cultural, diferente de todos os outros e socialmente mais importante.

Numa caracterização preliminar, o tempo sócio-cultural difere dos demais pelas seguintes propriedades:

1.º) *Supõe e mede fenômenos sócio-culturais.*

Sua duração, sincronização, sequência e mudança — em termos de outros fenômenos sócio-culturais tornados como pontos de referência, mas não em relação à realidade **como faz** o tempo metafísico, aos outros corpos materiais, como faz o tempo físico, nem em relação aos fenômenos estritamente biológicos ou psicológicos, como faz o tempo biológico ou psicológico.

2.º) *A característica fundamental do tempo sócio-cultural é que ele não ocorre simultaneamente no mesmo grupo e em diferentes sociedades.*

Num mesmo período de tempo matemático (cem dias matemáticos, por exemplo), numa mesma sociedade ou num mesmo sistema sócio-cultural, o total, o número, a ocorrência dos acon-

⁶) "Sociocultural Time, Its Forms and Properties", in *Socio-cultural Causality, Space, Time*, por PIRTHIM A. SOROKIN, Duke University Press, Durham, EUA, 1943, pgs. 171-174. Trad. de Leandro Martins Rodrigues.

tecimentos podem ser completamente diferentes. Existe uma centena de dias durante os quais o conjunto da vida grupal ou do sistema socio-cultural se transforma fundamentalmente. Existem, entretanto, outros períodos de cem dias em que não ocorrem grandes modificações; a vida passa sem ser afetada por qualquer sucesso perturbador, dia após dia. O mesmo Verdadeiro para uma ainda maior extensão de modificações em diferentes sociedades ou sistemas socio-culturais. Um ano de vida numa sociedade moderna a sobrecarregado com maiores e mais numerosas alterações do que cinquenta anos de existência em alguma tribo primitiva e isolada. O ritmo dos acontecimentos — através dos quais e pelos quais percebemos o passar do tempo — é diferente, tal como uma sinfonia com movimentos lentos e com um rápido *scherzo*, cada qual é sentido diretamente, sem o auxílio de um relógio.

Se estamos interessados em aprender os ritmos verdadeiros de cada "movimentação" que como tal, um conjunto ou um "conglomerado" e não mera computação pedante de quantos minutos matemáticos existem nesse ou naquele movimento, devemos estar capacitados para captar esses ritmos como um dado imediato. Isso posto, compreenderemos as diferentes "pulsões" do tempo social nos diversos momentos de exist/Sada do sistema socio-cultural.

3.º) *Os momentos do tempo sOcio-cultural são desiguais; não se desenvolvem uniformemente mas possuem momentos repletos de acontecimentos, momentos críticos e momentos, ou intervalos, em cuja duração nada aconteceu,*

mera pausa entre os momentos repletos de sucessos. Nós os apreendemos sob a forma de ritmos, cesuras e outros momentos da marcação do tempo socio-cultural.

4.º) *O tempo sOcio-cultural não é infinitamente divisível.*

Existem períodos longos ou breves — uma hora, um dia, uma semana, um ano, vinte e cinco ou mais anos — que, para um determinado processo social, são unidades que não permitem uma ulterior divisão ou subdivisão. Pode-se alugar um quarto por um dia ou por uma semana mas raramente por uma hora

ou por um minuto. Pode-se redigir um contrato por um ano ou por um semestre, mas raramente por curtos períodos. Alguns acontecimentos, como os comemorativos das bodas de prata ou de outra festa qualquer, podem ocorrer somente após um certo intervalo de anos.

5.º) *O tempo sOcio-cultural é totalmente qualitativo.*

6.º) *O tempo socio-cultural não é um desenvolvimento vazio, mas sim um tempo produtivo, que, no seu transcorrer, se transforma numa importante agenda criadora, modificadora e transformadora de grande medida de processos socio-culturais. Nos países capitalistas, o tempo chega a ser uma agenda de interesses comerciais, de dividendos, de lucro, agenda que determina freqüentemente a vitória ou a derrota de exércitos, o destino de pessoas e de sociedades etc.*

7.º) *O tempo socio-cultural possui uma estrutura peculiar de três planos — o da eternidade, o da *mu*, e o de *tempus* propriamente — praticamente ausente em qualquer outra concepção de tempo.*

Funções fundamentais do tempo sOcio-cultural:— Exporemos agora as mais importantes características do tempo socio-cultural. Suas funções são:

- 1) Sincronização e coordenação (ou seqüência temporal) de um fenômeno socio-cultural com outros fenômenos da mesma classe, especialmente com aqueles tornados como ponto de referência.
- 2) Organização do sistema de tempo para a continuidade socio-cultural e para a orientação do fluxo infinito do tempo.
- 3) Expressar as pulsões dos sistemas socio-culturais e, mesmo tempo, propiciar tais pulsões ou ritmos, necessários para a vida e funcionamento de qualquer sistema socio-cultural.

Estando os seres humanos destinados a viver e a agir coletivamente, uma das condições indispensáveis para a vida possível

agdo coletiva a uma sincronização do tempo, ou coordenado das partes envolvidas. Se X combina encontrar Y, ambos devem combinar a lugar e a hora. De outra maneira, se X chegar cinco horas depois de Y, nem o encontro nem a ação coletiva serão possíveis. Se os operários de uma fábrica não chegarem "na hora" em seu local de trabalho, o trabalho coletivo torna-se impossível. O mesmo é verdadeiro para qualquer agdo coletiva, seja ela uma tarefa, uma luta, uma cerimônia, uma proeza, uma reunião, ou qualquer outra coisa.

O domínio das formas e maneiras de regularizar temporalmente o comportamento dos membros de qualquer grupo, de modo que cada membro saiba a "hora marcada" tal como os demais, tornou-se, possivelmente, a necessidade mais urgente da vida social, em qualquer época e em qualquer lugar. Sem isso, a própria vida social seria impossível. A coordenação do comportamento dos membros de um grupo regulada temporalmente tornou-se indispensável para a adaptação dos membros da sociedade entre si. Esta adaptação temporal das ações ou movimentos entre amigos ou inimigos, tornou-se mais importante do que suas aplicações aos eventos naturais. Ela teria que ser "mútua" para todas as pessoas pertencentes ao mesmo sistema social de interação. Nesse sentido, seus pontos de referência são os fenômenos sociais e não outros ("quando seu pai chegar, então você faça isso"; "quando as vacas estiverem dando leite"; "quando a colheita for segada", e assim por diante). É verdade que alguns dos fenômenos naturais (o or do sol, o amanhecer, o inverno, o meio-dia, a noite, o dia chuvoso etc.) são amplamente utilizados como meios de marcação do tempo. Porém, como podemos verificar, eles servem unicamente como meios de registro, quando as atividades ou os fenômenos sociais aparecem; não são utilizados em si mesmos. A regulamentação horária serve para coordenar as ações ou fenômenos sociais "temporais", mas não os fenômenos sociais e naturais em si. Esses últimos fenômenos sómente modos da coordenação temporal das atividades. Quando os instrumentos artificiais de tal coordenação fossem inventados (como os diversos tipos de relógios), passam a ser utilizados para medir o tempo cada vez mais regularmente do que os fenômenos naturais.

O mesmo pode ser dito da *continuidade de tempo de diversos acontecimentos sociais e históricos*, ou da realização da continuidade sócio-cultural e da orientação infinita do fluxo do tempo. Aqui a natureza social dos pontos de referência é ainda mais evidente. Tomemos qualquer sistema cronológico — o dos antigos babilônios, egípcios, chineses, hebreus, gregos, romanos, hindus, coreanos, Árabes, muçulmanos da Idade Média ou da moderna Europa — e descobriremos as sequências de tempo construídas com base em algum acontecimento social tornado como *era* ou *ponto de referência*, antes e depois do que os outros acontecimentos são situados.

A cronologia babilônica era mantida de acordo com as eras. Por exemplo, a era seleucida (312 a.C.) tinha sua origem tanto na Batalha de Gaza como no assassinio de Alexandre IV (311 a.C.). As outras eras — a primeira e a última — da mesma maneira se originaram de algum acontecimento social de grande importância.

Os antigos egípcios marcavam o ano de acordo com a duração de um reinado, sendo cada rei o ponto de partida de uma nova era. O começo do ano árabe é a Hégira, 16 de julho de 622, onde percebemos novamente um sucesso social de grande importância. Entre os persas, igualmente, as eras significam relevantes eventos sociais. Assim, a guisa de exemplo, uma de suas eras foi o ano de 632, com a morte do último rei da dinastia sassânida. A outra era foi a do ano 1079, iniciado por importantes acontecimentos sociais.

Cooperageto, cornpeticdo e conflito*

WILLIAM F. OGBITRN e MEYER F. NIMEOFF

SAMUEL Punta observou certa vez que nossas experiencias corn relagao aos outros participam ora da natureza de urn fio, ora de natureza de uma faca: elas ou nos ligarn a ales mais estreitamente, ou como que cortam os lagos para déles nos separar. Trata-se apenas, sem cliivida, de uma maneira pitoresca de dizer que, em tOcla vida grupal, fergas tanto unificadoras quanto divisoras estao em operagao. Individuos se casam e se divorciam, trabalham e se poem em greve, formam irmandades religiosas e se empenham em lutas sectarias. A organizagao social de uma comunidade, em qualquer moment() dado, representa, pois, um equilibria que se processa entre estas fOrgas centripetas e centrfugas.

O term processo social foi aplicado a estas tendencias da vida grupal, a estas maneiras fundamentais de interagao existentes entre os homens. Quando os homens trabalham juntos, tendo em vista urn objetivo comum, seu comportamento e chamado cooperagao. Quando lutam um contra o outro, a conduta é rotulada oposigao. Cooperacao e oposigao constituem os dais processos basicos da vida em grupo.

Numerosas questries surgem quando se consideram asses processos de cooperacan e de oposigao. Uma vez que sao encontrados em Leda a vida grupal, a claro que a hereditariedade tern algo que ver com suas causal. Qual a contribuiglio precisa da

(⁰) "Co-operation, Competition, and Conflict", in *A Handbook of Sociology*, Routledge & Regan Paul Ltd., Londres, 1953, pags. 232-250. Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

hereditariedade ? Alain disco, 6 tambem evidente que cooperagao e °post& ndo sao iguais por tech. parte. A taxa de divorcios mais ba^p. na Suecia do que nos Estados Unidos. Os suecos cooperam mais do que os americanos no setor econeuico; para verifica-lo, basta observar o desenvolvimento marcante das coope-rativas entre ales. Os norte-americanos, por sua vez, mostram-se mais cooperativos no setor politico do que os latino-americanos, entre os quais as reviravoltas governamentais sao frequentes e violentas. Assim, tambem a oposigao entre mao-de-obra e capital, evidenciada pelo niimero de greves, era mais pronunciada na Franca antes de 1940, do que nos Estados Unidos, enquantas relapiés entre negros e brancos eram mais harmoniosas na Franca do que na America. Os exemplos de tais diferengas de sociedade para sociedade podiam ser multiplicados indefinidamente. Fati-kes culturais estão, tambem, claramente envolvidos na determinagaa de como os processos sociais operam numa dada sociedade. Corn relacao a este ponto, como funciona a cultura ? O presente capital° ocupa-se essencialmente corn a resposta a esta questao°. Mas, antes de faze-lo, é necessasio em primeiro lugar definir e esclarecer de maneira um pouco mais campleta os termos de nossa exposigao.

A NATUREZA DO PROCESSO SOCIAL

Cooperaglio

Uma das formas tomadas pela cooperacdo é o trabalho em comum. Neste caso, os individuos em cooperagao executam todos juntos essencialmente a mesma coisa; isto é, desempenham fungi:5es idênticas, coma, por exemplo, transportar pedras ou empurrar urn autornOvel para fora de urn lamagal. Quando este labor comum é executada apenas pelo prazer que tern os individuos em trabalhar juntas, toma o name de trabalho associado. Por exemplo, a situagao existente entre os iroqueses, que dispunham de alimentos abundantes de maneira a nao necessitarem cooperar nem campedr uns corn os outros para alcangarlos. "Mas, embora as mulheres pudessem cultivar sOzinhas os campos, preferiam "cooperar" corn o fito de gozar o prazer adicional da

companhia umas das outras"¹. Quando, por outro lado, existe uma vantagem real em dispor de auxilio numa tarefa, como a de tirar um automóvel da lama, o modo de cooperage^o é denominado labor suplementar. Esta segunda forma de trabalho existe quando os individuos trabalham para um fine comum, mas cada qual tem sua fulled^o própria e especializada a desempenhar; o caso, por exemplo, dos carpinteiros, pedreiros,, encanadores cooperando na construed^o de uma case.

Essas distinguees, embora empregadas por economistas, nes^o tem sido utilizadas de maneira significative em trabalhos socio-16gicos. O estudo da cooperar tem sido negligenciado pelos sociologos. Devido a sociedade altamente competitiva em que vivemos, este^o tiles submetidos a uma forte pressdo em sua escolha das questees que estudam, muitp embora, largamente inconscientes disso, talvez se mostram principalmente preocupados com a compelled^o. Outra explicar ester no fato de o estudo da cooperage^o ser feito, em regra geral, indiretamente, allay& do estudo do conflito. A descried^o da cooperage^o pode ser levada a efeito com major clareza de detalhes se os dois processos forem considerados conjuntamente, em lugar de serene tratados separadamente; portanto, neste capitulo, a cooperage^o a estudada em relageo com oposiedo.

Competiciio

A compelled^o é a forma fundamental de luta social. Ocorre todas as vézes em que ha um suprimento insuficiente de ludo quanto deseja o ser human^o — insuficiente no sentido de que todos ndo podem possuir a quantidade que desejam de alguma coisa. Noutras palavras, os termos basicos da cooperage^o consistem "numa popular portadora de desejos insaciaveis, e num mundo de recursos inflexiveis e inadequados"². Em nossa sociedade, por exemplo, ha normalmente mais individuos desejando empregos do que empregos disponiveis; de onde desenrolar-se a compelled^o em torn das vagas existentes. Entre aqueles que

(1) Mark A. MAY e Leonard W. Doon, *Competition and Co-Operation*, pag. 99.

(2) Walton H. Ilkmurow, "Competition", *Encyclopaedia of the Social Sciences*, vol. IV, pag. 143.

je possum um emprego, a compelled^o se verifica em tern^o dos melhores lugares. Ha, pois, compelled^o neo apenas para obter peo, mas pela obtengoe de luxo, poder, posigeo social, companheiros, fama, e todas as coisas desejadas ndo encontradas poniveis.

Uma luta incessante tem lugar em nossa sociedade visando a essas satisfars. Mas, o que é estranho, a luta tido é habitualmente personalizada. Por exemplo, os estudantes neo encaram seus colegas como competidores, embora seja verdade que apenas certo manner^o de honras escolares esteja a disposiedo, de tal modo que, se certos membros da classe os alcaneam, seo elan automaticamente negadas aos outros. Podem, porem, estes mesmos estudantes ester vivamente conscientes da competiceo e muito preocupados com as notes. Este fenomeno se conserve de tipo "competido" enquanto a atengoe deles estiver focalizada para os objetivos que procuram Meancar. Assim que se de uma mudanea de interesse, dos objetos da competigeo para os proprios competidores, temos entdo o que se chama rivalidade. A rivalidade é a compelled^o personalizada. A rid^o deseja sorrnente o premio, deseja veneer **B**. Cada qual sabe que s6 ganhara o prenio se veneer o outro. A compelled^o, quando asstm personalizada, tende a tornar-se mais aguda e fecilmente engendra hostflidade entre os competidores. Como consequencia, pode desenvolver-se uma competido antagenica ou um conflito social. O objetivo Ultimo, ou o "extremo 16gico" de todo conflito é a eliminaedo dos competidores.

A COEXISTENCIA DE PROCESSOS SOCIAIS

Quando os processos são definidos separadamente e cada um por seu turno, como fizemos atres, ha o perigo de o leitor desenvolver uma concepeeo pouco real a seu respeito. Infelizmente, certa quantidade de ideas ernineas existe neste particular. Por exemplo, acredita-se erradamente que cooperage^o e °posted^o se^o processos inteiramente distintos e Mao relacionados. Esta ideia leva, por sua vez, a tentativas futeis pare provar que um dos processos é mais fundamental do que o outro. Na nossa sociedade, a compelled^o é sem d6vida concebida pelo vulgo

como um processo mais fundamental do que o outro, tanto de vista que se estende no passado ate licniarro, em fins do seculo vi a.C.³.

Mais tarde, afirmou HOBBS que a luta e a lei basica da vida; que o homem primitivo vivia em continuo estado de guerra, todos os indivduos se erguendo arneacadores contra seus irmaos. HOBBS foi seguido, em sua "plural", por Tonga linha de fil6sofos e de estudiosos de teoria social, tais coma / HUME, HEGEL, ROUSSEAU e BAGEHOT. A ideia de que a luta o fator decisivo foi mais tarde retomada pela escola evolucionista dos bi6logos, em seguida a publicaçao efetuada por DARWIN e WALLACE da doutrina da selecao natural, baseada na sobrevivencia dos mais aptos. A grande yoga da hipitese de Minix nao deixou de influenciar as teorias sociais. Se a propria natureza a dominada pelo conflito, pensou-se, o mesmo deve ser verdade na natureza humana e na sociedade humana. A corrente do conflito fez assim seu aparecimento na teoria sociol6gica, representada por escritores como RATZENHOFER e Gumitowicz.

A ideia da luta pela vida, em que os mais aptos sobrevivem, acabou sendo encarada como a maior generalizacão, talvez, efetuada no seculo xix. Tomando-se em consideracão, KnoParxm4 levantou duas questOes desafiadoras de explicacão: Com que armas principais a esta luta levada a efeito; e quem pode ser considerado como mais apto? KnoPuricar argumenta que a luta nao a tanto entre membros de uma dada especie, mas antes entre especies diferentes; e, mais do que tudo, 6 uma luta de tOdas as especies contra circunstancias adversas. A ideia de competicao dentro da especie confere DARWIN grande enfase, enquanto negligencia completamente o fato de que a cooperacão desempenha importante papel na sobrevivencia.

KROPOTON mostra como habitos de auxflio mittuo dentro de uma especie ajudam a sobrevivencia. O auxflio naatuo se inicia com a cooperacão na criacão da pro genie e no suprimimento de alimentos e protecaa. Mesmo entre os mais inferiores dos animais, como formigas e termitas, a cooperacão a evidente e constitui

(3) Ham' Elmer BARNES a Howard BECKER, *Social Thought From Lore to Science*, Boston, 1938, vol. I, nag. 705.

(4) Knoranne, *Mutual Aid: A Factor of Evolution*.

uma fOrca tremenda em prol da sobrevivencia. Entre animais mais elevados, a cooperacão 6 tambem aparente, como se ye nas migracões e nas associacties caçadoras dos passaros. KROPOTKIN cita o caso das aguias de cauda branca, que se observou cagarem juntas em grupos ate de dez. Mais impressionante ainda e a predominancia numerica extraordinaria dos mamiferos sociais sObre os poucos carnivoros nao-sociais como leoes, tigres, leopardos. Os rebanhos de bUfalos das planicies americanas eram as vezes tao densos que faziam parar, por dois ou tres dias ate, o avanço dos pioneiros para o oeste. Carneiros, veados, antflopes, gazelas e bafalos vivem em rebanhos. A maior competicao que desenvolvem, mostra KROPOTKIN, a em relacão a Natureza. Ha quantidade de alimentos para todos, mas no rigor do inverno tudo estara sepultado na neve. Tufoes, inundackies, epidemias, mudancas de tempo sao os principais fateres contra os quais tem de se haver a vida animal. Os animais procuram eliminar a competicao empregando o auxilio mUtuo; isto e, formando cole-nias ou emigrando. KROPOTON traca a evolucao do auxilio entre os seres humanos e mostra como o homem alargou tanto as areas de cooperacão que consegue sustentar varios grupos mental e fisicamente deficientes, e que nao poderiane sobreviver se tivessem de lutar corn unhas e dentes pela existencia.

Deve-se entao observar que cooperacão e oposicao sao fentmenos naturais dos grupos humanos. Ocorrem entre os animais, tanto quanta entre os seres humanos. E geralmente ocorrem juntos. A este respeito, ambos se assemelham cam as emocOes de amor ou 6dio, ambivalentes ou ligadas, e realmente estao estreitarnente relacionadas corn elas. Os psicalogos tem demonstrado como estas duas emocOes podem coexistir num mesmo individuo. Uma crianca pode amar sua mae pelas safisfacOes e prazeres que ela the proporciona, e ainda aborrece-la tambem devida a disciplina que ela the imp6e. Assim tambem cooperacão e conflito estao sempre juntos.

Cooperacão como condicao de conflito. O prOprio conflito pode envolver cooperacão. Nao havers conflito, a nao ser que os envolvidos se reconhecam uns aos outros como adversarios. Nos paises em que o duelo 6 habitual, s6 ocorre um encontro quando um desafio 6 feito e aceito. O individuo desafiado pode



ignorar o convite a luta, se considera que o desafiador the socialmente inferior. O conflito entre grupos é também fonte potente de cooperagao intragrupal, como se pode ver,mo caso atual do nacionalismo. A desconfiança e o 6dio mAtuos entre franceses e alembies, por exemplo, contribuern 'em nao pequena escala para o grau de intensa solidariedade grupalf encontrado nesses paises.

Tao importante 6 a parte que a luta exterior desempenha na consolidagao da coesao interna de um grupo que se torna dificil exagera-la. Nada contribuiu mais fortemente, na epoca atual, para unir os judeus do que a revivescência em larga escala do anti-semitismo. Tal anti-semitismo converteu o sionismo utd-pico do seculo xrx num poderoso movimento nacionalista corn urn programa organizado e prAtico^s. Assim, de \atlas maneiras, o conflito pode envolver cooperagao.

Competigão como condigão de cooperagao. Do mesmo modo, a situagAo pode transformar-se e os individuos podem competir para melhor cooperar. OrganizagOes cientificas, como a Real Sociedade Cientffica ou a Sociedade Geografica Americana, siio exemplos de cooperagao competitiva. Grupos de individuos trabalham juntos procurando levar avante a busca da verdade, mas fazem-no controlando o trabalho uns dos outros; idóias que nao estiverem suficientemente apoiadas pela evidencia sera() descartadas. Os trabalhadores da Russia Soviet-lea também tem sido impelidos a competir uns corn os outros no interesse da comunidade em cooperagao; as empréas pertencem ao Estado e, teAricamente, quanto maior o volume de bens produzidos, maior o beneficio de todos os trabalhadores. Os operarios são, pois, impelidos a competir uns corn os outros para que a producao total aumente, beneficiando a todos. Enquanto o pagamento por pegas ou as taxas diferenciais de salarios tern sido inventadas para estimular a produgdo, esta também tem sido aumentada pela utilizacdo de incentivos sociais, coma a rivalidade entre unidades produtivas de uma inchistria. Tais exemplos mostram qua() errados estAo aqueles que atribuem uma prioridade natural a qualquer dos dois processos sociais ern causa.

(5) Louis Winiar, *The Ghetto*, Chicago, 1929, pags. 271-272.

As comunidades utOpicas. Grande dose de esclarecimento 6 trazida a este setor pela experiancia das comunidades utOpicas. Tais projetos, como Brook Farm, New Lanark, os Hutterische Bruder, Oneida, New Llano, tem sido variados. Sao experiancias levadas a efeito por individuos que acreditam ser a cooperagao mais fundamental e mais desejavel do que o conflito. Procuram entAo afastar de sua sociedade tOda especie de conflito, ou pelo menos elimina-lo inteiramente de areas importantes da vida social, como, por exemplo, a familia, o setor econOmico etc. Que encontram o insucesso 6 fato registrado pela historia. Sem dAvida, o insucesso foi em parte devido a ser impossivel acabar corn as influencias "contaminadoras" provenientes da sociedade competitiva mais ampla; mas 6 também verdade que competigao e dissensao internas desempenharam seu papel em tal fracasso.

A experiancia de Brook Farm^o pode ser utilizada como exemplo de empresa utOpica. Brook Farm teve seu inicio em 1840, fundada por George RIPLEY, ministro Unitario de Boston, membro do famoso Club e Transcendental que incluia EMERSON, Aworr, THOREAU. RIPLEY e mais catorze companheiros formaram uma cooperativa (*stock association*) corn o propósito de promover "uma uniao mais natural entre o trabalho manual e o trabalho intelectual do que o atualmente existente"; e, para evitar a pressao das instituigões competitivas, procurou-se que todos participassem no projeto de acOrdo corn suas possibilidades, recebendo em troca sOmente uma taxa fixa de cinco por cento de lucro nas agOes que possuíssem, a tarefa de cada urn devendo ser compensada pelo alojamento e pensão. Um Instituto de Agricultura e Educagdo foi fundado, corn membros trabalhando na propriedade agricola e ensMando na escola. As dividas cresceram rApidamente, em parte devido as despesas ocasionadas pela expansao normal das atividades na propriedade agricola, e em parte devido a ma administragão financeira. Quatro hipotecas tinharn ja onerado Brook Farm quando, em 1846, um incendio danificou senamente bens que nth) estavam no seguro. Entao começou o hodo dos membros, e Brook Farm riao mais se reer-gueu, sendo a propriedade vendida em leaº em 1847, apenas alguns anos apOs ter sido inaugurada.

(6) Lindsay Swwr, *Brook Farm*, Nova York, 1908.

É difícil obter informações acuradas com relação à vida social de Brook Farm, mas sabe-se o suficiente para ficar patente que, embora se caracterizasse por enorme escala de cooperação e civilidade, não faltavam também cheques e colapsos. Ichabod MORTON resignou, depois de ter trabalhado somente cinco meses como administrador, porque se convenceu de que emocões governavam a prática de negócios de Brook Farm, em lugar do bom-senso do homem de negócios. Nathaniel Hawthorne, depois de cinco meses de trabalho agrícola, pediu para ser libertado dos sulcos do arado. E pergunta no seu diário: "Seth digno de aplauso o fato de eu ter gasto cinco belos meses dando alimento a vacas e cavalos?" E conclui: "De modo algum". Hawthorne foi dispensado do trabalho manual e deram-lhe certas tarefas executivas; mas tal atividade, que agradava a Hawthorne, resultou em desagrado dos outros, que se ressentiram com a discriminação⁷. Particularmente esdreador e o comentário proferido por George Cords, um dos estudantes da escola. Escrevendo a seu pai, diz de, com relação à escola: "Nenhum indivíduo sensato será por muito tempo um reformador, pois a sabedoria mostra claramente que o desenvolvimento se processa de modo regular e seguro, e nem condena nem rejeita o que existe, ou o que existiu. Reforma a desconfiança organizada."

A vida nestas comunidades utópicas era tão artificial e controlada, que os membros geralmente se mostravam aborrecidos com sua monotonia. A situação deve ter sido muito semelhante àquela que fez William JAMES escrever a seu filho, depois de permanecer alguns dias em Chautauqua: "Um tiro de pistola, uma adaga, um mau-olhado, qualquer coisa serviria para quebrar a desagradável uniformidade criada por 10.000 pessoas bondosas — um crime, um assassinato, um rapto, uma fuga de namorados". Ao deixar o local, observou: "Estou contente porque você path algo menos inocente"⁸.

Estas experiências sugerem que nada existe inerentemente de bom ou de ruim em ambos os processos. Os julgamentos de

(7) A. E. RUSSELL, *Home Life of the Brook Farm Association*, Boston, 1900.
(8) *Letters of William James*, editado e organizado por seu filho Henry JAMES, Boston, 1920, vol. II, pág. 43.

valorado criados pelo próprio homem e não são os mesmos em toda parte. Os russos glorificam sua economia cooperativa, enquanto erguem hinos de louvor ao nosso sistema competitivo. Os Zuni se deleitam com a paz, os Cheyenne com a guerra. O leitor encontrará mais adiante outros pontos de vista igualmente contrastantes. Indicaremos aqui, todavia, que, para o sociólogo, os processos sociais não são nem bons nem maus, são apenas naturais. Para o homem, é natural trabalhar lado a lado com seu semelhante, mas é também natural que erga a mão contra este. Isto não quer dizer que a sociedade nada pode fazer para inclinar a balança em favor da cooperação ou da competição em suas linhas mais gerais. O que a cultura pode alcançar será indicado logo mais. Mas a experiência das sociedades utópicas mostra que nenhuma sociedade pode com sucesso eliminar totalmente a competição. Existem limites para a socialização humana e o conflito se desenvolve mesmo nas sociedades melhor reamentadas. O fato de a Rússia Soviética ter introduzido práticas competitivas num sistema econômico fundamentalmente cooperativo é um atestado das concessões que a teoria deve fazer realidade, se o sistema deve sobreviver.

HEREDITARIEDADE, GRUPO E PROCESSOS GRUPAIS

Toma-se, então, evidente que tanto a cooperação quanto a competição são comuns à experiência infantil. As crianças exibem ambas as tendências. O processo fundamental da alimentação é claramente cooperativo e a criança toma parte ativa desde o início do processo. Mais tarde, o bebê já antecipa o fato de que sua mãe vai ergue-lo do berço e executa certos ajustamentos com o corpo que visam a auxiliá-la. Da mesma forma coopera a criança no processo de se vestir. Quanto ao conflito, também os bebês são capazes de per em práticas tais comportamentos. Lembremos que WATSON descobriu a possibilidade de causar rra as crianças constrangendo-as fisicamente; resistiam, por exemplo, com demonstrações de zanga as suas tentativas de manter-lhes firmemente as mãos coladas ao corpo. A princípio,

(9) A. L. GESELL, *The Mental Growth of the PreSchool Child*, Nova York, 1925.

o bebe ressentido a interferencia com relacio aos movimentos livres do corpo. Mais tarde, reage contra interferencias com relacio aos "movimentos livres" de seu ego, expressos em **desejos**, comportamentos.

COMPETICAO ENTRE CRIANCAS

Como seria de esperar, a competicao indiferenciada ou inconsciente precede a rivalidade; isto criangas muito tenras competem sem estarem conscientes de *seus* competidores. Uma crianga de menos de seis meses de idade se precipita com entusiasmo para uma bola, sem ligar para o fato de estar nas mosas de outra, ou dentro de uma caixa, o^o fora de seu alcance. Com dez meses de idade, resistir quando se quiser arrancar-lhe um brinquedo¹¹. Não 6 sendo mais ou menos ao terceiro ano de vida que a rivalidade se torna evidente. Entre tres e quatro anos de idade, quando a ideia do "eu" esta em desenvolvimento, as tentativas de se ultrapassarem umas as outras são a regra geral¹¹. Mas desde que a rivalidade se estabelece, desenvolve-se rapidamente, de tal modo que a geralmente um dos tragos caracteristicas das criancas de seis anos em nossa cultura. Certa experiencia foi feita com um grupo de criangas de dois a sete anos; levaram-nas a compeller^o para ver quem conseguia conseguir, com cubos, a casa maior ou mais bonita. Nenhuma rivalidade foi observada entre as criangas de dois ou tres anos. As de tres e quatro anos pareciam estar vagamente conscientes de certos competidores. As que estavam entre quatro e seis anos, porem, revelaram um desejo real de conseguir melhor resultado do que as outras; enquanto algumas criancas de seis e sete anos levaram a rivalidade ate o ponto de canção^o, manifestando o desejo de afastar os rivais do palco da competição.

(10) G. Btbarma, *The First Year of Life*, Nova York, 1930.

(11) Gardner MURPHY, *A Briefer General Psychology*, Nova York, 1935, pag. 452.

(12) P. I. GREENBERG, "Competition in Children: an Experimental Study", *American Journal of Psychology*, vol. 44, pags. 221-248, abril, 1932. Ver tambem C. J. LEUBA, "An Experimental Study of Aivi in Young Children", *Journal of Comparative Psychology*, vol. 16, pags. 367-379, ezerabro de 1935.

COMPETICAO ENTRE ADULTOS

surpreendente a pequena quantidade de pesquisas efetuadas sobre uma questao tao importante quanto a compeller^o entre adultos; todavia, villas descobertas interessantes foram feitas. Dentre esses estudos, muitos mostram que a compeller^o entre grupos ou entre individuos de Lugar a maior dispendio de esforço do que quando o elemento competitivo esta ausente. A compeller^o fornece motivagao para o desejo de brilhar, de obter consideragao, de alcançar um premio. Os individuos, em nossa cultura, trabalham com mais afinco quando em compeller^o do que quando o fazem por si sós, sem nenhum pensamento de rivalidade. A compeller^o com outros é tambem mais produtiva do que o esforço do individuo para ultrapassar seu próprio recorde. Trunrr¹¹ fez a experiencia de marcar o tempo de certo numero de ciclistas, em fatos circunstancias diferentes: correr em terra da pista por detris de um tapurne (*pace-setter*); correr tendo em vista ultrapassar o melhor tempo que o próprio ciclista já tivesse feito; e correr com outros competidores, numa verdadeira compeller^o. As melhores marcas foram obtidas no terceiro tipo de tentativa.

Outra descoberta é que o interesse competitivo lido 6 Oa agudo nos grandes grupos quanto nos pequenos. Quando um grupo grande compete com outro, os individuos que sin membros mostram-se menos eficientes do que se pertencessem a um grupo de, digamos, duas pessoas¹¹. Isto vem em apoio da descoberta de WrrrimmonE¹¹, de que os individuos competem em melhor forma quando tem conhecimento de um competidor definido. Na pesquisa de WrrrrEmonE, um grupo de doze estudantes, de mais ou menos vinte e quatro anos de idade, competiu na rapidez de imprimir utilizando matrizes de borracha. A compeller^o ode se distribuiu iguahnente entre todos os membros do grupo, maxima cada estudante escolheu um outro como rival principal e procurou

(10) N. Trunrr, "The Dynamic Factors in Pacemaking and Competition", *American Journal of Psychology*, vol. 2, pags. 507-533, julho, 1898.

(11) W. Momms, "Einzel und Gruppenarbeit", *Praktische Psychologie*, vol. II, pags. 71-108, 1920.

(12) I. C. Wrrrrumons, "Influence of Competition on Performance", *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 19, pags. 236-254, outubro-dezembro, 1924; "The Competitive Consciousness", *ibid.*, vol. 20, pags. 17-33, abril, 1925.

vencê-lo. O resultado foi descobrir-se que rivalidades ativas, como esta, ocorrem entre indivíduos cuja habilidade é mais ou menos a mesma. Num grupo, um indivíduo cuja habilidade mais se aproxime da habilidade de um membro de outro grupo tende a ser distinguida como o principal rival do outro,

Outras pesquisas concluem que os indivíduos geralmente desistem de levar seus esforços ao máximo quando sentem que os competidores são bons demais para eles. Estudantes pouco brilhantes, obrigados a se medir com outros mais inteligentes, na escola comumente desistem da tarefa em pouco tempo. Da mesma forma, estudantes inteligentes não encontram quase incentivo ao competir com outros de inteligência mais inferior. MOEDE, numa de suas experiências, fez competir um indivíduo com um rival de capacidade inferior, e depois com outro de capacidade um pouco superior. Sua eficiência decresceu ao competir com o rival inferior e elevou-se quando competiu com o superior. A condição para que o indivíduo desenvolva o máximo do esforço parece ser quando ele mede forças com alguém que é um pouco melhor do que ele. Conclusão semelhante diz que os indivíduos só tendem a competir ativamente em setores que lhes são familiares: isto é, quando se sentem capazes. Setores pouco familiares são evitados. Se a situação promete sucesso, o indivíduo mostrará espírito competitivo e intensificará seus esforços; mas se parece prometer insucesso, o indivíduo geralmente, ou fica desanimado, ou volta seu interesse para outra atividade que prometa sucesso. Um estudante que seja bom jogador de xadrez e mau jogador de futebol, procurará competir no primeiro jogo e evitará o segundo.

CULTURA E PROCESSO GRUPAL

Esta evidente, então, que cooperatividade e oposição são fenômenos naturais com raízes na hereditariedade, que se desenvolvem através da experiência. Tais processos não precisam ser ensinados nem aos indivíduos, nem aos animais. Mas, ao contrário dos animais, os indivíduos nascem num universo de cultura que tem para eles a maior importância. Do nascimento até a morte, a cultura constrange os indivíduos e suas tendências

naturais; tanto o impulso para se esforçar contra, quanto o impulso de se esforçar a favor de seus semelhantes, sofrem a pressão dela. A cultura pode, na verdade, modificar profundamente tais tendências.

COMO A CULTURA INFLUENCIA O PROCESSO GRUPAL

Pode-se dizer que a cultura determina tanto a direção quanto o desenvolvimento da cooperação e da competição. A cultura estabelece os objetivos pelos quais lutam os indivíduos. Indica se o esforço orientado para os objetivos deve ser um esforço cooperativo ou competitivo. Ela define os indivíduos a serem encarados como cooperadores ou competidores e indica que forma cada processo pode tomar. Os processos sociais na sociedade humana não operam, pois, de maneira natural como acontece entre os animais, mas estão sujeitos a uma quantidade de pressões e de controles.

Uma vez que estes controles variam de cultura para cultura, o comportamento competitivo e cooperativo dos indivíduos é diverso em diferentes sociedades. Enquanto na América há uma competição intensa para juntar dinheiro e morrer rico, os Índios Dakota competem uns com os outros para ver quem desperdiça maior riqueza no decorrer da existência; quando a mulher morre, a mulher continua o processo de distribuição, doando não apenas a maior parte dos melhores cavalos, como também a maior quantidade do que constituir sua propriedade particular. "Quando um homem rico perde um parente, por exemplo uma esposa querida, a filha favorita, algumas vezes... destrói toda a propriedade, incluindo sua cabana ou tenda, mata todos os cavalos, tornando-se inteiramente pobre"¹⁶. E ainda, enquanto na América há esforço competitivo tendo em vista a riqueza, na Rússia comunista esta é procurada através da cooperação. A cultura Mao encara com bons olhos quem procura elevar-se muito acima do nível econômico geral.

Os indivíduos com quem se pode ou não se pode competir ou cooperar também são indicados pela estrutura social. Mesmo

(16) A. G. BACERN, "The Sioux or Dakota Indians", in *Smithsonian Report*, 1876, pág. 470.

as sociedades que mostram grande porcentagem de espirito cooperativo no seu interior, sancionam positivamente a competicdo com grupos de fora. Os Zuni, por exempla, tao pacificos eflooperadores, vangloriavam-se de fraudar seus vizinhos Navaho, a quem detestavam; o assassinato no interior do grupo era ofensa muito seria, rnas o assassinato de um Navaho era causa de satisfacdo. Nossa sociedade nao faz tal distincdo, rods, por outro lado, nao aprova que membros da mesma familia prabarquem em competicdo econemica uns contra os outros. Os jornais americanos historiaram recentemente uma ocorrencia que se deu entre dois irmdos, MO dos quais era empregado do outro. Houve desentendimento entre ales; coma conseqiencia, o que era empregado se retirou do estabelecimento do irmdo e fundou urn outro do outro lado da rua, entrando en/ competicdo com ale. Mas a opinido pblica, na pequena comunidade, obrigou-o a abandonar a empresa, pois mostrou-se inteiramente desfavoravel a uma competicdo direta entre irmfios. Em muitas sociedades primitivas, 6 proibida a cooperacdo entre os parentes por afinidade. E muito comum que sogra e genro se evitem completamente; nunca conversam entre si e, quando um passa pelo outro, olham para lados diferentes¹⁷. E entre os Kwakiutl, como logo sara o leitor, embora a regra seja uma competicdo intensa, semente aquMes que sdo de nivel igual podem entrar em competicdo.

Finalmente, a forma que estes processos sociais basicos apresentam em diferentes sociedades 6 tambem afetada pela cultura. Pode-se ilustra-lo com urn Unica exempla, relacionado com o conflito. A Franca, nos Mtimos 100 anos, teve mudancas de govern mais frequentes do que a Inglaterra; as estimativas mostram que, enquanto na Inglaterra houve uma mudanca de rninisterio cada dois anos e rneio, na Franca a mudanca teve lugar a cada nave meses¹⁸. Nurna visa() superficial do problema, parece que a Franca apresenta maior dose de conflito politico do que a Inglaterra, o que, no entanto, seria dificil de provar. A diferenca pode ser explicada de outra maneira, isto 6, examinando-se o sisterna politico das duas navies. Os franceses apresentam grande mimero de partidos politicos, que, no entanto,

(17) W. I. TROMAS, *Primitive Behavior*, Nova York, 1937, pag. 214.

(18) P. Sonoaw, *Contemporary Sociotogtcat Theories*, Og. 743.

apresentam ligeiras diferencas de pontos de vista. Este fato tende a levar ao conflito aberto todas as vezes que a balanca delicada do ministrio 6 perturbada por novas acontecimentos. Os brit& Moos tern poucos partidos. O que na Franca forma partidos separados, na Inglaterra nao passa de faccties dentro de um partido; as divergencias entre faccides, na politica inglesa, tern, pois, lugar fora do palco politico e o pats escapa do aborrecimento de uma arise de gabinete. O conflito pode, entdo, tomar forma aberta ou velada; o conflito politico 6 mais aberto na Franca do que na Inglaterra. Observou-se, tambem, que o conflito 6 mais aberta nas democracias coma a Franca e a Inglaterra, do que no regime ditatorial como o dos antigos governos da Alernanha e da

CULTURAS COOPERATIVAS E COMPETITIVAS

Diante de tao rnanifesta influencia da cultura no desenrolar dos processos sociais, surge a questao: podern as diferentes culturas ser classificadas em cooperativas e competitivas? De modo geral, 6 possivel resposta afirmativa. Com relacdo aos objetivos principais em dire*, aos quais se esforcam os individuos de uma sociedade, as atividades podern ser ou cooperativas, ou competitivas; na rnesrna sociedade, o caso pode ser diferente com relacdo a outras atividades. Urn grupo que age de maneira cooperativa para alcancar o objetivo que considera mais valioso, pode, no entanto, competir noutras directies. Na Russia Sovietica, o objetivo principal para o qual convergiarn os esforcos era alcancar o estado coletivo, e, para chegar a eke, desenvolvia-se extraordinaria cooperacdo. No entanto, enquanto a cooperacdo era marcante no setor econemico, havia ao mesmo tempo intensa competicdo na vida como se ve pela taxa de divarcios extreinamente elevada. Tambem entre os Zuni, como verernos logo mais, que eram muito cooperativos no setor econmico e altamente cooperativos no setor religioso, a cooperacdo se mostrava menor nas relacdes domesticas¹⁹. Os Kwakiutl, que podern

(19) Os Z/111 tam residncia matrilocal, o que quer diner que os recém-casados ago morar cam as parentes da vulva. Foram, quando a situagao do lar se coma intalavel, as espesas fogem com seus maridos. Aveia-se em cinco a den por canto, a gown. ade de espOsas que assim deixam de lado a tradicao. A. L. *fim arⁿ, Zpfif Kits An4 Clan, Nova York, 1917, pag. 10.

ser citados como povos altamente competitivos no que concerne ao *status*, cooperavam, Lido obstante, em muitas outras atividades. Embora ocorram em teclas as sociedades tanto a cooperacao quanto a competido, a possivel caracterizar determinado povo como principalmente cooperativo ou principalmente competitivo, de acordo com sua atitude em relacao as atividades) que mais preza.

Num estudo importante e recente, Margaret M e varios colaboradores procuraram indicar qual o processo que recebe maior enfase em treze sociedades primitivas; e, o que 6 mais importante, procuraram considerar tambem o fato de algumas serem mais cooperativas, enquanto outras sao mais competitivas. Os Kwakiutl do noroeste americano foram designados como os mais competitivos, e os Zuni do sudoeste 10s mais cooperativos. Antes de passar a consideracao dos fatOres que podem explicar esta diferenca dominante entre as duas culturas, sera esclarecedor descrever brevemente as duas sociedades que assim contrastam.

A competicio entre os Kwakiutl. A principal ambigao do individuo Kwakiutl 6 alcangar prestigio. A busca da glOria individual 6 a mola principal da existencia. O prestigio depende em parte do nivel social, e o nivel social 6 determinado pelo nascimento. Em tacks as tribos, ha *nurnayns*, ou grupos de familias que afirmam descender de um ancestral mitico; estas familias estdo dispostas em grau segundo um esquema que se acredita existir desde o comego do mundo. Ha difereneas de nivel dentro de cada familia, pois o primogenito torna-se nobre, enquanto os outros irmaos pertencem ao vulgo. O nivel 6 determinado, pois, em parte por fateres de nascimento e de familia. Mas, alem disso, os individuos como que flutuam dentro de um quadro hierarquico, de acordo corn a habilidade demonstrada na compelledo. O nivel social 6 conffinnado por meio de distribuicao de propriedade, da realizacao de grandes festas nas quais quantidades consideraveis de valioso Oleo de peixe ou de outros bens sao destruidas, assim como pela vit6ria sobre um rival de nivel igual. Este ultimo feito 6 tentado na famosa cerimonia di)

(20) Margaret MEAD, organizador, *Co-Operation and Competition Among Primitive Peoples*. Os capitulos sobre os Kwakiutl e os Zuni foram ambos escritos por Irving GOLDMAN.

potlatch, em que um individuo oferece a seu rival bens sob a forma de cobertas tecidas, ou de fOilhas de cobre que, por sua vez, tem o valor de milhares de cobertas. Os bens ofertados devem ser aceitos pelo rival, que os retribuiu dentro de urn ano com cem por cento de lucro, sob pena de sofrer vergonha e rebaixamento social, e conseqiente perda de prestigio. Com relacao, pois, ao principal objetivo demandado pelos esfores dos Kwakiutl, pode-se dizer que 6 alcangado atraves de meios competitivos de autoglorificaedo.

A cooperagdo entre os Zuni. A situagdo 6 muito diferente entre os Zuni. Os principais objetivos que perseguem consistem em alcangar boa consideragdo aos olhos dos outros e valorizar os cerimoniais. Ambos os fins sao comumente buscados por meios coletivos ou grupais, antes que por meios  individuo e levado a pensar em termos do bem-estar do grupo total. Ndo ha, entre os Zuni nenhuma enfase corn relagao aquisicao individual de riqueza. Todos os homens de uma familia matrilinear trabalham juntos nos campos e os produtos sax) conservados num paiol comum. Se alguem, graeas a um conjunto especial de circunstancias, acumula riqueza, ela 6 redistribuida na festa de inverno chamada Shalako, para beneficio de todos; festa que, por *sua* vez, 6 realizada para ganhar o favor dos deuses para o grupo todo. Se urn Mai deseja construir uma casa, deve economizar muito grao e aumentar seu rebanho corn o fim de alimentar, nao apenas os membros do grupo que o auxiliarem, mas tambem a totalidade da aldeia, no decorrer de uma cerimonia especial que se realiza quando a construo chega ao fim. Muitos de seus parentes podem morar corn Ole ern sua nova casa. Surgindo um conflito e decidindo Ole partir, nap pode reclamar a casa, nem os estoques abundantes de gran que economizou. Acontece mais ou menos o mesmo corn tacks as outras coisas. Pode-se reconhecer a propriedade pessoal da terra, mas cada qual, na aldeia, tern o direito de cultiva-la. Um individuo pode ter em seu poder centenas de mascaras e de objetos de culto, no entanto tudo isto nada representa de valor para ele a niio ser que facia aldeia possa livremente  mesmo se aplica ao alimento, ao vestuario, e ate mesmo aos

fetiches de caga. A propriedade individual so tern valor na medida ern que beneficia teda a comunidade.

Neste ponto contrastam Zuiii e Kwakiutl. Entre os Kwakiutl, comum o individualismo religioso, como 6 indicado 'pela fate de o individuo ganhar prestigio devido as seas prerrogativas cerimoniais. O individuo tern pleno direito a tais 'prerrogativas, que nda podem ser exercitadas por ninguem mAis enquanto o dono viver. Os Kwakiutl recorrem entdo ocasionalmente ao crime, corn o fito de se apropriar das honrarias de outrem. Entre os Zuni, todos os cerimoniais religiosos sac) coletivos. Nenhum individuo comunga corn um espirito guardiao que particularmente possui, ao contrArio do que se de. entre os indios das Planicies. O ritmo coletivo das dangas mascaradas chamadas *katsina* serve para atrair a chuva. Os sacerdotes ppnetram em grupos nas kivas ou casas cerimoniais. O principal interesse dos Zurií 6 a religiao, que ocupa a maior parte do tempo dos adultos. E urn interesse cooperativo.

Valieres sociais e processos grupais. Por que algumas sociedades sdo essencialmente cooperativas e outras competitivas? Talvez fosse melhor indicar primeiramente quais os fatOres ndo responsAveis por esta diferença. Contrariamente ao que se espera, neo parece existir uma correlaceo significativa entre a tecnologia destes povos e os processos a que emprestam maior consideraceo. O trabalho de MEAD chegava a conclusdo de que nth) tern import-Incia serem os povos cagadores ou agricultores. Em ambos os casos, havia sociedades competitivas e cooperativas. Os Zuni, que seo cooperativos, sao agricultores mas os Ifugao, competitivos, tambem a silo. Os Kwakiutl, competitivos, siio cagadores, mas os Dakota, cooperativos, tambem o sec). Sociedades em que o alimento 6 abundante possuem tambem os dois processos. O nivel de subsistencia jino tern, pois, importAncia direta nesta questa° do aspecto competitivo ou cooperativo que toma uma sociedade.

Estrutura e ideais parecem ser as fatOres que determinarn a predominancia de cooperacdo ou competiedo numa sociedade. Corn relagdo a estrutura, afirma-se corn freqüência que a estratificação, numa sociedade, diminui a competiceo. E verdade, mas,

sOmente em ambito limitado. Quando existem classes fechadas, a compelled° se torna mais restrita sOmente entre as diferentes classes. Dentro de uma classe particular, porem, a rivalidade pode ser intensa. Lembremos que a competigdo do *potlatch*, na sociedade Kwakiutl, que 6 uma sociedade altamente estratificada, so existe entre iguais; no entanto, a compelled.° era tao aguda, ocupava lugar tao importante na consciencia do povo, que a sociedade foi tachada de altamente competitiva. Muito mais importantes do que as consideraefes estruturais, seo ainda os proprios valeres grupais, — o que THOMAS chama de "definigOes de situacOes"; e a mais importante das definieides parece constituida pela ideia prevalecente no grupo &Mare o que constitui sucesso. Como o leitor teve ocasido de verificar, Kwakiutl e Zuiii oferecem concepees muitissimo diferentes neste ponto.

COMFETICAO E CONFLITO NA SOCIEDADE MODERNA

Que poderemos encontrar na sociedade moderna? Nada se pode afirmar corn certeza, pois 6 dificil encarar sua prOpria cultura em perspectiva adequada, mas parece existir uma can-cordAncia mais ou menos geral em classificar a sociedade moderna coma essencialmente competitiva. O objetivo primordial para o esfOrgo human, nesta cultura, 6 alcançar o ponto mais elevado na prafissdo que se escolheu. O sucesso neste setor 6 geralmente medido pela quantidade de dinheiro que se ganha. A ideia burguesa de sucesso 6 assim definida de maneira individual. Embora, em anos recentes, esta ideia tenha sofrido alguma modificado, a doutrina de UM individualismo aspen) ainda prevalece. Acredita-se que o individuo trabalhارد corn mais ardor se Mr recompensado na proporceo do que produz individualmente. Presume-se tambem que a sociedade, como urn todo, se beneficia corn o resultado da major prodced° de bens. A coletividade de Middletown ainda acredita que "a competicao faz o progresso, e que isto fez a grandeza dos Estados Unidos"²¹. "A cultura moderna est& econOmicamente baseada no principio da competido 'individual... Deste uncle° econ6mico, a competiceo se

(21) Robert a Helen LYND, *Middletown in Transition*, Nova York, 1937, pig. 409.

irradia em direcao a tides as outras atividades, permeando o amor, as rein-6es sociais, os jogos. Portanto, a competicao problema que existe para todos em nossa cultura"?2.

Objetivos educacionais como um reflexo de vateres sociais mais importantes. Uma das melhores maneiras pepa se descobrir os objetivos de uma sociedade a examiner seu. 'Sterna educacional. O grupo este sempre interessado na trensmissoo de seus ideais aos mais jovens, pois semente desta maneira poderao ser preservados os padroes grupais. Quando governos totaliterios se estabeleceram na Russia, no. Alemanha e na Italia, um dos primeiros objetivos foi conquistar as criancas para a sua cause. A organizacao educational 6 o meio mais importante para conse-gui-ha. Examinando-se, pois, nosso sistema escolar, vemos imediatamente refletido o espirito competitivo do todo cultural. Na escola, enfase muito pequena 6 colocada sabre a dedicacao dos alunos a classe, considerada como um todo. As escolas "progres-sistas" encorajaram projetos coletivos ern que cooperavam todos os alunos, mas esta pratica vai de encontro as tradicees. A organizacao escolar que leva cada °Hance a trabalhar por si mesma e em seu próprio interesse 6 muito mais usual. Os estudantes melhores nao ajudam os deficientes, antes dependem, para sua superioridade, da inferioridade dos demais. Cada crianca luta contra teidas as outras. A competicao corn o fim de obter honrarias, se possivel, 6 intensificada ao extremo, como na sociedade global de que a escola participa.

Evidencia experimental de nosso interesse predominante pela competicao. Ha verios estudos experimentais nos Estados Unidos que rnostram que nossa culture, operando em parte atra-yes das escolas, desenvolve entre os jovens um espirito intense-mente competitivo. Uma das mais amplas destas pesquisas²³, analisou a ferca relative das tendencies cooperatives e competi-tivas ern 1.538 criances de oito a dezessete anos de idade. A tarefa a que foram submetidas foi adicionar nómeros simples. Em dez livrinhos, foram apresentadas cinqüenta e seis combing

(22) Karen ROANE; *The Neurotic Personality of our Time*, Loathes, 1935, pigs. 284-288.

(23) J. B. MALLER, *Co-Operation and Competition — An Experimental Study in Motivation*, Nova York, 1929.

Vies, construidas sob a forma de 4.000 exemplos. Dez condicees diferentes de trabalho foram organizadas: uma, em que a pratica era o anico incentivo; outra, em que prémios individuais eram dados para os mais repidos dos operadores; terceira, em que o premio era dado ao grupo que trabalhasse mais depressa; quarta, em que os alunos podium escolher entre motivacees individuais ou grupais; e, finalmente, uma situacao na qual os efeitos imediatos e continuos da motivacao eram medidos.

Os resultados mostraram que as criancas trabalhavam de maneira muito mais eficiente para si mesmas do que para o grupo. As curves de trabalho individual subiam, enquanto as de trabalho grupal desciam. O trabalho nao motivado era o mais lento de todos, como era de se esperar. As meninas eram mais cooperatives do que os meninos, interessante observacao que se deve talvez a diferencas de valorizacao e de pressOes para os dois sexos, em nossa culture. A quantidade maxima de cooperage() ocorreu em grupos de homogeneidade considerevel, sugerindo que talvez a cooperacao seja mais facilmente alcançada em sociedades homogeneas do que em sociedades heterogeneas como a nossa. Mas o que nos interessa 6 a descoberta principal de que, quando se deu as criancas o direito de escolha entre trabalhar para si mesmas ou trabalhar para o grupo como um todo a primeira alternative foi tres vezes mais escolhida do que a segunda.

Competição, cooperagio e personalidade. Estamos tao completamente condicionados pela nossa culture altamente competitiva, que a encaramos como o unto tipo natural e adequado de sociedade. Mc, vemos que a cooperacao pode ser tao eficiente na motivacao quanta a competicao. Todavia, uma andlise dos dois processos, em termos de sua fundamentacao na personalidade humane, de uma visao diferente do problema. A motivacao na competicao 6 o desejo de poder, ou, coma diz W. I. THOMAS, a "desejo de consideracao". A competicao permite a um individuo sentir-se superior a outro. Liga-se tambem corn o desejo de seguranca, pelo menos numa sociedade como a nossa que nao garante a ninguém livrar-se da fame, mesmo que outros gozem de abundancia. Os imdividuos competem para alcançar seguranca no presente e para se proteger contra a inseguranca do futuro.

A atividade competitiva também permite expressar o desejo de novas experiências, pois no fato de os indivíduos cotejarem uns com os outros sua inteligência e sua força; persiste algo da luta existente no antigo padrão de atividade dos egadotes. Em nossa sociedade, depois de assegurada a „tranquilidade, muitos indivíduos continuam a competir pelo prazer que nela encontram. A competição tem, pois, um forte enraizamento na natureza humana. Mas a cooperação com outros para alcançar o bem comum promove também satisfação intensa ao indivíduo. Muito depende, sem dúvida, das valorizações grupais. Se, como entre os Zuni, o grupo aprova vivamente a cooperação, então o indivíduo alcançará consideração no seu grupo cooperando plenamente com os outros. A consideração é sempre conferida em termos dos valores grupais, e numa sociedade cooperadora o desejo de consideração será alcançado especialmente por aqueles que melhor cooperem, pois serão estes que receberão a estima grupal. O desejo de segurança será mais facilmente satisfeito numa sociedade cooperadora do que numa sociedade competitiva, devido ao fato de que a primeira dispensa. Se um indivíduo tem fome, abastece-se na despensa comum. E, mais ainda, em tal sociedade o indivíduo está muito mais protegido contra a humilhação da derrota. Procurando ultrapassar os outros, como em nossa sociedade, poderá sem dúvida chegar à glória, mas também poderá encontrar um fracasso ignominioso.

Finalmente, o desejo de resposta ou de afeição é melhor satisfeito por tendências cooperadoras do que por tendências competitivas. Os indivíduos gostam mais de nós quando trabalhamos com eles e por eles do que quando os vencemos em competições. Inegavelmente, parte do preço que pagamos pela existência numa sociedade competitiva, é uma grande perda em amor e amizade. Falando de maneira geral, a sociedade cooperadora corresponde largamente aos desejos de segurança e de resposta dos indivíduos, enquanto uma sociedade competitiva fornece maior possibilidade de expressão aos desejos de novas experiências e de consideração. Mas, como IVIEAD tem mostrado, um grande desenvolvimento do ego ocorre nas duas sociedades e não depende apenas da competição, como muitas vezes se pensa.

Quando, como acontece entre nós, os indivíduos lutam uns com os outros não somente para conseguir luxo e honrarias, mas também para satisfazer as próprias necessidades vitais, a competição leva facilmente a tensões, e as tensões ao conflito. A verdade é que em nossa cultura os indivíduos têm um sentimento muito pequeno de segurança. Os indivíduos não possuem nenhum trabalho. Muitos milhões mais não ganham o suficiente para guardar alguma coisa que os defenda de emergências. "Os trabalhadores sentem três espécies de medo: medo de perder o emprego; medo da perda de poder produtivo através de doença ou acidente; e medo de uma velhice miserável"²⁴. Mesmo aqueles que alcançam sucesso na competição econômica, podem não se sentir nada seguros. A riqueza facilmente se perde, seja por maus investimentos, seja por administração deficiente. Uma vez que não há limites para os desejos dos indivíduos e que o dinheiro pode fornecer satisfações também ilimitadas, existe perigo real em que a fome de dinheiro se tome, entre nós, insaciável. O objetivo financeiro de nossa sociedade é, na verdade, inferior ao objetivo religioso dos Zuni, se cotejados de acordo com sua possibilidade de fornecer segurança aos homens.

Fatores que acentuam o conflito. Embora o conflito ocorra em todas as sociedades, há razões para crer que a vida nos Estados Unidos concorre de maneira fora do comum para produzi-lo. Os Estados Unidos não adoam o Maim para apresentar competição econômica, mas existem aqui outros fatores que acentuam seus efeitos. Um deles é o sistema de classes abertas, que intensifica a competição, tomando cada homem um competidor potencial de todos os outros. Quando as classes são fechadas, a competição se limita largamente aos membros de uma classe particular. Onde exista uma aristocracia, o *status* individual é em parte fixado pelo nascimento, mas nas sociedades cujas linhas que dividem as classes não estão claramente traçadas, o *status* social flutua de maneira muito mais pronunciada. Os indivíduos precisam ficar constantemente alertas para se aproveitarem das oportunidades de melhorar, e, por outro lado, para se garantirem

(24) 11. S. Flummock, "Attitudes of 4,430 Employees", *Journal of Social Psychology*, vol. 5, pgs. 358-77, agosto, 1934.

contra as ameaças ao seu *status*. Tal situagdo aumenta as possibilidades de conflito.

Fonte adicional de dificuldades 6 a presençarnos Estados Unidos, de urn nUmero excepcionalmente elevado de grupos minoritarios, como os negros, os mexicanos, os chineses, os japoneés. Diferindo dos membros do grupo majontâno, tanto na apar8ncia quanto nos Mbitos e nas atitudes, o preconceito contra eles se desenvolve e passam a sofrer discriminacdo. Sao bem conhecidas, na verdade, as tentativas e os desapontamentos dos membros de tais grupos minoritexios, em seus esforcos para alcançar urn lugar na sociedade americana. O que particularmente necessário notar e o fato de que o antagonismo, devido a diferenças culturais ou raciais, se acentua, se existem tambOm competicbes econOrnicas entre os i grupos. Por exemplo, agora que negros e brancos estao muitas vêzes em competicao clireta, o conflito entre as duas ragas se tornou ao mesmo tempo mais agudo e mais usual do que nas condiçies anteriores de trabalho separado.

Finalmente, o conflito aberto nos Estados Unidos 6 sustentado pelas tradicees democriticas. Quando os individuos gozam direitos de liberdade de palavra e de reuntao, as possibilidades de conflito sao maiores do que quando lhes faltam tais privi16-gios. Nos Estados Unidos, os operarios podem entrar em greve se não estdo satisfeitos corn os termos ern que a competicdo se exerce. Na Alemanha ditatorial e noutros paises, as Breves sao proibidas por lei. O conflito politico pode florescer ern mais alto grau numa dernocracia do que numa ditadura. Conflito 6 parte do preco que pagamos pelas liberdades democrAticas.

LEITURAS SELECIONADAS

- DOLLARD, J., e outros, *Frustration and Aggression*, International Library of Sociology and Social Reconstruction, Londres, 1944.
- DUBBIN, E. F. M., e John BOWLBY, *Personal Aggressiveness and War*, Londres, 1939.
- HARDING, D. C. W., *The Impulse to Dominate*, Londres, 1941.

- HARTMANN, G. W., e NEWCOMB (orgs.), *Industrial Conflict: A Psychological Interpretation*. First Yearbook of the Society of the Psychological Study of Social Issues, an Affiliate of the American Psychological Association, Nova York, 1939.
- HILLER, E. T., *The Strike*, Chicago, 1928.
- INFIELD, H., *Co-Operative Living in Palestine*, International Library of Sociology and Social Reconstruction, Londres, 1946.
- INFIELD, H., *Co-Operative Communities at Work*, International Library of Sociology and Social Reconstruction, Londres, 1948.
- IC.tuctrr, F. H., *The Ethics of Competition*, Londres, 1935.
- ICnorcarnoc, P., *Mutual Aid: A Factor of Evolution*, Londres, 1939.
- MAY, M. A., e L. W. DOOR, *Competition and Co-Operation*, Bulletin 25, abril de 1937, Social Science Research Council, Nova York.
- MEAD, M. (org.), *Co-Operation and Competition Among Primitive People*, Londres, 1937.
- PARK, E. R., e E. W. BURGESS, *Introduction to the Science of Sociology* (especiabnente os capitulos VI, VIII e IX), Chicago, 1934.
- Sonoror, P. A., *Contemporary Sociological Theories*, Nova York, 1938.
- SUTTEE, J., *The Origins of Love and Hate*, Londres, 1935.
- TAWNEY, R. H., *The Acquisitive Society*, Londres, 1921.
- Ticomesom, D., E. MEYER e A. BR/CGS, *Patterns of Peacemaking*, International Library of Sociology and Social Reconstruction; Londres, 1945.
- THRASHER, F. M., *The Gang*, Chicago, 1927.

Acomodacdo e assimilacilo*

WILLIAM F. COBURN e MEYER F. NYMKOFF

"A VIDA E um.A sfram de interrupcOes e recuperacOes." Desta maneira pretende John DEWEY indicar que, se a vida social tem seus conflitos, tambem tern sells ajustamentos. Os individuos brigam, depois fazem as pazes. Operdrios entram em greve, mas tambem negociam para urn ajuste. A guerra e seguida pela paz.

ate muito provAvel que a major parte da energia humana seja devotada, n'ao a urn completo antagonismo dirigido contra os oponentes, mas a esforcos para de certo modo se acomodar com eles. Estudando cinqüenta e quatro criancas de vinte e dois a cinqüenta meses de idade, prim:ca¹ observou que, embora brigassem uma vez cada cinco minutos, as brigas duravam apenas vinte ou trinta segundos. SOROKIN², estudando a quantidade relativa de tempo que as principais nagües ocidentais despendem na paz e na guerra, conclui que a porcentagem empregada na paz excede aquela empregada em guerra ativa. Estes estudos apedam as observacties de que a conflito nrio e uma face incidental ou anormal do comportamento humane, mas tambem dao fundamento a conclusao de que, na sociedade humana, o conflito intermitente. Na verdade, e a peculiariedade que tern o conflito de "comecar e acabar" que auxilia a distingui-lo da competicio.

(*) "Accommodation and Assimilation", in *A Handbook of Sociology*, Routledge & Kogan Paul, Londres, 1953, pags. 251-267. Trad. de Maria Laura Pereira de Queiroz.

(1) A. T. IBRSILD e F. V. MAURER — *Conflicts Between Pre-School Children*, Child Development Monograph, 21, 1935.

(2) P. A. Sonoran; — *Social and Cultural Dynamics*, vol III; *Fluctuations of Social Relationships, War and Revolution* (Nova York, 1937), pig. 351 e seg. Sonomat ache que aproximadamente 50 % dos anos on histdria das principais nagües europOias tem sido devotados a guerra. Todavia, como muitas das guerras duram apenas uma fracno de ano, o tempo total devoted^o a paz excede de muito 50%,

Por que e o conflito intermitente ? Em primeiro lugar, os oponentes podem n'ao apresentar o mesmo nivel de fercas, de tal modo que o mais fraco desespera de veneer, aceitando a derrota para não correr o risco de se ver exterminado. Atualmente, por exemplo, seria finial aos negros, como urn grupo, se rebelarem contra sua posicao de casta, assim coma aos indigenas se erguerem contra a segregacdo nos reservados. As criancas cedo percebem que nail adianta rebelar-se contra os mais velbos, o que é sustentado pelo resultado a que chegou CAILLE³, de que existe uma correlacão de 0,63 entre a resistencia e a submissao das criancas a autoridade dos adultos.

Em segundo lugar, os individuos, mesmo quando dispOem de fercas idendcas, se cansam de lutar e anseiam pela paz, coma demonstrou, de maneira drametica, o fim da Primeira Grande Guerra: quando o Armistfcio foi declarado, soldados de ambas as faccões se abracaram transportados de alegria.

Os conflitos cessam as vezes porque aqu8les que os comecaram sentem remorsos e fazem propostas de boas disposiceies corn rein-do aos adverserios. E a que se ve em relações de casais que entram em disputa, depois "fazem as pazes corn urn beijo". Tem sido demonstrado experimentalmente que as criancas que iniciam as brigas silo as primeiras a fazer as pazes; BATFIURST⁴ encontrou alto grau de correlac8o entre agressividade e simpatia.

Finalmente, alem destes fathres que levam a paz, e que sae inerentes, seja a natureza do conflito, seja a natureza do preprio homem, h8 tambem o fator social ou objetivo. A paz e requisite essencial da vida social organizada. As sociedades desenvolvem meios para eliminar conflitos, ou pelo menos para conserve.-los dentro de certos limites. Na nossa sociedade, por exemplo, os bandos de meninos (*gangs*) constituem muitas vezes grupos de conflito e por isso sac, encarados como indesejaveis; sac) considerados como a origem de grande parte dos fenOmenos

Em conseqüencia, organizaceies como as Brigadas de Meninos, ou os Escoteiros foram desenvolvidas para compensflos,

(3) R. K. CATTLE — *Resistant Behaviour of Pre-School Children*, Child Development Monograph, n. 11, 1933.

(4) J. E. BATHURST, "A Study in Sympathy and Resistance among Children", *Psychological Bulletin*, vol. 30, pfigs. 625-6, outubro 1933.

sem falar nos tribunais juvenis. Grande parte da organização social se orienta para formar tais "agendas de acomodação", como as designa BuncEss5.

A NATUREZA DA ACOMODACÃO

Conflito e acomodação

Acomodação é o termo utilizado pelo sociólogo para descrever o ajustamento de indivíduos ou de grupos hostis. Não se pode dizer de indivíduos que estejam acomodados, a não ser que previamente tenham estado em conflito. Na própria acomodação existe habitualmente um resíduo de antagonismo, de tal maneira que a ajustamento não passa de temporário. O conflito pode explodir de novo a qualquer hora. No entanto, não se deve pensar que a acomodação é mero conflito em latência. A acomodação refere-se ao trabalho em conjunto de indivíduos, malgrado hostilidade latente.

Acomodação e ambivalência. Sabe-se que os processos sociais refletem as atitudes subjacentes dos indivíduos: atitudes de amor e de ódio. Quando as atitudes de amor prevalecem, a cooperação torna-se possível. O ódio, por seu turno, leva ao conflito. Por sua vez, na acomodação coexistem atitudes de amor e de ódio, o que levou Sigmund Freud a se referir a ela como sendo "cooperação antagonista". Quanta mais amistosa a relação, maior o grau de acomodação. Tome-se, por exemplo, o caso dos negros no sul dos Estados Unidos ao tempo da Guerra de Secessão. Havia ali duas classes de escravos, os que trabalhavam no campo e os que eram escravos domésticos. Os últimos gozavam de *status* mais elevados e de mais privilégios; portanto, desenvolviam sentimentos mais amistosos para com o homem branco. O grau de acomodação dos negros domésticos era maior do que o dos escravos do campo, como se viu pelo fato de um número muito menor dos primeiros abandonarem seus senhores.

(5) E. W. BURGESS — "Accommodation", *Encyclopaedia of the Social sciences*, vol. I, pags. 403-404.

(6) Adaptado de G. Munoz L. B. Munoir e T. M. NEWCOMB, *Experimental Social Psychology*, Nova York, 1937, pag. 504.

O caráter dinâmico da interação social

O ajustamento social é uma experiência dinâmica, sempre em mudança. Os indivíduos, vivendo em grupos, cooperam e competem. Quando divergências se desenvolvem entre eles, tornam-se antagônicos e recorrem ao conflito. Depois de algum tempo, os antagonistas abandonam a luta e levam a efeito um tipo de acomodação qualquer. Com o correr dos dias, pode desenvolver-se uma nova unidade de propósitos e de pontos de vista entre as duas faixas, fazendo desaparecer completamente o antagonismo. Não se deve pensar, porém, que os processos sociais seguem invariavelmente uma sequência positiva e definida, como este. Os indivíduos têm a capacidade de efetuar tanto ajustamentos mais amistosos, como menos amistosos. O conflito pode ser seguido de uma acomodação, para de novo reaparecer mais tarde. É o que nos mostra o exemplo da situação habitual na indústria moderna em que os operários alternadamente entram em greve ou promovem acomodação. Os ajustamentos duradouros são raros, seja qual for a fase de experiência humana.

O caráter dinâmico da interação humana encontra uma boa ilustração na história de vida de indivíduos de nossa cultura; a sequência de processos no desenvolvimento de uma criança é muito esclarecedora a respeito. O primeiro período de sua vida é usualmente um período de indulgência. A criança é transformada num centro de atenção; grande parte da conversação da família gira em torno dela e de seus atos. Exibem-na, e seus sucessos são aplaudidos.

Depois, subitamente, este período de feliz cooperação de lugar a outro, de restrições e disciplina. Quando a criança alcança mais ou menos dois anos de idade, os pais principiam a socializá-la. Da noite para o dia, esperam que ela se torne uma pessoa obediente, respeitosa, calma. A reação habitual da criança contra tais restrições é tal dominado por parte dos pais é o conflito, seja da forma que for: acessos de raiva, desafio, negativismo. Mas depressa aprende que este mundo é dos adultos e que não se trata de uma luta contra eles.

Assim se inicia o terceiro periodo, de conformismo relutante ou de acomodacao. A crianga aprende como se haver no mundo dos adultos. Descobre que pode conseguir muito do que deseja se nao entrar em antagonismo contra aqueles.¹ Aprende estrategia, sabe como ir avante na realizacao do que deseja. Embora experimentando confianca nos que lhe sao superiores, passa a ter tambem os seus segredos.

A vida da crianga prossegue entao sempre ambivalente, submetendo-sea autoridade dos adultos e dela se evadindo, ate que chegue a fase da adolescencia. Uma vez mais irrompe a rebeliao contra o cant/Ole, na medida em que o rapaz ou a mocinha se sentem possuidos de urn desejo de independencia e de auto-realizacao. Na reacao contra a dominacao dos pais, pode desenvolver o jovem urn desdem violento pelos valores que a eles se associam, como, por exemplo; as preferencias quanto a divertimentos, ocupacoes, religiao.

A medida que o adolescents vai tentando por em pratica suas proprias ideias, outro periodo de ajustamento se inicia. A responsabilidade real de que se ye investido tem por efeito tornar-lhe mais sobrias as ideias. O sentimento^o de superioridade com relacao aos adultos diminui, enquanto vai caminhando tambem para o *status* de adulto. Depois, com o casamento e a paternidade, o ciclo recomeca.

FORMAS DA ACOMODACAO

Tendo indicado algo da natureza da acomodacao, e necessario agora considerar algumas das principais formas que o processo assume. Interessa-nos saber como terminam os conflitos. Qualquer especie de conflito pode acabar, ou por ter sido absorvido por um novo conflito mais amplo, ou porque se resolveu em acomodacao. A primeira forma pode ser ilustrada pelo conflito entre as classes sociais, que de lugar a cooperacao no momento em que a nagao, como urn todo, se ye ameagada de urn ataque exterior. Nosso proposito, agora, e considerar a outra alternativa: a modificacao na propria forma de interacao quando o conflito da lugar ao ajustamento.

Viteria, deminactio e subordinaglie

O conflito termina quando urn dos antagonistas alcanca vit6ria clara e definida sobre o outro. O perdedor tem de escolher entre submeter-se aos termos da paz imposta pelo vitorioso ou continuar o conflito sob pena de ser totalmente eliminado. Se o perdedor acaba por ser aniquilado, a relacao social chega, e 6bvio, ao fim. O conflito pode, sem duvida, levar a eliminacao de um ou ambos os rivais, mas, via de regra, alguma especie de ajustamento se estabelece, em lugar de se chegar ao "extrema Mgico". Nos casos em que urn dos partidos em conflito alcanca viteria sobre o outro, este ultimo habitualmente aceita a derrota e uma posicao de inferioridade.

Quando dois estranhos se encontram, uma das primeiras coisas que empreendem a determinar qual domina sobre o outro; fazem-no, em geral, de maneira nao intentional. Para que dois estranhos estabelecam uma relacao e necessario, em primeiro lugar, que se coloquem em referencia urn ao outro. Na vida comum, somos orientados por varios sinais no ajustamento que estabelecemos em relacao aos outros: submetemo-nos aos que sao mais fortes, mais velhos, mais ricos, mais labios do que nos. Como a maior parte das relacoes se estabelecem entre individuos que nao sao semelhantes em f6rga, idade, sabedoria ou posicao, o ajustamento de ambos ocorre em termos do que os psic6logos chamam de ascendencia-submissao⁷ e que o soci6logo chama de dominacao-subordinacao⁸.

A competicao tem a funcao de estabelecer o "status". 1/Arias observacoes feitas no reino animal demonstram que a fungao da competicao e do conflito e estabelecer o *status* dos disputantes, e que isto se da em termos de dominacao e subordinacao. Por exemplo, observou-se que uma ordem definida para blear se estabelece entre as galinhas quando estao agrupadas. A galinha A bica B, mas esta nao revida; bica por sua vez C, que se vinga em D. Ha sequencias curiosas e ainda inexplicadas, pois D pode

(7) Ver R. T. LAPIERE e P. R. FARNSWORTH, *Social Psychology*, Nova York, 1936, p. 291. Ver tambem G. W. ALLPORT, "A Test for Ascendancy-submission", *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 23, p. 118, 1928.

(8) N. J. SPENCER, *The Social Theory of Georg Simmel*, p. 95.

blear A. A ordem das bicadas resulta, em parte, de encontros previos, em que as proezas relativas das galinhas ficaram determinadas, mas tambem pode derivar, em parte, do acaso⁹.

Entre os primatas, pode-se observar uma hierarquia semelhante de *status*, de dominagao e de subordinagao. Os babuinos machos mais fortes formam harens de femeas que protegem das ameagas dos machos mais fracos. Neste cam, a lideranga se estabelece depois de um combate aberto previa entre os machos, coma ja vimos acontecer entre as galinhas. A situacao entre os seres humanos e essencialmente a mesma. O chefe de um bando de meninos e geralmente aquele que pode hater em todos os outros, ou que supera os outros nas proezas que requerem coragem¹⁰. Tambem entre os esquim6s, quando um individuo chega a uma aldeia que nunca visitou antes, empreende uma serie de lutes corporals para que possa ter um lugar na hierarquia das ffireas¹¹. Competigao e conflito, quer se tenham processado no passado, quer no presente desempenham urn papel significativo na determinagao do *status* de individuos e de grupos.

Entre os animals, a tamanho parece ser fator importante que influencia o resulte do conflito. Os animais maiores levam vantagem ffbre os menores. Como os machos sa^o habitualmente maiores do que as femeas, os primeiros, por essa raid^o, levam vantagem em combate; por exemplo, os galas levam a melhor em relago as galinhas, no que concerne a ordem das bicadas. Do mesmo modo, entre as criangas a superioridade fisica desempenha importante papel na determinacao dos resultados dos choques. Assim o demonstrou um estudo de dezoito criangas entre vinte e um e trinta e tres meses de idade, com Q. I. variando de 90 a 159, efetuado pela Child Development Institute da Columbia University. Estas criangas foram observadas em periodos de recreio, quando brincavam livremente, e notou-se que o major nUmero de disputas foi vencido pelas criangas menos inteligentes, mais altas, mais velhas. A vantagem no peso mostrou ser o fator mais importante¹².

(9) W. B. ALLEE - *The Social Life of Animals*, Nova York, 1938, pig. 178.

(10) F. M. THRASHER - *The Gang*, Chicago, 1927.

(11) Franz Boas — "The Central Eskimo" — *Report of the Bureau of American Ethnology*, vol. 6.

(12) E. KIHILSN, *The Conflicts and Resistant Behaviour of Eighteen Children in a Nursery School*, Master's thesis, Columbia University, 1933.

Entre seres humanos adultos, todavia, a competigao tern lugar de preferencia no nivel psicolOgico, antes do que no nivel fisico. A sociedade procura impedir que a conflito entre as pessoas tome uma forma direta e fisica, devido aos efeitos perturbadores que tais conflitos incontrolados causam na vida grupal. A cultura desenvolveu, pois, instituigOes para determinar os resultados do conflito; dois individuos que brigam sa^o obrigados a comparecer perante um tribunal, e lido a resolver a questao^o usando os punhos. A medida que a culture evoluia, os individuos foram levados a preferir uma superioridade conseguida ao nivel social, e nao uma superioridade alcangada no plane fisico. A dominaeao fisica s6 a socialmente apreciada sob formas socializadas: por exemplo, enquanto a luta corporal, tendo por firn urn premio e desenvolvendo-se de eau-do com certas regras, e estimada, brigar na ma e condenado.

A maior parte da compelled^o, porem, e do esfOrgo em prol de dominaeao, tem Luger num nivel sublimed^o, nao fisico. Escritores e cientistas competem tanto na pesquisa quanta na literatura para. alcangar maior rename, uma catedra importante, o Premio Nobel. Os homens de negOcio alcaneam consideragao e *status* juntando maiores fortunes do que seus competidores.

O compromisso como uma acomodacdo coordenada

O tipo de ajustamento por dominacao-submissao ocorre habitualmente quando os competidores sa^o de fOreas diferentes, ou quando a conclusao e alcaneada por meio de uma viteria definitiva de urn dos partidos. Por outro lado, quando os combatentes tem mais ou menos a mesma fOrga, pode ser que nenhum se mostre capaz de dominar o outro. Com o fim de evitar um esfOrgo infrutifero, os competidores podem concordar num cornpremiss^o. Quando ha compromisso, cada partido em disputa faz certo winner^o de concesses. A atitude de "tudo ou nada" de lugar ao propOsito de ceder nalguns pontos corn o fito de alcangar vantagem noutros. "Urn compromisso e, devido a sua pr6pria natureza, como que uma colcha de retalhos, em que cada qual consegue identificar o retalho que a seu; cada qual encontra

consolo para seu desapontamento, ao refletir que todos os outros tambem sofreram um desapontamentem.

A presteza com que individuos e grupos em conflito recorrem ao compromisso depende da enfase que, lhe empresta a cultura. Deve-se rnencionar tambem que o objetivo da luta afeta a forma da acomodageo. O compromisso pode estar inteiramente fora de cogitacOes nalgumas questões; FARIS, por exempla, mostra que nes pode haver compromisso no 'que toca a dissensao em tomb de fundamentos religiosos¹⁴.

Tolenincia

Quando, como na religiao, o compromisso esta fora de questao, e os verios grupos nao recorrem a conflito aberto, sOmente urn ajustamento e possivel, isto é, a tolerancia. Nenhuma concessao e feita por nenhum grupo, quando se trata de tolerancia. Mao ha mudanca na conduta politica basica. Cada grupo, todavia, tern de suportar os outros. Embora cada grupo religioso acredite que seu credo é o Unica verdadeiro e recorra ao proselitismo para ganhar novos membros, e obrigado a se arrumar com os outros e permitir-lhes os mesmos direitos. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, a tolerancia religioe s6 foi alcançada depois de anos e anos de luta. A dificuldade de manter este equilibria refinado e demonstrada pela histOria eclesiastica recente da Russia, da Espanha, da Alemanha.

Conciliagilo

Nao ha boa vontade na tolerancia, apenas uma aceitacao realmente de algo que e inevitavel. Mas acontece algumas ;razes desenvolverem os antagonistas uma atitude amistosa em relacao uns com os outros, mesmo enquanto este° levando avante a disputa. Devido a ultteriores desenvolvimenios, podem mudar de sentimentos, e a afeicao pode tomar o lugar do antigo sentiment° de odio. Algumas vezes, o conhecirnento de novos pontos de

(13) H. D. LASSWELL "Social conflict", *Encyclopaedia of the Social Sciences*, vol. IV, pa& 195.

(14) E. nuns — *The Nature of Human Nature*, Nova York, 1937, pkg. 340.

vista de aos individuos um nOvo angulo de visas sObre a disputa. Desta maneira é que os assistentes sociais conseguem efetuar reconciliactio entre maridos e mulheres estremecidos. Conflitos mentais podem ser resolvidos do rnesmo mods com o auxilio de psicanalistas e psiquiatras. Associacões de judeus e cristaos sac/ tentativas para desenvolver um espirito de amizade entre povos de f6 diferente, apontando semelhancas essenciais entre as duas crenças. A Comisses Inter-racial Americana tenta fomentar atitudes favoraveis com relacao aos negros, procurando criar uma melhor compreensao do problerna.

Entre os esquimes, o desafio dos tambores constitui urn curioso veiculo de conciliacao fornecido pela cultura. Indivíduos que estao de briga comecam a falar mal urn do outro; ao som de um tambor, cantam cançOes e recitam poemas que inventaram, ridicularizando o oponente. Mas e interessante constatar que os dois attires em questa° acabam por se divertir enormemente com o caso. Esta atividade assim se transforma em esporte, e é gozada por si mesma, servindo, pois, coma urn meth de conciliacao.

Conversed

No caso da conciliageo, sentimentos amistosos substituem a animosidade, a cooperacao é restabelecida; mas nao existe identidade de pensamento. As duas partes passam a trabalhar amigavelmente juntas e respeitam os respectivos pontos de vista, mas nao formam uma (mica mente. Os catalicos permanecem catolicos; os protestantes, protestantes; e os judeus, judeus. Numa cooperage° que se estabeleca entre igrejas, por exempla, varias igrejas trabalham ativamente umas com as outras e respeitam as opinioes que lhes sao prOprias, embora conservando seu ponto de vista peculiar. Pode acontecer, porem, que, com o correr do tempo, uma das partes em conflito fique persuadida de que estava enganada e de que seu oponente tinha raze°. De acOrde com esse n8vo modo de pensar, pode passar para o lado contrario e se identificar com ele. E o que se chama converse°. Como se vera da exposicao que segue, trata-se de uma forma de assimilace°. Habitualmente, identificamos converse° com mudanca ripida de conviccao religiosa, mas o mesmo processo pode ocorrer em outros aspectos da experiencia hurnana.

CULTURA E ACOMODWAO

Sabemos que a cultura determina com quern e como, em dada sociedade, individuos entram em conflito. Tambem e verdade que, de identico modo, a cultura, determina quando e como os conflitos sera() ajustados.

O contrOle cultural do conflito

A cultura nao se preocupa com todos os conflitos de maneira identica; pode pernaitir certos tipos de perturbacao, suprimindo rigorosamente outros. Entre alguns povos primitivos, o assassinato nao e encarado como uma ofensa muito seria, ao contrario do que se passa entre nes. A comunidade como urn todo pode nao tomar nenhuma providencia contra o assassino. Por exemplo, no grupo esquim6 chamado Amnaassalik, o assassinato e comum, e, no entanto, absolutamente nada se faz contra o indigitado. Noutras regiees grandes disputas podem desenvolver-se entre familias como resultado do crime e durar anon a fio.

Muitas sociedades estdo mais preocupadas com os conflitos que se desenvolvem entre seus membros do que com as disputas que possam estabelecer-se entre seus membros e estranhos. Quando urn Indio Crow mata urn Dakota, a reacão e de satisfagao; mas quando urn Crow mata outro Crow, a coisa toma aspecto muito serio, mesmo que os dois individuos nao sejam parentes. Estas disputas internas ameagam a seguranga do grupo; por isso a cultura toma delas conhecimento. A policia Crow tem papel de conciliadora, e persuade a familia ofendida a aceitar urn pagamento em dinheiro (*tveregild*), como retribuido pela perda que sofreu. Observa-se, pois, que as sociedades dispeem de tecnicas padronizadas para dar fim aos conflitos que forem encarados como ameagas ao grupo como um todo.

Embora as sociedades se preocupem principalmente em manter a paz dentro do grupo, podem tambem ter interesse em evitar lutas prolongadas com os vizinhos. Desenvolvem, pois, uma aparelhagem para assegurar a paz mesmo quando possuem organizagaes que asseguram a existencia da guerra. E o que se depreende das seguintes observagaes coihidas entre os Murngin:

"O estabelecimento da paz pode ser muitas vezes tambem objeto de um ritual elaborado. Na Australia, um grupo Murngin ofendido convida os inimigos para se reunirem a tile. Ambos os bandos aparecem cerimonialmente pintados e pennanecem a uma distancia tranquiilizadora urn do outro; os que convidaram, vao dangando entao ate onde estao os convidados e depois retornam de maneira informal ao seu lugar. O band() oposto responde da mesma maneira. Os homens acusados de ter instigado o assassinato que causou o incidente desagradavel entre os bandos, correm entRo em ziguezague no meio do camp). Todos os membros do cla ofendido atiram urn dardo sem ponta contra os criminosos; os que eslan por demais ofendidos jogam vaxios dardos, enquanto os outros companheiros injuriam violentamente os inirnigos. Nada devem estes responder, para que a paz nao seja de nevo posta em perigo. Em seguida, os assassinos devem novamente corner no campo, mas desta vez sao atirados contra eles dardos com pontas de pedra. No entanto, os velhos de ambos os bandos andam de urn lado para outro como moderadores, prevenindo os que atiram contra a possibilidade de realmente ferir os que servem de alvo, e impedindo os do outro lado de responder as ofensas que lhes gritam. Finalmente, um dos ofendidos aura seu dardo entre as pernas dos assassinos. Isto significa reconciliagao e absolvigao da ofensa, afastando o medo de novas perturbagaes; segue-se uma danga em conjunto, para exprimir a relagao hannoniosa que agora os une. No entanto, urn ferimento *ligeiro* significa reserva mental, isto é, que se trata apenas de tregua; e mew arranhao serve para anostrar diretamente que a vinganga este. em preparo. Mesmo fora destas contingencias, as negociagees de paz podem facilinente desvirtuar-se dando lugar a near° combate, se um dos participantes se excitar demais. De qualquer modo, porem, existe no grupo uma tecnica estandardizada para terminar hostilidades"¹⁵.

Cada cultura detennina, evidentemente, quais os conflitos que o grupo, como urn todo, reconhece como tais, e como devera comportar-se em relagao a eles. As culturas diferem grandemente entre si, no que concerne aos tipos de acomodagao

(15) Robert H. LOWS, *An Introduction to Cultural Anthropology*, ed. revista, Rag. 229.

preferidos. Algumas insistem em obter uma vitória clara e desdenham o compromisso, enquanto outras pregam entusiasmas a conciliação. Entre os Kwakiutl, por exemplo, o compromisso encarado como um sinal de fraqueza. Se um homem assassina outro, pode evitar retribuição por parte da família do assassinado pagando-lhe uma indenização, mas este é encarado como uma ignomínia que perseguirá a família por várias gerações. Como já se mostrou no caso da competição intensa chamada *potlatch*, existente nesse povo, o interesse principal desta sociedade é a autoglorificação a custa da humilhação dos contrários.

Por outro lado, os Zuni, preferindo paz e moderação, estão inclinados a procurar um compromisso em todas as situações de conflito. O mesmo parece que se dá com os chineses. Quando duas pessoas começam a brigar na rua, na China, logo estarão rodeadas por espectadores muito interessados. Todo o grupo então se encaminha para uma casa de chá, e, enquanto bebem xícaras sobre xícaras, cada parte apresenta sua versão do caso, funcionando a audiência como um júri. O contendor que obtiver sentença contrária pagará pelo chá oferecido a todos, e a questão assim termina¹⁶.

Tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, compromisso, conciliação e arbitragem são soluções bem aceitas, embora o recurso usual seja para meios mais formais de ajustamento, isto é, tribunais, júris, comissões. Em fases anteriores de nossa história, quando a sociedade era menos complexa, medidas extremas eram encaradas de modo favorável. Os duelos, por exemplo, constituíam maneiras aprovadas de acabar com ofensas pessoais. A medida que a sociedade se torna mais complexa, a solução do conflito pelos indivíduos diretamente nele envolvidos vai-se tornando também cada vez mais insatisfatória. Tanto mais que numa sociedade heterogênea e complexa como a nossa, tal soma de interesses e pontos de vista diferentes estão presentes que compromissos e concessões são necessários para que a vida social não fique grandemente perturbada.

O espírito de compromisso, em nossa cultura, é claramente evidenciado pela existência dos corpos legislativos, que se podem encarar como representantes dos interesses divergentes e em

(16) Lin YOTANG, *The Importance of Living*, Loathes.

choque na comunidade. O princípio de compromisso está tão firmemente estabelecido que técnicas estandardizadas foram desenvolvidas para a solução dos conflitos. Nos Estados Unidos, os assuntos sobre os quais as duas câmaras não concordam são levados a uma comissão formada por membros de ambas, que elaboram um compromisso. Na Inglaterra, temos visto governos de coalização em que vários partidos cooperam na base de um compromisso. São os compromissos tão freqüentes na política inglesa e americana, que passaram a ser conhecidos como a base da arte política. O político está sempre pronto para entrar numa composição que lhe ofereça os melhores termos, e para formar um conchavo que apresente boas perspectivas, de acordo com a teoria de que o melhor um pedaço de pão do que nada. Na verdade, antecipando o processo de compromisso, ele provavelmente pedirá um pão e meio, para conseguir um pedaço de pão.

Mediação e arbitragem

As sociedades organizadas desenvolvem, pois, maneiras e meios de acabar com as disputas. Entre estes, devemos mencionar particularmente duas técnicas de acomodação inventadas pelo homem e que são largamente utilizadas: mediação e arbitragem. A mediação é a técnica de reunir indivíduos de relações estremitadas, criando neles o desejo de tomar em consideração um possível ajuste da questão. Os mediadores podem até sugerir uma base de ajuste, caso os próprios contendores não pareçam possuir nenhuma possibilidade comum de entendimento. As sugestões efetuadas pelos mediadores não têm, todavia, nenhum poder especial para efetuar a aproximação. O Departamento do Trabalho, nos Estados Unidos, possui um corpo especial de mediadores e conciliadores que prestam assistência nos conflitos que surgem na indústria, procurando dar-lhes um fim. Organizado em 1914, o Serviço de Conciliação, que só age a pedido das partes envolvidas na disputa ou por convite de gente interessada, provou ser a agenda mediadora mais importante da América. De 1914 a 1934, desincumbiu-se de doze mil casos, alcançando sucesso em 70% dos ajustes¹⁷. O Serviço de Conciliação do

(17) "Annual Reports of the Secretary of Labour", Washington.

Departamento do Trabalho tem jurisdição sobre toda controvérsia, salvo as desenvolvidas nas estradas de ferro. Para conciliar disputas entre empregados e empregadores, no setor das estradas de ferro, existe o Conselho Nacional de Medição.

A arbitragem Mere da mediação; nela, decisão final do caso é promovida pelos indivíduos que servem de árbitros, e a decisão é encarada como definitiva pelos contestadores. Ao constituir um conselho de arbitragem, procura-se fazer com que o poder se equilibre nas mãos de indivíduos imparciais. A arbitragem é largamente utilizada em disputas no campo industrial, nos Estados Unidos, mas principalmente sob a forma de arbitragem voluntária; isto é, em geral só se recorre a ela quando as partes envolvidas na questão demonstram desejo-lhe. A técnica de arbitragem não está circunscrita, é claro, ao campo industrial, pois aplicável a grande quantidade de disputas. Reconhecendo este fato, fundou-se em 1926 a Associação Americana de Arbitragem, organização sem fim de lucro e destinada a fomentar a utilização do princípio de arbitragem. A Associação goza de facilidades em mil e seiscentas cidades, possuindo um conjunto oficial de sete mil árbitros, que prestam serviços sem qualquer remuneração. De acordo com a prática americana, o serviço funciona numa base voluntária, e o custo pago por cada uma das partes é mais ou menos de um por cento do total envolvido na questão. Em muitos países europeus, todavia, o governo recorre compulsoriamente à arbitragem, o que significa que as disputas são automaticamente enviadas a um tribunal para chegar-se a um ajuste. Os elementos de controle, nesses países, sentem que greves e questões são coisas dispendiosas e que causam desperdício, sendo que frequentemente lidam apenas com o interesse das partes em disputa que está envolvido na questão, mas também o do público em geral.

A arbitragem obrigatória tem encontrado opositores no campo das relações industriais, que alegam que ela dá suas sentenças em detrimento dos operários. As experiências com este tipo de ajuste, noutros países, mostram que os operários desconfiam dela, a menos que o governo no poder seja um governo trabalhista ou simpatizante do trabalhismo, ou a menos que os operários estejam impedidos por razões nacionalistas. A arbitra-

gem obrigatória priva os trabalhadores organizados de sua arma mais poderosa, a greve, e deixa os sindicatos em decidida desvantagem nos entendimentos coletivos, uma vez que habitualmente os empregadores conservam o direito de despedir os operários.

Apesar de o princípio da arbitragem compulsória estar bem assentada em nossa cultura, esta forma de acomodação tem alcançado relativamente pouco sucesso no campo das relações industriais. O julgamento por um juiz e um júri constitui essencialmente uma forma de arbitragem obrigatória.

ASSIMILAÇÃO

Neste capítulo, mencionou-se anteriormente a conversão como uma forma de assimilação. Assimilação é o processo pelo qual indivíduos ou grupos, que antes apresentavam dissimilaridades, se tornam similares; isto é, identificam-se em seus interesses e pontos de vista. um "processo de interpenetração e fusão", em que pessoas e grupos adquirem as lembranças, os sentimentos e as atitudes das outras pessoas-ou grupos e, partilhando de suas experiências e de sua história, incorporam-se a uma nova cultura. A aculturação¹⁹ de estrangeiros tem sido mais estudada pelos sociólogos do que quaisquer outras manifestações de assimilação, de modo que um tratamento mais completo deste tópico pode ser realizado. A utilização do exemplo constituído pela aculturação não deve levar o leitor a pensar que o processo está limitado a este único campo. As crianças se assimilam gradualmente ao grupo dos adultos à medida que crescem e incorporam as maneiras de ser dos pais adotivos, tão completamente algumas vezes que traços de influência doméstica anterior se apagam por inteiro. Marido e mulher iniciando vida matrimonial com experiências passadas diferentes, muitas vezes acabam por desenvolver surpreendente unidade de interesses e

(18) E. E. Pax e E. W. BURGESS, *Introduction to the Science of Sociology*. p. 735.

(19) Aculturação é o processo pelo qual indivíduos educados em determinada cultura, quando transferidos para outra, adotam os padrões de comportamento da segunda sociedade.

de propósitos. No domínio religioso, membros de determinada igreja podem ser arrastados ao seio de outra pelo «processo» conhecido como conversão. Uma vez que a assimilação é um processo social, constitui um dos seus caracteres naturais pertencer a vida grupal de um modo geral, não se limitando, pois, a vida de espécies particulares de grupos.

Ideia comum mas errônea a respeito da assimilação, é de que se trata de um processo unívoco. De acordo com esta ideia, quando um indivíduo de origem estrangeira ingressa numa outra cultura, assimilando-se, abandona a sua própria e adota inteiramente a nova. Presume-se que aceita a nova cultura, mas sem nada dar a ela em contribuição. Infelizmente para os orgulhos nacionais, este ponto de vista unilateral da assimilação não é válido. O contacto estreito entre pessoas de culturas dessemelhantes sempre resulta numa interpretação e fusão mútua de traços culturais, embora o empréstimo possa não ser tão pronunciado numa direção quanto na outra. A assimilação dos negros africanos na cultura americana se processou a tal ponto que os negros geralmente não demonstram nenhum interesse pela África como pátria, e possuem traços culturais que são na maioria de natureza americana. Todavia, a medida que o negro se assimilava, os Estados Unidos iam acrescentando ao seu complexo cultural contribuições negras como a música de jazz e os *negro spirituals*.

ASSIMILAÇÃO E ACOMODACÃO

Que relações mantêm assimilação e acomodação? É comumente admitido que, quanto mais semelhantes se tornam dois indivíduos ou dois grupos, melhor ajustados estão um ao outro. Ideia companheira desta indica que, quanto mais conhecemos os outros, mais deles gostamos. Não são poucos os programas sociais estabelecidos a partir destas convicções, como, por exemplo, as trocas internacionais de estudantes, de «leitores» de universidade, de professores, no interesse da paz mundial. No entanto, tais ideias não constituem mais do que meias verdades, como se evidenciar. No exame dos dados existentes sobre a assimilação de minorias raciais nos Estados Unidos.

Influência dos grandes números na acomodação de um grupo racial minoritário. Em primeiro lugar, é necessário indicar que o fator «flamê» tem muita relação com o tipo de ajustamento que tais grupos podem desenvolver. Uma única família chinesa, japonesa ou mexicana, em determinada comunidade, pode alcançar elevada estima se os indivíduos que a formam forem pessoalmente aceitáveis. Aumente o número de tais famílias, e a situação se torna radicalmente diferente. Este fato foi experimentalmente demonstrado por Monnó²⁰. Na Hudson School for Girls, instituto correccional do Estado de Nova York, este determinado que seis ou oito meninas devem viver juntas numa casa; verificou-se que a introdução de uma menina negra numa das casas não causava ressentimento, ou causava-o em pequena escala, mas a hostilidade crescia se outras meninas da mesma raça ali fossem postas também. O crescimento do ressentimento estava fora de qualquer proporção com o crescimento numérico. Experiências feitas noutros lugares confirmaram esta primeira observação experimental.

O preconceito existente contra os japoneses, na costa do Pacífico, deve ser encarado à luz do fato de que cinquenta por cento do total da imigração japonesa para os Estados Unidos se concentra na Califórnia; São Francisco, o porto mais importante de entrada dessa imigração, é o lugar preferido para se fixarem. A presença de tão grande número de japoneses intensifica a competição econômica; por isso são eles encarados como uma ameaça à segurança neste setor e, conseqüentemente, como uma ameaça à supremacia branca. Como são identificados pela cor, o disfarce é impossível.

Assimilação e aceitabilidade social. Pode-se demonstrar que não há relação necessária entre acomodação e assimilação. Nos Estados Unidos, os chineses não estão mais assimilados do que os japoneses, mas parecem estar muito mais acomodados. É interessante comparar a situação dos chineses com a dos japoneses, uma vez que ambos se concentraram largamente na Califórnia. Em 1930, havia 74.954 chineses na costa do Pacífico,

(20) J. L. MORENO, *Who Shall Survive? (A New Approach to the Problem of Human Interrelations)*, Nervous and Mental Disease Monograph n.º 58 (Nervous and Mental Disease Publication, 1934).

nos Estados Unidos, o que representava um aumento de 21,6% desde 1920. Como se sabe, a principio os chineses entraram em competieda econOmica direta com lavradores brancos, e o resultado foi levantarem contra si tal ressentimento que o Congresso aprovou a Lei de Exclusao. O preconceito contra os chineses se intensificava devido a certas praticas desaprovadas pelos americancis, particularmente as atividades gas sociedades secretas com relaeao ao Vigo e trafico de Opio. Atualmente tudo se modificou. O jag° ilegal este. em decadencia. Muitas das sociedades secretas se transformaram em sociedades de beneficancia. A taxa de crimes esta em declinio. Os chineses, graeas a segregaedo, nao esta° mais ern competiedo econOrnica direta com o homem branco. Existe real cooperaedo entre os comerciantes brancos e os chineses. O Bahr° Chinês encarado como uma utilidade e e aproveitado pelo comercia turistico²¹.

Por parte dos chineses, a acomodaedo a excelente. Foi alcançada por meio de uma politica de segregaeao estrita e pela manuteneao de uma vida cultural inteiramente a parte. Os japoneses, que provavelmente estao mais assimilados pela vida americana, estdo ajustados de modo mais precario. O caso do negro deve tambem ser apontado aqui. Os negros de hoje estdo certamente amplamente assimilados; no entanto, como um grupo, estdo agora menos ajustados ao mundo do homem branco do que enquanto permaneciam no estado anterior de escraviddo. Testes objetivos tem mostrado que os negros mais educados sdo mais combativos, no que toca ao problema da discriminacao racial, do que os negros menos instruldos²². Quanto mais assimilados se tornam os negros, mais realizam as limitacdes e discriminaedes sob as quais vivem, e mais ressentidos se tornam. Quanto mais assimilado o negro, mais se aproxima do homem branco, e com major habilidade entra em competicao com este; conseqiientemente, maior se torna o ressentimento do homem branco contra Ole.

Deve-se estabelecer uma distilld - entre assimilaedo e aceitaeao social. Quando os individuos estranhos so diferem do

(21) C. N. Ithrttorms, *Social Problems and Social Processes*, org. por E. S. BOGARDUS, Chicago, 1933, pag. 79.

(22) Charles S. Jona:sox, *Racial Attitudes of College Students*, publicagao da American Sociological Society, main, 1934, pag. 24.

TABELA

Reagiiies de 1.725 americanos a 40 ragas diferentes, dadas por mein de porcentagens (Emory BOGARDUS, *Immigration and Race Attitudes*, Bo ton, 1928, pag. 25).

RACAS	1	2	3	4	5	6	7
Inglese	93,7	96,7	97,3	95,4	95,9	1,7	0
Americanos (brancos-natos)	90,1	92,4	92,6	92,4	90,5	1,2	0
Canadenses	86,9	93,4	96,1	95,6	96,1	1,7	0,3
Escoceses	78,1	89,1	91,3	92,8	93,3	1,7	0
Escoceses-irlandeses	72,6	81,7	88	89,4	92	16,7	0,4
Irlandeses	70	83,4	86,1	89,8	91,4	4	0,7
Franceses	67,8	85,4	88,1	90,4	92,7	3,8	0,8
Pats de Gales	60,8	72,3	80	81,4	86	5,41	0,3
Alemaes	54,1	67	78,7	82,6	87,2	6,7	3,1
Franco-canadenses	49,7	66,4	76,4	79,3	87	4,4	0,8
Suecos	45,3	62,1	75,6	78	86,3	5,4	1
Holandeses	44,2	54,7	73,2	76,7	86,1	2,4	0,3
Noruegueses	41	56	65,1	72	80,3	8	0,3
Dinamarqueses	35	52,2	65,6	71,4	80,1	4,5	0,9
Espanhdis	27,6	49,8	55,1	58	81,6	8,4	2
Finlandeses	16,1	27,4	36,1	50,5	61,2	12,8	2,8
Russos	15,8	27,7	31	45,3	56,1	22,1	8
Italians	15,4	25,7	34,7	54,7	71,3	14,5	4,8
Portugueses	11	22	28,3	47,8	57,7	19	3,3
Poloneses	11	11,6	28,3	44,3	58,3	19,7	4,7
Eltingaros	10,1	17,5	25,8	43	70,7	20,3	7
Romenos	8,8	19,3	23,8	38,3	51,7	22	4,6
Arranios	8,5	14,8	27,8	46,2	58,1	17,7	5,0
Tcheco-esloyacos	8,2	16,4	21,1	36	47,4	26	9,5
indios americanos	8,1	27,7	33,4	54,3	83	7,7	1,6
Judeus aleraties	7,8	2,1	25,5	39,8	53,8	25,5	13,8
Billgaros	6,9	14,6	16,4	19,7	43,1	21,9	7,0
Judeus russos	6,1	18	15,7	30,1	45,3	22,7	13,4
Gregos	5,9	17,7	18	35,2	53,2	25,3	11,3
Sfrios	4,3	13,8	18	31	41,1	21,4	9
Servo-croatas	4,3	10,4	12	10,3	30,4	18,6	8
Mexicans	2,8	11,5	12,3	77,1	46,1	30,8	15,1
Japoneses	2,3	12,1	13	27,3	29,2	38,8	2,5
Filipinos	1,6	15,2	19,5	36,7	52,1	28,5	5,5
Negros	1,4	9,1	11,8	38,7	57,3	17,6	12,7
Turcos	1,4	10	11,0	19	25,3	41,3	23,4
Chineses	1,1	11,8	15,9	26	27,3	45,2	22,1
Mulatos	1,1	8,6	10,6	32	47,4	22,7	16,8
Coreanos	1,1	10,8	11,8	20,1	27,5	34,3	13,8
Hindus	1,1	6,8	13	21,4	23,7	47,1	19,1

grupo majoritario em cultura, a assimilagao pode facilmente levar a uma aceitagao completa e a um ajustamento social. Membros da segunda e terceira geragao de imigrantes da Europa do norte sao prontamente absorvidos. Mesmo os membros da primeira geragao, quando apresentam grande talent() e habilidade para absorver os padroes americanos de vida, alcangam aceitagao completa; e o que se ve da carreira de Edward Box, rapazinho imigrante da Holanda que se algou a uma posigao financeira e social preeminente²³. Felix FRANETURTER, trazido de Viena pelos pais, chegou aos Estados Unidos aos doze anos e e hoje Juiz da Suprema Corte.

Mas quando uma barreira racial, ou aquilo que e interpretado como barreira racial, tambem existe entre os dois grupos, a situagao se toma radicalmente diferente, coma se depreende da seguinte narragao de isolamento de uma japonesa completamente assimilada:

"Recentemente, numa experiencia curiosa, conversei com urna jovem japonesa que nao semente nascera nos Estados Unidos, mas crescera numa familia americana, numa cidade americana pequena, onde nao tinha quase nenhum contacto com membros de sua prOpria raga. Percebi que eu mesmo estava atento a vigid-la, esperando o menor acento, o menor gesto ou entonagao que traisse sua origem racial. Mesmo depois de verhear que nem a menor expressao me permitia encontrar a mentalidade oriental por detras da mascara oriental, ainda assim nao podia escapar da impressao de que estava escutando uma americana metida num disfarce de japonesa.

Alguns meses depois, encontrei esta mesma mega quando regressava da primeira, e talvez visita que fizera ao Japao. Mostrou-se de urna reticencia inabitual com relagao as suas experiencias, mas explicou que fora impossivel para ela permanecer nris tempo no Japao, embora tivesse tOda a intengao de faze-lo. Tinha-se encontrado numa sauna() peculiarmente pouco vantajosa, porque, embora parecesse uma japonesa, nao era capaz de falar a lingua do pais; e alem disso, o modo de vestir, o modo de se exprimir, tudo nela traia, de fato, a origem americana. A anomalia chocou os japoneses como algo escandaloso, fora do

(23) Edward Box, *The Americanisation of Edward Bok*, Nova York, 1920.

natural. Quando aparecia na rua, magotes de gente a seguiam. Nessa epoca, o ressentimento de ver uma mulher japonesa mascarada de senhora americana, talvez atingisse major amplitude devido a recente promulgagao da Alien Land Law"²⁴.

Uma cultura estranha pode ser posta de lado, mas nao uma aparencia social. Esta mega japonesa encontrava-se na posigao anOmala de ter sido arrancada de sua cultura de origem, sentindo-se ao mesmo tempo rejeitada pela cultura de sua escolha.

Para descrever o individuo que vive numa terra-de-ninguern cultural, o term(*homem marginal* tern sido proposto. Nalguns casos, a marginalidade resulta da mistura de ragas, como se da com os eurasiaticos da que sao rejeitados tanto pelos hindus quanto pelos ingleses²⁵, e como tambOm se observa com relagao a mulatos e a mestigos nos Estados Unidos. Mas, como o caso da mega japonesa atras citado revela, urn individuo pode estar em situagao marginal com relagao a duas culturas, sem por isso ser racialmente um hibrido.

DISTANCIA SOCIAL COMO UMA MEDIDA DE ACOMODACAO

Se nao ha conflito entre dois individuos ou grupos, tiles consentirao de boa mente em partilhar certas experiencias. Quanto rnaix disposicao amistosa mostrarem mOtualmente, mais intimas as experiencias que estartio dispostos a partilhar. Se, por outro lado, houver grande odio entre tiles, preferirao evitar totalmente qualquer encontro. Conseqüentemente, e possivel medir o grau de aceitagao social (acomodagao) entre individuos ou grupos, em termos das atividades que urn esta disposto a partilhar com outro. Tal teste e conhecido coma escala de distancia social.

(24) Robert E. Pans, "Behind our Masks", *The Survey*, vol. 56, pig. 136, main I, 1926.

(25) "Dentre os ;trios grapes da Asia que constituem mains castas, o finder e o mais autoconsciente e a Comtmdade Anglo-Hindu. Aleanca talvez duzentas mil pessoas que se mantdm de maneira prearla na periferia do funcionalismo hindu-britAnico, empregados em sua maioria como pequenos funcionfrios em posig5es secunditrias da administrac9o. A vide do anglo-hindu e uma intensa luta para alcancnr status, Canto ocupacional quanto social, luta em qua parece estar hoje perdendo terreno. Desprezados Canto paths britAnicos quanto pelos hindus, podertio muito hem ver-se submersos no remombo do present; esmagados pela martha dos milh6es de hindus em Min9o ao nacionalismo." Elmel L. HEDIN, "The Anglo-Indian Community". *American Journal of Sociology*, vol. 40, pag. 165, setembro, 1934.

Por meio da escala de distancia social, BOGARDUS pode medir as reações dos americanos natos a vários grupos raciais e étnicos. Deve-se observar que a grande maioria destes americanos era de ascendência europeia. Foi-lhes perguntado que relações estavam dispostos a admitir com os membros de cada grupo da lista ("não os melhores ou piores membros, mas membros que sejam considerados representativos ou médios"). Os resultados figuram na Tabela da pag. 281. A distancia social aumenta a medida que se vai descendo na lista; atinge o ponto mais alto com relação aos japoneses, negros, turcos, coreanos e hindus, e a distancia menos elevada a com relação aos grupos da Europa do norte. A divisão segue a linha habitual que separa *in-groups* de *out-groups*.

LEITURAS SELECIONADAS

- BOGARDUS, E. S., *Immigration and Race Attitudes*, Boston, 1928.
 DOVER, C., *Half caste*, Londres, 1937.
 FONSNOT, E. M., *A Passage to India*, Londres, 1924.
 HART, H., *The Science of Social Relations*, Nova York, 1927.
 HERTZ, F., *Nationality in History and Politics*, International Library of Sociology and Social Reconstruction, Londres, 1944.
 MACCRONE, I. D., *Racial Attitudes in South Africa*, Londres, 1937.
 MAIN, N. E., e J. DOLLARD, *Social Learning and Imitation*, International Library of Sociology and Social Reconstruction, Londres, 1945.
 O'MALLEY, L. S. S., *Modern India and the West*, Londres, 1941.
 BISTON, R. E., e E. W. BURGESS, *Introduction to the Science of Sociology*, Chicago, 1924.
 PARSES, J. W., *The Jew and his Neighbour*, Londres, 1930.
 SIMMEL, G., *Soziologie*, Leipzig, 1908.
 SZIRN, W. C., *Americans in the Making*, Nova York, 1939.
 STONEQUIST, E. V., *The Marginal Man*, Nova York, 1937.
 THOMAS, W. I., e F. ZASTSIK, *The Polish Peasant in Europe and America*, Nova York, 1927.
 WINN L., *The Ghetto*, Chicago, 1928.

O impacto dos processos sociais na formação da personalidade

KARL MANNHEIM

UMA DAS PRINCIPAIS RAZÕES, talvez, de as sociedades planificadas da atualidade se basearem especialmente em regras, ordenações e autoridades centralizadas, a não disporem, ainda, dos conhecimentos sobre a sociedade e o comportamento humano, que lhes permitiam utilizar as forças espontâneas da sociedade e limitar a intervenção aos campos onde a orientação e o controle são necessários.

No importante livro de THOMAS e ZASTSIK *The Polish Peasant*, encontramos uma observação arguta sobre a origem da atitude mágica em povos primitivos. Conforme esses autores a atitude mágica a uma tentativa de coagir a natureza do mesmo modo que, em situações decisivas, coagem seus semelhantes. Assim, o padrão de coerção se estende até o reino da natureza. Mesmo não supondo que seja esta a única explicação da origem da magia, ela é certamente um fator importante de sua evolução.

Essa perspectiva permite a abordagem adequada do nosso problema, pois a atitude mágica foi abandonada apenas quando o homem aprendeu outro meio de controlar a natureza, isto é, quando descobriu as leis que regulam seu comportamento. A mesma transição vagarosa de coerção para conhecimento pode ser observada na educação, embora nela o processo encontre

⁽⁰⁾ "The Impact of Social Process on the Formation of Personality in the Light of Modern Sociology", in *Essays on Sociology and Social Psychology*, por KARL MANNHEIM, Routledge & Kegan Paul Ltd., Londres, 1953. Trad. de Maria Sílvia de Carvalho Franco Moreira.

major resistência e esteja ainda incompleto. Contudo, em pedagogia representare um marco na senda do Progresso, todas as vezes que pudermos evitar uma ordem, substituindo-a pelas experiências da criança face a uma dada situação, conseguindo que se faça espontaneamente a coisa acertada. **melhor** mostrar a uma criança que ela se machucou brincando com fogo ou com faca, do que simplesmente proibi-la de fazê-lo.

Ate agora, conseguimos efetivar essa substituição da autoridade em relativamente poucos setores. Esse fracasso está inteiramente ligado a nossa inabilidade em controlar o contexto social onde os ajustamentos ocorrem, e também a nossa falta de conhecimento sociológico, que indica as principais inter-relações entre comportamento humano e situação. Nunca a falta de uma ciência da sociedade foi mais prejudicial que em nossa época. Para as sociedades anteriores, o conhecimento da sociologia teria sido quase um luxo, pois não dispunham do poder necessário para aplicar seus resultados ao controle dos processos sociais. Mas hoje, dá-se o oposto. O homem freqüentemente tem o poder político, mas não o conhecimento capaz de impedir o abuso desse poder. Se poderemos substituir o conceito de governo central baseado na autoridade por um conceito de planejamento fundado na utilização das forças espontâneas da sociedade, *se* lograrmos penetrar a natureza dessas mesmas forças sociais.

E com este objetivo que espero dar hoje alguns exemplos da importância dos fatores sociais na formação da personalidade, tal como funcionam nas sociedades liberais não controladas, e espero tornar evidente como esse conhecimento poderia ser ampliado, se dedicássemos a ele tanto esforço quanto dedicamos ao estudo dos fenômenos físicos.

Se, em minha primeira conferência, os senhores concordaram em que o planejamento sob alguma forma é inevitável e que precisamos conformar-nos com ele, torná-lo o melhor possível, e se compreenderam que afinal de contas uma grande sociedade industrializada não pode passar sem individualização, e, ainda mais, se concordaram que a forma acertada de planejamento não acarreta conformidade, mas antes utiliza o ajustamento espontâneo a situações controladas, então concordarho também que

teremos de dirigir nossa atenção para aquela parte da sociologia que estuda as condições sociais da individualização.

Ao descrever uma sociedade ou época histórica, o cientista social não deveria satisfazer-se em aceitar seu objeto de estudos como uma totalidade mística e singular: pelo contrário, e preciso investigar e analisar os vários fatores e situações, e suas inter-relações, que moldam a ampla e variada trama dessa configuração determinada. E apenas através dessa abordagem analítica que seremos capazes de observar como a emergência e o desenvolvimento da personalidade diferenciada poderiam ser assegurados numa sociedade planejada.

Depois da primeira conferência não há mais necessidade de refutar afirmações populares como "O indivíduo forma sua própria personalidade" e "A Renascença e a era liberal devem suas grandes personalidades ao feliz acaso de um grande número de homens eminentes terem nascido ao mesmo tempo". Ainda que não se negue a importância da herança biológica, pode-se ainda asseverar que houve situações sociais e conjuntos de fatores que favoreceram o aparecimento desses tipos. E apenas através de uma abordagem analítica, reduzindo o conceito místico da singularidade de uma era a soma de fatores e situações menores, poderemos resolver o enigma de qual deve ser a natureza das configurações sociais numa sociedade planejada, a fim de assegurar a emergência e o desenvolvimento conveniente de personalidades diferenciadas.

Minha tarefa é *substituir* essa ideia de eras de individualização, utilizando os resultados de observações analíticas e empíricas, para descobrir a relação entre situações externas e o desenvolvimento da personalidade humana. Embora plenamente consciente de que nosso conhecimento nessa esfera se encontra ainda na infância, espero convencer os de que existe um acúmulo de experiência muito maior do que em geral se pensa e que precisa apenas de exame e sistematização.

Ao considerar essas **shões** e fatores sociais começarei pelas formas mais simples e óbvias de causalidade a fim de gradativamente penetrar nos níveis mais profundos de formação da personalidade; assim, no decorrer desta discussão, o conceito de personalidade será cada vez mais enriquecido. De início, indi-

vidualidade significara apenas que o comportamento manifesto de uma pessoa é diferente do de outra.

O isolamento é um dos mais simples fatores externos que produzem diferenciação no comportamento manifesto. Em sociologia, distinguimos dois tipos de isolamento: de grupos e de pessoas. Sempre que um subgrupo fique separado de outro maior como, por exemplo, depois da fixação de povos migratórios na Europa, quando pequenas parcelas de várias tribos viveram durante séculos em áreas segregadas, ocorre que os hábitos e modos de pensamento se tornam diferentes. Aqui, o sociólogo aprendeu com o cientista da natureza. Na natureza também deparamos com o problema de porque espécies diferentes provêm do mesmo "stock" não obstante operarem mecanismos de ajustamento exatamente iguais. A resposta está na necessidade de ajustamento a ambientes diferentes.

O contrário de isolamento é contacto, e em geral conduz diminuição das diferenças. Os metais quentes e frios, quando entram em contacto, tendem a assumir uma temperatura uniforme. Precisamente da mesma maneira, as pessoas que se encontram com muitas outras tendem, pelo menos nos pontos em que se estabelece o contacto, a ajustar mutuamente seu comportamento, suas atitudes, suas perspectivas. O processo de "dar e tomar" tende a produzir uma atmosfera comum

Um outro fator, bastante óbvio, que promove a individualização, é a divisão do trabalho, embora diferencie as pessoas mais em tipos que em indivíduos. Algumas vezes o impacto da diferenciação profissional sobre uma pessoa pode ser descrito com muita exatidão. É possível, com muita frequência, enumerar claramente os fatores e constelações sociais básicas predominantes num ofício ou profissão e através deles explicar as atitudes e características profissionais típicas dos indivíduos que os exercem. Por exemplo, em sua monografia social, *The woman who waits*, SONAVAM descreve o tipo profissional característico da "garçonete" como "marcadamente individualista" na sua atitude frente a vida, e nas circunstâncias atuais o seu emprego conduz a individualização. Ela faz unicamente o necessário para ganhar seu dinheiro e seu único interesse real é a gorjeta. Não é frequente que, no trabalho, leve em conta o estabelecimento, o

gerente, os seus colegas, mas apenas a si própria, e raramente hesita em defender seus interesses a expensas dos outros. Essa descrição não significa que não existam "garçonetes" atenciosos e desprendidos mas apenas que a maioria delas são daquele tipo. Talvez neste ponto convenha esclarecer, de uma vez por todas, que as constatações sociológicas feitas nestas conferências têm por objetivo apenas indicar tendências. Ao passo que muitas vezes o psicólogo visa a prever o comportamento de um paciente ou de um indivíduo, o sociólogo considera fenômenos de massa e formula suas predições em termos de probabilidade — se tais e tais condições prevalecerem é possível que ocorram tais e tais mudanças psicológicas.

Entretanto, não é apenas o comportamento manifesto que, no homem, pode ser influenciado por situações controladas. Há circunstâncias bem definidas que tendem a provocar ou reprimir atitudes íntimas. O fato, por exemplo, de pessoas serem ou não capazes de tomar iniciativa pode depender parcialmente de sua vitalidade física ou de seu sistema glandular, mas não é menos verdade que o condicionamento na infância desempenha papel importante e que frequentemente um recondicionamento social planejado poderia ser bem sucedido. Tomemos, por exemplo, as experiências de psicólogos que observaram crianças em salas de brinquedo.

Num mesmo grupo, uma das crianças tornou a iniciativa em cerca de 95% dos casos, enquanto que outra o fez apenas em cerca de 5% dos casos. O psicólogo antiquado tomaria isto como uma prova de diferenças hereditárias de caráter nestas duas crianças. Entretanto, experiências posteriores mostraram que a criança com iniciativa em apenas 5% dos casos, quando posta num grupo onde War) fosse suplantada por outra de mais sucesso, não apenas assumiu a liderança maior número de vezes como até mesmo aperfeiçoou suas capacidades com o maior número de oportunidades e, finalmente, abandonava a timidez inicial. Assim, a organização do grupo, isto é, as alternativas de maiores ou menores oportunidades de iniciativa oferecidas a todos os seus membros reagira sobre seus caracteres. Uma educação do =Ater pode ser planejada através da organização hábil de ambientes e métodos torna-se evidente pelo exemplo das escolas

Montessori. Uma pequena história poderia ilustrar o que tenho em mente:

Um professor de escola Montessori, tendo ouvido contar que um aluno já, no 3.º ano não sabia ainda o que estudar, respondeu:

"Isto seria impossível com uma criança que tivesse passado pelo sistema Montessori".

A criança na escola Montessori aprende básica e precisamente isto: a decidir por si própria e *ateuolher* livremente entre as possibilidades que lhe são oferecidas.

A forma de organização mais adequada, que se conhece hoje, para promover a espontaneidade de seus membros, e a organização*, democrática de pequenos grupos.

As pessoas tendem a esquecer-se de que a democratização pode ter lugar em qualquer, campo, e não apenas na esfera política. Uma turma de trabalhadores, um grupo artístico ou de estudo, podem ser organizados democraticamente. Quando isto ocorre nesses pequenos grupos, a democracia geralmente produz espontaneidade e autodeterminação. Mas sua influência salutar em grande parte obstruída num grande estado, numa sociedade de massa. Isto acontece porque a democracia só é eficiente se o indivíduo sentir que muita coisa depende da decisão que lhe é própria e exclusiva e se os outros compreenderem a importância de sua contribuição. Mas numa democracia de massa o sentimento de que a pessoa é apenas uma unidade pequena e insignificante desencoraja a iniciativa. Assim, é mais provável que os pequenos grupos e as minorias de um país deem origem a naturezas individualizadas e combativas uma vez que atribuem grande importância às pessoas tomadas isoladamente e, embora também sejam parte de um grupo mais amplo, estão acostumadas a divergir dos pontos de vista da maioria. Isto leva-me a outro ponto. Habitualmente atribuímos a liberdade de pensamento liberdade do indivíduo isolado. Mas não é o socialismo trata-se, no fim das contas, não da liberdade do indivíduo, mas da liberdade de seitas, cliques e outros pequenos grupos que garantem o pensamento livre. O indivíduo pode conseguir muito em alguns campos e durante certo tempo, mas é o pequeno grupo de tipo sectário que realmente elabora, propaga e defende novas crenças e as novas *experiências de vida*.

Nos tempos modernos, com a decadência das seitas, foram os agrupamentos, heterogêneos e ainda mais *heteros*, onde encontramos a intelectualidade ("intelligentia") independente que se tornaram os portadores da nova perspectiva de vida. Para alguns a intelectualidade pode parecer uma extravagância, na sociedade planificada seria facilmente substituída por, *nave status* ou camada, semelhante ao clero. Mas é muito errado pensar que o destino do pensamento dependa exclusivamente das oportunidades de educação.

O pensamento é um processo social em que as experiências espontâneas de indivíduos e grupos, em situações de vida diversificadas, e a integração indispensável da vontade à ação, desempenham um importante papel. O destino do processo cognitivo está em grande escala baseado numa relação onde a luta e a competição de grupos é que decidem sobre a eficácia social de ideias diferentes. A sociedade de massas, com seu corpo burocrático, é sempre demasiado vagarosa e inflexível para arriscar-se a todas as aventuras do pensamento que são, necessárias para enfrentar a realidade em mudança. Uma vez exterminada ou ameaçada a intelectualidade como grupo, a dinâmica mental não poderá acompanhar a dinâmica social. Nesse sentido pelo menos a Igreja Católica, como uma das grandes instituições que enfrentou pela primeira vez a tarefa de planejar a esfera social do processo cultural, demonstra sua grande visão social ao permitir a estranhos, ou parcialmente estranhos, realizar experiências em sua paróquia. Quando essas estranhas não têm êxito, a Igreja as desaprova, ou mesmo as excomunga; mas desde que encontrem formas bem sucedidas de ajustamento ao ambiente modificado, suas organizações são algumas vezes transformadas em organizações de luta na própria Igreja. Assim aconteceu com as ordens monásticas e com grupos missionários, como os de Cluny e os Jesuítas, cujas aventuras de pensamento versaram não apenas sobre situações externas, mas sobre a vida humana em mudança, sobre a descoberta de novas dimensões da alma.

Parte disto é também importante para o estudo da União Soviética. Por exemplo, os Webbs sugerem que o sistema soviético não é completamente ditatorial, pois em muitas esferas da vida, da educação e do trabalho, existem oportunidades para

estímulo da espontaneidade. O impulso de autodeterminação transposto da luta política para a esfera do trabalho. Mesmo o mais humilde trabalhador tem oportunidades de fazer sugestões para a melhoria das técnicas de produção e administração e na época em que os Webbs fizeram suas observações, o incentivo era mantido vivo pelo sentimento de experiência coletiva. Entretanto, essa transferência das oportunidades democráticas a novos campos não serve de compensação para algo que certamente seria prejudicial à ulterior evolução da espontaneidade, isto é, a supressão de organizações semi-sectárias de discussão livre, de uma intelectualidade. A função integradora da intelectualidade não é, tampouco, compensada por suas experiências científicas no campo do trabalho coletivo, como, por exemplo, quando procuram descobrir em que situação social o trabalho grupal ou individual

é mais eficiente. A mentalidade burocrática e a mentalidade dos cientistas aperfeiçoam técnicas de verificação ou investigam os campos da realidade social, mas não pode substituir aquele gênero de experiência de vida que nasce de respostas imediatas às situações em mudança. Temos aqui um caso onde se pode mostrar que o planejamento, isto é, a coordenação adequadamente compreendida, não pode significar a implacável submissão a um princípio. Embora numa sociedade planejada possa ser necessário entregar ao cientista e ao burocrata muitas das funções anteriormente exercidas competitivamente, é preciso que se proporcionem campos onde seja estimulada a experimentação franca com os objetivos essenciais da vida. Da mesma forma é preciso providenciar canais institucionalizados através dos quais os novos incentivos, gerados por algum grupo independente (que não seja prejudicado pelo peso das grandes organizações) possam chegar ao planejador. Contrariamente ao demagogo, o sociólogo não é compelido a pensar em termos de alternativas exclusivas. Para ele, é única a combinação correta de instituições que produz sistemas sociais que realmente funcionam.

Qualquer sociedade requer algumas esferas onde a conformidade é inevitável, mas a coordenação, corretamente entendida, significa que qualquer esfera de conformidade, espontânea ou imposta, precisa ser equilibrada por liberdade institucionalizada, de modo tal que em áreas bem definidas da vida seja permitida

a experimentação livre com as questões fundamentais. Caso contrário, a sociedade se tornaria tão rígida que qualquer progresso essencial acarretaria necessariamente a destruição de todo o mecanismo.

A fim de exemplificar o que penso quando falo em combinação institucionalizada de liberdade e conformidade, mencionarei uma situação que já foi descrita por Max Weber. Conforme sua análise, na Índia Clássica a principal forma integradora era o ritual, onde era seguida uma conformidade absoluta e não se permitia qualquer divergência. Concedia-se liberdade a qualquer tipo de pensamento ou dogma religioso, desde que se pudesse confiar em seu poder integrador. Os sectários poderiam pensar o que quisessem; mesmo o ateísmo era aceito. Isto precisa ser encarado, naturalmente, apenas com um padrão geral. Sua aplicação levaria a um planejamento para a liberdade diferente da existente no liberalismo, na medida em que o homem se deixa ao acaso *onde* implantar a espontaneidade, mas se prevê o seu campo (não seu conteúdo).

Vimos, assim, de que modo as coisas mais exteriores, como o isolamento, a divisão do trabalho e a organização democrática de pequenos grupos, afetam a personalidade. Embora não pense que a presença de oportunidades de iniciativa seja a única coisa que promove a individualidade, ela contribui muito, entretanto, nesse sentido.

A livre concorrência é um fator em geral considerado como uma forma social favorável à espontaneidade e ao qual muitas pessoas atribuem quase que exclusivamente o poder individualizador da era liberal. Embora isto seja comumente aceito, poucos poderiam dizer, em termos de uma análise detalhada, através de que mecanismos a produzida essa iniciativa e em que condições varia sua forma. Sociologicamente falando, a livre concorrência é um mecanismo que compele o indivíduo a ajustar-se à sua própria situação particular e a tomar iniciativa sem esperar por ordens. Isto implica que o impulso de auto-ajustamento não

totalmente inato; pelo menos algumas forças sociais precisam estar em operação para torná-lo treinado e ativo, e, mesmo então, depende ainda da natureza dessas forças sociais o fato de o

indivíduo acostumar-se a ajustamento individual ou a ajustamento coletivo.

Um junco soprado pelo vento move-se diferentemente em torno de seu eixo, se estiver sozinho ou se fizer parte de um "feixe". No primeiro caso está à procura da melhor posição para manter-se como indivíduo; no segundo, como parte de um "feixe". Quanto ao homem, a reação "ótima" será de tipo diferente se estiver lutando por si próprio apenas, ou para si como membro de um grupo.

A esses dois mecanismos sociais correspondem tipos diferentes de mentalidade. Se um homem crescer num grupo em que prevaleçam as formas de ajustamento coletivo, serão-lhe inculcados tabus e tudo no mundo será explicado em termos de uma concepção da vida ("Weltanschauung") que o impedirá de agir e pensar de acordo com seus próprios interesses.

Desde que essa coesão seja garantida, em toda sociedade existem setores intelectuais proibidos, onde o pensamento do indivíduo não penetra. Numa era de coletivismo, esses tabus, que compelem o indivíduo a autonegação, podem ser de tipo religioso ou mágico. Em outra forma mais "moderna" de coletivismo, podem ser de crença em símbolos comunistas ou fascistas que o impedem de duvidar de certos axiomas.

Tudo se torna bem diferente em tais comunidades, quando surge a livre concorrência. De imediato, ela não só compele o indivíduo a adaptar-se a sua própria situação, particular, como também o induz a um aumento de comportamento racional e calculado que não mais admite quaisquer áreas proibidas. Pela necessidade de ajustar-se a sua situação individual, ele entra cada vez mais em conflito com os tabus anteriormente estabelecidos, e com as definições de situações de vida determinadas coletivamente, que lhe obrigam a abolir se quiser sobreviver. Assim, o racionalismo radical, o ceticismo, o cálculo sem limites com relação aos interesses particulares do indivíduo, constituem consequência inevitável e seguem-se irresistivelmente. Para mim a era do Iluminismo, da Renascença ao liberalismo, não sendo o produto intelectual do mecanismo social de livre concorrência e ajustamento individual. Uma vez dada a livre curso a esse ajustamento pessoal, pela concessão a certos indivíduos de oportuni-

dades para ampla iniciativa e completa responsabilidade pessoal, relacionadas exclusivamente com seus próprios interesses, a consequência inevitável será, que descontinuamente se redefinirão as situações de um ângulo pessoal e assim a livre iniciativa habituada à análise racional ilimitada. Pelo contrário, a abolição da livre concorrência e o restabelecimento do ajustamento coletivo irão em grande parte limitar as oportunidades naturais de desenvolvimento sendo muito necessário compensar essa perda de racionalização através de algum outro meio, como, por exemplo, pela criação de campos em que a análise racional não só permitisse, mas fomentada. Enquanto o perigo da sociedade competitiva; está na tendência de dissolver o vínculo social (Ásia) do consenso, o perigo da sociedade planificada está em estender a tudo a conformidade mínima necessária, perdendo as pessoas o poder racional e crítico sem o qual uma sociedade industrial não sobrevive.

Ninguém negare que, nos estados fascistas, a credulidade inculcada e a confiança imposta no líder e em argumentos irracionais, poderão levar a uma catástrofe. E, afinal de contas, não do sou menos ceder acerca do destino do comunismo, caso as atitudes exageradas de confiança e credulidade não sejam limitadas a certos campos. Parece ser uma lei da natureza, bem como de desenvolvimento social saudável, que as variáveis necessárias devem ser abolidas, para que continue possível o ajustamento orgânico a condições novas e inesperadas. As instituições que suprimem todas as formas divergentes de seus próprios padrões tendem a entrar em decadência.

A verdadeira coordenação não significa a extensão ilimitada de um princípio; implica, antes, criar condições para o desenvolvimento das atitudes consideradas necessárias.

Ao tratar desse problema na prática, os russos substituíram a competição individual não por um coletivismo total, mas pela competição entre grupos. Esta última tem a vantagem de transferir a competição do indivíduo para o grupo; desse modo, continua a provocar a mesma e a intensificar a iniciativa e a eficiência, sem afrouxar os vínculos sociais e sem acentuar os desejos. Quanto mais amplas as oportunidades individuais, e quanto mais incentivada a ambição pessoal, tanto maiores as possibilidades de surgir elementos discrepantes, pois

a. compelled() individual forma ininterruptamente fOreas desintegradoras.

Outra distineao necessaria corn referencia ao conceito geral de compelled° é entre competicao basea, da ern propriedade e compelled() desligada dela. O que os liberals nao cornpreenderam e o que os russos, a despeito de varies malogros, provaram experimentahnente a que o senso de 9:impeded°, de aquisicao e de propriedade nao sac) de maneira nenhuma identicos; constituiram, mais exatamente, uma combinaedo historica de atitudes, conjugadas num s6 complexo em nossa sociedade. Embora anafilde se presumisse que o impulso competitivo s6 tinha funcionado quando estritamente ligado ao senso de aquisicao e de propriedade, os experimentos sovieticos corn a sociedade mostraram que, em certas circunstancias, a competicao opera sem ser incentivada pelo senso de aquisicao e de propriedade. E verdade que ate certo ponto os sovieticos foram compelidos a introduzir de nevo o espirito de aquisicao (mas nao o senso de propriedade); mas o sociologo nao deve explicar essa medida politica por uma grosseira referencia a "natureza hurnana eterna", que pretensamente nao poderia renunciar h. propriedade, mas deve pesquisar as condiebes sociais especificas que tornaram necessarias essas mudaneas.

Nunca a perspectiva e a compreensdo do sociologo, frente a qualquer fenemeno social, devem ser viciadas por suas preferencias e aversOes pessoais; desse mode, para ele, o desenvolvimento russo 6 urn teste, que 81e ira encarar nao come algo que confirme ou refute "en bloc" certos preconceitos e ideias gerais, mas antes como uma grande experiencia social onde cada e)dto e cada malligro deveria ser cuidadosamente analisado de um ponto de vista sociolegico. Pelo menos, esta deveria ser a atitude daqueles que percebem que alguma forma de planejamento ha de sobrevir por Oda parte, quer gostemos quer nao, e que a nossa deveria integrar nos novos molder a tradicao ocidental de liberdade e democracia.

Passe, agora, a discutir outro problema: o da individualizaeao tal come se reflete nas aspiracoes fundamentais do homem (que e, para o economista, tao importante quanto o do incentive ao trabalho), e o da determinaeao sociologica de preferencias e

escolhas. Urn dos axiomas da economia liberal 6 quo a escolha do consumidor, sendo fator psicolegico fundamental e 3i tradutivel, era necesskiamente a ferea motora basica de qualquer sistema economic° bern sucedido. Embora a escolha do central' la' possa ser urn element° decisivo no sistema liberal, ela é em outros sisternas econtnnicos, e certamente nao e legitima nonto de vista do sociologo. E von mais longe, a ponto de anis car a afirmacao de que escolher, em vez de apegar-se o valOrn dim dos pela tradieao e pelo costume, 6 uma atitude muito excepto nal. A preferencia pela escolha a sOmente caracteristica de ode a des em transieao ou de outras que carecem de consenso, continual' do a escolha diferenciada dos consumidores apenas um aspecto dens a falta de consenso.

Um desses periodos de transiedo e de falta de consenso e o que medeia entre a dissolueao da sociedade medieval e a sodedade planificada que esta agora era processo de forma*.

Apresentern-se ao homem duas possibilidades: Me pode apreciar os mesmos alimentos pela todos os dias do ano, de acordo com os padrOes de sua terra, ou pode gostar de todos os aliraentos imaginaveis. E tambem ha aqueles que preferem variar as gravatas, e aqueles que ficam apegados a mesma.

O homem nao nasce corn aspiracao a diversidade; Me pode ser condicionado num sentido ou noutro. HamecanisMos sociais que conduzem a conformidade tradicional e ha outros que levam a escolha. PsicolOgicamente falando, num caso nossas aspiraeOes ou energias libidinosas sao orientadas para objetos definidos de acOrdo corn as tradieoes de nossa sociedade, enquanto que ern sociedades corn mobilidade social intensa a libido e de preferencia treinada na arte de escolher e nao dirigida no sentido de urn objeto determinado.

Assim, nas sociedades tradicionais a limitaeao da escolha considerada como moral e benefica; e em sociedades que apresentam rnobilidade, acaba-se por apreciar a escolha em si mesma.

Em nenhuma circunstancia a escolha do consumidor constitui urn obstaculo intransponivel, quando se pretende mudar a configuracao liberal da ordem capitalista, pois nada seria mais facilmente modificado por uma sociedade planificada que a aspiraelo pela variedade de produtos.

A formação das aspirações que mais tarde levam a preferências econômicas é antes de tudo determinada pelos grupos primários, tal como a família na infância. Se, quando criança, uma pessoa for condicionada no sentido de apegar-se a certos objetos tradicionais, haverá predileção por certos tipos de comportamento, por certas roupas e por certos alimentos. Mas quando uma criança é mimada, por exemplo, quando lhe são dados brinquedos em demasia, mesmo quando adulto, ela ambicionará continuamente a variedade e sua atitude será determinada pela sede de novas sensações.

Há outros fatores, também, que atuam sobre a instabilidade dos desejos, estando entre eles, como já indiquei, a mobilidade social. As pessoas que viajam muito e que vivem em diferentes países freqüentemente adquirem o hábito de desejar a variedade. Ainda mais, numa economia competitiva a rivalidade entre empresas conduz ao esforço deliberado e contínuo de implantar novos desejos entre os consumidores e de promover a vontade de ultrapassar, em novidade e qualidades, a escolha do próximo.

Essa tendência é parcialmente contrabalançada pelo desenvolvimento da grande produção pois ela traz consigo a estandardização. Isto é acentuado pela propaganda industrial que em parte também conduz à padronização do gosto. Esse processo, presente nas últimas fases do capitalismo, atinge seu máximo em sociedades comunistas planejadas onde, a fim de facilitar o planejamento, a estandardização é levada ainda mais adiante, sem a menor oposição por parte do consumidor que, como não há competição, simplesmente esquece o desejo de escolha e mesmo de melhor qualidade.

Pelo menos é essa a impressão que se tem ao ler o *Return from the Soviet Union*, de André GIDE. De acordo com ele, e isto é também mencionado por outros, os produtos soviéticos são de muita má qualidade, mas os consumidores não se queixam disto. A procura de melhor gosto e qualidade, diz ele, surge apenas quando são permitidas a escolha e a comparação. Mas se ninguém se veste com mais apuro que eu, não preciso ter um terno melhor cortado ou de material melhor.

Não é fácil decidir, entretanto, no que diz respeito à União Soviética, se é a necessidade de produzir grandes quantidades

rapidamente que conduz à negligência da qualidade ou se é apenas a eliminação da escolha pelo consumidor. No último caso, caberia argumentar que numa sociedade planificada a refinação do gosto e da qualidade poderia ser assegurada pela seleção de modelos através da competição entre projetistas e outros especialistas.

Também aqui as guildas são exemplo de como a perda de incentivo para melhoria de qualidade pode ser compensada por outros meios numa sociedade planejada. As guildas utilizaram todos os gêneros de competição, em bases não econômicas, a fim de intensificar o senso de qualidade, formando juntas de mestres de ofício, comitês com a função de distribuir prêmios e reconhecer obras-primas. Isso era tão sólido que se tornou mesmo um método para avaliar a produção artesanal, como no caso do Meistersinger.

Nos casos analisados até agora tentei mostrar quanto profundamente a natureza do comportamento manifesto e das atitudes predominantes é influenciada, seja pelas forças que conconem para a individualização, seja por suas contrárias. Quer agora apresentar um caso em que a operação das forças repercute na individualização num nível mais elevado, no nível das atitudes introspectivas e de auto-avaliação. Geralmente, entendemos por atitudes introspectivas e de auto-avaliação aquelas que não se referem ao mundo exterior, mas ao próprio eu. As últimas dizem respeito especialmente aos modos pelos quais concebemos nossa existência ou valor pessoal.

A esfera da auto-avaliação era encarada, a maior parte das vezes, pelos filósofos e psicólogos da era liberal como um produto exclusivo da mente individual, obtido pela introspecção. Ao contrário da teoria antiga, não só a diferenciação do comportamento manifesto, mas também a consciência de nosso valor e caráter específicos ocorrem do exterior para o interior; e o principal por esse processo dinâmico de auto-avaliação que a sociedade modifica seus membros.

A auto-avaliação pode estar baseada em vários fatores. Em algumas sociedades, depende da força física, ou da fama, ou do dinheiro. É provável que primitivamente a força física tenha sido extremamente importante. Pode ainda ser observada nas socie-

dades animais. E basicamente a fOrga e o poder fisico que conduzem a aceitacao social do animal lider, embora por vezes tambem concorram para isso alguma superioridade psicologica tal coma perseveranga, coragem e auclacia. Se tomarmos a histeria da autobiografia, poderemos observar a mesma coisa. Esse desejo de ver o prOprio poder refletido no temor alheio foi o primeiro impulso para que se escrevesse uma autobiografia. O sentimento de fOrga e poder e o desejo de sentir d praprio poder refletido no terror alheio e a primeira forma testada de individualizagao das atitudes auto-avaliativas, encontrada entre reis e nobres dos estados despoticos. Vejamos como se apresenta nesses estagios iniciais. Citarei uma passagem do *Death Record of the Assyrian King Assurnasirpal*: "Sou o rei. Sou o Senhor. Sou o sublime. Sou o grande, a forte, o fampso. Sou o Principe, o Nobre, o Senhor da guerra. Sou um Ledo. Sou o escolhido por Deus. Sou a arma inconquistavel que deixa em ruinas a terra dos inimigos. E eu os capturei vivos e os atravessei com a langa. Encobri as montanhas com seu sangue, coma se Passe la. De muitos ales eu arranquei a pele e com ela cobri as paredes. Construi uma coluna de corpos ainda vivos e outra de cabegas. E no meio pendurei mais cabegas. Preparei um quadro colossal de minha pessoa real e sobre ele inscrevi meu poderio e minha majestade. Minha face irradia sobre as ruinas, e no servico de minha fOrga encontro minha satisfagao".

Esta autoglorificagao repousa sobre uma falsa interpretagao da fonte de poder. O rei ou despota atribui as suas praprias virtudes e proezas aquilo que na realidade e resultado do acUmula secular do poder. Ele naP percebe que onipotente nao e sua pessoa, mas sua posigao. E a posigao social que produz o despota e nao vice-versa.

A Democracia esta baseada na existencia de muitos individuos com igual poder, de modo que as tendencias despoticas de uns sao reprimidas pelos outros. Quando isto ocorre, uma atitude de modestia e humildade encobre o desejo de auto-afirmagao. Quando trocamos expressoes coma "Seu humilde criado", um despota frustrado dirige-se a outro despota frustrado.

Pode-se dizer que a origem social da auto-estima foi uma forma de introjagao ao prestigio externo. Inicialmente as pessoas

reconlaecem a superioridade de alguem, conforme as, erentes tipos valorizados pela sociedade; em seguida os p, indi-viduos se assenhoreiam dessa aceitacao social e inconscientemente organizam em torno dela os seus tragos de personalidade".

A auto-estima varia com a estrutura social. Quando a sociedade precisa da personalidade heretica, mo, por exemplo, na Opoca Homeric da Grecia, ou entre as os ger-ra" 'cas quando combatiam o Rupee Romano, o herois o e a iniciativa sac, socialmente admirados e fixam o padrao de auto-avaliagao. Se as propriedades fundiarias constituem a base da aristocracia e se o prestigio da familia depende tambem do dominio territorial, verifica-se entao uma identificagao com o solo que e completamente desconhecida das elites baseada nas propriedades moveis, para as quais sdo o dinheiro e a propriedade em geral que dao prestigio, e nao uma forma especial dales. Nos circulos literarios a fama e o reconhecimento e que conferem prestigio e e valorizada a originalidade da personalidade.

Assim, a auto-avaliagao e um fulcro mediante a qual se pode influenciar decisivamente os tragos da personalidade e sua lute-gragao. Mesmo as sociedades nao planificadas preocupavam-se, de modo mais ou menos consciente, em influenciar essas fontes exteriores de auto-avaliagao; nas sociedades planificadas isso pode ser feito muito mais facilmente, uma vez que todas as posigoes-chaves e os objetivos dos quais a auto-avaliagao depende, sac) controlados pelos planificadores. Nao e suficiente, entretanto, apenas mudar os padroes de auto-respeito, e os behavioristas estao certos ao dizer que sere impossivel mudar a personalidade, partindo apenas de seu e que para tanto e preciso a terar um a um os pequenos habitos. Nao obstante, se os dois processos operarem conjuntamente, se a pessoa warner na integragao das fargas externas, entao a transformagao sera muito mais f e melhor sucedida. Essa fOrga interna de reajustamento foi adequadamente levada em conta pela teoria liberal, mas esta ultima falhou por se dirigir muito rapidamente para o nide da personalidade, esquecendo os fatores mais externos, elementares, quase mecanicos, da formagao do calker. A negligencia de observagao detalhada dessas farces menores e exteriores, mas reais, constituiu um obstaculo consideravel.

Finalmente, ha um estagio aincla mais complexo na formacdo de atitudes de auto-avaliacao que pode tambem ser ligado a certas condities sociais, embora nao se espere por isso. Embora grande parte da auto-estima possa basicamente envolver-se a partir do exterior ha urn ponto em que ,ela nao deriva mais da mascara social do prestigio baseado ern bravura fisica, dinheiro ou fama, mas de qualidades puramente internas.

Isto ocorre quando o tipo introvertido contrapile os valet-es internos da personalidade as fOrcas exteriores de prestigio, quando o criterio basic° de avaliacks se transfere da esf era social exterior para o preprio carter da pessoa.

Hoje, quero limitar as observacks que restam a uma Unica fase do processo de internalizacao de valOres: aquela em que a pessoa percebe nao apenas a singularidade da sua personalidade, mas tambem de sua histeria de Vida.

Para nos, a de senso comum pensar em termos de histeria de vida, interpretar nossos caracteres como o resultado das experiencias individuais que tivemos no passado. Se observarmos a histeria, imediatamente percebemos que o conceito de hist6ria de vida nao era de modo nenhum evidente por si mesmo, mas que teve de ser totalmente elaborado por um grupo de pioneiros, numa saunã histthica determinada.

A pesquisa historica nos trouxe o conhecimento de que foi uma realizacao dos esteicos elaborar em primeiro lugar o conceito de histeria de vida interior. Foram tiles os fundadores de urn new° tipa de autobiografia, de uma autobiografia na qual o individuo alcanca o estagio de compreensao da personalidade, nao tanto por ref eri-la a urn quadro de acontecimentos externos, mas recordando experiencias anteriores no contexto de sua histeria de vida interior.

A luz dessa perspectiva, ninguem é demasiado humilde ou pobre para que sua alma nao tenha tido suas proprias experiencias e triunfos, o que a mesmo mais importante do que grandes imperios. As origens hist6ricas desse conceito individualizado de personalidade interior (*inner self*) são encontradas na histeria da ultima fase do Imperio Romano. As autobiografias, no sentido de histeria de vida interior, foram iniciadas pelos esteicos e alcançaram um maxim° ern Santo Agostinho.

Frente a essa forma tao sutil de individualizacao da personalidade interior, poder-se-ia esperar que nenhuma causa social extema ftsse responsavel por ela. Mas o presente estagio de desenvolvimento das pesquisas nos permite perceber as mudancas sociais oconidas no mundo que muito provavelmente constituem a fonte Ultima desse tipo de transformacao da personalidade. Os est6icos sao um tipo inicial de "intelligentzia" altamente individualizada que, depois da queda do Imperio, foram deixados sem o sistema de referencia exterior.

Enquanto prevaleceu o espirito comunal entre os cidadaos da antiquidade clássica, o sistema de referencia do mundo e da vida pessoal era a concepcao sagrada de *polis*. Logo que essa ideia de *polis* desapareceu, foi como se fOssem retirados os sustentaculos da vida. A inquietacao que se seguiu foi apenas parcialmente devida a disturbios externos; internamente foi causada pelo desaparecimento de um centro em relacao ao qual se podia referir as experiencias. A inquietacao nao cessou enquanto, mediante um processo de intemalizageo, nao foi vagarosamente elaborada uma nova fonte essencial de valkes. Essa nova fonte de valeres foi o conceito de vida interior e de hist6ria de vida interior. Pode-se imaginar que, se nas decadas subseqüentes a guerra mundial surgisse uma situacao de caos, com a queda dos estados nacionais e a dissolikao do Imperio, e com o colapso das esperancas do comunismo e do fascisma, os poucos intelectuais sobreviventes em alguns recantos escondidos iriam do mesmo modo pensar exclusivamente em termos &asses conceitos extremamente individuais. Tendo seguido as implicacoes do conceito sociolOgico de personalidade, tentei mostrar como em sociedades liar) planificadas o isolamento, a divisao do trabalho, a competicao, e democratizacao etc., influem nao apenas sobre o comportamento manifesto, mas sobre a iniciativa, os desejos, as preferencias e a escolha do homem, e mesmo sobre a personalidade, tal como ela aparece no nivel das atitudes de auto-avaliacao, de auto-estima, e no conceit° de singularidade do eu.

Espero pelo menos ter-lhes apresentado a ideia de que mediante a pesquisa cuidadosa nesse campo, podem ser abertos novos caminhos para a melhor compreensao da forma*, do homem em uma sociedade ern mudanca.

A ideologia em geral*

KARL MARX

CONDECENIOS SOMENTE uma ciencia, a ciencia da historia. Esta pode ser considerada por dots angulos, e dividida em historia da natureza e dos homens. As duas perspectivas, entretanto, nao podem ser separadas do tempo; enquanto houver homens, a sua historia e a da natureza se condicionarao reciprocamente. A historia da natureza, a chamada ciencia natural, nao nos interessa aqui; devemos ocupar-nos da historia dos homens, pois a ideologia quase que inteira se reduz, seja a uma concepcao errada dessa historia, seja a uma abstracao completa dela. A propria ideologia nao a mais que urn dos lados dessa historia.

As pressuposicoes das quais partimos nao sao arbitrariedades, nao sao dogmas; trata-se de pressupostos verdadeiros, dos quais seria ficticio abstrair. Trata-se dos individuos reais, de sua agao, de suas condicoes materiais de vida, tanto as de antemao existentes quanto aquelas que sao produto de sua propria agao. Pressupostos verificaveis, portanto, pela vida empirica.

A pressuposicao primeira de toda historia humana e, naturalmente, a existencia de individuos humanos vivos. A primeira situacao a verificar, portanto, e a organizacao corporal classes individuos e a relacao que por ela fica dada, do individuo com a natureza. Nao podemos tratar aqui, e evidente, nem da constituicao fisica dos homens, nem das condicoes naturais encontradas, condicoes geograficas, oro-hidrograficas, climatericas ou outras quaisquer. Toda historiografia deve partir destas bases naturais

(*) Karl Marx e Friedrich Engels, *Die Deutsche Ideologie*, Dietz Verlag, Berlin, 1957, trad. de Robert Schwarz. Esta tradução foi cotejada com a edição francesa, "Vidéologie en general, notamment l'ideologie allemande", em Karl Marx, *Oeuvres Philosophiques, Ideologie allemande*, tomo VI, Alfred Costes, Paris, 1953, pags. 153-174.

(1) Este trecho, no original, está riscado. (N. da ed. fr.)

e das modificacoes no correr da historia, nascidas da agao humana.

Pode-se distinguir o homem do animal atraves da consciencia, da religiao, ou pelo mais que se queira. O homem, ele proprio, entretanto, começa a distinguir-se do animal logo que passa a *produzir* seus meios de subsistencia, passo esse que condicionado por sua organizacao corporal. Atraves da producao de tais meios de subsistencia, produz o homem, inductamente sua propria vida material.

A maneira pela qual os homens produzem seus meios de subsistencia depende, primeiramente, da natureza dos meios de subsistencia encontrados e a serem reproduzidos. Esta maneira de produzir nao deve ser vista como simples reproducao da existencia fisica dos individuos. Trata-se antes de uma especie ja determinada de atividade destes individuos, um modo determinado de manifestar vida, sua maneira de viver. A maneira pela qual os individuos manifestam sua vida e sua maneira de ser. Sua maneira de ser conjuga-se a sua producao, tanto *aqua()* que produzido, como ao *modo* pelo qual produzem. O que os individuos sao, portanto, depende das condicoes materiais de sua producao.

Esta producao nasce como o *aumento populacional*. Pressupoe, por sua vez, uma *interacao* dos individuos (*Verkehr*, Al. — *commerce*, Fr.). A forma dessa interacao, entretanto, e tambem condicionada pela producao.

O fato, portanto, e o seguinte: individuos determinados, que sao ativos na producao de maneira tambem determinada, subcrevem determinados vinculos sociais e politicos. A observacao empirica deve, em cada caso particular — e isto de modo empirico, sem mistificacao ou especulacao — apresentar a conexao da estrutura social e politica com a producao. A estrutura social e o Estado nascem continuamente do processo vital de individuos determinados, mas nao sao idênticos as representacoes que estes individuos, ou outros, deles se fagam; antes, sao idênticos a sua existencia *real*, pela qual agem, produzem materialmente, pela qual sao, ativos em limites, pressuposicoes e condicoes materiais determinados, independentemente de seu livre arbitrio.

As representacões que se fazem desses indivíduos são relativas, seja a sua conexão com a natureza, seja as suas vinculações militantes ou a sua própria constituição. É evidente que, nestes casos todos, as representações são expressões conscientes — reais ou ilusórias — de suas ligações reais e a confirmação de sua produção, de seu comércio, de sua atitude social e política. A suposição contrária somente é possível se considerarmos, além do espírito dos indivíduos reais e materialmente condicionados, ainda outro espírito especial. Se a expressão consciente das condições reais destes indivíduos a ilusória, se a realidade compara-se em suas representações de maneira invertida, é isto uma consequência de suas atividades limitadas e da situação social limitada que daí decorre.

A produção de ideias e representações da consciência está, em primeira linha, intimamente ligada à atividade material e ao comércio dos homens, à linguagem da vida real. A representação, o pensamento, comércio espiritual dos homens aparece, ainda aqui, como decorrência direta de sua conduta material. Vale o mesmo para os produtos do espírito, tais como aparecem na linguagem da Política, do Direito, da Moral, da Religião, da Metafísica etc., de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, ideias etc., mas trata-se dos homens reais, ativos, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo comércio a estas correspondente, inclusive nas ramificações mais distantes. A consciência nunca pode ser mais do que o ser consciente; é no ser do homem que (a consciência) encontra seu verdadeiro processo vital. Se em toda a ideologia o homem e suas condições aparecem invertidos, como numa câmara escura, este fenômeno decorre imediatamente do processo histórico, tanto quanto a inversão sobre a retina decorre do processo.

Bem ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, estamos aqui subindo da terra ao céu. Quer dizer: não se parte para chegar ao homem do que os homens dizem, imaginam, representam, nem do dito, pensado, imaginado e representado com relação ao homem; partimos do homem real e ativo, e é a partir de seu verdadeiro processo vital que nos representamos o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos deste pro-

Gesso. Também as formas nebulosas do cérebro humano são sublimações necessárias de um processo de vida material, empiricamente constatável e próprio a condições materiais. Moral, religião, metafísica, o restante da ideologia e as respectivas formas de consciência perdem, desta forma, o aspecto de independência. Mas a história, não tem evolução, porquanto os homens, ao desenvolver seu comércio e produção materiais, mudam com esta sua realidade também o seu pensar, e os produtos de seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Na primeira maneira de ver, parte-se da consciência como sendo o indivíduo vivo, enquanto que na segunda, correspondente à vida real, parte-se dos indivíduos vivos reais, considerando-se a consciência como sendo sua consciência.

Esta maneira de ver não está isenta de pressupostos. Parte das pressuposições reais, e não as abandona nem por um instante. O suposto (até) os homens, não os homens fixados e acabados de uma ficção qualquer, mas vistos em seu processo real, de desenvolvimento, determinado por condições dadas e empiricamente verificáveis. Logo que este processo vital ativo é representado, a história deixa de ser uma coleção de fatos mortos, tal como se encontra mesmo nos empiristas, quando abstratos, ou uma agonia imaginária de indivíduos imaginários, tal como entre os idealistas.

É onde cessa a especulação, na cola da vida real, que começa a verdadeira ciência positiva, a apresentação da atividade prática, do processo evolutivo prático do homem. A fraseologia oculta da consciência cessa, o conhecimento verdadeiro toma o seu lugar. A filosofia como conhecimento independente perde, com a representação da realidade, seu meio de existência. Seu lugar pode ser ocupado, no máximo, pela organização dos resultados mais gerais que se possam abstrair do exame da evolução histórica dos homens. Estas abstrações, em si, separadas da história-real, não têm o menor valor. Não servem para mais que facilitar a ardenção do material histórico, para indicar a sucessão de seus diversos níveis. Não dão, entretanto, como a filosofia, uma receita ou um esquema. Segundo o qual as épocas históricas possam ser ordenadas. A dificuldade, pelo canto/típico, começa quando nos põmos a considerar e ordenar os materiais, seja de

epocas passadas seja do presente, quando tentamos a representacao real. A superacao dessas dificuldades a condicionada por pressuposicoes que nao podem ser dadas- aqui, fnas que semente irao revelar-se no estudo do processo de villa real e na acaa dos individuos de cada epoca. Tomamos aqui algumas dessas abstracaes, que usamos face a ideologia, a' as faremos claras por meio de exemplos histericos2.

()³ para a materialista *preitico*, 'quer dizer, para o *comunista*, trata-se em verdade de revolucionar o mundo existente, de atacar de modo pratico a situacao que lile 6 dada, e modifica-la. Se intuicoes desta ordem por *yews* se encontram em FEUERBACH, elas nao passam jamais de pressentimentos isolados, sendo sua influencia na maneira de ver muito pequena para serem consideradas mais do que germes de possiveis desenvolvimentos ultteriores. Sua concepcao do mundo sensivel limita-se, por um lado, a simples intuicao, e por outro, a simples sensagao; fala de *do* homem em vez de *dos* "homens reais e histericos". "O homem", realmente, a "o alemao". No primeiro caso, na *intuicao* do mundo sensivel, esbarra o A. fatalmente em coisas que estao em contradicao com sua consciencia e seus sentidos, e que perturbam a harmonia por de suposta entre tOdas as partes do mundo sensivel e, notOriamente, entre homem e natureza. O erro nao este. em FEUERBACH subordinar o que 6 manifesto, a *aparência* sensivel, a realidade sensivel constatada pelo exame minucioso dos dados sensoriais; antes, esta em nao ser ele capaz, em Ultima analise, de absorver o mundo sensivel sem considers-lo atraves dos "olhos", quer dizer, "6culos" do *fdasofa*. Para afastar esta contradicao, precisa ele refugiar-se numa dupla intuicao, uma profana que apenas *y*e o "terra a terra" e outra, mais alta, Blaseflea, capaz de intuir a verdadeira esseneia das coisas. Nao *y*e que o mundo sensivel circundante nao 6 urn dado de etemidade, sempre igual a *si* mesmo, mas que e o produto da inchistria da situacao social; isto no sentido de que se trata de um produto histerico, resultado da atividade de uma serie de geraceies, das quais cada qual se apoiara sobre os ombros da anterior, desenvol-

(2) Ha uma lacuna no manuscrito. (N. da ed. al.)

(3) Saltamos, de actudo com a versio francesa, uma longa exposicao histerica. (N. do T.)

vendo sua inchistria e seu cameral^o, modificando sua ordem social segundo necessidades modificadas. Mesmo os objetos da mats simples "certeza sensivel" apenas the sao dados atraves da can do social, da indnstria e das relacties comerciais. A cerejeira, como quase tacks as arvores frutiferas, a conhecidamente de intro- ducao recente pelo cameral^o em nossa zona, sendo, portanto, sua presence para a "certeza sensivel" de FEUERBACH a produto da acao de determinada sociedade em epoca determinada. Alen do mais, como breve se vel^y de maneira ainda mais clara, nesta concepcao das coisas tais como aconteceram e realmente sao, qualquer dos profundos problemas filosoficos se dissolve simplesmente num fato empirico. A importante questa^o, por exemplo, referente a relacao do homem com a natureza (ou mesmo, coma diz BraThra as "contradicões de natureza e histeria", como se isto fOssern duas "coisas" distintas, como se o homem nao se defrontasse sempre com uma natureza histerica e uma histeria natural) questa^o \ *da* qual nasceram tOdas estas "obras de incomensuravel profun li- dade" sObre "substancia" e "consciencia", resolve-se ao percens *ar-* mos que a mui famosa "unidade de homem e natureza" sem *re* foi um fato na indastria, e UM fato que sempre existiu de mqdo diverso, em dependencia do maior au menor desenvolvimerto *da* indirstria; assim como a "luta" do homem com a nature *até* desenvolver suas Micas produtivas em bases correspond *ites*. A indirstria e o cameral^o, a producao e a troca dos meiosIde *subsis-* tencia condicionam, e, por *sen* lado, sao condicionados na sua maneira de ser, pela distribuicao e pela estruturacao *das diversas* classes sociais — de tal modo que FEUERBACH, pon *exemplo*, em Manchester, ye thmente fabricas e mdquinas onde, *há* cem anos, nao poderia ver mais que rocas de fiar e teares *anuais*; *on* na Campagna di Roma, onde mais nao *y*e que pastagens e alaga- dicos, quando em tempo de Annum teria moon, *ado* vinhas e vilas de capitalistas romanos. FEUERBACH fala \ *es** *cialmente* da intuicao das Ciências Naturals, menciona mis *rios somente* des- vendaveis no olhar do fisico ou do quimico; *entretanto*, onde que estariam *as* Ciencias Naturals sera MdUstria e sem *comér-* cio P Mesmo estas ciencias naturals "purass,⁴ *não* *adquirem* suas finalidades e seus materials sena^o atraves *da* indústria, *atraves* da atividade sensivel do homem. Tantol *estas* novidades, *estas*

aeaa e criado sensíveis e contínuo, 8ste produzir, são o fundamento de todo o mundo sensível tal como agora existe, que, interrompidas por um ano que fosse, fariam com que FEUERBACH encontrasse não somente um mundo natural enormemente mudado, mas fariam também com que perdesse o mundo humano, sua faculdade de intuição, e mesmo sua própria existência. A prioridade da natureza exterior permanece existente, e verdade, e tudo isto Mao faz sentido se aplicarmos 'aos proto-homens, produtos da geração espontânea; essa distillado 56 faz sentido na medida em que se concebe o homem como distintivo da natureza. A natureza que precedeu a história humana, não é aquela em que viva FEUERBACH, não a uma natureza que subsista hoje, excetuadas algumas ilhas de coral australianas de aparecimento mais recente, não é, portanto, uma natureza que possa ter existência para FEUERBACH. — FEUERBACH tem sobre os "materialistas puros" a vantagem, é verdade, de compreender que o próprio homem é "objeto sensível"; sem nos prendermos, entretanto, ao fato de FEUERBACH considerar o homem apenas como "objeto sensível" e ridículo enquanto "atividade sensível", pois também aqui ele se prende a teoria, não tomando o homem em sua conexão social dada, não considerando suas verdadeiras condições de vida que o fizeram tal qual é, — verificamos que nunca chega ao homem ativo, realmente existente, ficando na abstração de "o homem", Mao conhecendo o "homem real, individual, corporal" senão pela sensibilidade, quer dizer, não conhece "relações humanas" senão "de humano para humano", tais como amor e amizade, sendo estas ainda idealizadas. Não nos dá nenhuma crítica das condições de existência atuais. Não chega nunca a conceber o mundo sensível como a *atividade* viva e sensível de todos os indivíduos que o compõem, e é obrigado, por exemplo, ao ver um lugar de homens saudáveis um bando de esfomeados, tuberculosos, escrofulosos e estafados, a apelar para a "superior intuição", para a noção de "igualização da espécie", uma volta, portanto, ao idealismo, onde o comunista materialista enxerga a necessidade e simultaneamente a condição para uma reorganização tanto da indústria como da estrutura social.

Na medida em que FEUERBACH é materialista, não se dá com a história, e na medida em que considera a história, não é

materialista. História e materialismo, em seu caso, são incompatíveis, coisa que, aliás, se explica pelo já dito 4.

Com os alemães que se pretendem sem pressuposições, é preciso cornear pela constatação do primeiro pressuposto de existência humana, de toda história portanto, a saber a pressuposição de que os homens precisam estar em condições de viver para poderem "fazer história". Para viver, entretanto, é preciso comer e beber, habitar e vestir e mais alguma coisa. O primeiro ato histórico, portanto, é a produção dos meios que satisfaçam essas necessidades, produção da própria vida material; e é este ato histórico, condição básica de toda história, que hoje como há mil anos, todos os dias e a todas as horas, precisa ser realizado para manter o homem em vida. Ainda quando reduzidas a um bastão, ao mínimo, como o são com São Bruno, as necessidades sensíveis exigem a atividade da produção deste bastão. O primordial, portanto, em toda concepção histórica, é a consideração deste fato fundamental em toda sua significação e extensão, levando-o a suas consequências. Os alemães, como se sabe, nunca o fizeram, assim como nunca tiveram base *terrestre* para a história, como não tiveram, em consequência, um historiador. Os franceses e ingleses, ainda que não tenham alcançado mais que imperfeitamente a conexão & este estado de coisas com o que chamamos de história — principalmente enquanto enredados na ideologia política — ao menos fizeram as primeiras tentativas no sentido de dar a historiografia uma base materialista, isto ao escreverem histórias da sociedade burguesa, do cameralismo e da indústria. — O segundo ponto resulta de, satisfeita a primeira necessidade e criado o instrumento para a sua satisfação, levar ela a novas necessidades — e é esta criação de necessidades novas o primeiro ato histórico. E nesta oportunidade também que se revela a natureza da grande sapiência histórica dos alemães que, uma vez esgotado seu material positivo e não havendo possibilidade para baboseiras teológicas, políticas ou literárias, faz acontecer em lugar da história uma pre-história, sem contudo nos esclarecer quanto a passagem desta absurda "pre-história" para

(4) No texto alemão há, neste ponto, uma longa comprovação histórica do dito. O texto que se segue, nesta edificação, está noutra parte do texto Hereto, sob título de História.

a hist6ria prOpriamente dita — ainda que, por outro lado, sua especulacao historica tenha uma atencao ate especial para a pre-histaria, domino em que se supOe segurd de interferencias do "fato bruto", dominia que permite redeas soltas ao instinto especulativo, que permite construir destrnir hipateses aos milhOes. — O terceiro ponto, que jL de inicio penetra a eyolugga historica, 6 o de que os homens que diariamente refazem sua pr6pria vida comecam por produzir outros homens, reproduzem-se — o terceiro ponto 6 a relacao de homem e mulher, pais e filhos, trata-se da familia. Esta familia, inicialmente a Unica relacao social, torna-se a seguir, quando as necessidades aumentadas criam novas condicOes sociais e o anexO crescente dos homens cria novas necessidades, urn conceito subalterno (menos na Alemanha) e deve, portapto, ser tratado e compreendido segundo os dados empiricos, e nao segundo o "conceito da familia", como sai acontecer na Alemanha. Estes nes aspectos da atividade social Tao devem, alem do mais, ser considerados como diferentes em grau, mas simplesmente como nes lados diversos ou, para escrever de maneira compreensivel a alemaes, como tres "momentos" que, existentes desde os inicios da hist6ria e simultaneos aos primeiros homens, ainda hoje se fazern valer. A producao da vida, tanto da prapria no trabalho, como da alheia pela reproducao, nos aparece desde o inicio como dupla relacao — relacao por urn lado natural e por outra social — social no sentido que se dL a colaboracao de varios individuos, quaisquer que sejam as condicOes, maneiras ou finalidades propostas. Disto decorre que urn determinado modo de producao assim coma urn determinado grau de industrializacao sempre estao ligados corn uma determinada maneira de colaborar e a um determinado grau de socializacao, sendo este prOprio rnode de colaboracao uma "ftirca produtiva"; daf decorre que a quantidade de fOrga produtiva acessivel aos homens condicione sua situagao social, e que portanto a "hist6ria da humanidade" deva sempre ser estudada e trabalhada em conexdo corn a hist6ria da ind6stria e do cameralO. Fica claro, igualmente, que 6 impossivel escrever tal hist6ria na Alemanha, pois faltam aos alemaes nao sOmente os dados e o entendimento, como tambem a "certeza sensivel"; mesmo porque do outro lado do Reno nada de mais se descobre,

vista lL nao acontecer mais hist6ria. De infcio mostra-se, portanto, uma vinculacdo material dos homens entre si, condicionada por necessidades e modos da producao, velha tanto quanta os homens — vinculagdo que toma formas sempre novas, apresentando, portanto, uma "hist6ria", vinculacao que subsiste mesmo a falta de qualquer *non-sense* politico ou religioso, que vise a um refOrco extra da uniao entre os homens. — E 6 sOmente agora, ap6s havermos considerado guano tnomentos, quatro lados de situagao historica inicial, que achamos que o homem tern tambem consciencia⁵. Tambem esta nao surge, de infcio, como consciencia "pura". O "espírito" 6 "maculado" desde o inicio pela maldicao da materia, que surge sob forma de carnadas de ar em movimento, sons, ern surna, sob forma de linguagem.

A linguagem 6 tãO antiga quanta a consciencia — a linguagem 6 a consciencia pratica, real, existente para os outros e portanto tambem para mim, e como a consciencia, nasce da carência, da necessidade do cornettO entre os homens. Onde existe relacao, esta existe para mim; o animal nãO tern relacOes corn nada, nao tern relacao nenhurna. Para o animal, sua ligagao nao existe como tal. A consciencia 6 desde o inicio um produto social e assim pernanece enquanto existirem hod-lens. A principio, a consciencia naturalmente nao sobrepassa o ambiente sensivel *mais pnximo*, nao sobrepassa as lirnitasdas conexOes corn outras pessoas e coisas exteriores ao indivfduo que se esta tornando consciente; trata-se paralelamente de uma consciencia da natureza, sendo que, de inicio, op6e-se ao homem coma fOrca todopoderosa, estranha e inatacavel, em face da qual o homem se cornporta de maneira puramente animal; uma consciencia puramente animal da natureza, portanto (religiao natural)⁶. A veriflea& 6 imediata: esta religiao natural ou este determinado comportamento ern face da natureza sao condicionados pela organizacao social, e vice-versa. Aqui, coma em 'Oda "parte, a identidade de homem e natureza surge de rnode a indicar que a Tan^ga limitada dos homens corn a natureza condiciona a relacao Rmitada dos homens entre si, e a limitacao de suas

(5) Aqui num acrescentou a margem: "Os Lemons tem hist6ria porque devem producer seã vida e isto de maneira... *determinada*: esta 6 dada por sus organizacgo Mica, assim como sue conscigueia". (N. da ed. fr.)

(6) A sequencia das frases seguintes, diversa daquela seguida pelo texto fiances, 6 tomada ao texto alemilo.

relacties entre si condition a limitacao de suas relagOes corn a natureza; isto por estar a natureza quase que intacta de modificacOes historicas; e surge, par outro lado, como consciencia da necessidade de entrar em relacao corn os individuos circundantes, consciencia de que, genericamente, o individuo vive em sociedade. Este inicio 6 tao animal quanto a prapria vida social neste degrau; trata-se de uma pura consciencia gregaria; o homem distingue-se do carneiro apenas na medida em que a consciencia the faz as vezes do instinto, ou *na medida em qua seu instinto* consciente. Esta consciencia carneira ou de rebanho recebe posterior desenvolvimento e conformacdo atraves do crescimento da produtividade pelo aumento das necessidades, e pelo increment° populacional, fundamento dos dois acrescimos anteriores. Desenvolve-se assim a divisao' do trabalho, que primitivamente mais nao foi que a divisao do trabalho no ato sexual, depois divisao de trabalho devida as disposicoes naturais (ferca fisica, p. ex.), as necessidades, aos acasos etc., etc., divisao que se fez por si, "organicamente". A divisao do trabalho s6 se toma efetiva, entretanto, quando se faz entre trabalho material e intelectual.

a partir desse moment() que a consciencia *pode* realmente se imaginar como sendo alga mais que a consciencia da *praxis* atual, como representando verdadeiramente alguma coisa, ainda que esta coisa nao seja real, 6 a partir desse momento que a consciencia passa a ser capaz de se emancipar do mundo, passando forma& de teorias "puras", teologia, filosofia, moral etc. Memo quando estas teorias, teologia, filosofia, moral etc., entram em contradicao corn as condicOes existentes, isto nao pode ser mais que consequencia da contradicao entao surgida entre ferca produtiva e relaceies sociais — o que, alias, em ambito nacional tambem pode ser consequencia de contradicOes exteriores a esse ambito, consequencia de desajuste entre a consciencia nacional e a *praxis* das outras nagēas°, isto 6, entre a consciencia nacional e a consciencia universal de uma undo°. De resto, 6 indiferente o que a consciencia faz ,quando skinha. De todo este monturo s6 ressalta que asses fres momentos, ferea produtiva, situacdo

(7) A prireeira forma do idcalogo 6 o olefin°. (N. do A.)

(8) Os alemies corn a ideologia. Religiao. (N. do A.)

(9) No texto francs aparece, anon a este (rase, uma /rase fragmentada.

social e consciencia podem e precisam entrar em)contradicao matua, pois cam a divisao do trabalho fica dada a posn idade, ou melhor, fica dado o fato de que atividade intelectual eNraa erial — de que grazer e trabalho, producao e consumacao'p" m a caber a individuos distintos, e a possibilidade de naolentr arem eles em contradicao repousa sOmente na eventualidade le se suspender a divisao do trabalho. E auto-evidente, alias:tqu e os "fantasmas", os "lacos", o "ser superior", o "conceito", a "dificuldada", mais nao sac) que a expressao idealista, a represents cao visivel que o individuo isolado se faz, a representacao de ligagoes e limitacties muito empiricas dentro das quais se move o modo de producao da vida e suas correlatas formas de interagao.

Com a divisao do trabalho, onde teats estas contradicOes sao dadas, e que por sua vez repousa sebre a divisao natural do trabalho na familia e seine a diferenciacao da sociedade em familias distintas e opostas umas as outras, fica dada paralelamente a re-particao, e esta desigual, tanto quantitativa como qualitativa do trabalho e de seus produtos, fica, portanto, a propriedade, propriedade que tem seu primeiro germe na familia, onde mulher e crianca sao os escravos do homem. A escravidao na familia, verdade rudimentar e latente, a atrimeira propriedade ja perfeitamente em correspondencia corn a definicao dos economistas modemos Segundo a qual representa a disposicao sabre trabalho alheio. Divisho de trabalho e propriedade privada sao, de resto, expressOes identicas — numa fica dito a respeito da atividade o mesmo que noutra ficara dito do produto dessa atividade. — AlOm do mais, com a divisao do trabalho fica dada a contradicao do interesse do individuo ou de familia isolados, face ao interesse comum de todos os individuos que estao em contacto; e considere-se que esse interesse coletivo nao existe apenas na imaginagao, como "generalidade", mas existe em realidade como matua dependencia dos individuos entre os quais o trabalho repartido.

E precisamente nesta contradicao do interesse particular e coletivo que o interesse comum toma, como Estado, uma forma independente, distinta dos reais interesses particulares ou coletivos, simulando uma comunidade, que em verdade e illusaria, mas sue sempre se baseia nos laps reais existentes em todo

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

Serie 2.^a (Ciências Sociais)

Dirigida pelo Dr. FLOBESTAN FERNANDES

Volumes publicados:

1. F. FERNANDES, *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* (2.^a ed.).
2. S. E. ASEX, *Psicologia social* (2.^a ed.).
3. W. J. GOODE e P. I. HATE, *Métodos em pesquisa social* (3.^o ed.).
5. F. H. CARROSO e O. IANNI, *Homem e sociedade* (5.^o ed.).
8. D. T. V/EMA, *Economia e sociedade*.
9. J. C. PEREIRA, *Estrutura e expansão: o da indústria em São Paulo*.
10. D. M. LEITE, *Personalidade* (2.^a ed.).
11. E. ROM., *História das doutrinas econômicas* (9.^o ed.).
12. F. FERNANDES, *A sociologia numa era de revolução social*.
14. O. KLIMTEBERG, *As diferenças raciais*.
15. C. R. MCCONNELL, *Elementos de economia*.
16. M. M. FONACCIA e L. PEREIRA, *Evolução e sociedade* (4.^a ed.).
17. M. M. FORACAR, *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*.
18. A. L. M. NETO e Z. M. NETO, *O direito e a vida social*.
20. G. MUSS-M. 1.^a, *Evolução, raça e cultura*.
21. A. BASTIDE, *Sociologia das doenças mentais*.
22. P. SINGER, *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*.
23. C. FURTADO, *Formação econômica do Brasil* (9.^a ed.).
24. C. FURTADO, *Teoria e política do desenvolvimento econômico* (3.^a ed.).
26. O. NOVEIRA, *Pesquisa social - introdução às suas técnicas* (2.^a ed.).
27. JUAREZ R. B. LOPES, *Desenvolvimento e mudança social*.
28. WILLIAM J. GOODE, *Revolução, mundo e padrões de família*.
30. JOSÉ PASTORE, *Brasília, a cidade e o homem*.
31. CLAUDE LÉVI-STRAUSS, *O pensamento selvagem*.
38. FLOBESTAN FERNANDES, *Elementos de sociologia teórica*.

conglomerado, de família ou de raga, laços de carne ou de sangue, de linguagem, de divisão de trabalho em grande escala e outros interesses — especialmente, como veremos mais tarde, baseada nas classes sociais condicionadas pela divisão do trabalho, classes cujo surgimento é inevitável num conglomerado humano desta ordem, e das quais uma domina todas as outras. Daí resulta serem todas as lutas que se travam dentro do estado, lutas entre democracia, aristocracia e monarquia, lutas pelo direito, de voto etc., etc., nada mais que formas ilusórias, através das quais se trava o combate real entre as classes (coisa de que os teóricos alemães não têm a menor ideia, apesar de os "Deutsch-Franzoesische Jahrbuecher" e a "Santa Família" serem mais do que sugestivos). Resulta também que toda a classe aspirante ao poder, ainda que seu poder — como no caso do proletariado — implique a supressão das velhas formas da sociedade e mesmo do próprio poder, deva antes conquistar o poder político, para representar o seu interesse como sendo o geral, coisa a que de início se vê obrigada. Precisamente por não procurarem os indivíduos *mais* do que seu interesse especial não-coincidente com o geral, por ser o geral uma forma ilusória do que é comum, este último é colocado como algo de "estranho" aos homens, deles "independente", algo que por sua vez precisa ser posto como sendo de interesse "geral; não sendo assim, ficaria também o proletariado em contradição, como acontece na democracia. Por outro lado, a luta pretensa desses interesses particulares, sempre em *real* contradição com os interesses comuns ou ilusoriamente comuns, faz necessária a intervenção *prática* por meio do ilusório interesse "universal" que é o Estado.

E finalmente dá-nos a divisão do trabalho um primeiro exemplo de que, enquanto o homem se encontra numa sociedade natural na qual existe a cisão entre o interesse particular e o comum, enquanto por isso mesmo a divisão de trabalho não se faz voluntária mas naturalmente, a própria ação do homem se lhe torna estrangeira, a ele se opondo, dominando-o em lugar de ser dominada. Assim que se inicia a divisão do trabalho passa cada qual a ter um círculo exclusivo de atividades, que lhe impõe, do qual não pode sair; e caçador, pescador, pastor ou

(10) Seguimos a ordem da edição francesa, diversa da alemã. (N. da T.)

"crítico" crítico, e assim deve permanecer caso não queira perder os seus meios de vida — enquanto que na sociedade comunista, onde ninguém tem um círculo exclusivo de atividade e cada qual pode escolher qualquer ramo ocupacional para nele se aperfeiçoar, a sociedade regula a produção geral, dando-me assim a possibilidade de hoje fazer isto, amanhã aquilo, de caçar de manhã, pescar depois do almoço e pastorear à noite, criticar após as refeições, tudo segundo minha vontade, sem que jamais me tome, por isso, caçador, pescador, pastor ou crítico. Este fixar-se da atividade social, esta consolidação de nosso próprio produto que passa a dominar-nos, que escapa ao nosso controle, que contraria nossas esperanças, anula nossos cálculos, e um dos momentos principais do desenvolvimento histórico que até aqui tivemos".

(11) A ed. francesa omite uma expressão sobre o processo de radicalização da situação alienada. (N. da T.)